Manchete

NCR$ 1,00 • CR$ 1.000 • N.º 782 • RIO DE JANEIRO, 15 DE ABRIL DE 1967

exclusivo

Primeiro capítulo das sensacionais confissões de

CARLOS LACERDA

"ROSAS E PEDRAS DO MEU CAMINHO"

em côres

ERMITAGE, O LOUVRE SOVIÉTICO

A Companhia Gillette orgulhosamente lança no Brasil a lâmina Gillette Super Inoxidável.

Ela faz mais barbas do que qualquer outra lâmina do mundo.

Por que a lâmina Gillette Super Inoxidável é tão durável? Porque ela é feita de micro-aço inoxidável.

Porque é temperada 1.100° acima de zero e 55° abaixo de zero. Porque seu fio é revestido com Polymer, um processo exclusivo da Gillette.

Sem contar que é polida 12 vêzes e passa por 76 testes de qualidade.

Gillette
SUPER LÂMINAS
AÇO INOXIDÁVEL

O resultado é que a lâmina Gillette Super Inoxidável faz mais barbas do que qualquer outra lâmina do mundo.

Sempre com a mesma suavidade.

E sempre gastando menos cruzeiros por barba.

Experimente a nova lâmina Gillette Super Inoxidável.

Aí você vai entender por que ela já é conhecida como

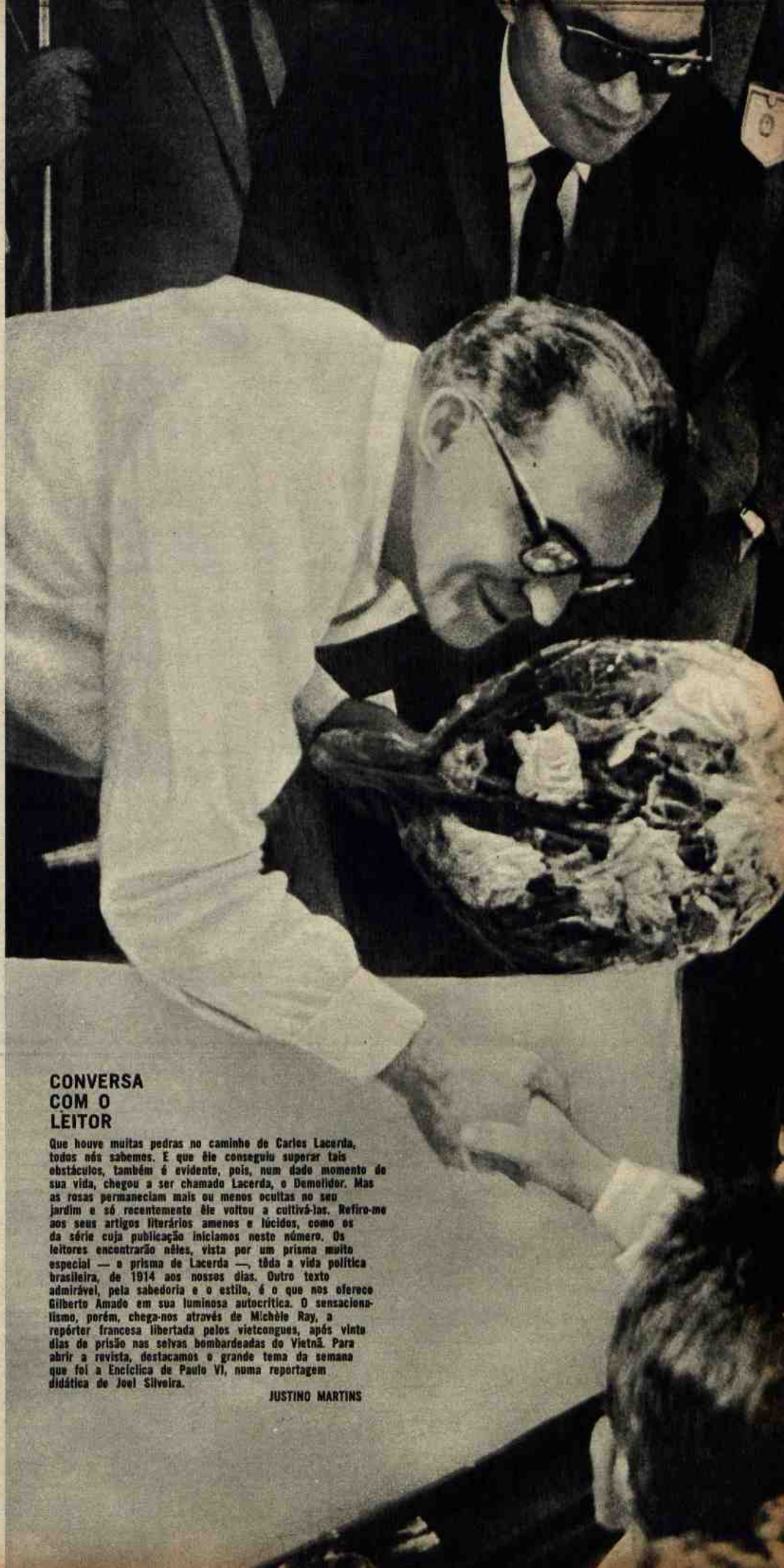
a intermináaaaaaaaavel!

Manchete

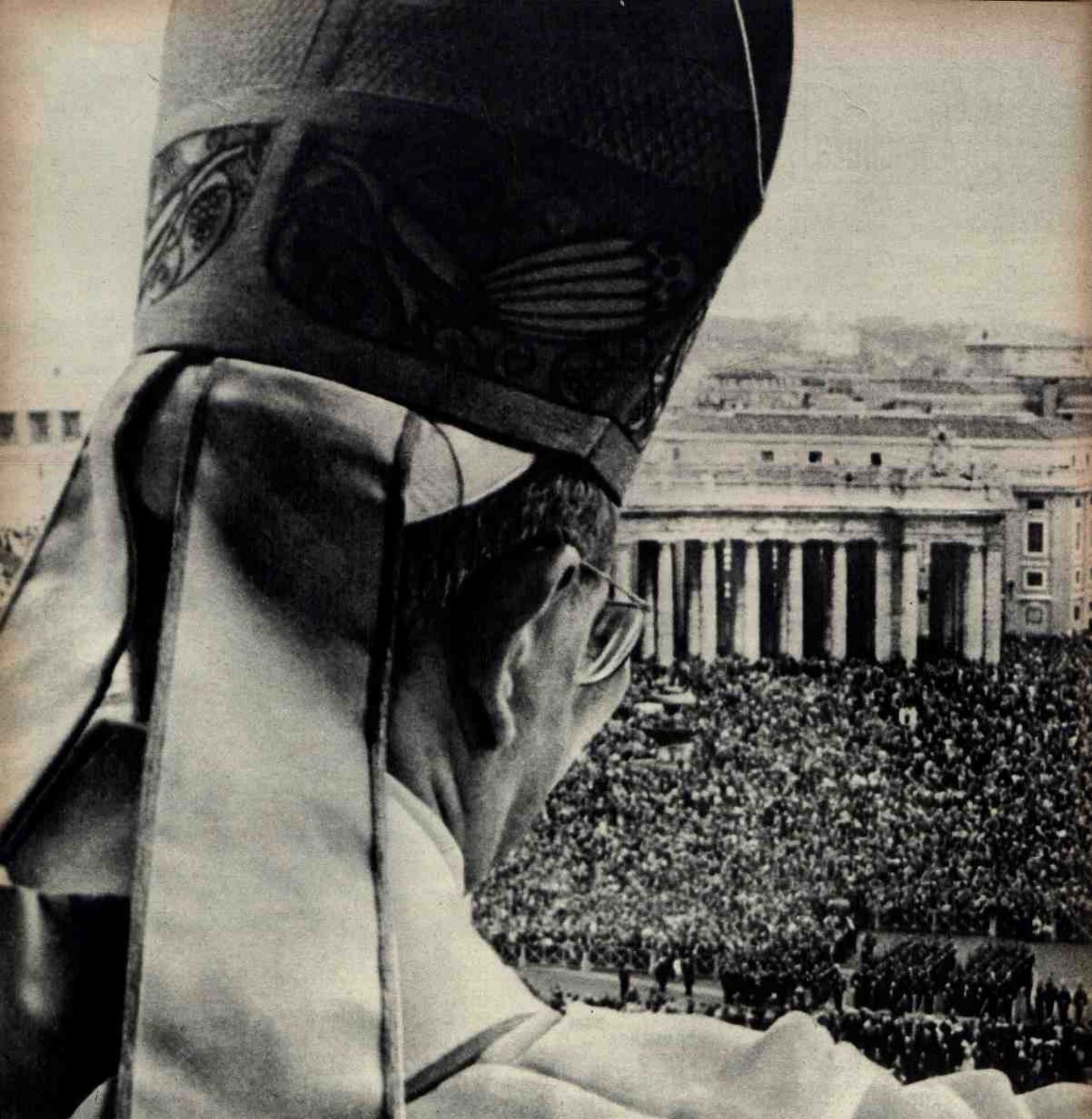
RIO DE JANEIRO
15 DE ABRIL DE 1967
ANO 14 — N.º 782

sumário

Nossa capa: Carlos Lacerda, em sua mesa de trabalho, com os netos Carlos Augusto (5 anos), Ana Letícia (4 anos), Pedro (7 meses) e Maria Isabel (7 meses). (Foto de Gil Pinheiro.)

IMPRESSA E EDITADA POR BLOCH EDITÔRES S/A — DIRETOR-PRESIDENTE: Adolpho Bloch — DIRETOR-SUPERINTENDENTE: Oscar Bloch Sigelmann — DIRETORES: Pedro Jack Kapeller, H. W. Berliner, Antônio Ferrara e Murilo Melo Filho — DIRETOR-RESPONSÁVEL: Nelson Alves. MANCHETE — DIRETOR: Justino Martins — CHEFE DE REPORTAGEM: Arnaldo Niskier — CHEFE DE REDAÇÃO: Zevi Ghivelder — REDATORES: R. Magalhães Jr., Joel Silveira, José Carlos Oliveira, Maurício Gomes Leite e Alexandre Pires — SECRETÁRIO: Flávio Costa — REPÓRTERES PRINCIPAIS: Mário Martins, Lêdo Ivo, Homero Homem, Ney Bianchi, Roberto Muggiati, Muniz Sodré e Ibrahim Sued — REPÓRTERES: Alberto Shatovsky, Raul Giudicelli, José Rodolpho Câmara, Lausimar Laus, Sérgio Alberto Cunha, Teodoro Barros e Vera Rachel — COLABORADORES: Henrique Pongetti, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Pedro Bloch, Claudius, Caio de Freitas, Otto Lara Resende e Carlos Botelho — DEPARTAMENTO FOTOGRÁFICO: SUPERINTENDENTE: Nicolau Drei — CHEFE: Jáder Neves — REPÓRTERES FOTOGRÁFICOS: Gervásio Batista, Gil Pinheiro, Juvenil de Sousa, Carlos Abrunhosa, Felisberto Rogério, Antônio Trindade, Eveline Muskat, Domingos Cavalcanti, Raimundo Costa, Esko Murto, Walter Firmo, Sebastião Barbosa, Antônio Rudge, Tolentino Gomes, Thomas Scheier e Nelson Santos — DEPARTAMENTO DE ARTE: Wilson Passos e Nelson Gonçalves — PRODUÇÃO: Nelson Sampaio — ARQUIVO: Aron Vaisman — DEPARTAMENTO DE CIRCULAÇÃO: Renato Gonçalves de Oliveira — SUCURSAL DE SÃO PAULO: Salomão Schvartzman, Durval Ferreira, Jônio de Freitas Mota, Fúlvio Abramo, Jorge Aguiar, Sérgio Jorge, Armando Bernardes, Mituo Shighiara e Zygmunt Haar — SUCURSAL DE BRASÍLIA: Deocleciano Rocha e Roberto Stuckert — SUCURSAL DO RIO GRANDE DO SUL: Sérgio Ross e Jairo Brandebursky — SUCURSAL DO NORDESTE: Fernando Luís Cascudo, Caio Sousa Leão e Alexandrino Rocha — SUCURSAL DE MINAS GERAIS: Manuel Hygino dos Santos e Manuel Luís Caldas — CORRESPONDENTES NO BRASIL: PARÁ: Oswaldo Mendes; CEARÁ: Ezaclir Aragão; RIO GRANDE DO NORTE: Cassiano Arruda Câmara; PARANÁ: Geraldo Russi — SUCURSAIS NO EXTERIOR: NOVA IORQUE: Roberto Garcia e Maria Almenara — PARIS: Niúra Klemm — CORRESPONDENTES NO EXTERIOR: ROMA: Sérgio Spinelli; ALEMANHA: Flávio Paulo Meurer; ESPANHA: Emílio Fontá; TCHECOSLOVÁQUIA: Joseph Volarik; URUGUAI: Sara Tinsky; ARGENTINA: Jorge Lipschitz e Italo Sanni; CHILE: De Abreu; PERU: Manuel Olivari — DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE: DIRETOR: Dirceu Tôrres Nascimento — GERENTE-GERAL: Francisco Augusto Nascimento — GERENTE-RIO: Luiz Fernando Veiga — GERENTE-SÃO PAULO: Salviano Nogueira — GERENTE-RIO GRANDE DO SUL: Kleber Buhr — REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua Frei Caneca, 511 — Tels.: 32-4356 e 31-3965 — Rio (GB) — PARQUE GRÁFICO: Rua Cordovil, 520 — Tel.: 30-0666 e CETEL (06) 91-0020 — SUCURSAL DE SÃO PAULO: Rua 24 de Maio, 35, 11.º andar, salas 1.101/5 — Tels.: 36-9998, 33-5810, 36-4593, 33-9383 e 37-7484 (SP) — SUCURSAL DE BRASÍLIA: Setor de Indústrias Gráficas, lotes 905/975 — Tel.: 2-8266 (DF) — SUCURSAL DO RIO GRANDE DO SUL: Rua Senhor dos Passos, 235, loja 5 — Tel.: 47-44 — Pôrto Alegre (RS) — SUCURSAL DO NORDESTE: Av. Conde de Boa Vista, 85, 12.º andar — Tel.: 26-807 — Recife (PE) — SUCURSAL DE MINAS GERAIS: Av. Augusto de Lima, 225, sobreloja 37 — Belo Horizonte (MG) — SUCURSAL DE NOVA IORQUE: 245 East 63rd Street, ap. 30-D — Tels.: 421-9183 e 421-9191 — Telex: Manchete New York, 421918 — SUCURSAL DE PARIS: 12 Av. Montaigne 2ème étage — Tel.: Balzac 84-66 — DISTRIBUIÇÃO: Distribuidora de Imprensa Ltda., Rua do Senado, 192-A — Tel.: 22-8817 — Rio de Janeiro — GB.

CONVERSA COM O LEITOR

Que houve muitas pedras no caminho de Carlos Lacerda, todos nós sabemos. E que êle conseguiu superar tais obstáculos, também é evidente, pois, num dado momento de sua vida, chegou a ser chamado Lacerda, o Demolidor. Mas as rosas permaneciam mais ou menos ocultas no seu jardim e só recentemente êle voltou a cultivá-las. Refiro-me aos seus artigos literários amenos e lúcidos, como os da série cuja publicação iniciamos neste número. Os leitores encontrarão nêles, vista por um prisma muito especial — o prisma de Lacerda —, tôda a vida política brasileira, de 1914 aos nossos dias. Outro texto admirável, pela sabedoria e o estilo, é o que nos oferece Gilberto Amado em sua luminosa autocrítica. O sensacionalismo, porém, chega-nos através de Michèle Ray, a repórter francesa libertada pelos vietcongues, após vinte dias de prisão nas selvas bombardeadas do Vietnã. Para abrir a revista, destacamos o grande tema da semana que foi a Encíclica de Paulo VI, numa reportagem didática de Joel Silveira.

JUSTINO MARTINS

Comovido com o drama do mundo subdesenvolvido, Paulo VI adverte: "Façamos alguma coisa, antes que seja tarde."

Domingo último, do balcão da Basílica de São Pedro e diante de milhares de pessoas emocionadas, Paulo VI reafirmou os seus pontos de vista — expostos uma semana antes na Encíclica **Populorum Progressio** — em favor da paz mundial e contra as injustiças sociais e econômicas que afligem mais de dois terços da humanidade.

Em todo o mundo, incluindo os povos não-cristãos, a encíclica papal surpreendeu e comoveu pelo seu tom direto, seu estilo polêmico e, particularmente, pelas corajosas afirmações que tanto chocaram os grupos conservadores, que nela viram — como chegou a escrever o **Wall Street Journal** — "a manifestação de um marxismo requentado". Para os elementos graduados da Igreja, no entanto, e para milhões de italianos, sòmente aquêles que não conhecem o apostolado de Paulo VI, de sentido marcadamente social e humano, podem ter se surpreendido com a clareza — e mesmo a dureza — de muitos dos capítulos da **Populorum Progressio.** Na verdade, os temas da nova encíclica de Paulo VI são os mesmos já defendidos pelo atual papa quando, simples padre, foi escolhido por Pio XII para pró-secretário do Vaticano e em seguida, já arcebispo, para a Arquidiocese de Milão.

Amigo do Brasil, onde estêve em 1960, Paulo VI comoveu-se profundamente com as condições de vida — por êle classificadas de **infra-humanas** — das favelas cariocas, que visitou na companhia de D. Hélder Câmara. Sabe-se, agora, que o drama dos favelados cariocas, bem como o das populações famintas da Índia inspiraram muitos dos capítulos da **Populorum Progressio** referentes aos países subdesenvolvidos.

PAULO VI

o mundo não é dos ricos

Texto de JOEL SILVEIRA

Em 1960, D. Hélder Câmara levou o então Monsenhor Montini para ver de perto o drama dos favelados cariocas. "É impossível alguém viver em tais condições infra-humanas", disse, então, o futuro papa

Numa longa entrevista ao jornalista Serge Fliegers, da revista **Look** (25 de fevereiro de 1964), Giorgio Montini sobrinho mais velho de Paulo VI, revelou o que foram os primeiros contatos do então Monsenhor Montini com o povo e os operários de Milão, cidade para a qual fôra feito arcebispo, em dezembro de 54, pelo então Papa Pio XII:

— Quando o nôvo arcebispo deixou Roma — conta Giorgio Montini — ganhava o equivalente a 150 dólares mensais e tôdas as suas roupas e objetos de uso pessoal cabiam numa única valise. Apenas, êle não possuía tal valise e teve que tomá-la emprestada a meu pai. No dia 6 de janeiro de 1965 meu tio entrou na Arquidiocese de Milão, o seu primeiro importante pôsto pastoral. Estava tão comovido que, quando o seu carro cruzou a linha divisória do município, pediu ao chofer que o parasse, desceu, ajoelhou-se e devotamente beijou a terra da arquidiocese onde iria servir por sete anos e meio, até ser eleito papa. O seu beijo foi tão sincero que o seu rosto ficou todo sujo de lama. Chovia, quando o Arcebispo Montini chegou diante da majestosa Catedral de Milão. Milhares de pessoas esperavam pacientemente sob o fino chuvisco para vê-lo pela primeira vez. Monsenhor Borella, o prefeito do cerimonial, veio recebê-lo, com um guarda-chuva aberto. O Arcebispo Montini acenou para o povo e afastou o guarda-chuva: "Se êles podem esperar na chuva, eu também posso." E ali ficou.

O subúrbio de Sesto San Giovanni é considerado o "bairro vermelho" de Milão, a metrópole superindustrializada do Norte italiano. O Partido Comunista da Itália tem ali um dos seus mais poderosos redutos. Pois uma das primeiras visitas do Arcebispo Montini foi a Sesto San Giovanni, diante de cujos operários, alguns visivelmente hostis, declarou: "Muita gente tem dito que eu sou o arcebispo dos operários. Até agora não fiz nenhum comentário sôbre tal afirmativa. Mas agora confesso a vocês: sou, de fato, o arcebispo dos operários."

E realmente era. Durante todo o tempo em que administrou a Arquidiocese de Milão, o futuro Paulo VI visitou duas têrças partes das fábricas da cidade e dos seus arredores, falando a mais de 800 mil trabalhadores. Nos seus contatos quase diários com a massa operária, o Arcebispo Montini teve oportunidade de avaliar de perto o extremo contraste entre as grandes fortunas locais e a miséria mais dramática dos bairros proletários. Durante a visita que fêz a uma fábrica onde os operários recebiam salários de fome, advertiu os patrões contra o fato. O serviço de relações públicas da fábrica omitiu essa advertência nas notícias que enviou aos jornais, mas o Arcebispo Montini, num comunicado paralelo, fêz questão de que a imprensa tomasse conhecimento do exato teor de suas palavras.

Conta ainda seu sobrinho:

— O Arcebispo Montini em pouco tempo afastou as reservas com que fôra recebido pelos operários de Milão. Sempre que possível, suas visitas eram feitas de surprêsa. Numa fábrica de motocicletas, perto de Monza, êle correu a linha de montagem, de operário em operário, apertando a mão de todos. Um dêles recusou-se ao cumprimento, alegando estar com a mão suja. Mas o arcebispo agarrou-lhe a mão e disse: "Tenho orgulho das marcas do seu trabalho, tanto quanto eu tenho do meu."

Certa vez, diante de milhares de trabalhadores de uma das maiores fábricas milanesas, atacou frontalmente, em candentes palavras que ficaram famosas, a **dolce vita** italiana:

— O mundanismo, a vaidade, o prazer, as diversões exageradas, transformaram-se em ídolos aos quais o homem moderno passou a prestar culto. As tentações mundanas se alastram, a febre dos sentidos se faz eudêmica, a vida fútil e desregrada tornou-se o ideal almejado por todos.

Noutra ocasião, ao falar num sindicato de metalúrgicos, em Milão, disse:

— É falando e escutando que poderemos entender uns aos outros. É o que devemos fazer nós, os da Igreja; e também vós, operários. Não existe entre nós nenhum abismo que não possa ser transposto. Eu sempre me esforcei — e continuarei a me esforçar — para, colocando-me no mesmo nível dos trabalhadores, poder adivinhar o que lhes vai no íntimo. Se não fôssem o vosso braço, a vossa habilidade e a vossa capacidade de domar a matéria — que seria de nós? O vosso esfôrço, a vossa fadiga cotidiana me enche de admiração, de surprêsa, e cria entre mim e vós uma espécie de problema psicológico: poderemos nos compreender mùtuamente? Poderemos encontrar, em nosso diálogo, a palavra justa, a palavra exata?

Na verdade, a busca da **palavra exata** — que agora para milhões de pessoas encontrou a sua sublimação no texto da Encíclica **Populorum Progressio** — tem sido a preocupação constante do papa de hoje. Foi a preocupação do Monsenhor Giovanni Battista Montini, pró-secretário do Vaticano, sob Pio XII (importante pôsto cujas responsabilidades dividiu durante anos com o conservador Monsenhor Tardini); a preocupação do Arcebispo Montini, de Milão; e preocupação mais atuante ainda do Papa Paulo VI, em cujas cinco encíclicas, desde a **Ecclesiam Suam**, a primeira, de agôsto de 1964, passando pela **Mense Maio**, de maio de 65, até a **Populorum Progressio** — de 26 de março último, a **palavra exata**, despida e crua, despojada do formalismo, por vêzes mesmo agressiva, dá o tom a uma mesma e contínua pregação.

Já na sua primeira mensagem como papa, dirigida aos 600 milhões de católicos do mundo inteiro, no dia em que chegou ao trono de S. Pedro, êle dizia: **"O imperativo do amor do próximo, pedra de toque do amor de Deus, exige de todos os homens uma solução mais equitativa dos problemas sociais, bem como medidas em favor dos países subdesenvolvidos, nos quais reina um nível de vida que, com freqüência, não é digno da pessoa humana."**

"Essas condições inumanas" — escreveu, na época, Tristão de Ataíde — "o nôvo papa teve ocasião de verificar **in loco**, nas favelas do Rio, ponto final de convergência dos refugiados da miséria nordestina e confirmação da tese invariàvelmente sustentada pelos espíritos mais objetivos e desapaixonados, de que a revolução social violenta é muito mais o fruto da miséria do que do imperialismo comunista, que apenas utiliza a miséria para seus fins políticos."

É também daquela primeira mensagem papal o trecho seguinte: **"Nas relações entre as nações, a Santa Sé prosseguirá na busca incessante da paz, com civilização e humanidade, e esforçar-se-á para que êstes princípios penetrem e existam nas almas e nas instituições."**

Em sua primeira encíclica — a **Ecclesiam Suam** — Paulo VI voltou aos mesmos temas: defeza da paz, luta contra a miséria, a fome e o subdesenvolvimento, respeito à liberdade e à autonomia das nações. Um mês depois — em setembro de 1964 —, num discurso pronunciado diante dos membros do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM), reunidos no Vaticano, dizia Paulo VI: "Infelizmente existem pessoas que permanecem insensíveis aos ares de reforma do tempo presente, mostrando-se, assim, não apenas desprovidas de sensibilidade humana, mas também de visão cristã dos problemas que se agitam em tôrno delas." E acrescentava: "Devemos tomar o solene compromisso de que a Igreja, sempre movida e inspirada pela caridade cristã, exclui a via das soluções violentas e desordenadas, mas assume também a responsabilidade para conseguir uma ordem social justa para todos."

Os mesmos temas capitais, a chamada "abertura para a realidade", repetem-se nas demais encíclicas de Paulo VI — particularmente na **Mense Maio**; e, já agora, de maneira mais incisiva, na **Populorum Progressio,** traçada tôda ela num poderoso e intencional estilo polêmico. A **palavra exata** que o

Na favela da Catacumba, uma das maiores do Rio, o futuro Paulo VI entrou em contato com seus moradores, recolhendo depoimentos dos quais, segundo êle próprio confessou mais tarde, jamais esqueceria.

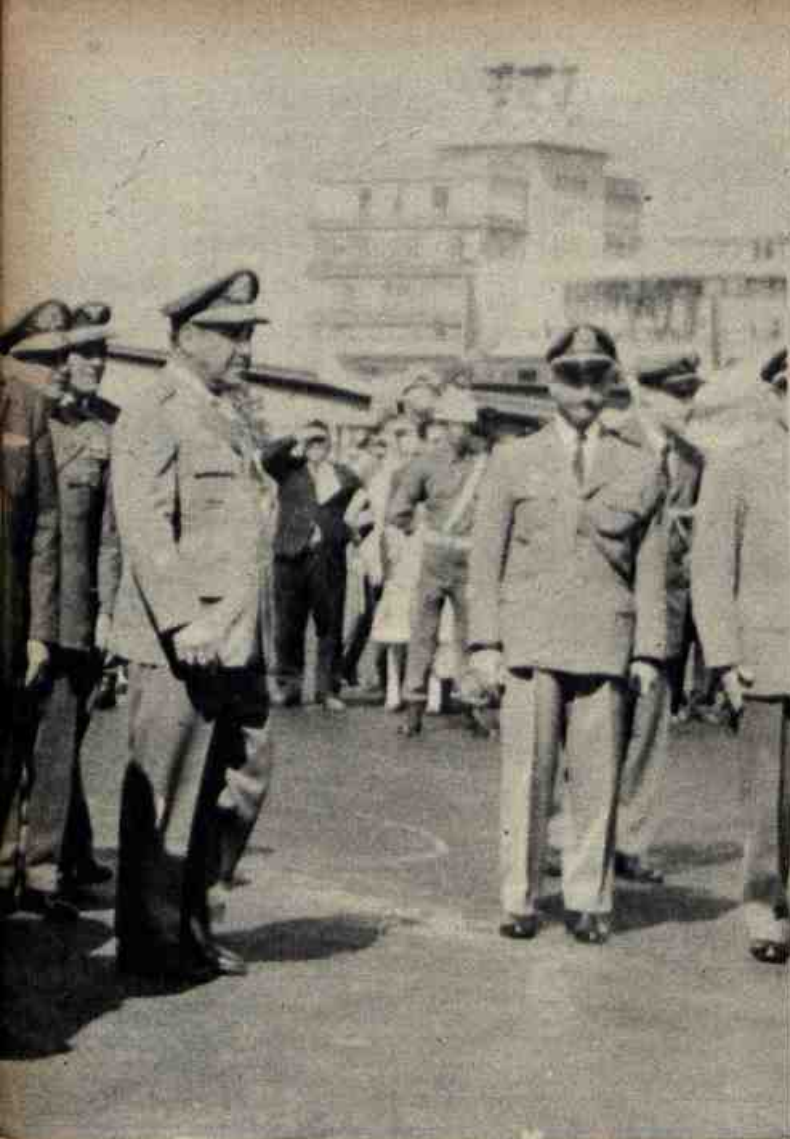
Monsenhor Giovanni Battista Montini, quando de sua visita ao Brasil, desembarca no Aeroporto de Congonhas, São Paulo, em 14 de ju
Kubitschek de Oliveira, vendo-se também, à direita, o General Artur da Costa e Silva, na época comandante do II Exército. Ainda na foto,

Quando Monsenhor Montini estêve no Brasil seu nome já era citado como um dos prováveis futuros papas

Arcebispo Montini, de Milão, procurava encontrar, para um melhor diálogo com os operários milaneses, dá o tom da última e grande encíclica. Aos conservadores, essa palavra exata em absoluto agradou. Já é conhecida a frase do **Wall Street Journal:** "A nova encíclica do papa é marxismo requentado." Tal acusação, repelida pela maioria dos católicos do mundo inteiro, encontrou no Brasil duas réplicas contundentes. Uma, de Frei Francisco de Araújo, prior dos padres dominicanos de São Paulo, que afirmou: "Prefiro ser marxista com o papa a ser capitalista com a imprensa da Wall Street." A outra, do líder católico Alceu Amoroso Lima (Tristão de Ataíde), que assim respondeu ao jornal nova-iorquino: "A maior consagração que poderia ter tido o documento do Papa Paulo VI foi a que recebeu do **Wall Street Journal,** órgão do capitalismo internacional e baluarte dos meios financeiros norte-americanos, classificando-o de "marxismo requentado." Na verdade, Paulo VI, na mesma linha de Leão XIII (com a **Rerum Novarum,** em 1891), Pio XI (com a **Quadragesimo Anno)** e João XXIII (com a **Pacem in Terris** e a **Mater et Magistra**), veio, mais uma vez, desembaraçar a solução do problema social do mundo moderno do dilema que lhe fôra impôsto desde o século passado, de uma opção entre o estatismo e o privatismo. O citado **Wall Street Journal** é o porta-voz do privatismo, e, por isso, considera tôda participação dos podêres públicos ou da Igreja na luta efetiva contra a injustiça social como uma intervenção indébita, como se o capital privado pudesse sobrepor-se, não só ao trabalho, mas à moral e ao bem comum."

Sabe-se agora que Paulo VI levou três anos preparando a Encíclica **Populorum Progressio.** A primeira notícia da elaboração da nova encíclica apareceu numa entrevista do prelado Ettore Messina ao jornal **Il Giorno,** no dia 3 de dezembro de 1965. Revelou aquêle sacerdote que, em conversa com o papa, êste lhe dissera de sua intenção de consagrar uma encíclica — "ou mais de uma" — ao problema da fome, que atinge mais de dois terços da humanidade. A viagem que fizera ao Brasil, em 1960, onde teve oportunidade de testemunhar o grau de extrema miséria em que vivem os favelados do Rio; e à Índia, onde turbas famintas, em Bombaim, pràticamente assaltaram o cortejo papal, inspiraram a Paulo VI a necessidade de a Igreja Católica, através do seu chefe supremo, manifestar de público suas preocupações com "o problema da fome" e, ao mesmo tempo, "concitar os cristãos a abrirem os olhos e saírem do estado de indiferença em que se encontram". Dissera, então, Paulo VI ao Padre Messina: "Geralmente as regiões mais ricas são as menos generosas e não tomaram ainda consciência da gravidade e da urgência dêste problema."

Quinze meses depois, o mesmo tema surgiria com um dos capítulos básicos da **Populorum Progressio** — tôda ela como que inspirada neste conceito do Padre Joseph Lebret: "AS SOLUÇÕES PURAMENTE ECONÔMICAS AMEAÇAM O HOMEM COM UMA TECNOCRACIA ESCRAVIZADORA. AS SOLUÇÕES HUMANISTAS, SEM BASE NA REALIDADE ECONÔMICA, FICAM NAS NUVENS E SE TORNAM ALIENANTES."

Paulo VI — conforme lembrou recentemente Frei Eliseu Lopes, da Ordem dos Dominicanos — já se disse "técnico em Humanidade". E é agora uma vasta, profunda, atualíssima e magistral lição de humanidade que êle oferece ao mundo com a **Populorum Progressio.** É impressionante a visão sintética e realista com que situa os dados do problema, nos capítulos 6 a 10 da encíclica: **"... o desenvolvimento humano constitui um resumo dos nossos deveres".** Notável, também, a serena coragem com que restaura, incisivamente, o sentido da propriedade, reafirmando sua relatividade, o que contribuirá para destruir o verdadeiro tabu que entre nós se criou em tôrno da propriedade privada. Para Frei Eliseu Lopes, vale ainda destacar, na encíclica, "a condenação expressa e bem caracterizada do capitalismo liberal (capítulo 26), que tantas vêzes vemos identificado com o ideal democrático e invocado sacrilegamente como um sustentáculo da civilização cristã". Ponto alto da encíclica é a clareza com que são relembrados princípios fundamentais sôbre a violência e a revolução (capítulos 30 e 31): esta não pode ser adotada como

nho de 1960. Na foto, o então presidente da República, Juscelino o Senhor Horácio Láfer, então ministro das Relações Exteriores.

Paulo VI recebeu no mês passado, em audiência especial, o Presidente Podgorny, da URSS.

solução, "salvo o caso de tirania evidente e prolongada, que atente gravemente contra os direitos fundamentais da pessoa e danifique perigosamente o bem comum do país." Lembrou, ainda, o papa o perigo dos planejamentos que não tenham como eixo a pessoa humana (capítulos 33 e 34), e referiu-se também a problemas cruciais do nosso tempo: a educação básica (capítulo 35), o problema demográfico (capítulo 37) e, particularmente, a corrida armamentista, que no capítulo 53 a encíclica classifica de "escândalo intolerável". Nos capítulos 54 a 59, o papa se refere ao imperialismo econômico e suas conseqüências. No capítulo 76, volta enfàticamente à esplêndida expressão: **O desenvolvimento é o nôvo nome da paz.**

Antes, no capítulo 8, a encíclica já dizia: "OS POVOS RICOS DESFRUTAM DE UM CRESCIMENTO RÁPIDO, AO PASSO QUE OS POBRES SE DESENVOLVEM LENTAMENTE." O que significa dizer que, se a situação não mudar, as nações subdesenvolvidas — como é o caso do Brasil — ficarão cada vez mais subdesenvolvidas.

Tendo diante de si o drama das populações famintas da Índia, do Brasil, da África, é que Paulo VI elaborou a **Populorum Progressio.** Pelo nosso país, êle sempre manifestou uma atenção especial. Aqui estêve, em 1960, quando, em companhia de D. Hélder Câmara, visitou, sem pompa e quase anônimo, algumas das mais miseráveis favelas cariocas. Já em 1950, então, pró-secretário do Vaticano, o futuro papa pedia a Alceu Amoroso Lima, que o visitou, "falasse de coração aberto sôbre o Brasil", país a respeito do qual "estava informado como ninguém".

Testemunha do quadro de miséria que lhe mostraram as favelas do Rio, o então Arcebispo Giovanni Battista Montini encontrara, para descrevê-lo, estas palavras exatas:

— Ninguém pode viver em condições assim, infra-humanas.

E, como revelou mais tarde um dos que se encontravam a seu lado naquele instante, "Monsenhor Montini tinha os olhos úmidos ao pronunciar tais palavras". Não deve, portanto, surpreender a ninguém que o mesmo homem que se comoveu até as lágrimas com a miséria dos favelados do Rio, seja o mesmo que escreveu as doze mil palavras da **Populorum Progressio,** "o mais importante documento da Igreja Católica em todos os tempos", na opinião independente do jornal francês **Le Monde.**

Durante a estada de Monsenhor Giovanni Montini no Brasil, D. Hélder Câmara, que o recebeu no aeroporto, foi companheiro constante do seu amigo de muitos anos.

ACIDENTE COM PETROLEIRO LEVOU PÂNICO ÀS POPULAÇÕES COSTEIRAS DA INGLATERRA E DA BRETANHA

QUANDO O MAR PEGA FOGO

Fotos AP

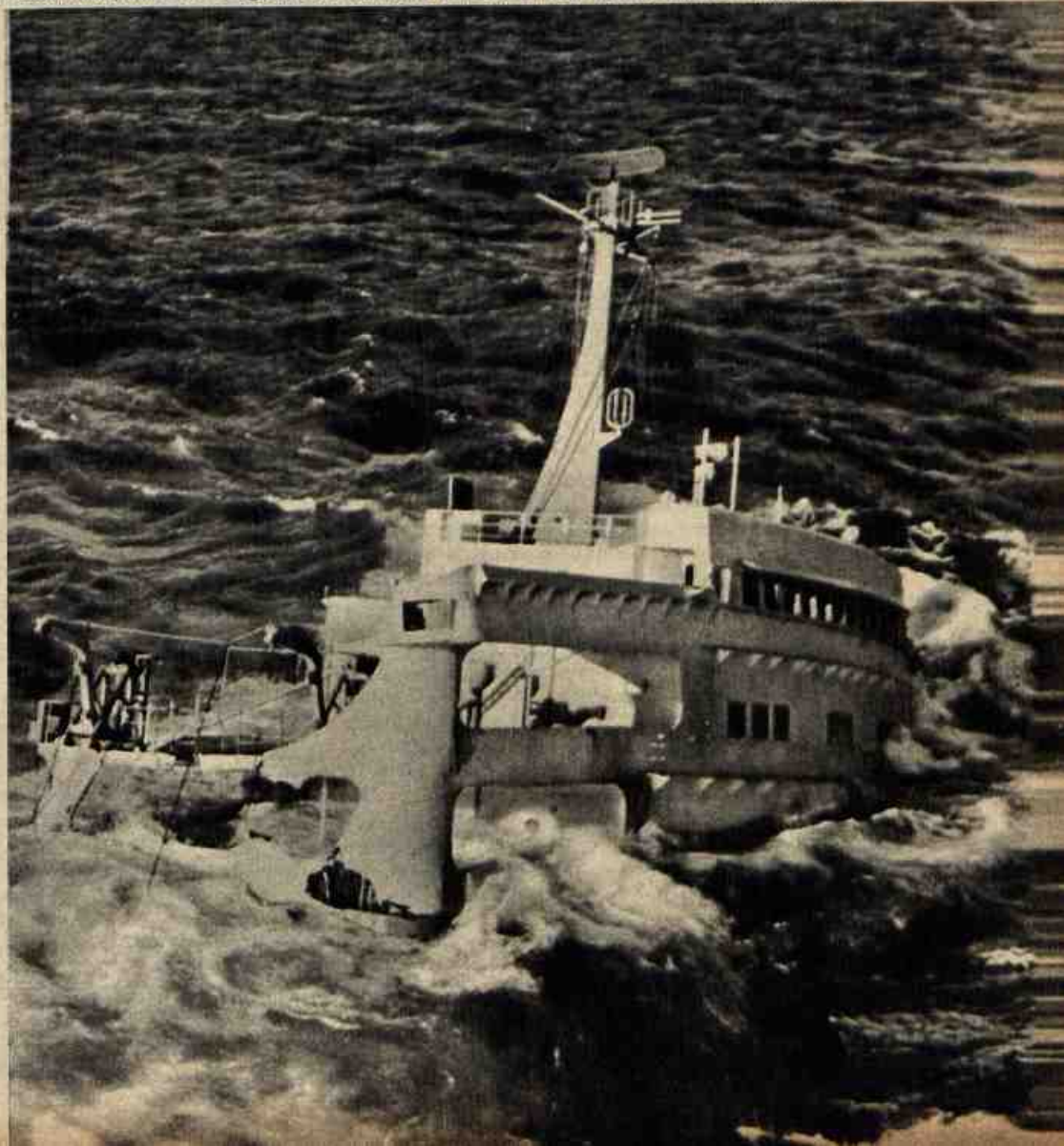
Colunas de fumaça se erguem das águas em chamas, depois não se depositasse nas praias turísticas da Inglaterra, do Norte

A viagem transcorria sem novidades para os tripulantes do **Torrey Canyon,** um petroleiro liberiano de 61 mil toneladas, embora o mar estivesse bravio nas proximidades de Land's End (O Fim da Terra), os escarpados rochedos da extremidade ocidental da Cornualha, na costa inglêsa. De repente, o choque. Antes que qualquer providência pudesse ser tomada, o barco estava encalhado sôbre os baixios de Seven Stones, o casco rompido como se fôra de papel. Até aí, nada de mais: não houve vítimas e o desastre não fugia aos padrões das tragédias do mar. O terrível veio depois — as 118 mil toneladas de petróleo que eram transportadas no bôjo do navio começaram a escapar, formando uma camada sôbre o mar, numa área de centenas de quilômetros quadrados. Em pouco tempo, as ondas partiram em dois o petroleiro. O óleo negro, começou a afluir para as costas da Inglaterra e da Bretanha e para as ilhas Scilly, tornando inaproveitáveis as praias turísticas daqueles locais, além de causar a morte de milhões de pássaros e peixes. A primeira providência do govêrno inglês foi enviar jatos da marinha para bombardear e afundar o barco. Depois, vinte navios despejaram detergente no mar, para dissolver o óleo. Agora, os bombeiros entrarão em ação, limpando as praias e salvando os pássaros que tiveram a plumagem destruída pelo petróleo.

O mar verde começa a se tingir de negro, à medida que o petróleo escapa dos tanques do Torrey Canyon.

Em cima: partido ao meio, o gigantesco petroleiro despejou ser bombardeado por jatos inglêses. Ao lado: sòmente a ponte de

que os jatos inglêses bombardearam o petroleiro encalhado nas proximidades de Land's End, na Cornualha. O óleo tinha de ser incendiado, a fim de que da França e das numerosas ilhas daquela região. O Torrey Canyon era americano, embora navegasse sob bandeira da Libéria. Não houve vítimas a lamentar.

118 mil toneladas de óleo nas águas da costa britânica, antes de comando do Torrey Canyon ainda está visível, batida pelo temporal.

Para uns, o rei está cada vez melhor. Para outros, não tem feito nos gramados sequer a metade do que sabe. E há, ainda, os que falam no seu declínio técnico e precariedade física. O que ocorre, na verdade, com o maior craque do futebol brasileiro de todos os tempos? Êle mesmo responde

PELÉ ABRE O JÔGO

Entrevista a DURVAL FERREIRA
Foto de GIL PINHEIRO

● Já perdi outros pênaltis, no passado, e ninguém achou que eu estava ficando fora de forma. Aliás, quando jogo mal e marco gols, todo o mundo acha que estou no auge. Mas quando jogo bem, um futebol perfeito, e deixo de marcar ou o Santos perde, dizem que estou perdendo a forma. É engraçado ver essas mesas-redondas na televisão, com os cronistas apresentando explicações para "o caso do Pelé". A minha explicação é diferente. Excursionamos recentemente e fizemos quatorze jogos, no exterior e no Roberto Gomes Pedrosa. Ganhamos quase todos. Vencemos de 5 a 1 o Internacional de Pôrto Alegre; empatamos de 1 a 1 com o Grêmio, na capital gaúcha, e ganhamos do Flamengo por um a zero, jogando no Rio com nove homens, apenas. Enquanto acumulamos vitórias, eu, Pelé, estava ótimo. Foi só perder do Vasco da Gama e empatar com o São Paulo, a coisa mudou. Por azar — lembrem-se de que sou humano e não sou infalível — perdi dois pênaltis, chutando para fora, e pronto: eu não estou em plena forma, não estou me esforçando, não avanço mais, estou cansado e outras explicações. Acho isso divertido.

● Fazer gol é questão de sorte. Quantas jogadas realmente bonitas, dignas de uma enciclopédia, são feitas no campo e resultam em nada ou, às vêzes, em belas defesas do goleiro? A verdade, porém, é que o público e a crônica acham que futebol é bola nas rêdes. Eu concordo. Discordo apenas das críticas dirigidas a um jogador que atua bem, durante muitos jogos, só porque, num único jôgo, o seu time foi derrotado. Quem procurar o médico do Santos, Dr. Ítalo Consentino, ou o preparador físico, Professor Júlio Mazzei, e perguntar a respeito de meu estado atlético, vai ver que estou perfeito. Meus reflexos são os mesmos, minhas condições físicas estão ótimas, sinto-me bem, não tenho problemas particulares; estou vivendo a melhor fase de minha vida, com minha família, com o nascimento de minha filha, Kelly Cristina, e com meus negócios, que vão de vento em pôpa.

● Emocionalmente, sinto-me satisfeito e alegre como sempre, não tenho nenhum aborrecimento — a não ser quando não consigo acertar as rêdes. Sou o mesmo Pelé. Não há nada que esteja me atrapalhando. Para não dizer que está tudo azul, só tenho como preocupação o meu tornozelo direito, que foi machucado sèriamente, há algum tempo, e que volta a doer com qualquer torção ou pancada. Há meses que não sinto distensões sérias, minha coxa já sarou e está ótima. Mas, pipocas, depois de fazer mais de mil gols em partidas oficiais, acho que perder dois pênaltis não é o fim do mundo.

● Eu estou jogando no Santos desde 1956. A primeira vez que vesti a camisa número dez foi no dia 7 de setembro daquele ano, no time de aspirantes, em Santo André. Nesse jôgo, aliás, marquei o meu primeiro gol, registrado na Federação Paulista de Futebol. Durante êsse tempo, não mudei como pessoa, mas mudei como

Foi depois do recente jôgo entre o Santos e o Vasco, no Maracanã, que as críticas a Pelé se tornaram mais incisivas. E justamente nessa partida êle havia marcado um belo gol.

jogador. O público deve ter notado isso. Quando se é novato, joga-se na raça, dando tudo. Depois, o normal é que venha a experiência, o aperfeiçoamento. No auge da juventude, o entusiasmo é maior do que o próprio futebol. Mas, depois, nós aprendemos que ganhar uma partida exige cérebro, calma, experiência. Hoje, dizem que não sou mais de romper defesas, que jogo mais atrasado, que prefiro armar jogadas no meio de campo. Não é tão verdade assim.

● Sou muito vigiado, em campo, sendo difícil ter menos de três homens na minha marcação. Ora, o mais sensato e racional, quando acontece isso, é não ficar na bôca do gol e recuar um pouco, para atrair essa gente comigo e deixar a entrada da área livre para meus companheiros. É assim que eu crio jogadas para os pontas ou para o Toninho marcar. Todo o mundo deve ter percebido que eu aciono Toninho para o gol, constantemente, ou então êle e os pontas armam jogadas e me chamam para a pequena área. É o jôgo inteligente, e não aquelas arremetidas entusiasmadas feitas pelos novatos e que, na maioria das vêzes, não dão certo. O público ficou acostumado com a imagem de Pelé avançando a torto e a direito, driblando, à procura de um gol que nem sempre era encontrado. Hoje êles percebem a diferença e acham que não está certo. Além do mais, meu time tem um técnico, cujas instruções preciso obedecer. Mas isso não quer dizer que eu não apanhe a **menina** e dê uma escapada, driblando, até ajeitá-la nas rêdes. É só ter oportunidade.

● O que ocorre, realmente, e muita gente fêz a ligação dos fatos, é que, justamente no ano em que me casei, o Santos não foi campeão paulista — depois de ter conquistado o título nada menos de oito vêzes, em dez anos. O meu clube foi bicampeão mundial interclubes, bicampeão sul-americano, cinco vêzes seguidas campeão brasileiro, sem falar nos torneios internacionais. Perdendo o campeonato paulista e o brasileiro, julgaram que o casamento e minhas responsabilidades de chefe de família estavam afetando meu futebol. Não há nada mais errado. Não quero tirar o mérito de ninguém, mas acontece que, naqueles anos, eu disputava maior número de partidas e sempre fui o artilheiro paulista.

● Ora, a partir do ano passado, eu quase não joguei. No campeonato paulista, joguei apenas 13 vêzes. Entrava em uma ou duas partidas, machucava-me e ficava de fora. É claro que, no banco dos reservas ou recuperando-me numa cama, não podia marcar. O público e a crônica, sem examinar bem a situação, começaram a falar numa queda de rendimento técnico que nunca existiu. Desde êsse tempo êles punham dúvidas no meu estado atlético. Mas, logo que me recuperei, fomos para Nova Iorque, entrei outra vez em campo e vencemos todos, principalmente os portuguêses e italianos, restabelecendo o prestígio mundial de nosso futebol. Depois, no comêço dêste ano, surgiu aquêle caso com Pepe Gordo, na nossa firma, a Sanitária Santista. As especulações sôbre o meu futebol continuaram. Felizmente, tudo isso passou, meus negócios estão indo bem e nada mais está me afetando. Essa onda também vai passar.

AS DESFAVORÁVEIS REAÇÕES DA IMPRENSA INGLÊSA AO FILME **A CONDÊSSA DE HONG-KONG** FIZERAM COM QUE O VELHO CARLITOS PASSASSE À OFENSIVA, COM ESPANTOSA FEROCIDADE

CHARLES CHAPLIN

ACHO GRAÇA DOS CRÍTICOS

— O meu próximo filme estreará em Kalamazoo, em Zanzibar ou em Caixa-Prego — disse indignado, há dias, Charles Chaplin —, em Londres é que não!

Foi nesse estado de espírito que êle deixou a Inglaterra, na semana passada, rumo à Itália. Está zangadíssimo com a sua cidade natal, por ter sido ali mal recebido o filme **A Condêssa de Hong-Kong,** em que juntou Sofia Loren e Marlon Brando. Continuando suas queixas, êle afirmou ao jornal **Sunday Times:**

— Não compreendo o que aconteceu agora. Acho que Londres está mudando muito. Que a sua gente anda cambaleando, entregue a uma espécie de sonambulismo, de desespêro, de negação da arte e de qualquer espécie de simplicidade. Afinal, se os londrinos rejeitam tudo isso, o que ficará capaz de interessá-los? Não me venham falar que há coisas que passam de moda... Quem cria as modas? Qualquer pessoa pode fazê-lo. É só inventar uma coisa fácil, que os outros possam imitar... E a imitam mesmo! Isso parece um tanto cínico? Pois a própria vida é cínica, se pensarmos nela em têrmos de vida e de morte...

Charles Chaplin diz que o mais irônico de tudo isso é que o tema musical que êle mesmo compôs para **A Condêssa de Hong-Kong** está sendo assobiado por todo mundo em Londres e é um grande êxito, ao redor do mundo. Tal absurdo faz com que o genial cineasta exclame, furioso:

— Vejam só como é essa gente! Atiram fora a polpa do pêssego e ficam chupando o caroço!

Se alguém quiser vê-lo vermelho de indignação, basta falar sôbre as opiniões da crítica londrina a respeito de seu recente filme. Charles Chaplin comenta:

— Disseram o diabo! Tentaram crucificar-me, queimar-me vivo, êsses senhores da nova inquisição cinematográfica. Mas a verdade é que meu filme vai muito bem, financeiramente falando. Ficou nove semanas nos grandes cinemas do West End, o lado chique de Londres, e vai indo muito bem no resto da Europa. Nunca recebi tantas cartas de fãs na minha vida. Êsses críticos de maus-bofes acabarão recuperando o juízo e, nesse dia, começarão a se divertir com **A Condêssa de Hong-Kong.** Porque não é preciso que um filme seja genial para ser divertido. De vez em quando vemos um lampejo de genialidade, em alguém por trás de uma câmara, no cinema ou na tevê. Confesso que me diverti muito com uma cena de **Goldfinger,** da série James Bond, em que todo um exército cai no chão e começa a dormir, atacado a gás pelo grupo que vai assaltar o depósito de ouro dos Estados Unidos em Fort Knox. É um primoroso achado cômico. Ao passo que **O Doutor Jivago,** com tôda a sua pompa, me pareceu banal. E que ridícula, a cena em que êle escreve um poema à luz de uma vela!... O filme de Antonioni, **The Blow-Up,** eu o achei lento e aborrecido. Eu não levaria horas e horas elaborando um eventual **strip-tease...**

Não gostando de ser criticado, Carlitos adora criticar. E o faz com a acidez contra a qual se revolta:

— Outra coisa: estão refazendo muita coisa que já foi feita. Vi, num filme dos Beatles, a seqüência inteira de um banho de espuma, que já era coisa considerada velha e chata em 1914! A velha Keystone esgotou os truques pelos quais alguns imitadores estão sendo considerados "gênios". E os pseudo-intelectuais acham isso muito "profundo".

Charles Chaplin finge que não está tão contrariado assim (mas por trás das suas palavras o que aparece mesmo é uma grande zanga). Lembra que nem sempre os seus filmes foram bem recebidos:

— O único que todos elogiaram foi **O Garôto.** A propósito dêsse filme, chegaram até a falar em Shakespeare. Mas, agora, foi o que se viu. O que me chocou nas críticas inglêsas sôbre **A Condêssa** não foi o fato de terem sido desfavoráveis, mas o de terem sido unânimes. Tôdas pareciam refletir a mesma preocupação: a de um ataque pessoal contra mim. Êles só estavam interessados numa coisa: em proclamar, **a una voce,** que Charles Chaplin estava liquidado, era um fracasso... Nos velhos tempos, um crítico podia liquidar um filme ou uma peça com um artigo. Mas que artigos! Como eram bem escritos! Salvava-se pelo menos isso. Não eram tão grosseiros e tão estúpidos como os de alguns críticos de hoje. Onde está o brilho, o humorismo, a finura satírica dêsses homens? Êles me dão pena... São tão indigentes, tão carecidos de idéias e de expressões! Imagine um dêles escrevendo esta monstruosidade: "Marlon Brando, como ator, é um cara-de-pau..."

Charles Chaplin diz que o seu filme foi intencionalmente escrito e interpretado num tom caricatural — o tom das caricaturas do imortal Cruicksshank, cujos bonecos reagiam realisticamente diante de situações absurdas. É o que acontece em **A Condêssa.**

— Mas os imbecis, os alarves —, diz Charles Chaplin —, não tiveram a sensibilidade necessária para compreender isso. A única coisa com que se preocupavam era em não parecerem antiquados, gostando do filme de um **old-timer,** um velhinho duro que não se encolhe, nem mete a cabeça num buraco com mêdo das transitórias **vagues** que andam por aí. Pois bem: já estou trabalhando no argumento de um nôvo filme e, quer gostem, quer não, irei dirigi-lo. Só que não estreará em Londres! Prefiro agora qualquer calcanhar de Judas...

‘Onde está o brilho dos críticos de hoje? Êles carecem de idéias e expressões. Também me dão pena.’

Na residência do Professor José Honório Rodrigues (segundo à esquerda), os historiadores americanos Bradford Burns, Alan Manchester e Stanley Hilton trocam impressões

sôbre o Brasil. À direita, o escritor Francisco de Assis Barbosa.

Manchete

QUATRO PROFESSÔRES UNIVERSITÁRIOS NORTE-AMERICANOS, ESPECIALISTAS EM ASSUNTOS HISTÓRICOS BRASILEIROS, ANALISAM DIFERENTES ASPECTOS DA REALIDADE POLÍTICA DO NOSSO PAÍS

UM RETRATO SINCERO DO BRASIL

Reportagem de VERA RACHEL • Foto de NELSON SANTOS

BRASIL, PAÍS DO FUTURO, TÍTULO DE UM LIVRO DE STEFAN ZWEIG, FOI UMA FRASE QUE SE TORNOU FAMOSA NO INÍCIO DÊSTE SÉCULO E QUE EXPRESSAVA A SITUAÇAO DE UM PAÍS EM INÍCIO DE DESENVOLVIMENTO. O DESENVOLVIMENTO ACELEROU-SE DE modo fantástico e o "país do futuro" tornou-se uma presença atuante no mundo, contrariando a descrença generalizada dos seus próprios habitantes. O papel que o país viria a ocupar no Atlântico Sul foi bem compreendido por outros povos e expresso com clareza pelo Presidente Kennedy: "Para avaliar-se a importância do Brasil, basta olhar um mapa do mundo." Em sua Mensagem sôbre a Educação, enviada ao Congresso americano em 62, Kennedy considerou o português uma língua importante no mundo moderno e através de dotações às universidades americanas, estimulou os estudos sôbre o Brasil. Um exemplo dos resultados obtidos por êsse estímulo é a Universidade da Califórnia, que hoje possui um Centro de Estudos da Língua Portuguêsa, com 200 alunos inscritos, fora os cursos especiais de Poesia e História Econômica do Brasil. Êstes estudos, que anteriormente englobavam a América Latina, como um todo, e que pouco se detinham no Brasil, passaram a dar-lhe prioridade e, atualmente, o número de pesquisadores da nossa História, em todos os seus aspectos — seja econômico, político ou diplomático — é considerável. As pesquisas já realizadas, caso fôssem reunidas num volume, dariam uma visão global e nítida da situação brasileira, em relação a diferentes fases de sua evolução.

Dêsse grupo de pesquisadores, presentemente no Rio, o Professor José Honório Rodrigues reuniu quatro historiadores e êstes expuseram suas opiniões sôbre variados aspectos da nossa realidade, à luz dos estudos que realizaram, tendo por base a História do Brasil. São êles os seguintes: Alan K. Manchester, Bradford Burns, Thomas Skidmore e Stanley Hilton — todos altamente conceituados nos círculos culturais norte-americanos e autores de obras de grande divulgação entre os povos de língua inglêsa.

"O Brasil já saiu do século XIX" — afirma o Professor Alan K. Manchester. Êle é deão do Trinity College, da Universidade de Duke, na Carolina do Norte, é um velho pesquisador das coisas brasileiras. Em 1933, publicou seu primeiro livro sôbre o Brasil, **British Preeminence in Brazil. Its Rises and Declines. A Study in European Expansion (A Predominância Britânica no Brasil. Sua Ascensão e Declínio. Um Estudo da Expansão Européia).** Esta obra é — até hoje — considerada como uma das mais completas já escrita por um estrangeiro sôbre o período da nossa independência.

Se um faroleiro assinar o Diário de S. Paulo seremos obrigados a mandar um pombo correio levar-lhe o jornal

Seja como fôr, êle receberá pontualmente o seu jornal. Para nós a entrega domiciliar do "Diário de S. Paulo" é um dogma. Fechado em sua tôrre de tijolos, êle estará em dia com o mundo. Na calada da solidão, no panorama de água e céu, êle terá todos os dias notícias de terra e pertencerá ao clube dos leitores mais bem informados do Brasil: o quadro de assinantes do DSP.

Assine Você também o

Diario de S. Paulo

o jornal que tem mais assinantes em todo o Brasil

Na opinião dos quatro historiadores norte-americanos, um importante papel caberá ao Brasil, no mundo, ainda no decorrer dêste século

Nas suas freqüentes viagens ao nosso país, o Professor Manchester aprofundou seus estudos, de modo a ter-se tornado uma autoridade em tudo que se relaciona com o nosso passado. E diz: "Desde 1920, até agora, verifiquei grandes mudanças neste país. Até 1930, o Brasil era muito parecido com o de 1820 e 1840 — os mesmos nomes, as mesmas famílias, as mesmas reações. Depois de 1930, porém, constatei uma nova atitude. Até então, a aristocracia mandava, poucas pessoas conseguiam chegar às universidades. Depois daquele ano, os estudantes moços, sem nome de grandes famílias, já podiam ingressar nos ginásios e nas universidades, fazer carreira política, ter posições de responsabilidade. Certas mudanças não me agradaram — como o hábito dos abraços e a troca do café sentado pelo café em pé. Creio, entretanto, que a diferença fundamental tenha sido o enfraquecimento do sistema de clãs. Já não há a hegemonia dos Cavalcantis, dos Bernardes, dos Penteados. Se para bem ou para mal, não sei. O que constatei é que o Brasil já saiu do século XIX."

O Professor Manchester analisa, em seguida, as perspectivas do nosso país: "Creio que o Brasil tem a possibilidade de ser um poder mediador no Atlântico Sul, como o Canadá o é no Atlântico Norte. Será a grande potência nesta parte do mundo, uma futura nação-líder que assegurará o equilíbrio das nações dêste hemisfério."

"O nacionalismo é uma fôrça que vai modificar o Brasil" — pensa o historiador Bradford Burns, cuja primeira viagem ao Brasil data de 1959. Veio para alguns dias e ficou várias semanas. No ano seguinte retornou para algumas semanas e permaneceu muitos meses. Sua preocupação em relação à História brasileira teve por alvo nossa atividade diplomática e, nesse sentido, fêz pesquisas no Itamarati sôbre o Barão do Rio Branco. Em seguida, deu cursos em universidades norte-americanas sôbre História do Brasil. (A princípio, na Universidade de Nova Iorque e, depois, na da Califórnia.) Como os alunos nem sempre conheciam o português, êle próprio traduzia os documentos que julgava de maior importância.

— Como historiador e pessoa interessada na história dêste país, declara o Professor Burns, posso dizer que o Brasil mudou muito. Impressionou-me a alteração verificada desde 1880, quando teve início a industrialização, as cidades cresceram e as idéias se modificaram. Surgiu no princípio do século o nacionalismo — um nacionalismo dinâmico, cultivado por intelectuais — que se tornou um preponderante fator de transformação da fisionomia política e social do país. Todos os visitantes que estiveram no Brasil, no século passado, diziam que êste país seria uma grande nação dentro de cinqüenta anos. Êsses cinqüenta anos, porém, nunca passam... Creio, entretanto, que êsse nacionalismo é uma fôrça que vai modificar o Brasil. Depois de 1945 até 1964, assistimos ao fortalecimento da sua democracia. Surgiram partidos com raízes nacionais, como a UDN, o PTB e o PSD e a opinião pública nacional se revigorou. O nacionalismo brasileiro representa uma fôrça tão poderosa que será impossível neutralizá-la.

Referindo-se ao papel do Brasil no hemisfério, o Professor Bradford Burns esclarece:

— Julgo — e a diplomacia do Barão do Rio Branco o demonstra muito bem — que o Brasil tem um relevante papel a desempenhar neste hemisfério. Rio Branco estabeleceu um precedente de liderança na diplomacia sul-americana. Várias vêzes interveio na política de Washington para evitar rompimento de relações dos Estados Unidos com países de língua espanhola. São boas as relações do Brasil com os Estados Unidos, mas essas relações estão assumindo um caráter tão forçado, que certamente verificar-se-á uma reação no futuro. O Brasil é o quinto país do mundo em tamanho e o oitavo em população. Nessas condições, deve assumir uma atitude de independência. De 1963 até os dias de hoje, o Brasil tem vivido um período de crises. Há paz; o orçamento está equilibrado; as finanças se mostram estáveis e reduziu-se o ritmo da inflação. Mas problemas sérios, como o da educação, da fome, do desemprêgo, da justa divisão da terra, não foram resolvidos e, talvez, ainda tenham sido agravados. Acredito, entretanto, que o Brasil vencerá a crise. Não sei quando, mas a vencerá.

"O grupo da Sorbonne tem idéias ultrapassadas" — afirma o historiador Thomas Skidmore, autor do livro **A política no Brasil — Uma Experiência de Democracia,** no qual analisa a situação do nosso país nos últimos anos. Essa obra, ainda inédita, constitui uma apreciação objetiva dos acontecimentos que, a partir de 1930, tumultuaram a vida nacional. Recentemente, o autor acrescentou-lhe um epílogo, no qual retrata o Govêrno Castelo Branco. É professor-assistente da Universidade de Wisconsin. Seu primeiro contato com o Brasil foi em 1961, quando veio ao Rio a fim de colhêr material para um estudo sôbre a história das idéias na República Velha — **Brazil's Search for National Identity in the Old Republic.** É positivo em sua apreciação da nossa situação interna:

— No fim do Govêrno Vargas, os dois partidos de Getúlio — o PTB e o PSD — estavam muito fracos, e julgo um milagre Juscelino ter conseguido reorganizar uma aliança entre essas duas agremiações, para tentar a industrialização do país e, assim, estimular o seu desenvolvimento. A aliança era curiosa, porque a preocupação do PSD era a de continuar a política tradicional, protegendo o interêsse rural do Brasil, daí o fato de Getúlio nunca ter tocado na questão agrária. Outro aspecto da aliança era o PTB — um tipo de movimento popular, mas sem independência, sempre controlado pela liderança do próprio Getúlio. Tratava-se, pois, de uma aliança entre o fator rural, mas tradicional, e o fator urbano, mas sob o contrôle de Getúlio. Kubitschek conseguiu reconstruir essa aliança e governar o Brasil pacificamente. Depois de 1961, agravou-se a crise financeira e reduziu-se o talento da liderança nacional, e essa coincidência de circunstâncias provocou a queda de João Goulart. Jango só queria dar uma imagem de um govêrno realizador, enquanto JK havia industrializado o país e construído Brasília. Jânio, com sua renúncia, criou um mito. Mas Jango nada fêz — e queria deixar uma imagem.

Referindo-se ao último govêrno, o historiador Skidmore define: "A necessidade que teve Castelo Branco de governar através de decretos-leis e de atos institucionais constituiu uma inadequação à estrutura tradicional do Brasil. Os revolucionários perderam, em três meses, o apoio civil, surgindo um govêrno militar. O grupo que se apossou do poder, o grupo da Sorbonne, alimenta idéias ultrapassadas, orientadas no sentido de um mundo dividido em duas partes — uma comunista e outra anticomunista, daí a razão da perda do contrôle da situação em favor do grupo Costa e Silva, que é mais progressista. O grande problema do Govêrno Costa e Silva será o mesmo que desafiou Jango: organizar um partido bastante forte para vencer as eleições, pois a única arma contra a suspeita, em que vivem as fôrças armadas, será uma vitória estrondosa nas urnas.

"Durante a última guerra, o Brasil não tinha uma política própria" — eis o que afirma Stanley Hilton, historiador norte-americano e autor de uma tese para o doutorado na Universidade de Texas, sob o título: **A Política Externa Brasileira entre 1934 e 1942.** Afirma:

— O Brasil não tinha uma política, pròpriamente dita, durante a última guerra mundial, isto é, não tomava iniciativas. A política da época era de reação aos atos das potências maiores. Havia uma política — a pan-americana — que sempre estava interessada em cultivar boas relações com seus vizinhos. Caracterizando a política brasileira, naquela fase, eu diria que foi uma política de neutralidade, mas não no sentido espiritual, ideológico. Era óbvia a influência francesa, inglêsa e americana no campo das idéias — o Brasil estava ideològicamente ao lado das democracias, embora houvesse uma minoria que simpatizasse com as ditaduras européias. O objetivo principal do Govêrno Vargas era o desenvolvimento econômico. A questão da rivalidade comercial entre a Alemanha e os Estados Unidos fêz com que Vargas procurasse uma posição intermediária entre as duas nações, pois o comércio com a Alemanha era muito importante para diversos setores — produtores de café e principalmente de algodão (apesar da existência de um acôrdo comercial entre os Estados Unidos e o Brasil). Assim, Vargas adotou uma orientação de neutralidade, sem mudar fundamentalmente a política de amizade com os Estados Unidos. A alegação de que Getúlio seria simpatizante de Hitler não tem fundamento. Queria cultivar boas relações com a Alemanha, não porque êle próprio fôsse ditador, mas porque pensava no interêsse do Brasil, como qualquer bom estadista.

Manchete exclusivo

NÃO É DIÁRIO NEM LIVRO DE MEMÓRIAS O QUE AQUI SE VAI LER A PARTIR DESTE NÚMERO DE MANCHETE. É mais um esfôrço de memória para a história da formação de uma consciência no Brasil dos últimos 50 anos. Personagens e cenas. Leituras e escrituras. Da medalha milagrosa ao materialismo dialético. Violência e ternura. Textos e pretextos. Os Lacerda, dos Açôres, e os Andrade, da Madeira. Os Paiva, do Rio Grande, o Caminhoá, da Bahia. Vassouras, o bairro das Laranjeiras, o Brasil, o mundo e o parque do Flamengo. São cinqüenta e dois anos de natação contra a corrente, sem saber nadar. Como evitar o perigo do êxito completo e como desenvolver um salutar horror aos exageros doutrinários. Da oposição ao govêrno e do govêrno ao ostracismo. É possível governar o ingovernável? Como não fazer amigos à custa dos que não têm influência. Como prender e ser prêso, ou lições de liberdade para uso dos aprendizes. Em resumo — o difícil ofício de viver. Ora minucioso, ora salteado, aqui terão o depoimento de uma testemunha que se transformou em personagem. Uma pessoa é sempre alguma coisa. Como dizia Pasteur: "Dois sentimentos me assaltam quando me aproximo de uma criança — um, de ternura pelo presente; outro, de respeito pelo que ela pode se tornar um dia."

C. L.

CARLOS LACERDA I

'rosas e pedras do meu caminho'

Lido até aqui êste livro à espera de nascer meu filho o qual veio ao mundo às 12 e 3 minutos. 29 e 30 de abril de 1914.

Esta nota foi escrita a lápis, a letra apressada, num livro de poemas, na sala de estudo da casa da família da mulher. O livro é **A Criação, Vida e História das Árvores**, do poeta português, panteísta e beirão, Antônio Corrêa de Oliveira. Diz o poeta:

Chamavas o teu filho. Ouviu-te e veio.
— Ó mãe! Abre-me a vida do teu seio.
Sombra! Mostra-me o fogo em que te [abrasas.

A 31 de agôsto de 1966, na fila de cumprimentos do casamento da filha do Deputado Rui Carvalho, minha afilhada, em Curitiba, o corretor paranaense José César de Matos apresentou-se e me deu, de surprêsa, êsse livro que meu pai lia na hora em que nasci; destroço de muitos naufrágios de livros, vendidos, perdidos, confiscados pela polícia, levados a leilão, ao longo de três gerações e muitos desafios.

Rabiscou, até ali, todo o livro. Lia furiosamente — um dos raros políticos que conheci, interessado em ler mais do que os jornais do dia. Na página 106, porém, parou. Não leu mais naquela noite, nem nunca mais, aquêle livro.

LACERDA

ROSAS E PEDRAS DO MEU CAMINHO

Fui o terceiro filho. Nasci no meio de riscos. Nesse dia, no jôgo-do-bicho, deu macaco, centena 666. O Presidente da República, Marechal Hermes da Fonseca, de quem Maurício de Lacerda fôra oficial de gabinete e a quem, deputado, agora fazia oposição, estava para terminar um govêrno atormentado. Havia sinais de prisões, estado-de-sítio no ar. Na sua última mensagem ao Congresso, seu sucessor, Venceslau Brás, diz com tôdas as letras qual foi o govêrno que recebeu em 1914:

> **Terminação do estado-de-sítio de oito meses; grande excitação dos espíritos e ressentimentos partidários profundos; segundo** funding; **renda pública insuficiente para as despesas ordinárias; avultados deficits mensais; enorme massa de dívidas flutuantes a pagar, superior a .... 36.000:000$000 ouro e 311.000:000$000 papel; Tesouro sem recursos; crédito abalado; títulos públicos desvalorizados; baixa de câmbio; importação e exportação profundamente perturbadas; comércio e indústria em condições precaríssimas; fábricas fechadas umas, e outras trabalhando meio dia, um têrço do dia; o operariado em situação angustiosa.**

Todo-poderoso na condução da política do marechal, o senador gaúcho Pinheiro Machado caminhava naqueles dias de olhos abertos para a morte, tais os ódios que suscitava o seu domínio. "Considero a coragem" — dizia — "o mais louvável predicado de um homem de Estado." Um ano depois Manso de Paiva o apunhalava na porta do Hotel dos Estrangeiros.

Era o tempo em que o fanatismo e o banditismo armavam lutas e a oligarquia política dominava, sob a garantia do Exército, que lhe emprestou a autoridade e proteção do marechal-presidente. Duas vêzes os sargentos e cabos tentaram rebelar-se, instigados por políticos. Maurício de Lacerda foi acusado de participar dessa conjuração. Extorquiram-se depoimentos de alguns, pela tortura; e confissões falsas foram obtidas, sem maiores conseqüências, afinal, senão a reputação de ter instigado a "revolta dos sargentos" — que não houve.

Dias depois de ler aquêles versos êle estaria em São Paulo, com Pedro Moacir, o flamejante deputado pelo Rio Grande, Irineu Machado, o discutido tribuno que acabou, em 1930, na irrisão de uma velhice verde, o próprio Rui Barbosa, antigo competidor do marechal, refugiados em São Paulo das ameaças do estado-de-sítio e da prisão. Mas o Marechal Hermes tanto tinha de fraco com um caudilho como Pinheiro Machado (que mantinha a máquina montada, sufocando gentilmente o país), quanto de magnânimo e adverso a violências. Estava casado de nôvo. O povo se escandalizava porque no palácio presidencial se dançava o "corta-jaca", uma dança pouco acadêmica; mas o casamento com a jovem Nair de Tefé, filha de barão e caricaturista muito gabada com o pseudônimo de Rian, inclinava o marechal à condescendência, mais do que à violência.

O deputado da oposição, dos únicos, era também, foi tôda a vida, dos poucos políticos que davam importância à inteligência. Havia alguns escritores "eleitos" pelos governos para fazerem nas assembléias uma barretada ao espírito. Umas rosas no buquê de manjericões, como diria um político refinado, Nilo Peçanha. Mas os manjericões ou eram bacharéis egressos da advocacia, e só ao Direito davam importância, ou não davam nada a coisa alguma que não fôsse as graças do poder, as nomeações, o aconchego do onipotente senador gaúcho, os convites para o Palácio do Catete e a casa do Pinheiro, no morro da Graça, a carta de recomendação, a submissão a uma política retrógrada, sem idéias nem objetivos maiores senão o lento e imperturbável desfrute da mediocridade nacional, protegida por algumas inteligências parasitárias.

Em Caxambu, Carlos Lacerda, encostado à árvore, com o seu irmão mais velho. Tinha, então, oito anos de idade. Mignon, o cachorro, era o seu fiel companheiro de correrias pelo jardim.

Maurício de Lacerda tinha o dom de mergulhar na leitura como se saísse do mundo. Vieram dizer que lá em cima, no sobrado da Rua Alice, 41, nas Laranjeiras, acabava de nascer o filho. No fundo da sala, que dava para uma grande mangueira Augusta, coberta de fôlhas novas, reluzentes, duas estantes altas e negras, com uns grandes vidros grossos, mostravam as pilhas de fôlhas manuscritas do inacabado Dicionário de Botânica do Conselheiro Caminhoá, o falecido avô de Olga. Lá em cima, com a avó, a irmã mocinha, com pouco mais de 20 anos, ela deu à luz o terceiro filho. Na mesa grossa e sólida, de caviúna, junto à qual Maurício lia, trabalhava até há poucos meses Eduardo Chapot-Prevost, o cirurgião, casado com a tia de Olga. Êsse fazia experiências com cobaias e coelhos, preparando-se para a audaciosa façanha de separar, antes da invenção dos raios X, as xifópagas Maria e Rosalina, que aos 6 anos vieram de Afonso Cláudio, no Espírito Santo, pegadas pelo lado do fígado; Rosalina, mostrada em Paris à Academia de Medicina, criada como parente da família e hoje, minha boa Rosalina, avó de uma criançada rija.

Na mesma sala de estudo aprendi a ler, depois dos primeiros rabiscos com a babá, pela mão da tia Delmira, terceira do nome, minha madrinha. Em junho de 1921 seu generoso boletim de notas acusava **Muito Bem** em tudo, inclusive em **Conducta.** Em agôsto, os **Deveres** receberam nota **Mal**, a **Aplicação**, também; em **Lições, Passável.** Em setembro, tudo **Mal.** Em dezembro tudo passou a **Bem.**

A sala de estudo, na qual o sol batia

esverdeado pelas samambaias do terreno ao lado, dava para a sala de piano, onde havia uma mobília de motivos egípcios, de palmeiras e esfinges, desenhada por meu bisavô, e para a de visitas, com a mobília de estilo, importada, que só se abria nos grandes dias — e nos meus só se abriu para nossas danças e o velório da bisavó Iaiá, foi também o local em que inventamos, meu irmão e eu, veículos espaciais com os quais fomos muitas vêzes à lua, antes dos nossos atuais imitadores; e um precursor aperfeiçoado do jipe, um automóvel que dava saltos sôbre obstáculos e alçava vôo incontinenti, salvando a filha do marajá da turba de fanáticos, num desfiladeiro do Himalaia. Nosso avião era essa mesa de estudos. Ali montei um colégio de brinquedo, usando o quadro-negro do conselheiro e fui professor inflexível, de alunos invisíveis, inventando matérias e até idiomas desconhecidos até hoje. Ali devorei um livro que se chamava **Infâncias Célebres,** com a história de Pico de la Mirandola, Mozart, Bayard e outros modelos de ambiciosos infantes.

A fita de marcar o livro ficou na página 106. Meu pai passou pela sala de costura, no vestíbulo subiu a escada curva, de madeira escura envernizada, e foi encontrar no quarto de Iaiá, onde minha mãe repousava, a criança, miúda e de cabeça grande, os olhos esbugalhados para a luz, "cara de passarinho guloso".

Naqueles dias êle discutia na Câmara dos Deputados a reforma do ensino. Defendia a liberdade de ensinar:

> **A Constituição não declarou ser privativos dos estados nem da União o ensino primário nem o superior. O que declarou foi que competia tanto a uns como à outra cuidar dêsse ensino. (...) Os governos estaduais têm sido e hão de continuar a ser por largo tempo as máquinas montadas dos partidos políticos; enquanto as faculdades estiverem nas suas mãos, naturalmente serão considerados os adversários, como na Rússia o são os judeus. (...) Não advogo a indiferença do estado em relação ao ensino. O que advogo é o estabelecimento da cátedra livre no estado livre, tal como se fêz a Igreja livre no estado também livre. Eu não quero uma religião oficial, uma ciência oficial, uma doutrina oficial, uma filosofia oficial. Não quero o Estado nas mãos dos positivistas, dos católicos ou de quem quer que seja, professando uma filosofia ou religião, nem que possa varrer da cátedra quem quer que seja, por advogar ou pregar esta ou aquela doutrina filosófica. (...) Não tencionava perturbar o equilíbrio alado da marcha de pombas e borboletas com que ia atravessar o recinto da Câmara êste magnífico projeto do Ministro da Justiça, tomador militar do Café Jeremias...**

Isto foi há pouco mais de meio século. Meu principal esfôrço na Câmara foi converter em lei, afinal, em 1961, o projeto de Diretrizes e Bases da Educação. Para isto, tive de negociar a autoria do substitutivo, que deixou de ser meu para ser de ninguém, como único meio de obter o voto de bancadas que preferiam manter a educação amarrada a ver uma lei de educação com o meu nome.

Naquele ano, em que nasci, os Estados Unidos invadiam o México, depois que o Presidente Madero foi sacrificado por Huerta, o caudilho militar. Então, os acontecimentos do continente americano repercutiam muito mais no Brasil. Ou o continente era mais importante, ou o Brasil mais consciente. A invasão do México foi assunto que deu que falar até que me entendi por gente.

Começava, três meses depois, a Primeira Guerra Mundial, que ia mudar o rumo dos povos, mas não suas angústias. Agora, diante dessas linhas a lápis num livro de poemas dominado pelo sentimento da natureza, procuro, uma vez mais, o sentido da vida. Pois, de tudo o que aprendi só uma profissão verdadeira me ficou.

No prefácio a uma peça publicada em livro, **O Rio,** anotei:

> **Porque a vida não existe por definição. É aí que eu quero chegar. Viver não é apenas se deixar viver. É ter, a cada momento, a consciência de cada momento, a mão que guarda um pássaro e sabe que a todo instante poderá abrir-se para deixar voar essa presença enternecedora e palpitante, de um pássaro na mão. Êste é o senso dramático da vida, o movimento patético pelo qual cada um pode provar a si mesmo esta verdade não axiomática: eu vivo.**

Minha profissão é viver.

Memórias, não. É cedo. Talvez nunca. História, deixo aos outros. A minha contribuição pretensiosa consiste em lhes dar matéria-prima para escrevê-la. Autobiografia? Ainda menos. Na revista **Diretrizes,** fazendo uma crítica severa a umas memórias de Gustavo Barroso, porque êle era integralista e membro da Academia, e naquele tempo não podíamos perdoar uma coisa nem outra, reproduzi em 1938 uma advertência de Saint-Beuve que fui procurar e encontrei:

Maurício de Lacerda, pai de Carlos, numa foto rara, de 1914, em que aparece de bigodes.

> **Essa preocupação com o presente, que o autor transporta para o passado, seria cômica se a estudássemos de perto. Êsse é o inconveniente de um gênero de memórias que não são memórias, e nas quais se faz pose. (...) Estão ali numerosos acontecimentos de sua juventude mas revista e passada a limpo de acôrdo com seus sentimentos de hoje. Ou serão sentimentos da época, mas disfarçados sob as côres do presente. Não se sabe onde está o verdadeiro e o falso. O autor também não sabe.**

Confissões, valia a pena se fôssem como as de Santo Agostinho ou Rousseau. Um mergulho na consciência, só como Proust pôde fazer, colocando entre a pena e o mundo quatro paredes forradas de cortiça, **como uma lâmpada acesa à luz do dia, ou a campainha do telefone que toca numa casa vazia** — segundo as comparações de Jean Cocteau.

Procuro uma definição para êstes escritos, encontro-a num apontamento que tomei há muito tempo de Machado de Assis:

> **Segundo me parece, e não é improvável, existe entre os fatos da vida pública e os da vida particular uma certa ação recíproca, regular, e talvez periódica — para usar uma imagem, há alguma coisa semelhante às marés da Praia do Flamengo e de outras igualmente marulhosas.**

Mas na Praia do Flamengo já não há marulhos e sim o surdo rumor dos automóveis, lá embaixo, depois que o mar foi recuado e abriu caminho aos jardins que ajudei a formar, nesse debrum que emoldura o Rio e afinal deixa ver de frente a sua beleza, a praia que trouxemos estudada de Portugal, areias sugadas do fundo da Guanabara, o horizonte em constante movimento, aviões que cortam a paisagem, navios vagarosos — num dêles passei, no cruzador **Tamandaré,** numa manhã de chuva, em novembro de 1955, com um presidente da República a bordo e tiros erradios das fortalezas, na tentativa de afundá-lo; caminhões resfolegantes, rinchando, invadindo a cidade inerme, sacudindo a estrutura do prédio; barracas coloridas das manhãs de sol, papagaios empinados, picolés e cata-ventos, futebol por tôda parte na grama inacabada, torsos nus, crianças e mulatas torneadas — enquanto sob a minha janela, domado e triste como um cão de apartamento, desemboca o rio Carioca que, antes de ser encanado, deu nome aos habitantes desta terra.

Dêste alto, que só o Pão de Açúcar limita, para lá da barra o mar cinzento, daqui a pouco trespassado de azul vibrante, de Niterói as novas luzes que fulguram azuis, calou-se há pouco um grito que espoucou na noite escura do parque interrompido. Penso no meu destino. Sou feliz, sem nenhum ressentimento, com alguns arrependimentos e uma ferocidade superficial, que me defende da ingenuidade nativa e dessa incansável alegria de viver, que se não cuidar me domina. **Nunca estamos dentro de nós, estamos sempre além,** observava meio desconso-

LACERDA

ROSAS E PEDRAS DO MEU CAMINHO

lado Michel de Montaigne. Tenho tão poucas ocasiões de pensar em mim, no que me aconteceu, no que acontecerá, no que sinto, no que terei de sentir ainda, no tempo que falta, no tempo que fará. Pessoas me dizem: **Quando volta ao govêrno da Guanabara?** Outras, mais exigentes: **Ainda há de ser presidente!** É o caso de falar como José Lins do Rêgo: **E eu é que sei?** Pessoas há que me consideram liquidado. Não é de agora. A sentença é sempre a mesma. As pessoas é que mudam. Nunca me preparei para a História. Agora, quando me mandam cuidar disso, ou coisa parecida, nem essa terrível senhora, para mim, havia de ser em público e de encomenda, como um dever, uma prebenda. É exaustivo como uma vã sessão de psicanálise sem sofá, um mergulho em pé, de olhos abertos, num rio gelado e claro de montanha; um passeio sob coação.

Meu destino, parece, é fazer às pressas o que requer vagar e devagar o que, a rigor, demanda pressa. Êste é um trabalho que precisa tempo e relembrança, mais do que dos fatos, das sensações. Conseguirei fazê-lo assim, de hora marcada, preocupado em não dizer tudo, desconfiado do que digo pouco, no turbilhão de tantas cenas, episódios e personagens, buscando o acontecimento nítido, como um forçado da memória? Sombras antigas recebem jorros de luz e reclamam sua presença, como quem tem lugar marcado. Imagens recentes, plenas de claridade natural, dissolvem-se ao sôpro ardente da infância que irrompe nesta sala do apartamento tríplex pelo qual tive de me bater, acuado e injuriado, como se tivesse praticado uma ação feia fazendo uma biblioteca onde era um telheiro cheio de entulho; esta sala que me custou tantas amarguras, representa, ela própria, uma vitória na qual vão sendo arrumados, como troféus dêsse triunfo, os livros que retraçam tantas vidas; entre elas, aos pedaços, a minha. Consola-me o verso de Auden, que Ivan Lessa tão bem traduziu: **Louva as pedras chamejantes que dissecam tua ambição por dissolverem teu orgulho.**

A sala vai-se enchendo de rabiscos e recortes, reponta uma foto amarela, um retalho de papel antigo. Minha mãe, relutante sempre que se trata de mexer nos seus tesouros, traz como um beijo uma carta dos meus nove anos, testemunho das nossas solidárias solidões:

> **(...) Já escolhi minha profissão. Hei de ser engenheiro agrônomo. Não me meterei na política. Já fiz êste juramento. Não defenderei mas também não atacarei. Sei que isto te desgosta porque foi com esta maldita política que meu pai se perdeu. Adeus, mãe adorada. No dia 30 de setembro haverá uma festa muito grande, na escola. Vamos representar etc. Adeus! Queira aceitar 10 10 10 10 10 10 10 10 9 9 9 9 0 0 0 0 0 0 0 0 beijos do filho Carlos Frederico Caminhoá Werneck.**

Não era mentira nem verdade. Começava ali essa atração-repulsa, a sedução-recusa que um dia, em 1944, creio, de volta de uma conversa com Virgílio de Melo Franco, me faria anotar o que Dona Carolina Nabuco registra na sua bela biografia de Virgílio. Disse-lhe Georges Bernanos, o vulcânico escritor francês: **Minha única e modesta vocação neste mundo é a de falar quando todo mundo se cala.** Entendi-o quando o conheci. Quando êle ia a **O Jornal** entregar o seu artigo de exilado da França ocupada. Fiz um artigo petulante, censurando seus pendores monárquicos, êle disse apenas: **Merde!!** Mas, em casa de Virgílio, olhou-me no fundo dos olhos, parecia ter sentido que ali estava um aprendiz do seu ofício, o de falar quando todo mundo se cala. Bela vocação, mas não modesta. Nem confortável.

Passei boa parte da vida guardando e perdendo papéis, juntando, salvando, transportando livros ainda mais do que lendo. Agora, neste forçado remanso, quando os apressados me julgam vencido e querem passar por cima para chegarem mais depressa, e outros, alegando as minhas ambições, pressurosamente satisfazem as suas, tenho de fazer o que sempre tentei evitar, falar de mim; pois é através de minha experiência e testemunho que se encomenda um panorama do Brasil nestes tempos em que perambulo pelo mundo de Deus a fora.

D. Olga, mãe de Carlos Lacerda, é descendente de açorianos. A foto é de dez anos atrás.

Dêste Brasil só não conheço, ainda, o Acre e Roraima, onde hei de ir ainda êste ano — pois é uma pena não conhecer o Acre e Roraima. Ia agora a Marajó e voltaria uma vez mais a Caxias. Ficou para mais tarde. Antes que me esqueça, também me faltam as ilhas da Trindade e Fernando de Noronha, onde antes de morrer hei de pescar. Do mundo, falta pouco para ter ao menos passado um pouco por tôda parte. Como dizia o referido Sr. de Montaigne, eu sou a matéria do meu livro. Como definir o que se quer de mim? Junto com alguns manuscritos encontrei um bilhete que meu pai me mandou das memórias que começou a ditar lá em casa, no apartamento 202 do prédio 337 da Rua das Laranjeiras, onde meu filho Sérgio, pequenino, tinha dois amigos imaginários, no morro do Mundo Nôvo, Leide e Ninil, com os quais conversava da minúscula varanda para o morro longe. O bilhete, de 1941, dizia:

> **(...) Trata-se de simples apontamentos para essa história tôda espontânea de uma vida pública, no Brasil do século XX, que estamos tentando lançar num molde totalmente nôvo, sem a monotonia das memórias e o personalismo das biografias, numa página mais oferecida à compreensão humana do que à informação e à análise de um homem e dos fatos que o envolveram. Essa obra que estamos fazendo, confesso que só a encetei à fôrça da tua crença no seu interêsse para o mundo que deverá ficar entre as tuas mãos quando as minhas já se tiverem cruzado no limiar da morte. Entre as tuas mãos e as de teus irmãos, que são todos os meus filhos, aos quais não desejaria deixar apenas um punhado de histórias sem um epílogo que as encerrasse, enchendo de nôvo o coração de vocês de grandes esperanças. De vocês e do mundo que anda tão deserto delas.**

Êle deu, sem saber, a definição do que agora faço. Pelo menos é o que pretendo, sem ignorar que outro tanto, ou mais, fica por dizer.

Encontrei um apontamento tomado num dêsses momentos em que a vida estava ameaçada demais. Foi quando um grupo de pára-quedistas do Exército, em 1964, recebeu ordem para me prender e, se resistisse, matar. Entrei no meu gabinete de governador, no Palácio Guanabara, escrevi umas recomendações, para o caso de se consumar o atentado, fechei-as num envelope e entreguei-o a Cláudio Soares. Depois anotei num papel avulso: **Peço a Deus que me mande a morte de surprêsa — mas sempre me prepare para recebê-la.**

Por isso mesmo, essa questão de origens nunca me preocupou muito, a não ser para entender melhor as conseqüências. Talvez por isso seja útil saber de onde vim. Como o poeta — outro português — José Régio, poderia dizer: **Só sei que não vou por aí.**

Recentemente um prestimoso espanhol, funcionário da Companhia Nestlé, em São Paulo, ofereceu-me uma cópia do brasão que seria da família Lacerda, em suas remotas origens na Espanha, de onde êle a trouxe. Tudo teria começado com São Fernando, rei de Espanha, pai do Imperador Dom Afonso, o Sábio. Êste foi pai do Infante Dom Fernando de Lacerda, pretenso rei de Castela, pai de Luís de Lacerda, cuja filha Isabel, da cidade do Pôrto, casou-se com Dom Bernardo de Bearn. Do casal nasceu Dom Gaston, segundo Conde de Medinacelli, pai do terceiro conde, Dom Luís de Lacerda, e do quarto, Dom Gaston, êste por sua vez pai do quinto conde e primeiro Duque de Medinacelli, Dom Juan de Lacerda. O segundo duque, Dom Juan, teve um filho, Dom Juan, quarto duque (e por onde andou o terceiro?). O quinto teve um filho, Juan Luís, sexto. E dêste veio o sétimo duque, também Juan Luís. O oitavo foi seu filho Juan Francisco, pai de Dona Felícia, Marquesa de Priego, que se casou com Luís Maurício, pai de Dom Nicolás Maria Luís Fernández de Córdoba, nôvo Marquês de Priego, décimo Du-

Maurício de Lacerda, quando deputado, na época da I Grande Guerra.

Dona Olga e seus três filhos: Maurício, Carlos (no centro) e Vera. Esta fotografia foi tirada no ano de 1930.

que de Medinacelli, em 1736. O escudo dêsses Lacerda espanhóis é quartelado, primeiro a quarto com leão rampante, sôbre partidos de prata, um castelo de ouro sôbre fundo rubro e três flôres de lis.

No Ginásio Pio-Americano, quando eu relia tantas vêzes, para evitar o estudo de outras matérias piores, a História Universal, de João Ribeiro, que na ponta da língua recitava ao Professor Honório Silvestre — homenzarrão de coração de criança, vestido com uma roupa à caçadora, combinando amarelo-cáqui com verde-garrafa, e uns óculos de aro de metal, os primeiros que vi e me pareceram distintivo de sua bondosa natureza — encontrava aquelas linhas que me deixavam sonhando:

> **João II (...) era um homem áspero, vingativo e inepto. (...) Fêz decapitar o condestável de França, o Conde d'Eu. O lugar de condestável foi então dado a um espanhol, Dom Carlos de Lacerda, feito conde de Angoulême, que foi assassinado pelo cunhado do rei, Carlos, o Mau, de Navarra.**

Não me agradava a idéia de ter um xará, mesmo condestável, assassinado; ainda menos, a de um xará assassino. Mas, parecia-me supinamente ilustre, contar com um homônimo na página 266 da História Universal, de João Ribeiro. Na hora do estudo, à falta do que fazer, cismava: como seriam êsse Carlos Mau e êsse Carlos Bom? Porque bom? Ora, porque morreu logo.

Em Portugal, meu primo, o escritor Luís Forjaz Trigueiros, imensamente parecido com a figura de pedra no mausoléu do bispo que lutou em Aljubarrota, ouviu dizer que descendemos todos de um irmão de Nun'Álvares Pereira. Ouvi também meu avô Sebastião contar que o seu modesto pai, quando melhorou de vida, aceitou a proposta de um sujeito que apareceu em Vassouras e, mediante remuneração, fazia pesquisas genealógicas. A certa altura da pesquisa e da despesa, o genealogista foi parar num bastardo do rei de Espanha. Pediu mais dinheiro para subir além. E o velho João Pereira de Lacerda, a quem o dinheiro não sobrava, disse ao pesquisador: **Por êste preço, meu amigo, já me contento em descender de um bastardo.**

Meu primo José César de Oliveira morou muito tempo na casa de meu avô, onde todo mundo morou algum tempo, famoso por ter ido aos Estados Unidos, numa época em que ninguém ia, e ter tirado os cartuchos do nariz — nunca fiquei sabendo exatamente o que vêm a ser cartuchos no nariz; êle, por isso, passava algumas horas, tôda manhã, espevitando as narinas com um palito até espirrar para desobstruí-las; era uma pessoa muito bem educada, embora gostasse, como todo mundo naquela fase da história da humanidade, de pirraçar crianças. O gôsto de pirraçar crianças continua a ser, mais do que o Produto Nacional Bruto, um índice do subdesenvolvimento brasileiro; o que lhe valeu, a êsse bom primo, certa manhã, à mesa do café, em casa, uma leiteira na cara, e a mim, umas chineladas. Pois bem, o José César contava que tínhamos uns primos escuros que se diziam mouros. Nunca se sabe.

No mês passado recebi de uma cidade do estado americano de Massachusetts carta de uma enfermeira americana, Laura Lacerda Barrett, contando que seu bisavô Lacerda, tripulante de um navio de pesca à baleia, fôra dos Açôres engajar-se na guerra civil americana, e costumava dizer que tinha um irmão, João Pereira de Lacerda, que veio ao Brasil, voltou a Portugal, de onde retornou, casado, ao Brasil. É exatamente o caso do meu bisavô. Assim esta história fica sem leões rampantes nem Aljubarrotas, o que é pena, mas é mais certo.

E pelo visto, inclui baleias. Haverá mesmo êsse tio tripulante de um baleeiro? Quando saí à caça de baleias, ao largo de Cabo Frio, em 1961, com os japonêses da Tayo, aprendi que o vocabulário dos baleeiros é inglês; depois dos bascos primitivos, que acabaram com os cachalotes das Baleares, os anglo-americanos dominaram também essa caça. Nos Açôres, os portuguêses, quando a baleia joga para cima o vapor de água, resultante da diferença entre a temperatura do mar e a do seu sangue, que tem os mesmos 36 a 37 graus do corpo humano, o vigia na praia sopra o búzio e grita ao trancador, que lança o arpão: **Blós!** (do inglês **she blows** — ela bufa).

A bordo do Toshi-Maru II, em 1961, o Comandante Akira Okiyoshi, que vinha do Pólo Sul e ia para o Canadá, ao largo de Cabo Frio, na madrugada de maresia, chama o boreste de **pórut**, do inglês **port**; o estibordo de **stabór**; e quando mandava à frente gritava: **Strêi!** (de **straight ahead**). Ao ver a baleia rorqual, que caçamos no mar, gritou para os açorianos: **Blós!** Mas nos Açôres a nossa gente não raro ainda pega baleia como no **Moby Dick**, que vi filmando nas ilhas Canárias. Não a poder de arpão-canhão, como fizemos em Cabo Frio; é no arpão a mão, que ainda existe, o corpo-a-corpo do ilhéu com o maior bicho de todos os tempos, inclusive os de antes do dilúvio.

Pereiras, Forjazes e Lacerdas terão pegado, assim, à unha, como picadores, quantos dêsses monstros cuja língua pesa mais do que um elefante inteiro?

Na ilha de S. Miguel dos Açôres, chamada a Ilha Verde, há uma aldeia que foi quase tôda povoada por Pereiras e Lacerdas. Ali as charretes eram puxadas por carneiros e havia cães que levavam as compras, com o cêsto à bôca, pelos caminhos cobertos de flôres, sob as quais dormem vulcões.

Dali veio João Augusto Forjaz Pereira de Lacerda, "hábil guarda-livros", casado com Maria Emília Gonçalves de Andrade, da ilha da Madeira, sobrinha do primeiro bispo diocesano de São Paulo e irmã do Professor Francisco Justino de Andrade, lente de Direito Civil da Faculdade de São Paulo e do Cônego João Jacinto, que não era tão austero quanto o irmão.

O tio Justino tinha uns óculos pequenos e negros, num daguerreótipo sôbre a mesa da sala de visitas de meu avô, que juntava a mais extraordinária variedade de objetos disparatados, desde uma águia de bronze sôbre um bloco de mármore bruto até uns patinhos de celulóide que uma vez tirei para brincar no tanque, entre os peixes vermelhos, o que indignou meu avô, sem explicações; pareceu-me que os patos de celulóide eram alguma relíquia misteriosa de um tempo que não sei. Os pequenos óculos escuros e a volumosa beca, no daguerreótipo com reflexos de metal em que as figuras se tornam esquivas, metiam mêdo, até que as via num certo ângulo de luz e se tornavam naturais, amenas. O Conselheiro Justino, padrinho de meu avô, levou-o para se formar em São Paulo e lhe deu a biblioteca de Direito e Humanidades, uns

O cirurgião Chapot-Prevost, que pela primeira vez separou um casal xifópago; bisavô de CL.

LACERDA

ROSAS E PEDRAS DO MEU CAMINHO

sete mil livros escuros e solenes. Mas deserdou-o quando êle se tornou republicano; pois o velho professor era tão monárquico que recusou o convite para redigir o Código Civil na República e foi jubilado por não renegar a monarquia. O môço Sebastião trouxe do Largo de São Francisco, em São Paulo, para Vassouras, o sôpro republicano. Os seus tios ficaram fiéis ao dêles, o Bispo Dom Manuel Joaquim Gonçalves de Andrade, a quem a Marquesa de Santos deu um relógio de mesa que minha prima Dulce ainda guarda, num sobrado da Praça da República, embaixo do qual surgiu uma churrascaria onde ela fêz pintar, com o consentimento do dono, flôres enormes e cenas culminantes da História do Brasil igualmente coloridas, inclusive a proclamação da República, com Deodoro, barbado, numa crise de asma, derrubando o imperador a quem chamara de seu protetor — como lembra, amargo e violento, o Barão do Rio Branco. Certa vez, numa roda do antigo Hotel Esplanada, meu pai, brilhando como sempre, insinuou qualquer relação íntima entre o bispo e a marquesa; mas uma das môças da roda protestou: **Isso não, minha bisavó nunca foi amante de padre.** E não deve ter sido.

Numa procissão, na chácara do avô (1925), CL aparece à esquerda, segurando um estandarte.

Mas o tio-bispo ganhou o relógio e lá estava, com o Padre Feijó e Manuel Joaquim do Amaral Gurgel, na reunião do Conselho, em 1828, à qual faltaram, "com causa justificada", os Srs. Barros, Prado e Tobias de Aguiar.

De volta ao Brasil, já casado, João Lacerda foi acompanhando o avanço da construção da Estrada de Ferro Central do Brasil de estação para estação, comerciando. No excelente estudo do jovem professor de Princeton, Stanley J. Stein, sua tese de doutorado em Harvard, sôbre a formação de Vassouras, retrata-se essa marcha:

> **A Estrada da Polícia, que passava por Vassouras, promovida a vila em 1833, era em 1840 "a mais extensa e importante do Brasil, estendendo-se por 400 léguas, de Cuiabá ao Rio" (...) Já em 1831, sob a influência do movimento que fixou a independência, com Pedro I no dia do Fico, fundou-se ali a Sociedade Promotora da Civilização e Indústria de Vassouras. Nos estatutos exigia-se:**
>
> **"Art. 17 — Para ser admitido sócio, requer-se:**
> **§ 1.º — Que seja-se amante da liberdade e independência nacional."**

Um dos primeiros cuidados dessa sociedade foi formar uma tipografia. E já em 1873 e 1899, em 26 anos, circulavam em Vassouras, entre órgãos de interêsse geral e estudantis, conta Jorge Pinto, 29 jornais, entre os quais **O Isotérmico, O Phonographo, O Beija-Flor,** também **O Calvino, A Idéia Nova, O Futuro, A Voz da Juventude, A Mocidade.** Num dêles, o **Jornal de Vassouras,** além de escrever, aprendi alguma coisa de tipografia, ajudando a compor à mão, sem jeito nenhum, nas alturas de 1933, com os irmãos Jordão.

Das tropas de burros que demandavam o Sul, para o Rio e Iguaçu, as lojas compravam a produção de Minas Gerais, tecido de algodão cru, toucinho e couros. De torna-viagem mandavam as mercadorias importadas, tecidos finos, gêneros secos; charque, fubá, arroz, feijão, bacalhau, queijo, bolachas, cachaça e vinho ordinário de Portugal, fitas, pentes, carteiras, escôvas, sabonete e ferramentas, baldes de fôlha-de-flandres, às vêzes roupa feita e peles curtidas, para as minas das Minas Gerais, ricas de ouro e diamantes, famintas de tudo mais.

O Barão do Pati reclama que só com dez anos mais a ferrovia ia chegar à serra, saindo da Baixada Fluminense. Muito fazendeiro achava que o projeto nunca seria concluído. E alguns queriam que nunca o fôsse. **Tenho muitas dúvidas,** geme o barão, **nossas esperanças falharam muitas, muitas vêzes, e os homens não mudam.** Num romance da época (Macedônio, **O Filho do Capitão-Mor,** 1877) ficou retratada a aristocracia do café, que não era pròpriamente uma aristocracia, mas uma forma que o imperador tinha de recompensar os serviços dos vassalos. **Vão muito bem como simples lavradores e se arruínam quando recebem um título.** No Congresso Agrícola de 1877, adverte um fazendeiro de Paraíba do Sul:

> **É um imenso êrro supor que a nossa produção sofre apenas da falta de trabalho escravo e de crédito. (...) Sòmente os que não pensam nem estudam, sòmente os que não seguem nem examinam atentamente e bem de perto o nosso sistema de cuidar da terra sem arte nem ciência, o curso de nossa agricultura, as revoluções meteorológicas e as mudanças de clima que o Brasil tem sofrido no último quarto de século — sòmente êsses podem sustentar essa suposição primária.**

Uma baronesa, com realismo feminino impressionante, no seu **Relatório sôbre o Estado de Nossa Casa,** protestava contra o "espírito de rotina (...) os preconceitos arraigados (...), a completa repugnância pelo exame e estudo da agricultura como ciência". Seu marido, Francisco Peixoto de Lacerda Werneck, o Barão do Pati, na minuciosa memória que escreveu sôbre o modo de formar e manter uma fazenda, falando da relativa improdutividade e absoluta carestia dos escravos, na terra escalavrada, chega a recomendar que para evitar "quebra" na produção é conveniente fazer os moleques que descascam amendoim assobiarem durante o trabalho, para não comerem demais aquêle grão. E já plantavam amendoim e mandioca porque, com escravo ou sem êle, a terra já não dava café — e o café já não dava o que dera.

Esta realidade, ignorada muito tempo pela história oficial, para a qual foi a abolição que desorganizou a agricultura, desvendou documentadamente, o jovem mestre americano Stein, que fêz o que no Brasil fizeram os Varnhagen, os Capistrano de Abreu, os Rodolfo Garcia, os Gilberto Freire, os Otávio Tarquínio e poucos mais: foi às fontes.

A renovação estava no ar, todos a sentiam. A escravidão já estava liquidada, antes de acabar. Não sem antes atrasar o Brasil, ao sobreviver além de tôda expectativa. Num manifesto sôbre a escravidão o jovem Sebastião de Lacerda lembra que a escravidão é um crime nacional e, portanto, a nação expiará durante muito tempo o seu crime.

Antes da estação de Comércio receber, em 1930, o nome de meu avô, seu nome estava na tabuleta de outra, entre Barão de Vassouras e Concórdia, agora Demétrio Ribeiro. Quando o "expressinho", que parava em tôdas, saía de Barão, o chefe-de-trem entrava no carro anunciando: **Lacerda!** Eu olhava para meu avô e me espantava por não vê-lo responder.

Mas, quando seu pai, o açoriano João Lacerda, foi parar em Comércio, em 1877, na firma Teixeira Guedes, que comprava e embarcava café, não teve tempo para se espantar de nada. O trabalho era duro. Num ano passavam por ali — de um lado do rio era Vassouras, do outro Valença — mais de 600 mil arrôbas de café, umas 150 mil sacas de hoje.

João Lacerda recebeu em pagamento a casa da antiga Fazenda de São Manuel e um sítio de terras adjacentes, antiga propriedade dos Vieira Machado. Na senzala da fazenda moravam os personagens de minha malograda peça **O Rio,** escrita por encomenda de Álvaro Moreira, lançada com pseudônimo e retirada, às pressas, do cartaz, no Rio, em 1937, porque foi denunciada no jornal como comunista. A peça não era comunista, era apenas ruim.

No "quadrado", terreiro de café da fazenda antiga, João Lacerda construiu a chaminé de sua padaria, demolida em 1938 para não ruir. Enquanto êle vendia pão, Maria Emília drenava o brejo da beira do Paraíba e, saindo tôda manhã do chalé construído entre as árvores nascentes, plantava mangueiras. Quando começaram a dar mangas ela mandava vendê-las na estação aos passageiros que afluíam para o trem, a despeito do ceticismo de alguns estadistas do império. **(Se o trem transportar tanto num dia, que vai transportar no resto do mês?** — perguntou um senador inquieto.)

Essa mulher, Maria Emília, é uma daquelas mulheres fortes, enérgicas, que diretamente ou por ouvir contar, povoaram a minha infância. A madeirense matriculou, com o dinheiro das mangas, dos abacates, cajus e jabuticabas, os filhos Sebastião e Edmundo na escola primária Mascarenhas, no Massambará, chamado Sossêgo, na serra acima de Comércio, hoje à beira da Rodovia Volta Redonda—Três Rios. Dali o padrinho levou Sebastião para a sua faculdade em São Paulo, enquanto o irmão, Edmundo, estudava Me-

Lacerda, ainda menino (o segundo, à esquerda) com o pai numa excursão política a Campos.

dicina no Rio, e a irmã Silvina, Vinoca, casava-se com um cunhado de seu irmão, o fazendeiro Júlio dos Santos Paiva, dono da Fazenda da Forquilha, no município hoje chamado Rio das Flôres, então Santa Teresa de Valença, onde conheci a liberdade e o amor. Êle era uma alma boa escondida atrás de uma barba severa, um homem da terra, que morreu numa espécie de destêrro urbano, na Rua Alice, 36, os dedos amarelos de nicotina, a voz morrendo antes dêle, com muitos filhos e netos que romperam, com a sua animada convivência, a solidão da minha infância. Duas irmãs de meu avô morreram meninas. De uma ouvi dizer que afogada num tanque que havia no centro da chácara do meio, separada da chácara de baixo pela estrada de ferro e debruçada sôbre o Paraíba. E o rio clareava de uma luz amarela, vinda das águas barrentas, o verde-escuro do arvoredo e aquêle fundo sempre úmido, trescalante, como de um alambique de sumo de frutas, sombra suculenta das árvores plantadas pela infatigável mulher da ilha da Madeira.

No dia em que meu avô recebeu a visita, sugerida por meu pai, de um especialista do Jardim Botânico do Rio, que levou umas fôlhas murchas e umas raízes escuras, para plantar vitória-régia e flor-de-lótus no tanque da chácara, começaram a tirar os peixes vermelhos e o esguicho que havia no meio; encheram o tanque de lama, tanta que a vitória-régia e o lótus apodreceram, não deu nada. Meu avô, compenetrado, fiscalizava a operação. Mas eu, de volta de uma triunfal batalha contra os infiéis, num cavalo de bambu verde dobrado para formar a cabeça amarrada com um cordel, fiquei varado de angústia, à espera de surgir do fundo do tanque o esqueleto juvenil da minha tia-avó. Parei em volta, espantado de me deixarem espiar o aparecimento macabro. Os homens, compenetrados, enchiam de terra o tanque. Esperei que a minha tia-avó, menina e morta, ao menos gritasse, sufocada, afogada pela segunda vez debaixo da vitória-régia. Mas acabou o serviço, tudo ficou silencioso. Voltei aos meus deveres, galopando sôbre o chão de fôlhas úmidas, entre cacaueiros novos e imensas mangueiras muito juntas, que cresciam, contorcidas, em busca do sol disputado umas às outras. No caminho de cima subi ao meu castelo, que ficava no alto de um pé de sapoti, cuja ponte era um galho que dava sôbre a alamêda, cedendo ao passo lesto dos seus habitantes, minha irmã, e algumas crianças do lugar, Anita, Dorita e seu irmão meio "gira".

Mas quase sempre eu estava só e tinha de povoar o meu mundo. A não ser quando me dispunha a ajudar o avô, que vinha das sessões do Supremo Tribunal tôda semana, no trem pachorrento e cheirando a pó de carvão; logo de manhã, com um casaco comprido e negro, um chapéu mole de fêltro sôbre a calva, a pêra branca no queixo, êle ia ao Depósito Lacerda e eu atrás, arrumar mangas, nas cestinhas tecidas por um prêto velho — Isidoro, creio que se chamava — para vender na estação. Minha ajuda era sempre bem recebida, no comêço, depois repelida porque custei a aprender a técnica da arrumação, que consistia em botar em cima as mangas mais bonitas e embaixo, mesmo que mais doces, as menos decorativas, às vêzes apanhadas de manhã no chão, derrubadas pelo vento da noite. Meu avô se permitia essa manha, com a mesma solenidade com que emitia seus votos no Supremo Tribunal. Quando fazia calor êle tirava o chapéu, sob um pé de lechia, ou lichi, a fruta chinesa que recentemente comprei todo dia, amarrada em cachos, nas esquinas de Kowloon, em Hong-Kong, e da qual fiz pequeno contrabando de sementes, inútil, pois viajaram por tanta biboca que perderam a fôrça de germinação. Meu avô tinha um quisto do lado direito da testa. Na minha opinião, que êle confirmou, era um caroço de manga. Não sabia como iria se arranjar quando o caroço brotasse, o que era previsível, com tanta mangueira por todo lado. Não lhe perguntei, mas ficava olhando de um jeito especial, êle percebia e se ria — e íamos andando. Êle dividia o tempo entre as mangas, o neto preferido, a viuvez precoce, algumas aventuras muito discretas encerradas, que eu saiba, no ano em que nasci; e certa misantropia que o fêz enjoar da política e dedicar-se, no tempo que as mangas lhe deixavam, aos deveres do Supremo Tribunal, para o qual entrou com respeito devoto, onde viveu com orgulho e morreu com nojo; tinha senso de humor — mas insistia em levar a Justiça a sério.

Foi um político ardente, antes de se apaixonar pela Justiça. Chegado da Faculdade de São Paulo, na festa da madrinha Augusta (a madeirense que morreu com mais de 90 anos em Vassouras, e que protestava contra as reuniões políticas porque enchiam o assoalho de cinza e punham pontas de cigarros nos pires de café — **onde está o homem, está o porco,** ela dizia a qualquer figurão, mandando varrer debaixo dos pés da visita), o vigário português de Vassouras recebeu o nôvo advogado com estas palavras: **Com que então o rapaz sempre deu um coice na Academia!** Sua primeira defesa foi a de um prêso político.

Aos 16 anos de idade, quando começou a escrever para um jornal de Vassouras, sua cidade.

Pouco depois casou-se com a filha de um fazendeiro de Santa Teresa de Valença, Sílvio dos Santos Paiva e sua mulher, Deolinda Roiz de Avelar Barbosa Paiva; razão pela qual meu pai e minha mãe eram primos pelos Avelar. A bisavó Deolinda veio do Barão de Santa Justa, cujo tronco é aquêle Francisco Rodrigues Alves, que recebeu em 1782 a Sesmaria de Vassouras e Rio Bonito. Os Barbosa dessa bisavó, dos quais conheci alguns exemplares, como o Zé Cipriano, tuberculoso durante muitos anos, moreno e magricela, passeando os filhos, um menino e uma menina muito quietinhos e bem vestidos, o pai com uma cara triste e obstinada, mordendo o indicador dobrado em dois para significar o seu horror à sogra; e Antoninha, professôra pública que se esforçou para me fazer aprender um pouco mais de tudo, e um dia me levou à escola do Realengo que ela dirigia e me fêz almoçar, pela primeira vez, num batalhão da Vila Militar; êsses Barbosa tinham extravagantes antepassados, como aquela que de ciúmes deu cristel de pimenta numa escrava; eram uma gente violenta e sofredora, no fundo boa gente, como a minha prima Zilda, casada com o palhaço Olimecha, do circo que tem o seu nome, uma flor de criatura.

Maria da Glória Paiva de Lacerda, em casa chamada a Pequetita, era uma bela môça de grandes olhos sonhadores, tocava violino, tinha sangue gaúcho e um pequeno coque no alto da cabeça. Também eram dos Açôres seus avós, daqueles "açoritas" que primeiro povoaram a Província de São Pedro, depois Rio Grande do Sul. Em São Gabriel nasceu seu pai, Sílvio dos Santos Paiva, batizado em Pôrto Alegre em 1850, sendo sua mãe catarinense, Felícia Cândida de Paiva e o pai João dos Santos Paiva, que andou metido na revolução farroupilha, do lado da República do Piratini, naturalmente. Em São Gabriel, numa casa que foi dos Mena Barreto, e hoje numa estância da viúva do grande Assis Brasil — cujo castelo de Pedras Altas visitei há pouco, trazendo o suéter de lã do carneiro que descende dos que êle importou, cardado e tecido por dona Lídia, essa figura admirável e tocante, existe um relógio de pé que foi do meu trisavô Paiva; no Museu João Pedro Nunes (criado por êsse incansável servidor da História, lá onde estão relíquias da FEB, porque o Marechal Mascarenhas de Morais é de São Gabriel, e a ata original da rendição do general boliviano no Acre, porque Plácido de Castro, que deu o Acre ao Brasil, também é de São Gabriel), quando meu pai passou, de lenço vermelho no pescoço, preparando com discursos a revolução de 30, com Assis Brasil, Batista Luzardo e veteranos das velhas

LACERDA

ROSAS E PEDRAS DO MEU CAMINHO

lutas de maragatos e chimangos, de libertadores e borgistas, antes de se unirem em Frente Única, escreveu uma página comovida sôbre o relógio que marcou as horas da família que, emigrando para o Estado do Rio, deu a môça dos olhos sonhadores, a avó que não conheci senão pela falta que meu avô sentia. Pelo visto, a Pequetita não destoava daquelas mulheres enérgicas. E se tinha caprichos de menina, comendo goiaba no escuro para não ver os bichos — meu avô conservava uma goiabeira de mais de dez metros de altura, que não dava mais goiabas, só porque era ali que ela ia colhê-las — tenho pena de não saber onde foi parar uma carta sua que li há muitos anos. Ela conta ao pai que sem querer havia lido carta dêste ao genro, comentando a doença da filha. Então ficou sabendo de repente que estava desenganada do coração. Era uma môça do tempo antigo, tinha 29 anos e três filhos para criar. Sua carta é firme e decidida, de consôlo ao pai e ao marido e preparação para deixar o mundo e os filhos na sua mão.

Quando comecei a aprender violino, na Rua Paissandu, com minha prima Dora Soares, que sabia tudo, inclusive inglês, quando as môças de sociedade só sabiam francês, meu avô ficou todo contente, porque ia ter quem usasse o violino da Pequetita. Apanhei tanto para estudar que, ouvindo dizer que estalar os dedos engrossa as juntas e torna difícil dedilhar as cordas — passei a estalar os dedos, até hoje. Por isso, quando um adulador disse que tinha mãos de gênio — êle queria ser meu sucessor na Guanabara — olhei para minha mulher e sorrimos; ela sabia que tenho apenas mãos de quem apanhou muito para aprender violino. Logo que a prima Dora se casou com o violoncelista Varela Cid e foi para Lisboa, abandonei o violino, aliviado.

A minha Babá tinha bom ouvido e me corrigia as desafinações com cocorotes e puxões de orelha; não raro levava o arco nos dedos, como uma vara. Cheguei a dar uns concertos às visitas, puxado a be-bop e umas peças muito fáceis, de Mozart. Minha avó Delmirinha, surda desde mocinha, fazia um esfôrço e ouvia o prodigioso neto. Mas, quando deixei o violino, com os dedos grossos mas sem apanhar, livrei-me também da vergonha que me dava, três vêzes por semana, da Rua do Leão à Paissandu, com a Babá do lado e de cabelo comprido e franja, à inglêsa, fazer o caminho da aula, ela conduzindo a caixa de violino e eu, impaciência e mêdo, que o carinho de Dora mal continha.

Dêsse jeito ou se vira gênio do violino — ou se escuta violino na vitrola. Escolhi a segunda possibilidade.

Quando meu avô emergia da biblioteca que levou do tio cônego, rodávamos a manivela da Voz do Dono e começávamos a ouvir o Mischa Elman, o Pablo Sarasate e seus **pizzicati** de virtuose, ou o Caruso na **Elégie de Massenet (Oh: Doux printemps d'autrefois, verte saison)**, o Tamagno, a Galli-Curci, a Geraldine Farrar, o Tita Ruffo, na **Barcarola (La gondola circula, soavemente, sul canale, la pallida fanciulla...)**. Êle acompanhava a triste melodia, ou mudava para as cançonetas da Madame Angot e dos Sinos de Corneville, as operetas do seu tempo. E eu, só ouvindo. Mas, no banheiro, descobri que tinha voz — e cantava tudo aquilo, inventando frases onde as originais me faltavam.

Aos 34 anos êle era ministro da Viação de Prudente de Morais e abandonou tudo para cuidar dos três filhos e da viuvez. Com a ajuda das cunhadas foi cuidar dos meninos, Maurício, Fernando e Paulo. Dedicou-se à Companhia Centros Pastoris, fundada pelo sogro em Ubá, hoje Andrade Pinto. Mas alguns amigos políticos que deixou no Estado do Rio traíram-no, no hábito de renegarem as criaturas o seu criador, nessa escola de vale-tudo que é a política, na qual muita gente entra em nome de ideais e acaba ficando sem saber por que, talvez por falta de outra profissão, mêdo de enfrentar o batente cá fora, malemolência da conversa interminável e da caça aos sinais exteriores do poder, com os quais se contentam essas boas almas.

Vassouras foi ocupada pelo banditismo político, capangas importados aterrorizavam a população, o **Pula-Ventana** — nome que um dêles trouxe do Rio — assustava tôda gente, com a rasteira e a navalhada. Meu avô aceitou o desafio. Voltou à política, pleiteou uma cadeira de deputado, foi derrotado pelo que se chamava o "reconhecimento de podêres", no qual uma eleição ganha nas urnas podia ser perdida na diplomação, pois era julgada pelos próprios políticos do govêrno. Mas, em 1909, voltou a presidir a Câmara de Vassouras, em oposição ao govêrno estadual de Alfredo Backer, elegeu-se deputado e presidente da Assembléia Fluminense, foi secretário-geral do govêrno.

Prudente de Morais disse dêle que era o menos político dos seus ministros, por sua intransigência sistemática, "que aliás sempre apoiei", disse o grande presidente, embora "com não pequenos tropeços".

Depois de redigir, em maio, a proclamação sôbre a abolição da escravatura, Sebastião redigiu o manifesto do Partido Republicano em Vassouras, de 1.º de julho de 1888, que parece de hoje:

> **(...) O sistema representativo no Brasil tem sido ilusório. Tôdas as reformas, as mais importantes medidas políticas, sociais, administrativas e econômicas, são impostas pelo poder executivo à representação nacional. O elemento temporário do poder legislativo abdicou de suas prerrogativas, da influência que deveria ter sôbre os destinos da pátria; o elemento vitalício julga-se exonerado da obediência às inspirações do pensamento público O segundo transformando-se em corporação oligárquica, a Câmara preterindo o bem público para obedecer a exigências e interêsses partidários, provam à saciedade quão vicioso é o maquinismo governativo, onde o elemento representativo desapareceu e consentiu no jugo de um absolutismo disfarçado. Assistimos ao reinado das ficções, da mentira, da hipocrisia.**
>
> **(...) Os partidos governamentais, assaz desmoralizados, baldos de princípios, do amor à causa pública, reduziram-se a agrupamentos sem bandeira e refratários a interêsses de ordem superior.**
>
> **Na arena política, as lutas têm sido improfícuas, os movimentos dos partidos cingiram-se à mesquinha e limitada esfera das paixões privadas; barateando a dignidade nacional, olvidando os deveres cívicos, sacrificaram, em proveito da monarquia, a liberdade que se funda na justiça e no respeito do direito de todos.**
>
> **(...) Queremos a república sob a forma federativa.** A federação é a forma política da humanidade, disse **Proudhon; a centralização é a negação da liberdade e a liberdade é a negação da centralização.**

Aprendiz (mau) de violino, aos 8 anos. "Apanhei muito para aprender a tocar, sem resultado."

A ação do môço Sebastião foi anterior à Abolição e à República. Em 1873, com os vassourenses, êle redigiu a moção do município de Vassouras fazendo um apêlo aos demais fluminenses para conseguir que o govêrno imperial abandonasse a eleição indireta, que assegurava o domínio da oligarquia, e adotasse a eleição direta. Eis a moção, apoiada por doze municípios do Estado do Rio:

> **Propomos que se represente à Câmara dos Srs. Deputados pedindo a eleição direta, visto a maioria do país reclamá-la como o único meio de satisfazer as legítimas aspirações da nação.**

Quando, em 1912, o Presidente Hermes da Fonseca o convida para ministro do Supremo Tribunal, êle hesita. Não creio que o tenha convencido a carta de um contraparente, modêlo das que se escrevem hoje em dia:

> **Sebastião. O Clóvis (Beviláqua) não aceitou o cargo de ministro do Supremo Tribunal e** o Jornal do Comécio **de hoje (4.11.912) diz que você será o nomeado. ACEITE, ACEITE, ACEITE. Você, no Supremo Tribunal, pode muito bem encaminhar todos os seus filhos (...)**

Êle estava cansado de desgostos, os íntimos e os públicos, a saudade da companheira e as traições dos companheiros. O Supremo Tribunal, para o qual muitos não o julgaram bastante isento, seria o seu refúgio — assim esperava êle — contra as tentações da vida pública. Não foi, pois morreu numa profunda decepção com o modo pelo qual se aceitavam pressões de tôda ordem, nos julgamentos.

Pelo muito que em mim influiu, embora morto quando eu tinha 11 anos, creio tê-lo conhecido bastante. Havia no seu espírito um misto de alegria infantil de viver e uma reserva inesgotável de indignação. Suas reações eram fortíssimas, passeava de um lado para outro, as mãos nas costas, investia de dedo em riste, momentos depois, descarregada a tensão, retomava a conversa no tom mais ameno. Quando lhe

serviram, dias a fio, carne de vaca — o que não era comum na roça — êle interpelou a governante da casa, Isaura, que lia Paulo de Kock em tradução e as crônicas galantes de Humberto de Campos, o Conselheiro XX, em **O Imparcial**. A Isaura, apavorada de ter de explicar, recorreu ao administrador da chácara, o José Português, a êste contou com muitos circunlóquios que a vaca tivera de ser sacrificada por haver quebrado uma perna num dos buracos do pequeno pasto do Pau d'Alho, antiga lavoura roída pela erosão. Então, maravilhoso de indignação, os olhos fuzilando, êle explodiu: **Mataram a minha ama de leite!** Minutos depois comia, misturado com os restos da ira, o assado do jantar. No Supremo Tribunal, um dia, concedeu, como relator, habeas-corpus impetrado por um advogado que era seu desafeto. À saída, o advogado aproximou-se para agradecer. Êle não respondeu ao cumprimento. **Como?** perguntaram-lhe. **O Sr. concedeu-lhe** habeas-corpus **lá dentro e cá fora não lhe concede um cumprimento?**

— Fiz justiça lá dentro e cá fora.

Na solidão da chácara, na antiga sala de jantar do chalé de seu pai, junto ao qual êle construiu, no ano em que nasci, uma imensa casa de três andares, uma espécie de caixote sôbre o qual estendeu uns trilhos e encheu de cimento, numa tentativa de concreto armado que todo ano rachava e dava goteiras, êle aparecia, à noite, com os autos de processos que levava do Rio para relatar no tribunal. Lá estavam os ouvintes habituais: o José Português e eu. Falto de auditório, lia para si mesmo, mas em voz alta, o voto que acabava de escrever. Um dia o José Português perguntou-lhe, depois de ouvir atentamente: **Afinal, o senhor vota contra ou a favor?** E perguntava: **e o Hermenegildo, com quem vota? E o Lins? E o Godofredo?** E eu, só ouvindo, enquanto as maripôsas se queimavam na luz de carbureto, que silvava sôbre a mesa.

Compraram-me, um dia, uma roupa de veludo pela qual me encantei; esquecidos todos de que êle tinha horror a tocar em veludo. **Querem afastar o menino de mim!** Exclamou patético. Foi feito um acôrdo. Êle me comprou outra roupa; e a de veludo, só na sua ausência.

Da varanda coberta de zinco, onde a chuva tamborilava, vinha o cheiro da madressilva. Os canários enfileirados na varanda, em suas gaiolas tôdas iguais, eram recolhidos metòdicamente tôda tarde a um quarto perto da cozinha, que cheirava a fubá nôvo e a toucinho. Nas noites silenciosas, quando havia luz sôbre as mangueiras, ouvia-se o som fôfo das frutas maduras caindo no chão recoberto de fôlhas.

Fora dali, muitos o conheceram pela sua severidade, que no entanto se diluía em música, no gôsto de rir na intimidade, com anedotas inocentes de padre, de português, casos em que passavam personagens que descrevia em dois traços caricaturais, transferindo-se das **Pandectas** e do **Dalloz** à crônica dos jornais e ao Eça de Queirós. Discretamente católico romano à lusitana, com procissão e missa em dia festivo, foguetes e leitão assado, romântico envergonhado do seu romantismo. A sua vida que conheci foi docemente melancólica e enternecedora, na solidão rodeada de hóspedes, de parentes e visitas. A imagem que guardo é a do ministro severamente vestido, tirando do bôlso os rebuçados de Lisboa que trazia da cidade para a criançada da Rua do Leão; então não eram severas as suas mãos abertas, distribuindo os rebuçados, nem o olhão que contemplava a cena por êle próprio armada, de algazarra e desordem, a criançada da rua pendurada no seu casaco, enquanto êle subia, até que de repente dizia: **Basta!** e tudo, de repente, estancava. Guardo a imagem do homem solene, de vara de bambu na mão, aberta na ponta com uma pedra no fundo de um receptáculo em forma de flor, para colhêr as mangas que cutucava no alto das árvores enormes; e depois, numa cesta que o Altino levava entre uma cachaça e outra, que às vêzes ia curar no hospício de Vargem Alegre, acompanhava as mangas ao depósito para arrumá-las nas cestinhas e mandar vendê-las aos passageiros do trem; ou as enfileirava nos caixotes de querosene Jacaré vazios, acolchoados em palhas de bananeira sêca, despachados às lojas do Mercado do Rio, num trólei de linha que empurrávamos fincando o bambu na beira da estrada, até a plataforma da estação, onde num desvio o pessoal descarregava os caixotes — e eu entrava no Armazém Colosso para conversar com o filho do sírio, ou ia comer a goiabada da sorridente e tímida Emília, cuja mãe árabe era tão velhinha que tinha caroços enormes pelo rosto, como uma antiga e desolada cordilheira. Alguns caixotes com mangas muito especiais seguiam para as vitrines da Casa Carvalho e do Lopes Fernandes, na Avenida Rio Branco. Esta era a sua maior glória.

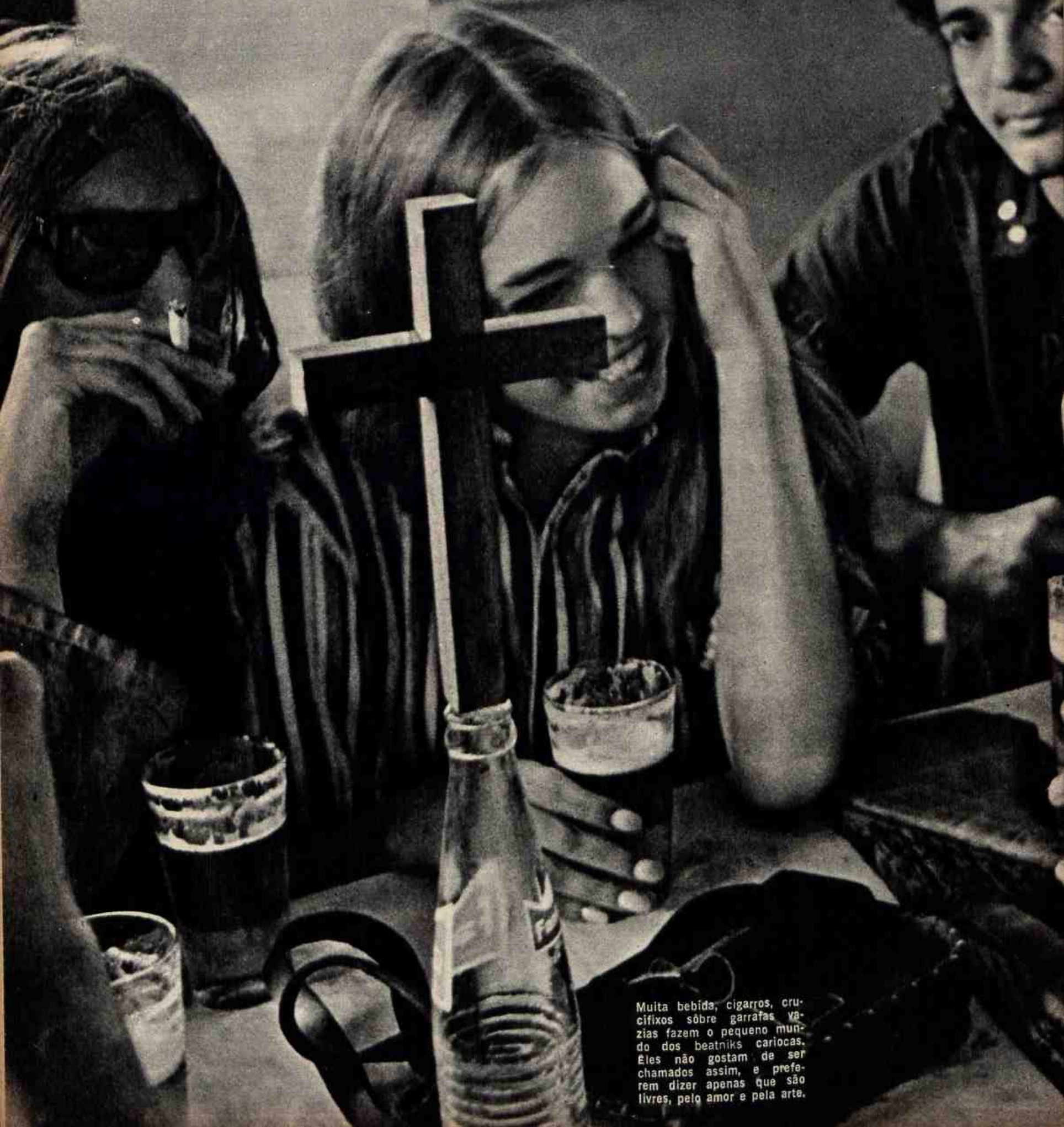
Num carnaval, na década de 30, em Santa Teresa de Valença, CL fantasiou-se de xeque.

Duma exposição de frutas nacionais, no Campo da Aclamação, disse um jornal da época cujo recorte meu avô guardou entre documentos sérios: **Destaca-se a Chácara do Comércio, com mangas de 37 diferentes qualidades, sendo três Espada, quatro Rosa, três Carlota e tipo Índia, Itaparica, Côco, Cravo, Pérsia, Vera, Emília, Bourbon, Augusta, Douro, Áurea, Cravo de Mel, Coração, Especial, Espadão, Brilhante, Lourdes, Favo de Mel, Marmelo, Cínia, Diva, Silva.** Isto diz o jornal. Mas, de tôdas, as que me ficaram são aquelas que as vacas comiam, os porcos e os cães, mangas de forte teor de terebentina, que as pessoas diziam fazer bem ao peito e que de manhã, na neblina que subia do rio, eu catava nas alamêdas da chácara e ia mordendo, jogando fora, chutando, pegando outra, de cambulhada com o **Mignon**, o cachorro predileto de meu avô, dos muitos que êle tinha, o **Nero**, o **Júpiter**, a **Diana**, de vez em quando um morrendo debaixo do trem da Central que passava pelo meio da chácara — pois ali é que achavam de roer seus ossos; e o meu, só meu, o **Póli**, que enterrei debaixo de um tamarineiro. Depois, sem cachorro de meu, fui pedir ao avô o **Mignon** e êle fêz um acôrdo: **Fica sendo de nós dois, está bem?** E íamos todo ano às águas de Caxambu, o avô, o **Mignon** e eu. Pernoitávamos no hotel de Barra do Piraí; sob a minha cama, em cima do túnel da estação, resfolegavam os trens cargueiros, como animais cansados.

Nos últimos anos, antes de 5 de julho de 1925, quando morreu, no exato aniversário das duas revoluções em que seus filhos foram presos, a do Forte de Copacabana em 22, a de São Paulo, em 24, êle fazia copiar, por seus hóspedes e visitas pacientes, mas especialmente pelo primo José e a governanta Isaura a quem chamavam, por isto, a escrava Isaura, intermináveis artigos, conferências, tópicos, telegramas, entrevistas, que vinham nos jornais. Fui desde logo excluído do suplício, a pretexto de que minha letra era "ilegível"; prefiro acreditar que foi, ainda uma vez, desejo de me proteger. Pois a dêle era pior, nem êle a entendia e se enfurecia quando nem com lente conseguia ler o que escrevera. Ao ver agora alguns dêsses cadernos, sobrados de tantas catástrofes, encontro a sua letra de tímido orgulhoso, a quem a vida feriu para sempre. Pois aquêle homem de aparência triste nasceu para a felicidade e talvez a tenha encontrado, na paz das árvores, no riso perguntador da criança a seu lado, no desabafo de suas fúrias passageiras, que metiam a tôda gente um transitório mêdo. A todos, menos a mim, que êle levava a passear, como naquela manhã de sol e brisa, entre a linha do trem e o capim-gordura da beira do Paraíba, até bem longe, além da chácara, passando o renque dos coqueiros de dendê onde os urubus faziam ninho para comer as nozes côr-de-cobre, beirando a cêrca onde cresciam a madressilva e o brinco-de-princesa, graciosamente pendurado como uma lanterna na ponta das hastes; e êle me recitava, num passo firme, que eu mal podia acompanhar, numa voz sùbitamente môça, o improviso de Castro Alves que sabia de cor: ... **dos heróis que dormem, do vasto pampa no funéreo chão.** Que seria "funéreo chão?" Não ousei perguntar-lhe e fomos andando, êle a repetir, no fim de cada estrofe: ... **dos heróis que dormem, do vasto pampa no funéreo chão.**

No seu entêrro me senti importante, todo mundo chegava e me fazia festa. A Rua do Leão repleta, as crianças da rua sem rebuçados de Lisboa. De noite deu um mêdo do vazio, levaram-me para dormir em casa de Nair e Maria Ester, duas primas de Copacabana, que me fizeram muita festa e me deram uma cama de roupa nova, fresca e macia. De noite, naquele quarto aconchegado, eu via a mão do meu avô, inchada e branca, e o imaginava se decompondo, na terra úmida, como um filme que um dia fôra ver no Palais, **A Morte de Dom João.** E uma pena, uma saudade me abalou; uma tristeza mansa, menos do que passou do que daquilo que nunca mais haveria. Era um tempo de ilha e de oásis, que acabava. Agora, de certo modo, aos 11 anos, começava uma espécie de idade adulta.

SEM
FAMÍLIA,
SEM DEUS,
PELA
LIBERDADE

OS BEATNIKS CARIOCAS

Muita bebida, cigarros, crucifixos sôbre garrafas vazias fazem o pequeno mundo dos beatniks cariocas. Êles não gostam de ser chamados assim, e preferem dizer apenas que são livres, pelo amor e pela arte.

CABELOS ATE OS OMBROS, BARBAS COMPRIDAS OU DESORDENADAS, ROUPAS EXTRAVAGANTES — BLUSÕES DE COURO, CALÇAS JUSTAS, BOTINHAS — O GRUPO DE MOÇAS E RAPAZES SAI PELAS RUAS DO RIO de Janeiro, levando o espanto aos que passam. Os crucifixos e símbolos que usam representam a fraternidade universal e o lema dos **beatniks: make love, don't war.** Dizem lutar apenas por um modo de vida: "Queremos ser livres para criar e amar, porque o amor é tudo." Vivem num casarão abandonado, sem luz e sem água, no meio de uma encosta cercada por imponentes árvores e dansa vegetação. É o "refúgio", onde realizam — entre beijos e bebidas — obras de artesanato, que vendem para comer.

Reportagem de RAUL CALDAS
Fotos de DOMINGOS CAVALCANTI

"PROCURAMOS FUGIR DE TRÊS COISAS: OS CONDICIONAMENTOS, OS COMPROMISSOS PRE-ESTABELECIDOS, A ENGRENAGEM QUE SUFOCA A REAL CRIAÇÃO. A VIDA É BELA, E UMA SÓ."

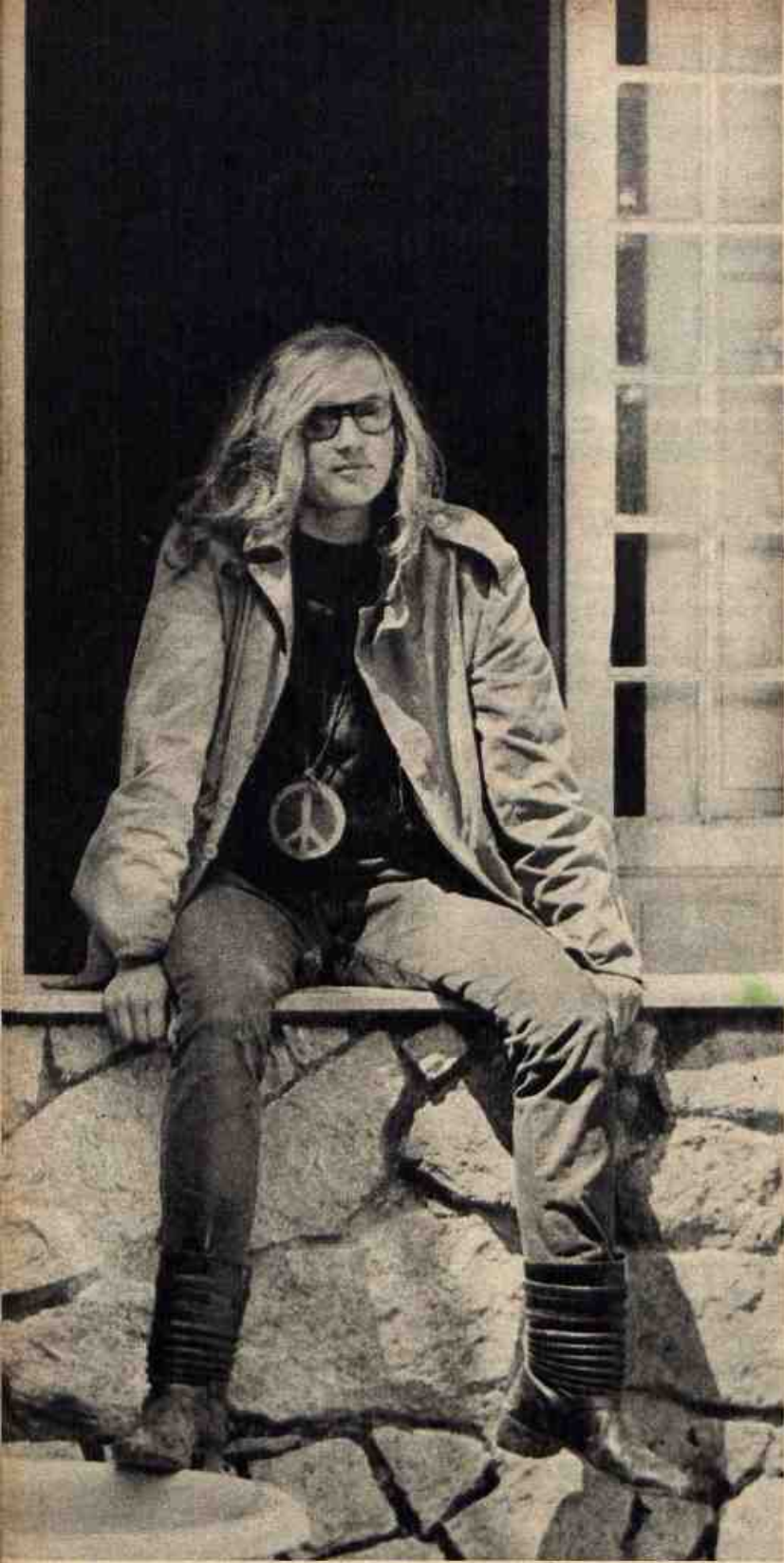
O grupo faz do tempo livre motivo para "excursões" pela cidade, e até as namoradinhas aderem ao ritmo. Êles não gritam, não protestam, não são contra ninguém. Apenas vivem, com simplicidade.

☐ Quase todos vieram de outras cidades, especialmente São Paulo, viajando de carona. Agruparam-se no Rio com o objetivo de levar à frente um movimento que lhes dê liberdade total para viver, amar e criar. Andam de cabelos compridos e barba grande porque sentem-se dessa forma "inteiramente de acôrdo com tudo o que defendemos". Apesar da identificação com os **beatniks** de todo o mundo, preferem não ser chamados assim, pois acham que seu movimento tem raízes próprias. Não pregam a violência, nem a revolta e não pretendem realizar passeatas ruidosas em defesa do direito de andar cabeludos. "Êsse tipo de protesto só serve para aquêles que não têm autenticidade", dizem. Também não aceitam a atitude puramente contemplativa, que para êles é abstração alienada. Quanto aos cabeludos iê-iê, nem querem ouvir falar. Isolaram-se da sociedade, mas não pretendem romper com ela totalmente. "Podemos ser úteis à sociedade, à nossa maneira, como artistas, só não aceitamos preconceitos bocós e regras ultrapassadas."

O proprietário de uma mansão cedeu o lugar ao grupo, com a condição de que êles mostrem um resultado positivo de sua permanência ali. "O ideal" — dizem — "seria uma ilha deserta, distante de tudo. Mas assim a turma se fecharia em si mesma e isso não basta. Somos artistas e sem comunicação não há arte."

Estão sempre alegres, reunidos na varanda. De repente, um sai para ler à sombra das árvores, outro inicia a primeira excursão em busca de água e frutas, e Cherry — uma das môças — faz os serviços domésticos (apenas a limpeza do assoalho, porque não há móveis). O mais velho é Ugarti. Argentino de nascimento, considera-se cidadão do mundo. Já expôs em vários países e recentemente apresentou seus quadros em São Paulo. Uwe é o mais môço. Filho de família rica — seu pai é um dos donos da fábrica de lápis Fritz Johansen —, já estêve na Europa e estudou nos melhores colégios. Mas nada o satisfez. Abandonou tudo e foi viver em Copacabana, sòzinho. Conta que passava os dias sentado num bar de beira de calçada, olhando o mar. Chegou até a passar fome, mas não se arrepende. Tal experiência lhe deu grande fôrça interior. Hoje, sente-se muito mais êle mesmo. Os outros pintam, esculpem, escrevem. Estão fechados tão profundamente no seu universo que chegaram a criar uma terminologia quase só dêles. Poucos são chamados pelos seus verdadeiros nomes. Bach, por exemplo, não sabe bem porque é tratado assim. Já Emerson tem mesmo êsse nome. Índio é da cidade de Joinville. Irajá foi jornalista em Campinas, sua cidade natal. Além do grupo pròpriamente dito, há também outras môças e rapazes que giram em tôrno dêles. São estudantes e artistas que visitam o casarão quase diàriamente. E até namoradinhas. O "refúgio", no fim da tarde, é freqüentadíssimo.

Quase hora do almôço: uma imensa panela é posta ao fogo, ali mesmo, em frente à casa. Ugarti e Emerson aparecem com um cacho de bananas, resultado de intensa busca pelo matagal vizinho. O **menu**: bacalhau misturado com arroz e batata. Êles riem e falam. "Liberdade é saber escolher. Hoje somos dez, amanhã poderemos ser 200, dois, ou um. Se apenas um de nós encontrar aquilo que deseja, estaremos realizados. Aqui vivemos sem ordem estabelecida, livres dos horários, das obrigações maçantes e da disciplina burguesa retrógrada. Agimos conforme nossa disposição. Todos jovens, procuramos nos encontrar artìsticamente, descontraídos, sem amarras, livres."

No casarão onde moram, há de tudo: para comer, batata e banana; para descansar, uma árvore; para ler, um banco. Êles escolheram a felicidade selvagem, sem os confortos da vida moderna.

Com cabelos compridos, medalhão ao peito e grandes botas, êste beatnik contempla sereno a vida. Afirma que trabalhar é cansativo.

As mocinhas que fazem parte da turma inspiram poemas de amor aos companheiros de castidade. Embaixo: na hora de trabalhar, pernas ao ar, que ninguém é de ferro.

Mais aço do Paraná

Ampliando e modernizando suas instalações e seu equipamento, a Siderúrgica Guaíra, de Curitiba, prepara-se para expandir-se firmemente no mercado brasileiro de aço e derivados. Com a inauguração de novos fornos eletrônicos, **a usina paranaense produzirá 100 toneladas diárias de aço,** predominando, em sua linha principal, perfilados de todos os tipos, peças fundidas e material para linhas de transmissão e distribuição de energia.

Tratores iugoslavos para Santa Catarina

Desembarcaram recentemente no pôrto de Itajaí 50 tratores de 12 toneladas, da marca 14 de Outubro, adquiridos, por intermédio da Stiil, à fábrica Rudnap, da Iugoslávia, pela Secretaria dos Negócios do Oeste, de Santa Catarina. Sete dos veículos ficarão com essa Secretaria, **para atender à conservação e melhoria de rodovias** afetas aos seus serviços, e os demais serão entregues às prefeituras da região Oeste do estado.

Veículos a colchão de ar no Brasil

Representando a British Hovercraft Co., fabricante de veículos a colchão de ar na Inglaterra, estêve no Rio, na semana passada, o Sr. T.A. Gawade, que realizou uma série de palestras para autoridades civis e militares mostrando modelos e vantagens dêsse tipo de transporte. Seu objetivo **é a introdução no Brasil dos veículos Hovercraft, que se deslocam tanto em terra como no mar, em rios, lagos, pantanais, corredeiras, etc.** Sustentados por um colchão de ar a 60 centímetros acima das superfícies, 35 Hovercraft operam atualmente em oito países, levando passageiros e carga.

Importância da lâmpada em documentário

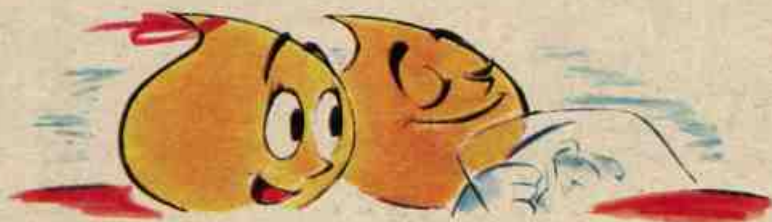
O cineasta Rui Santos está rodando um filme-documentário, produzido por Herbert Richers, narrando a história da iluminação e destacando a importância da lâmpada incandescente, desde as primeiras experiências de Edison até as mais recentes conquistas da técnica. Para êste seu 37.º documentário, **Rui Santos movimentou todo o Departamento de Lâmpadas e Iluminação da General Electric,** cujo complexo industrial, no Rio, abrange do preparo de filamentos à fabricação de vidro e à montagem de lâmpadas as mais modernas, como, por exemplo, as de vapor de mercúrio.

Ordem do Cruzeiro do Sul a diretores da Volkswagen

Pouco antes de deixar o cargo de ministro das Relações Exteriores, o Sr. Juraci Magalhães condecorou com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, no grau de Comendador, o Sr. Frank Novotny, diretor da Volkswagenwerk A.G., da Alemanha, **pelo muito que tem feito pelas ligações comerciais e de amizade entre o seu país e o Brasil.** Na mesma ocasião, recebeu igual comenda o Sr. Albert Engling, diretor da Volkswagen S.A.

Motor marítimo Willys de alta velocidade

A Divisão de Produtos Especiais da Willys Overland do Brasil deu início à produção em série do seu mais nôvo lançamento: motor diesel marítimo de alta velocidade, destinado a barcos de pesca e de turismo. O motor, de quatro cilindros, 58 H.P. e 2.400 r.p.m, é dotado de **transmissão hidráulica reforçada, para serviços pesados, que torna as manobras mais fáceis e rápidas.** Seu consumo de combustível é dos mais baixos.

potência

Sobe morro, desce morro; é lama, é poeira, calor bárbaro, frio de rachar — e nosso carrinho com essa potência de carrão de luxo! Você mexeu no motor?

— Eu, não! Quem mexeu no motor foi o NOVÍSSIMO ESSO EXTRA MOTOR OIL! Vem ver uma coisa!

Ao contrário do que muita gente pensa, quase não há desgaste num motor de automóvel que funcione durante longos períodos em constante velocidade elevada — desde que seja mantido à temperatura adequada e CORRETAMENTE LUBRIFICADO! Ora, o NOVÍSSIMO ESSO EXTRA MOTOR OIL não só garante isso, mas nem sequer deixa acumular depósitos na cabeça do pistão! Então, NÃO HÁ PREOCUPAÇÃO COM A DESCARBONIZAÇÃO — o motor, SEMPRE limpo e protegido contra desgaste, é MAIS EFICIENTE!

E olhe só o que acontece nos anéis dos cilindros, quando o óleo não é perfeito: os resíduos prendem o anel, tiram-lhe a elasticidade cuidadosamente estudada pelos engenheiros, e êle não veda como devia! Ainda aqui, o NOVÍSSIMO ESSO EXTRA MOTOR OIL conserva os anéis limpos, mantendo completamente a pressão. E, assim, garante o MÁXIMO EM POTÊNCIA do motor!

Ou a lubrificação se faz de forma perfeita, ou acontece isso: incrustações carbonosas nas válvulas. Repare como a vedação fica imperfeita — as hastes ficam prêsas, os gases escapam e a Potência cai. Mas cai mesmo! Ora, o NOVÍSSIMO ESSO EXTRA MOTOR OIL tem tais características que IMPEDE DE FORMA ABSOLUTA que isso aconteça no motor do seu carro!

Você só fala em impurezas, lembre-se que raciocino como uma boa dona-de-casa! Comigo é tôda hora no espanador, como você sabe! Motor não tem uma porção de filtros ou coisas assim? E um óleo mais barato, não vai me dizer que já vem com sujeira dentro!

— Claro que não, mas vamos recordar Ciência! Durante a combustão, formam-se certos compostos químicos. Ácidos, por exemplo, que se condensam durante os pequenos percursos, à baixa temperatura, e corroem as partes metálicas do motor. Então, onde há corrosão, há, além de folgas e enfraquecimento das peças, o acúmulo dos resíduos oxidantes da própria combustão. É, precisamente, uma das tantas coisas que o NOVÍSSIMO ESSO EXTRA faz: não deixa mesmo que a CORROSÃO aconteça (um conjunto de aditivos extremamente complexo garante isso)!

— Gostou? Há muita coisa a mais, como, por exemplo, o índice de viscosidade elevado, que não deixa o óleo "afinar" ou "engrossar"...
Pense quantos anos de bons serviços, sem amolações, a gente tem quando trata bem do automóvel...
Os que não cuidam de proteger seu investimento acabam se arrependendo. Quem não usa, por exemplo, o NOVÍSSIMO — na hora de vender seu carro o motor, sem potência, está VELHÍSSIMO!
Então é ali, naquele "preço de ocasião", que o dono prova que não gosta do seu carro...

ERMITAGE

O LOUVRE SOVIÉTICO

Texto de Flávio de Aquino

Construído por Catarina, a Grande, em estilo barroco-rococó, o Palácio do Ermitage, em Leningrado, foi transformado em museu em 1918, por Lênin. Seus tesouros artísticos são inestimáveis e há sempre visitantes para admirá-los.

POR muito tempo, o mundo ocidental desconheceu dois dos maiores museus do mundo: o Ermitage, de Leningrado, e o Museu Pushkin de Belas-Artes, em Moscou. O primeiro tem o extraordinário acervo de mais de dois milhões de obras de arte. Êstes dois museus, excetuando os da França, possuem atualmente a maior coleção de obras de arte francesas. O Ermitage reúne mais telas impressionistas do que o Louvre. Durante seu reinado de 20 anos, Catarina II resolvera elevar seu país ao nível cultural do Ocidente. É quando, em 1765, começa a história do Ermitage. A czarina ordenou a sua edificação ao lado do imenso Palácio de Inverno, transformando-o logo depois na primeira galeria real da Europa. Com a revolução de 1917, o Palácio de Inverno e o Ermitage foram unidos, formando um só abrigo de muitas obras-primas da arte russa e ocidental, desde Rembrandt até Picasso.

Esta soberba composição de Paul Gauguin, pintada em Taiti e intitulada Ea haete ia Oa (Mulher com Fruto) é uma das preciosidades do Hermitage.

A arte moderna ganhou suas primeiras batalhas na Rússia dos czares

PEDRO, o Grande, o czar que começou a modernizar a Rússia, também adquiriu obras de arte ocidental, principalmente de mestres holandeses, para a sua coleção. Catarina II continuou o processo, voltando-se porém para a arte francesa e as letras dos seus amigos Voltaire e Diderot. Entraram então no Ermitage — sua "petite maison", — telas de Watteau, Poussin e Lorrain. Com Nicolau I, o palácio se converteu em verdadeiro museu particular do czar. Só foi aberto ao público no fim do século XIX. Lá se realizavam os grandes bailes da côrte, como se fôra ainda um salão real de festas. A arte moderna, penetrando na Rússia, encontrou abrigo tanto no Ermitage como no Pushkin, através das coleções Chukin e Morosov. Os irmãos Mikhail e Ivan Morosov eram de tradicional família nobre, cultos e amigos das artes. Mikhail, em Paris, na **belle époque**, começou a colecionar obras impressionistas, entre as quais a **Taberna**, de Edouard Manet, e **O Mar**, de Van Gogh. Sergei Chukin, rico comerciante, retratado por Matisse, abrigava em seu palácio de Moscou uma das melhores coleções impressionistas do mundo: dezenas de telas de Renoir, Cézanne, Gauguin. Mas não desprezou os vanguardistas Matisse e Picasso. Ivan Morosov iniciou pouco mais tarde sua fabulosa coleção: 18 Cézanne, 13 Bonnard, 11 Gauguin e vários Van Gogh. Nessa época o Museu do Louvre ainda recusava a entrada dos impressionistas em seu grave recinto.

Promenade en Arles é um dos mais singulares quadros de Vincent Van Gogh, pois mostra o grande pintor sob a influência do pontilhismo. É da coleção do Ermitage.

Vários quadros de Picasso, da fase cubista, foram incorporados ao Ermitage e ao Pushkin, muito antes de ter o pintor conquistado fama internacional. Este é um dêles. Há também várias obras da fase azul e da fase rosa de Picasso.

Este quadro de Henri Matisse é conhecido sob duas denominações: O Quarto Vermelho e Harmonia em Vermelho. Pertenceu à valiosíssima coleção Chukin, confiscada pelo govêrno revolucionário e incorporado ao patrimônio cultural da União Soviética.

dros de Picasso e Matisse são admirados pelos turistas que vão à Leningrado

EM 1914, na França, a arte dos fauves e dos cubistas ainda era considerada "um pote de tintas jogado na cara do público". Entretanto, já nessa época, três colecionadores russos possuíam mais de uma centena de quadros de Matisse e Picasso, os chefes dêsses dois movimentos vanguardistas. Os colecionadores eram Serguei Chikin e os irmãos Ivan e Mikhail Morosov. Hoje essas telas se encontram no Ermitage. Deve-se isso a um fato idêntico ao ocorrido na França, 125 anos antes da Revolução Russa: o Louvre, bem como o Ermitage e o Pushkin, formaram suas coleções (ou aumentaram) pelo confisco, das obras de arte, a nobres ou particulares. Isto se justificava pelo princípio de que todos deviam ter acesso às obras de arte.

Retrato de Soler, de autoria de Picasso, pintado numa fase em que êste ainda se achava sob a forte influência de Toulouse-Lautrec. Pertence à coleção do Ermitage.

Renoir, que glorificou as belezas opulentas, tem a melhor parte de sua obra nas coleções do Museu Ermitage

RENOIR e Cézanne também brilham nas coleções soviéticas. Todos os grandes mestres da arte do passado e do presente encontram-se em seus acervos, principalmente no Ermitage, cujo primeiro catálogo já arrolava 223 pinturas francesas. Entre elas figuram obras de Louis le Nain, pintor genial, embora quase desconhecido até o fim do século passado. Para os franceses essa presença é curiosa, mas não excepcional, se considerarmos que sua compra deve ter se efetuado num período impregnado de cenas de gênero camponês pintadas por holandeses e flamengos. Muito mais surpreendente, ao menos à primeira vista, é um retrato do século XVII, tradicionalmente atribuído ao famoso François Clouet, pois os pintores franceses, anteriores ao século XVII, eram muito excepcionais nas coleções da época de Catarina II. Quadros que, por várias vêzes, estamos habituados a ver reproduzidos em livros e que sempre imaginamos estarem em museus franceses, holandeses, italianos ou americanos, acham-se no mundo soviético. Por exemplo: o retrato de Soler pintado por Picasso em 1905; o **Boulevard des Capucines**, e **Le Déjeuner Sur l'Herbe**, ambos de Monet.

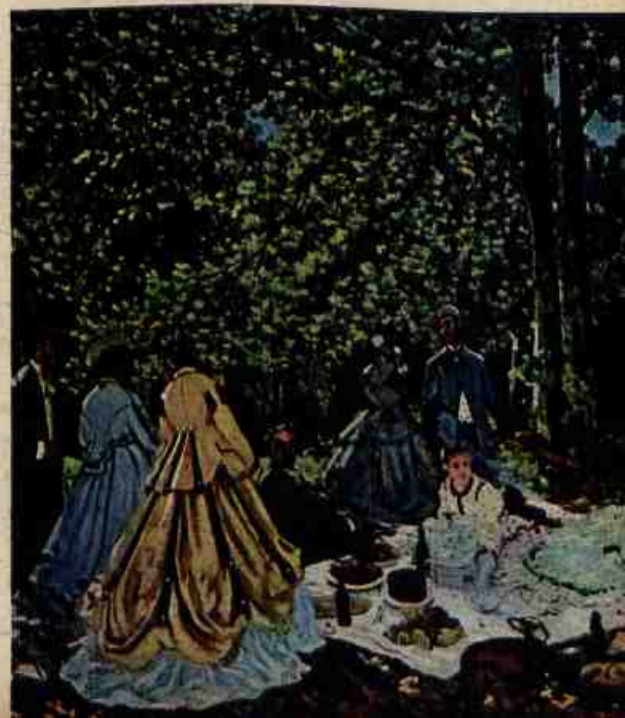
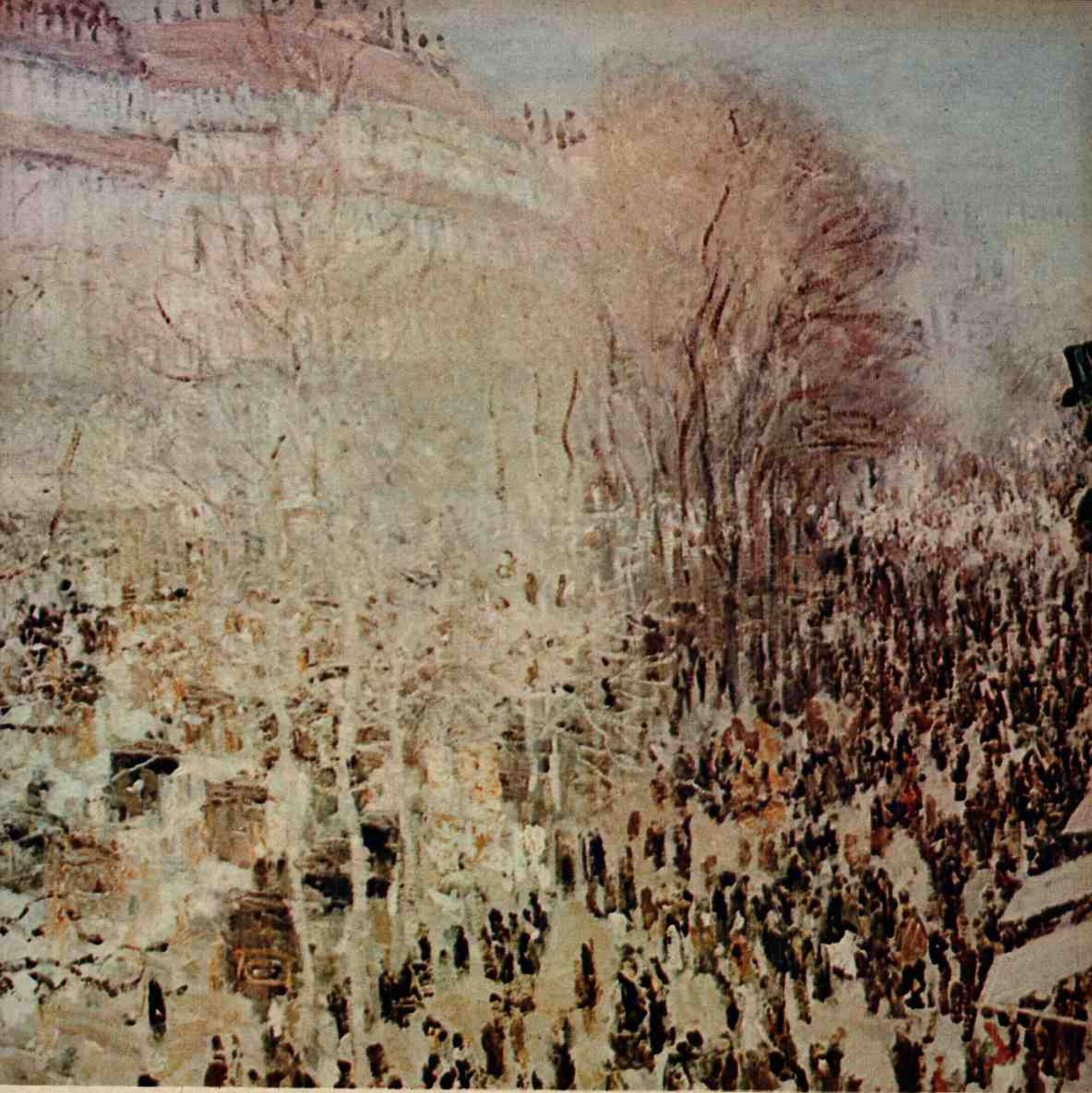
Criança com Chicote, uma das mais belas obras do pintor francês Auguste Renoir, que está muito bem representado no Museu Ermitage. Entre retratos, paisagens e composições diversas, a grande pinacoteca soviética possui nada menos de trinta e quatro trabalhos seus. Um dos melhores é Femme à l'Éventail, óleo de grandes proporções. A môça que serviu de modêlo é uma desconhecida.

Retrato de Jeanne Samary, que foi um dos modelos favoritos de Auguste Renoir. Êle a pintou de pé, de corpo inteiro, como no quadro à direita, ou ainda parcialmente, ora de frente, ora de perfil, mas sempre com a mesma finura.

Quem não visitou os museus russos não pode considerar-se um verdadeiro conhecedor da obra de Van Gogh. Nêles estão seis telas do seu período de Arles, que atraem milhares de turistas da própria URSS

Sisley está representado em ambos os museus, mas êste quadro, pintado sob a influência de Monet, é do Museu Pushkin, de Moscou. Trata-se de uma alamêda da floresta de Fontainebleau, pintada com delicadeza e limpidez.

As Moitas, quadro de Van Gogh, pintado pouco antes de seu suicídio (por volta de 1890), quando se achava sob os cuidados do Dr. Gachet. A paisagem, exuberante de vitalidade e de colorido, reproduz um trecho do jardim do médico.

Êste quadro de Monet — Boulevard des Capucines

durant le Carnaval — **está no Museu Pushkin, de Moscou, como também** Le Déjeuner sur l'Herbe **(embaixo), pintado em 1866 sôbre desenho de 1 ano antes.**

SISLEY, Van Gogh, Monet. Três impressionistas, três temperamentos, três nacionalidades, três gênios da pintura. Sisley é representado no Pushkin por um pequeno número de quadros bem escolhidos, datando de 1862 a 1885. O primeiro da série é o mais delicado, a paisagem chamada **Aléia no Bosque de Fontainebleau.** A simplicidade da composição é de aspecto clássico, principalmente pela perspectiva tradicional, e também por sua atmosfera leve, simples e clara, à maneira impressionista. Van Gogh aparece nos museus russos com brilho não inferior: seis pinturas do período de Arles, uma da fase de Saint-Remy e duas dos últimos meses da vida do artista, passados em Anvers. No Ermitage a série de obras de Van Gogh começa com **O Mar**, que o artista pintou em junho de 1888, durante uma excursão de oito dias a Les Saints-Maries-de-la-Mer. Comparável ao quadro **O Mar**, por sua composição casual, **As Moitas**, sem dúvida é quadro pintado pouco depois, em agôsto de 1888. Observa-se, também, que **Arbustos**, do Ermitage, deve datar da mesma época. Pois isso deduz-se de uma carta escrita por Van Gogh a seu irmão Theo, na primeira metade daquele mês, em que diz: "Desejo fazer um estudo, num dêsses dias, de um arbusto de louros." Já a tela de Monet, **Le Déjeuner sur l'Herbe**, de 1886, do Ermitage, é a conclusão de um quadro, cujo esbôço se acha em Paris.

o mais moderno produto que existe para lavar e conservar suas roupas.

SUPER COMPLETO

Super Rinso agora é detergente — e à sua fórmula foi adicionado um fabuloso produto branqueador **(Tinopal).** Por isso tem super fôrça de limpeza — é a **Fôrça Branca!** Além de deixar a roupa ainda mais branca, deixa a roupa ainda mais limpa. Compreendeu a diferença?

SUPER ESPUMA

Fazer espuma qualquer bom sabão faz... mas Super Rinso tem a super--espuma: mais durável, penetrante, super-ativa, cheirosa. Além de tirar tôda a sujeira, retira qualquer vestígio de gordura e manchas que deixam a roupa amarelada.

SUPER CARINHOSO

Do mesmo modo que Super Rinso é carinhoso para suas mãos, é suave também no lavar. Além de conservar mais, deixa a sua roupa fina muito mais macia, suave, leve. E o que é melhor: mais cheirosa, que V. sente quando lava, quando guarda, quando usa.

Super Rinso A FÔRÇA BRANCA

que lava ainda mais branco!

lava ainda mais branco

SUPER Rinso

lava ainda mais branco

Preciosas encadernações, incrustadas com pedras preciosas, guardavam os livros lidos pelos aristocratas.

Oratório bizantino, trabalhado em ouro, que é uma obra-prima de ourivesaria dos cinzeladores eslavos e um documento da fé que animava as altas camadas da sociedade imperial russa.

Ao lado de tesouros da pintura, o Ermitage guarda relíquias que simbolizam o poder e a pompa imperiais

NEM sempre os museus soviéticos trataram com carinho especial os chamados quadros modernos, que se acumulavam aos milhares nos porões dos museus. Só há pouco, ainda com certa timidez, seus admiráveis exemplares começaram a ocupar as tradicionais paredes do Ermitage e do Museu Pushkin de Belas-Artes. Por muito tempo, principalmente na era de Stálin, dominava inteiramente na URSS o chamado "realismo socialista". Os próprios guias turísticos da União Soviética falavam de passagem nesses dois museus, preferindo louvar as obras realistas e os museus de arte soviética. Aliás, Chagall, Pevsner, Malevitch, Gontcharova e outros grandes até hoje ainda não são muito bem vistos na União Soviética. Mas os antigos símbolos do poder czarista, finas obras do período bizantino ou do barroco, são guardados como relíquias nos museus soviéticos ou nos salões do Kremlin.

Cálice usado em cerimônias religiosas do rito ortodoxo e um lavabo admiràvelmente cinzelado. Os revolucionários que tomaram o poder há meio século não deixaram que tais riquezas se dispersassem.

FORD GALAXIE

Automóvel de físico jovem. Automóvel de espírito jovem. Ford Gálaxie. Teste os músculos e os nervos do Ford Gálaxie. Ignição. Acelere. Em primeira, Você já está a 50 por hora. Em segunda, já vai a 100. Tempo: 13,2 segundos.* Com 4 pessoas a bordo. Incrível? Você ainda não viu nada! Não vamos dizer em público a máxima em terceira. Deixamos isso para Você descobrir, um dia, numa bela estrada deserta. Seus 164 fogosos cavalos disparam em silêncio. Dentro do carro, nenhum ruído. A tranquilidade de um clube londrino. E o mesmo confôrto, generoso, acolhedor. A direção hidráulica insinua de leve e as rodas dianteiras, como que "ensinadas", procuram sòzinhas as curvas. A visão é total; nenhum ângulo morto. Algum buraco no caminho do Ford Gálaxie só serve para dar oportunidade a um "show" de suspensão e amortecedores. E a viagem continua, levando no porta-malas o equivalente a duas pessoas sentadas (com folga). Com absoluta estabilidade. Até o fim da viagem, quando Você solicita os freios e o Ford Gálaxie pára tranquilo. Êle o espera num Revendedor Ford.

o automóvel

* Teste da revista "Quatro Rodas"

Ao lado do governador, a Sra. Lucy Bloch recebeu um exemplar do n.º 1 de MANCHETE, como homenagem da Mercur Publicidade, e um cartão que dizia: "Desde o seu primeiro número, cada edição é uma aula de otimismo, confiança e trabalho." O bôlo-surprêsa comemorou o 15.º aniversário desta revista.

FESTA DE MANCHETE EM PÔRTO ALEGRE

COM uma grande recepção na Adega Lajos, à qual compareceram as mais expressivas personalidades do Rio Grande do Sul, **MANCHETE** lançou, em Pôrto Alegre, sua edição especial dedicada àquele estado. Os convidados foram recebidos pela Sra. Lucy Bloch, destacando-se o Gov. Peracchi Barcelos e Sra., Pref. Célio Marques Fernandes e Sra., Gen. Álvaro da Silva Braga, comandante do III Exército; Brig. Ney Gomes, comandante da V Zona Aérea; Dep. Carlos Santos, presidente da Assembléia Legislativa; Sr. Plínio Kraess, presidente da Federação das Indústrias; Sra. Tarso Dutra, espôsa do ministro da Educação; Paul Katz, decano do corpo consular, além de secretários de Estado, banqueiros, publicitários, jornalistas e magistrados. A festa, considerada uma das mais bonitas e elegantes dentre as realizadas êste ano, em Pôrto Alegre, teve o seu **menu** sob a responsabilidade de Lajos Krivanek e na parte artística brilharam o pianista Norberto Baldauf e o cantor Edgar Pozer. A ornamentação foi confiada à Floricultura Parecí.

Pôrto Alegre viveu uma de suas grandes noites na recepção oferecida por MANCHETE às personalidades gaúchas.

Conversam o Gov. Peracchi Barcelos, Deputado Carlos Santos e Sr. Francisco Augusto Nascimento.

Ieda Maria Vargas, ex-Miss Universo e capa da edição de MANCHETE dedicada ao Rio Grande do Sul, foi uma das belas presenças femininas da festa.

Maria Helena Naquer
escolheu o Ford Gálaxie
só para esnobar com
a classe do carro... elas
têm dessas coisas.
Já os homens exigem
um pouco mais. Olham o
outro lado também: sua
máquina.
Cabe aqui, portanto, uma
informação:
algumas das peças
mais importantes
do Gálaxie
são produzidas pela
Krupp Metalúrgica Campo Limpo.

(Achamos,
sem nenhuma pretensão,
que Maria Helena
vai dar agora
mais valor ao seu carro.)

FORD
GALAXI

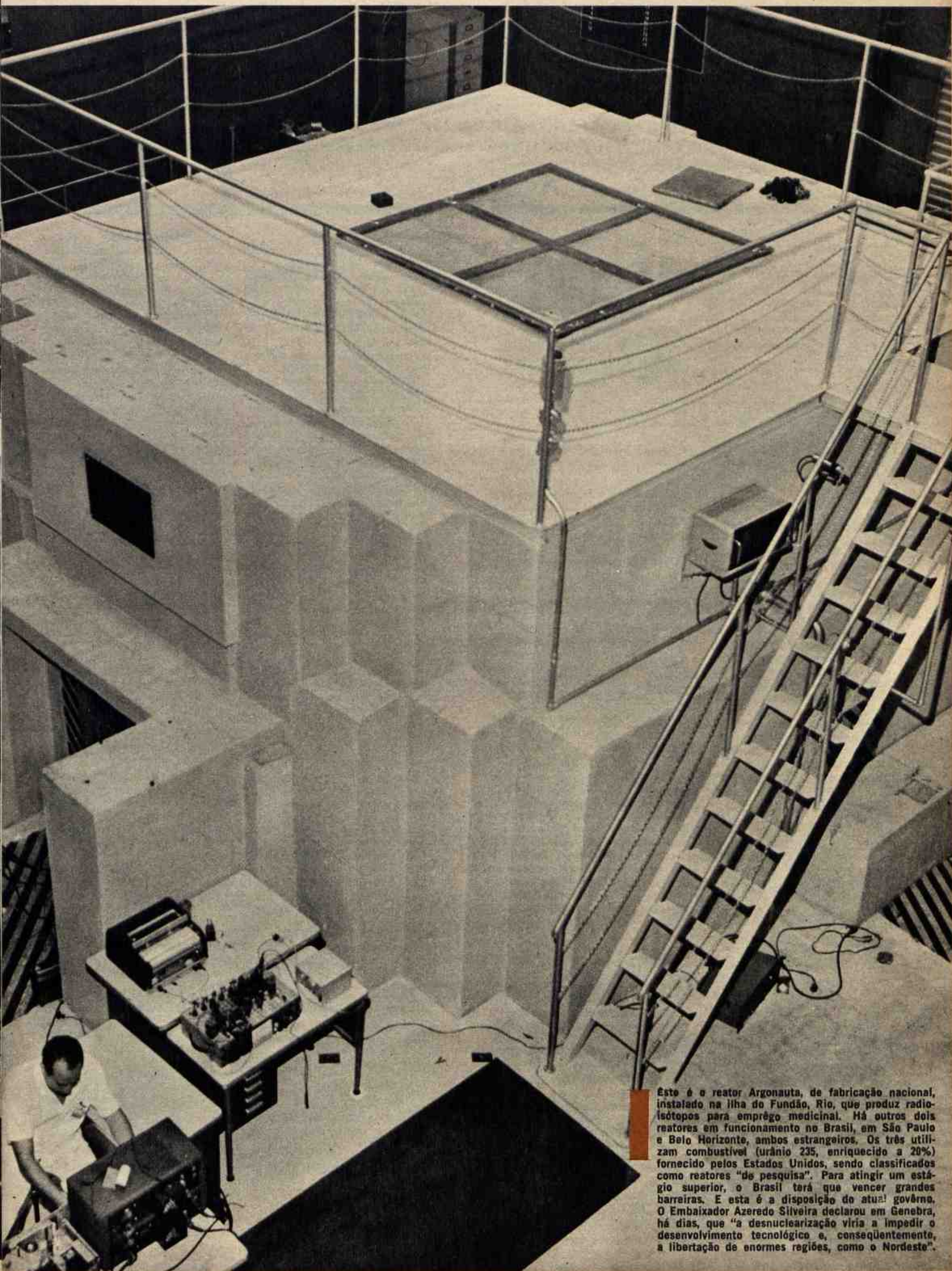
JMM-SP

NA SEMANA PASSADA, EM GENEBRA, O DELEGADO BRASILEIRO JUNTO AO COMITÊ DOS 17, CONTRA A PROLIFERAÇÃO DAS ARMAS ATÔMICAS, MANIFESTOU-SE CONTRÁRIO À DESNUCLEARIZAÇÃO DO BRASIL, ANTES APOIADA PELO GOVERNO CASTELO BRANCO. NOSSO PAÍS QUER A BOMBA COM FINALIDADES PACÍFICAS E NÃO ABRE MÃO DO SEU DIREITO DE ENTRAR NA ERA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

1970 A PRIMEIRA BOMBA ATÔMICA DO BRASIL

Texto de JAIRO RÉGIS • Fotos de MOACIR GOMES

2 DE ABRIL DE 1966, SÁBADO, DEZ HORAS DE UMA MANHÃ ENSOLARADA, QUE LEVA BOA PARTE DA POPULAÇÃO CARIOCA ÀS PRAIAS. A CIDADE ESTÁ VAZIA E OS RAROS REPÓRTERES QUE PERMANECERAM no Palácio Laranjeiras, não perceberam bem o que estava acontecendo, quando começaram a chegar cientistas. Logo depois, chegavam os membros do Conselho de Segurança Nacional. "Cientista pede dinheiro", pensaram. E como a época era dos Atos Institucionais, ligaram para as redações, pedindo espaço, que "uma bomba" estava para sair. Lá dentro, com o marechal-presidente, "uma bomba" realmente havia sido decidida: a alteração da política nuclear do Brasil, ampliando campos e perspectivas de pesquisas **para fins pacíficos**, mas deixando a possibilidade de irmos até a **explosão** que, pelos novos conceitos nucleares, pode servir tanto para fins **pacíficos** como para fins **bélicos**. A 2 de abril de 1966, o Brasil decidiu ter **A BOMBA**, para usar na paz e no desenvolvimento econômico. O Brasil pode ter a bomba atômica? Quando? O Brasil se interessa por ter a bomba? Que razões levam o Brasil a querer a bomba? A falta da bomba poderá impedir o desenvolvimento econômico do Brasil? Nos transformaremos em grande potência, apenas por ter a bomba? Temos capacidade técnica e financeira para fabricar a bomba? Nossas reservas de minerais atômicos permitem-nos entrar para o "Clube Atômico"?

Mesa de contrôle operacional do Argonauta, reator de pesquisa, registra a aceleração dos nêutrons.

Este é o reator Argonauta, de fabricação nacional, instalado na ilha do Fundão, Rio, que produz radioisótopos para emprêgo medicinal. Há outros dois reatores em funcionamento no Brasil, em São Paulo e Belo Horizonte, ambos estrangeiros. Os três utilizam combustível (urânio 235, enriquecido a 20%) fornecido pelos Estados Unidos, sendo classificados como reatores "de pesquisa". Para atingir um estágio superior, o Brasil terá que vencer grandes barreiras. E esta é a disposição do atual govêrno. O Embaixador Azeredo Silveira declarou em Genebra, há dias, que "a desnuclearização viria a impedir o desenvolvimento tecnológico e, conseqüentemente, a libertação de enormes regiões, como o Nordeste".

O professor Marcelo Damy, diretor do Instituto de Energia Nuclear de São Paulo, afirma: "Quaisquer limitações às atividades pacíficas do átomo, a pretexto de evitar a proliferação nuclear, acarretariam prejuízos irreversíveis aos países em desenvolvimento"

Do ponto de vista técnico-científico, é possível afirmar que o Brasil **poderá** ter a sua bomba atômica. Mas, no momento, não **pode**. Fazer a bomba depende da nossa evolução em pesquisas, no que, aliás, não estamos muito adiantados, embora já haja larga aplicação do átomo, entre nós, na Medicina.

Objetivamente, o nosso estágio atual está na produção de radioisótopos, para emprêgo medicinal, pelos três reatores que possuímos em funcionamento: um em São Paulo, que é o mais poderoso, outro no Rio e um terceiro em Belo Horizonte, todos controlados pela Comissão Nacional de Energia Nuclear, presidida pelo General Uriel Ribeiro, engenheiro nuclear e professor do Instituto de Engenharia Militar.

Só o do Rio de Janeiro é de fabricação nacional. Mas, os três utilizam combustível (urânio 235, enriquecido a 20%) fornecido pelos Estados Unidos. O urânio não é exatamente nosso, e dêle não podemos dispor à nossa vontade e, em certos casos, nem mesmo de acôrdo com os nossos interêsses. Êle está sob "salvaguarda", que é o têrmo empregado pelos técnicos do CNEC. Quem fiscaliza o seu emprêgo é a Agência Internacional de Energia Atômica, com sede em Genebra. Periòdicamente inspetores da Agência vêm ao Brasil e verificam a quantidade exata de combustível existente em cada reator, porque o urânio não pode ser empregado fora das finalidades para as quais foi cedido. Nos três reatores, temos cêrca de cem quilos de urânio. Se faltar um só grama, há inquérito para averiguar o desaparecimento. Assim, novas iniciativas em matéria de pesquisa e tecnologia nos são vedadas pelos convênios internacionais em vigor.

Os reatores operados pelo Brasil são classificados como **de pesquisa**.

Quando, no início do ano passado, o Professor Luís Cintra do Prado, então presidente do Conselho Nacional de Energia Nuclear, proferia uma conferência para diplomatas, no Itamarati, sôbre o **Panorama da Utilização da Energia Nuclear**, um embaixador lhe fêz a seguinte observação: "Nos últimos tempos, tem-se ouvido várias vêzes a frase: "Reatores de pesquisa são reatores de brinquedo".

O professor não gostou e reagiu: "A expressão **de brinquedo** é pejorativa e injustificável. Parece ter havido interpretação errônea de uma frase do grande cientista Oppenheimer. Pretende-se insinuar que os verdadeiros reatores, os de real utilidade, são os reatores de potência, o que não é verdade." E sustentou que todo país que deseje conhecer **por dentro** os assuntos nucleares, contribuindo para o seu progresso e não se limitando às informações dos livros e revistas, precisará manter centros de estudos, "nos quais sempre figuram os reatores de pesquisa. Todos os países adiantados os possuem, em grande número".

E concluiu dizendo que "os reatores **de pesquisa** não são construídos para divertimento dos cientistas, engenheiros e técnicos que estariam **brincando** ou simulando a operação dos verdadeiros reatores. Sabidamente, o trabalho científico proporciona satisfação a quem o faz; aquêles que trabalham em tarefas relacionadas com reatores de pesquisa encontram certo prazer **lúdico** no seu trabalho".

TEMOS, PORTANTO, QUE A EXISTÊNCIA E O FUNCIONAMENTO DOS REATORES DE PESQUISA EM NOSSO PAÍS É UMA **ETAPA FUNDAMENTAL** DO NOSSO DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO.

Mas, isso é apenas um passo, ainda que importante, dos que teremos que dar, para atingir um estado de desenvolvimento tecnológico que nos permita ter a bomba, ou utilizar a energia nuclear, em grau avançado e com produtividade econômica, para fins pacíficos.

É também inevitável aceitar que, se os de pesquisa não são reatores **de brinquedo**, também não representam a maturidade em questões de pesquisa nuclear.

Isso não quer dizer, no entanto, que essa maturidade não esteja ao nosso alcance. O que é impossível, é prever quando entrará o Brasil num estágio superior de pesquisa nuclear. Teremos que vencer grandes barreiras, para atingi-lo.

Para a revista francesa **Réalités**, o Brasil pertence a um grupo de nove países, que inclui o Paquistão, a Argentina e a Dinamarca, que deverão ter a bomba atômica no ano de 1980, a julgar pelo seu atual estágio.

Os dados do Sr. Dean Rusk, no entanto, são outros, e, sem dúvida, mais autorizados. Há menos de dez dias, o secretário de Estado norte-americano declarou a um diplomata sul-americano que pelo menos 16 países poderão ter suas bombas atômicas dentro dos próximos três anos, entre êles o Brasil. E fêz uma afirmação ainda mais grave: Israel, Índia e Egito já podem fabricar sua bomba, se é que já não o fizeram.

Mas, as conclusões a que chegaram o secretário de Estado Dean Rusk e a revista francesa não puderam ser atingidas, até agora, pelos dirigentes da Comissão Nacional de Energia Nuclear. Para êles, isso é inteiramente imprevisível e depende, antes de mais nada, da elaboração de um programa e do estabelecimento de metas que devam ser atingidas. Se o Brasil **quiser** explodir o átomo, deverá fixar a **explosão** como meta a ser alcançada. Então, terá que se livrar de vários entraves, prevenir-se contra a criação de obstáculos e progredir muito, tecnològicamente.

Para começar a trabalhar, teria que se ver livre dos contrôles internacionais sôbre a utilização de urânio 235. Mas, isso é um processo complicado.

Quem produz urânio 235, até agora, são apenas os países do Clube Atômico: Estados Unidos, União Soviética, Inglaterra, China e França. Se o Brasil utilizasse todo o urânio que tem em seus reatores de pesquisas, cêrca de 100 quilos, enriquecidos a 20%, obteríamos cêrca de 10 quilos de urânio puro, enriquecido. E isso já seria o suficiente para fabricar uma bomba. Mas, isso não podemos fazer, por dois motivos: a existência de contrôle internacional e o nosso **desinterêsse atual** em ter a bomba. Além dêsses motivos, é forçoso lembrar o nosso parco desenvolvimento tecnológico.

Mas poderíamos evoluir até a possibilidade de fabricação do nosso próprio reator de potência. B a s t a que continuemos pesquisando e progredindo, tecnològicamente, através da execução de vários tratados de cooperação nuclear, que possuímos com diversos países, entre êles a França, que não está disposta a aceitar o Tratado de Desnuclearização de Genebra, que impõe limitações no campo da pesquisa. Através da troca de informações e da assistência tecnológica, chegaríamos ao ponto de prescindir do contrôle internacional quanto ao uso dos combustíveis.

E como chegaríamos a isso? Fabricando o nosso próprio combustível. A curto prazo, está fora de cogitação a possibilidade de têrmos o urânio 235. Dispomos, em quantidades razoáveis, do urânio 238, que não é material físsil. O urânio 235, no entanto, é resultado da purificação do urânio 238, que é como êle é encontrado, em estado bruto, na natureza. Dêle se faz o urânio enriquecido. Mas, o urânio, como foi dito, não é o ú n i c o combustível atômico. Existe também o plutônio, com o qual é possível fazer a bomba. E o plutônio é um subproduto do urânio. Assim, os nossos limites de fabricar combustível nuclear são estabelecidos, afora o desenvolvimento tecnológico, pelas nossas jazidas de urânio 238, o natural. Temos, portanto, tôda a potencialidade nuclear de quem deseja atingir a um estágio superior de desenvolvimento atômico. Basta que o queiramos. Quando? Ninguém poderá responder a essa pergunta, por enquanto.

Ao assumir a Secretaria Geral do Ministério das Relações Exteriores, escolhido pelo Chanceler José de Magalhães Pinto, o Embaixador Sérgio Correia da Costa fêz uma séria advertência, que seria, também, uma revelação da política brasileira em matéria nuclear.

"SE O BRASIL NÃO SE EQUIPAR, ADEQUADAMENTE, PERDERÁ A HORA DA REVOLUÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DOS NOSSOS DIAS, ANTES MESMO DE SE TER COMPLETADO A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL DO SÉCULO XIX."

Evidentemente, tal assertiva não foi feita por conta e risco próprios, embora possam representar, eventualmente, a posição pessoal do Embaixador Correia da Costa.

Ela tem raízes na reunião do Marechal Castelo Branco com cientistas e o Conselho de Segurança Nacional, em 2 de abril de 1966. Aliás, não houve qualquer alteração, nesse particular, com a passagem do govêrno ao Marechal Costa e Silva. Antes mesmo de sua posse, o Chanceler Magalhães Pinto declarava aos jornais que levava para o Itamarati um programa de prioridades, no qual figurava o esclarecimento da posição do Brasil, que se negava a assinar o Tratado do México (de des-

nuclearização da América Latina), estando disposto, até mesmo, a intensificar sua cooperação tecnológica com a França, para desenvolver-se em pesquisa nuclear, se a tanto fôsse conduzido. É que a França também é contra qualquer limitação ao direito de pesquisar, no campo atômico.

O próprio Presidente Costa e Silva declarou, logo após empossar-se: "O desenvolvimento da pesquisa científica no campo da energia nuclear inclui, inevitàvelmente, em determinado estágio, o uso de explosões; vedar o acesso a explosões equivaleria a impedir o desenvolvimento dos usos pacíficos da energia nuclear."

Nos pronunciamentos do presidente, do ministro e do secretário-geral está bem clara a posição do Brasil: nosso país não admite qualquer limitação ao seu direito de pesquisar energia nuclear, embora estejam incluídos em seus programas os objetivos pacifistas do emprêgo da energia atômica, o que pode incluir a bomba. A explosão, como limite de pesquisa e avanço tecnológico poderia marginalizar o país da Revolução Científica e Tecnológica do Século XX. Não tendo cumprido, ainda, tôdas as etapas da Revolução Industrial do Século XX, não poderia o Brasil renunciar, **a priori,** ao seu direito de iniciar sua Revolução Científica e Tecnológica.

Sustentam os técnicos do CNEC que já é previsível o emprêgo da bomba para fins pacíficos. Para abrir canais, formar portos marítimos, por exemplo. E lembra que, recentemente, os Estados Unidos anunciaram o seu propósito de abrir um nôvo canal ligando o Atlântico ao Pacífico, na América Central. Na construção do nôvo canal seriam empregados artefatos nucleares explosivos, para a remoção de formidáveis volumes de terra. O Brasil, no futuro, poderia pretender coisa semelhante, se disso necessitasse o seu desenvolvimento econômico.

O Professor Marcelo Damy de Sousa Santos, ex-presidente do CNEC e atual diretor do Instituto de Energia Nuclear de São Paulo, lembra um exemplo histórico importante, quando defende a atual posição do govêrno brasileiro, contra qualquer limitação à pesquisa nuclear: "A aprovação, por parte do Brasil, do Tratado de Desnuclearização da América Latina viria colocar-nos na mesma situação que se encontrou Portugal, ao realizar, com a Inglaterra, o tratado de "desindustrialização", no início da Revolução Industrial. Como é notório, em decorrência dêsse acôrdo, Portugal abriu mão, voluntàriamente, de industrializar-se para manter a sua posição de país de economia agrária. Ao renunciar a essa nova fonte de progresso e de bem-estar social, marginalizou-se voluntàriamente e até hoje não conseguiu atingir o nível dos países industrializados. Com a aprovação da desnuclearização, o Brasil abriria mão dos benefícios dessa nossa nova forma de energia, que se constitui em verdadeiro imperativo de sua sobrevivência no mundo de amanhã, num processo de verdadeira automutilação: numa era em que o homem já conquista o espaço interplanetário, escolheria, como meta para o futuro, a volta às trevas do atraso e da ignorância."

Quanto ao mêdo da bomba, de que a entreguemos apara fins não-pacíficos, o Professor Uriel Ribeiro, presidente do CNEN, faz um paralelo interessante: na pré-história, descobriu-se o fogo. Pode alguém imaginar a proscrição do fogo, apenas porque êle pode incendiar florestas, arrasar aldeias?

"QUAISQUER LIMITAÇÕES ÀS ATIVIDADES PACÍFICAS DO ÁTOMO, A PRETEXTO DE EVITAR A PROLIFERAÇÃO NUCLEAR, ACARRETARIAM PREJUÍZOS IRREVERSÍVEIS AOS PAÍSES EM DESENVOLVIMENTO — PROSSEGUE O PROFESSOR MARCELO DAMY — E EM NADA CONTRIBUIRIAM PARA O PROBLEMA CRUCIAL DOS NOSSOS DIAS, NO TOCANTE AO DESARMAMENTO NUCLEAR, POIS AO MENOS DOIS PAÍSES DETENTORES DE BOMBAS ATÔMICAS (FRANÇA E CHINA) MANIFESTARAM CLARAMENTE A SUA DISCORDÂNCIA EM PARTICIPAR DE TAL ACÔRDO.

A atual atitude do Brasil nada mais reflete do que o reconhecimento de que nenhuma nação pode prescindir da exploração nuclear para fins pacíficos e que os métodos e a tecnologia para a consecução dêsse objetivo não diferem, senão em detalhes sem maior significação, daquelas que conduzem às suas aplicações militares. Ela é fàcilmente compreensível e amplamente justificável: a enorme repercussão internacional dessa atitude, e a manifestação, por vários países, como o Japão, a Índia, a Alemanha Ocidental, que adotaram atitude idêntica, bem demonstram o acêrto da nossa posição. A desnuclearização de zonas constituídas por países subdesenvolvidos — como é o caso da América Latina — é assunto que, do ponto de vista da paz mundial, toca as raias do ridículo, pois elas, pelas suas condições de subdesenvolvimento econômico, científico e tecnológico, não podem representar nenhum perigo potencial de conflito nuclear com os membros do Clube Atômico. Êsse aspecto ridículo se reveste de ainda maior significação, face a consideração de que a desnuclearização de tais áreas é defendida e pressionada pelos países do Clube Atômico, únicos que poderiam participar de uma guerra nuclear, e que não manifestaram, até agora, nenhum desejo de aderir ao pacto que apóiam com tanta veemência, abrindo mão de seus arsenais atômicos e paralisando a fabricação de bombas. Ao lado do Tratado para Desnuclearização da América Latina, o nôvo acôrdo soviético-americano contra a disseminação das armas nucleares impõe tais restrições ao uso pacífico da energia atômica, que a sua aprovação pelos demais membros da ONU equivaleria ao estabelecimento de um nôvo Tratado de Tordesilhas no campo nuclear: os atuais membros do Clube Atômico continuariam a produzir e aperfeiçoar os seus armamentos nucleares e teriam as suas zonas de influência, enquanto os demais seriam desnuclearizados e não contariam com nenhum auxílio técnico ou científico, relacionado com os usos militares da energia nuclear. Isso implicaria em mantê-los como satélites nucleares daqueles, pois não existe nenhuma diferença básica entre essa tecnologia e a utilização pacífica do átomo, sob vários aspectos até bastante mais complicada."

Aí está quase tudo: o Brasil continua almejando sair da chave dos subdesenvolvidos. Não quer bomba para agredir ninguém, não se interessa pela bomba senão com finalidades pacíficas, não abre mão do seu futuro e de seu direito de entrar na Era Científica e Tecnológica, ainda que não haja completado o ciclo da Era Industrial e, por tudo isso, não aceita, em seus atuais têrmos, nem o Tratado do México(proscrição nuclear na América Latina), nem o Tratado de Genebra (proscrição nuclear mundial).

Seria impossível asseverar, no entanto, que o Brasil, após negociar, e muito, não acabe concordando com o Tratado do México, que nos levará, inevitàvelmente, ao Tratado de Genebra. É possível que sejam incluídas alterações em seu texto, ou sejam firmados protocolos adicionais, depois de sérias negociações, nas quais o Brasil tentará impor o pêso de sua condição de maior país da América Latina.

A obtenção da bomba atômica depende, inclusive da evolução qualitativa e quantitativa dos nossos quadros humanos, cada vez mais aprimorados.

★ Cartilhas em Mato Grosso
★ Peracchi enfrenta problemas
★ La Rocque, candidato
★ A oposição na Novacap

Após deixar o govêrno, o Marechal **Castelo Branco** está freqüentando muito os meios intelectuais. Tem almoçado com **José Olímpio** e **Luís Viana Filho.** Fala-se em memórias ou em autobiografia. O marechal acha que está cedo tanto para uma coisa como para outra. Enquanto isto, pretende ir ao Ceará, para um repouso na fazenda de **Raquel de Queirós,** que tem o sintomático nome de "Não me deixes".

Do consultor-geral da República, Sr. **Adroaldo Mesquita da Costa,** ao justificar, no relatório de suas atividades em 66, que comprou e doou à consultoria-geral um crucifixo de madeira lavrada: "Assim não dirão que gasto dinheiros públicos com minhas crendices."

Um dos maiores salários do país será, a partir dêste mês, o do ex-Ministro **Roberto Campos,** que assim vai tirar o pé da lama. Dirigirá um poderoso banco de investimentos, sediado em São Paulo, onde passará sempre os quatro dias do miolo da semana. O banco tem capitais brasileiros, italianos, americanos e japonêses. O cálculo do salário do ex-ministro está sendo feito em dólares. O Dr. **Travancas** está de ôlho.

Na véspera de passar a presidência ao seu sucessor, o Marechal **Castelo Branco** assinou decreto em que declara todo o território do seu Estado do Ceará como "área prioritária de emergência para fins de reforma agrária". Trata-se de um amigo da onça dos conterrâneos latifundiários.

★ Um carioca nascido na Tijuca está agora em Mato Grosso para aplicar ali o que aprendeu no Território do Amapá. **Wilson Rodrigues,** atual secretário de Educação do Governador **Pedro Pedrossian,** está enfrentando o problema da alfabetização de milhares de crianças. Sua munição consta de três cartilhas: a tradicional, a do Índio e a do Tatu.

O poliglota **Oliver Beguin,** que serviu de intérprete à rendição dos japonêses no Pacífico na 2.ª Guerra Mundial e integra a Grande Comissão do Vaticano, presidida pelo **Cardeal Bea,** para elaboração do texto de uma Bíblia comum a católicos e protestantes, visitará Brasília ainda êste mês. Pretende avistar-se com o Marechal **Costa e Silva.**

O Deputado **Américo de Souza,** responsável pela organização da última viagem do Presidente **Costa e Silva** ao exterior, é o mais jovem vice-líder do govêrno na Câmara.

Visitando a cidade goiana de Formosa, em companhia de amigos, o Ministro **Pedro Chaves,** do Supremo Tribunal Federal, descobriu uma praça com seu nome e apurou que a homenagem foi devida a um parente longínquo que ali habitou no século passado.

Desde o virtual rompimento dos ex-pessedistas **Nilo Coelho** e **Paulo Guerra,** acentuado pela troca de críticas ásperas através da imprensa de Pernambuco, o Deputado **Cid Sampaio** passou a alimentar fortes esperanças de reconquistar o govêrno do estado nas próximas eleições, concorrendo numa sublegenda da ARENA.

O Marechal **Costa e Silva** interrompeu o seu trabalho no domingo de Páscoa para dar um passeio na lancha "Gilda", em companhia de D. **Iolanda,** pelo Lago de Brasília.

Do Deputado **Padre Godinho,** surpreendido em ver o seu colega do Paraná **Minoro Miamoto** na presidência da Mesa da Câmara numa sessão de segunda-feira: "Mas, afinal, isso aqui é o Congresso brasileiro ou é a Dieta japonêsa?"

Do Presidente **Costa e Silva,** orgulhoso por ter conseguido assinar o têrmo de posse do ministro interino do Planejamento, Sr. **Amaure Fraga,** sem utilizar os óculos que o ajudante-de-ordens demorava a trazer de seu gabinete: "Viram? Eu ainda posso escrever sem perder a linha."

Restaurantes da Avenida W-3, em Brasília, incluíram nos seus cardápios um nôvo prato: "Frango a Ministro do Trabalho." E a explicação está ao lado, entre parêntesis: "ex-frango a passarinho."

Duas vêzes por semana, o Marechal **Costa e Silva** requisita os serviços do barbeiro do Palácio do Planalto para aparar seu cabelo. Em compensação, o presidente dispensa ajuda para a barba e o bigode diários, que faz com um aparelho de gilete tôdas as manhãs, antes do café.

A escolha do industrial (do café solúvel) **Horácio Coimbra** para a presidência do IBC agradou em cheio às bancadas de São Paulo e do Paraná na Câmara dos Deputados. Foi elogiada da tribuna por parlamentares da Oposição e só não recebeu o apoio dos representantes de Santos, que preferiam no cargo alguém mais ligado à produção do que à indústria cafeeira.

Na véspera da reunião dos reitores em Brasília, auxiliares do Presidente **Costa e Silva** andaram aflitos à cata de uma mesa com 44 lugares para instalar no Palácio do Planalto. A maior mesa lá existente só comportava 20 pessoas à volta: o ministério, o presidente, os chefes dos gabinetes militar e civil e do SNI.

Do Ministro **Macedo Soares,** deixando satisfeito o Palácio do Planalto após a nomeação dos novos presidentes do IBC e do IAA: "Hoje tivemos café com açúcar."

O Marechal **Costa e Silva** passou a observar com extremo rigor suas jornadas de trabalho no Palácio do Planalto que começam invariàvelmente às 9 horas da manhã e terminam às 19 horas e 30 minutos da noite, com breve intervalo para o almôço, no Alvorada.

Do Deputado **Abel Rafael,** ao saber que o Governador **Israel Pinheiro** pretendia convocar sete integrantes da bancada federal de Minas para formar no seu secretariado: "Mas para que tantos? Bastavam quatro para que eu ficasse satisfeito." Êle é o quarto suplemento da bancada mineira na Câmara.

★ O Governador **Peracchi Barcelos** confessou a amigos estar encontrando grandes dificuldades para regularizar as finanças do Rio Grande do Sul. Dois fatôres conspiram contra seus esforços: a deficiente arrecadação do ICM e o volume de dívidas deixadas pelo govêrno anterior.

Ao assumir a Prefeitura de Brasília, o Sr. **Vadjô Gomide** encontrará pronta para inaugurar a passagem de nível sob os viadutos das duas grandes pistas da Esplanada dos Ministérios. A obra foi totalmente planejada e concluída pela administração do Sr. **Plínio Cantanhede** e sua franquia ao público estava reservada para o dia 21 de abril, data do 7.º aniversário da Capital.

Para controlar o vaivém diário de parlamentares que lotam seu gabinete no quarto andar do Palácio do Planalto, o Ministro **Rondón Pacheco,** chefe do gabinete civil da pre-

sidência da República, requisitou da Câmara os serviços de sua antiga secretária na UDN, D. **Maria Teresa,** que tem grande cancha parlamentar.

Frase do Senador **Nei Braga** ao General **Mário Gomes:** "No nosso estado existem três estações: rodoviária, ferroviária e o inverno. Os paranaenses ficaram felizes êste ano porque o verão caiu num domingo."

Um cidadão provoca uma conversa com o Senador **Vitorino Freire** e desata a falar sem parar, dando-lhe palmadas no ombro. Irritado, o senador exclama: "Um instante; o senhor pode continuar a pregar o seu sermão, mas pare de bater no púlpito."

Do Senador **Mário Martins,** palestrando com o pessoal da garagem do senado: "Motorista é como revólver: tem de estar sempre à mão, não pode falhar na hora de funcionar e não deve disparar por conta própria."

Do Deputado **Francelino Pereira,** consultado se, como brasileiro, preferia nomear um interino ou um concursado: "Como mineiro, eu concursaria os interinos e nomeava a todos êles."

★ O Deputado **Henrique La Rocque** vem conquistando hàbilmente o apoio da bancada federal maranhense para a sua candidatura à sucessão do Governador **José Sarnei** em 1970.

Do Deputado **Aniz Badra:** "Para os que se preocupam com êsse caso entre **Pedro Aleixo** e **Auro Moura Andrade** em tôrno da presidência do Congresso, quero lembrar que o Brasil é a república da **ajeitocracia.**

Para o Sr. **Eduardo Tapajós,** o grande sucesso do Centro de Convenções do Hotel Glória pode ser medido pelo fato de, numa mesma semana, ali se realizarem, simultâneamente, três importantes conclaves: Congresso Rodoviário, Shell e Volkswagen.

O Almirante **Augusto Rademaker** é, dos três ministros militares do nôvo govêrno, o que mais tempo passa em Brasília, onde não há problemas navais e sim lacustres.

Fugindo a diversos pedidos que lhe eram feitos, inclusive por professôres catedráticos de São Paulo, o Ministro **Gama e Silva** escolheu o advogado **Luiz Carlos Betiol** para chefiar o seu gabinete em Brasília. A amizade entre ambos é antiga e data do tempo em que o ministro, como reitor da Faculdade do Largo de São Francisco, enfrentava as reivindicações do aluno, então presidente do Centro Acadêmico XI de Agôsto.

Cumprindo a promessa que fizera quando teve seu mandato cassado, o ex-deputado acriano **José Augusto Araújo** só voltou a Brasília depois do término do govêrno **Castelo Branco.** Chegou à Capital na semana passada, em companhia da mulher, a Deputada Federal **Maria Lúcia Araújo,** herdeira de tôda a sua votação no Acre.

★ O Deputado **Henrique Lima Santos** foi escolhido para representar a Oposição no Conselho da Novacap, cargo que já custou um IPM ao atual presidente da ARENA mineira, Sr. **Guilherme Machado.**

O ex-Presidente **Juscelino Kubitschek** já providenciou horário numa cadeia americana de tevê, para que nêle seja entrevistado o Sr. **Carlos Lacerda.** Trata-se de um programa de costa a costa.

Do Senador **Antônio Balbino,** quanto aos rumos do nôvo govêrno: "Tudo vai melhorar, porque o **Costa e Silva** é uma natureza melhor."

PAULO MENDES CAMPOS

UNANIMIDADE

O homem hoje vive simultâneamente em tôdas as partes do mundo. Dói-lhe a terra inteira como se fôsse uma extensão sensível de seu corpo. O rádio, a televisão, o telex são as células nervosas dêsse imenso organismo a transmitir-lhe impressões sob forma de notícias.

O jornal é o gráfico dessa vida nervosa complementar, estampando diàriamente as oscilações de nossas tristezas universais, nossas pálidas esperanças ecumênicas, nosso mêdo; somando as parcelas do mundo em nossa mente, divide a nossa mal distraída atenção por todos os continentes.

O homem particular desaparece: somos todos homens públicos. As mesmas vibrações percorrem os povos de tôda a Terra; nossa curiosidade e nossos interêsses estão em todos os lugares; nosso ativado espírito de justiça não recua diante das fronteiras; já não vivemos em nossa **urbs** limitada; nossa segurança não depende apenas de nós ou da polícia da cidade.

Uma atitude tomada a milhares de quilômetros poderá transformar violentamente o nosso plano de vida para amanhã. Não tem sentido dizer: não tenho nada com isso. Pois isso ou aquilo, tudo tem a ver conosco. Temos a ver com tôdas as coisas e tôdas as pessoas.

Essa unanimidade consciente é o dado mais estranho de nosso tempo. Temos a ver com o político que morreu varado a tiros, e é preciso conhecer os motivos dêsse gesto, com a pequena comunidade que se tornou independente depois de séculos de servidão, com a transferência de propriedade de uma grande indústria.

Tudo pode afetar a nossa vida, nossa consciência, nosso sentimento de culpa, nossa tranqüilidade, nossa noite de descanso. Estamos envolvidos por tudo e por todos. Das experiências termonucleares às pesquisas sôbre dor reumática. Das multidões esfomeadas da Índia à menina brasileira que furtou um pão. Das reviravoltas da política africana às usinas de alumínio no Canadá.

Da janela de seu quarto, aberto para todos os quadrantes, o homem indaga o mundo, olha as razões do mundo, fareja os motivos e as conseqüências dessa ou daquela atitude, dessa ou daquela omissão, refletindo a vasta massa informe dos acontecimentos, das situações estacionárias, revolucionárias, ou reacionárias, das promessas e das mentiras universais.

E olhando, indagando, farejando, refletindo, o seu interêsse cruza com o interêsse de milhões de outras criaturas que procuram um entendimento universal, uma evolução verdadeira, uma paz estável para as gerações novas, uma segurança solidária, um mundo afinal mais decente, menos enganado pelos poderosos, menos injustiçado.

Nosso destino é morrer. Mas também é nascer. O resto é aflição ou frivolidade do espírito.

Mais valem 2 vincos no lugar certo

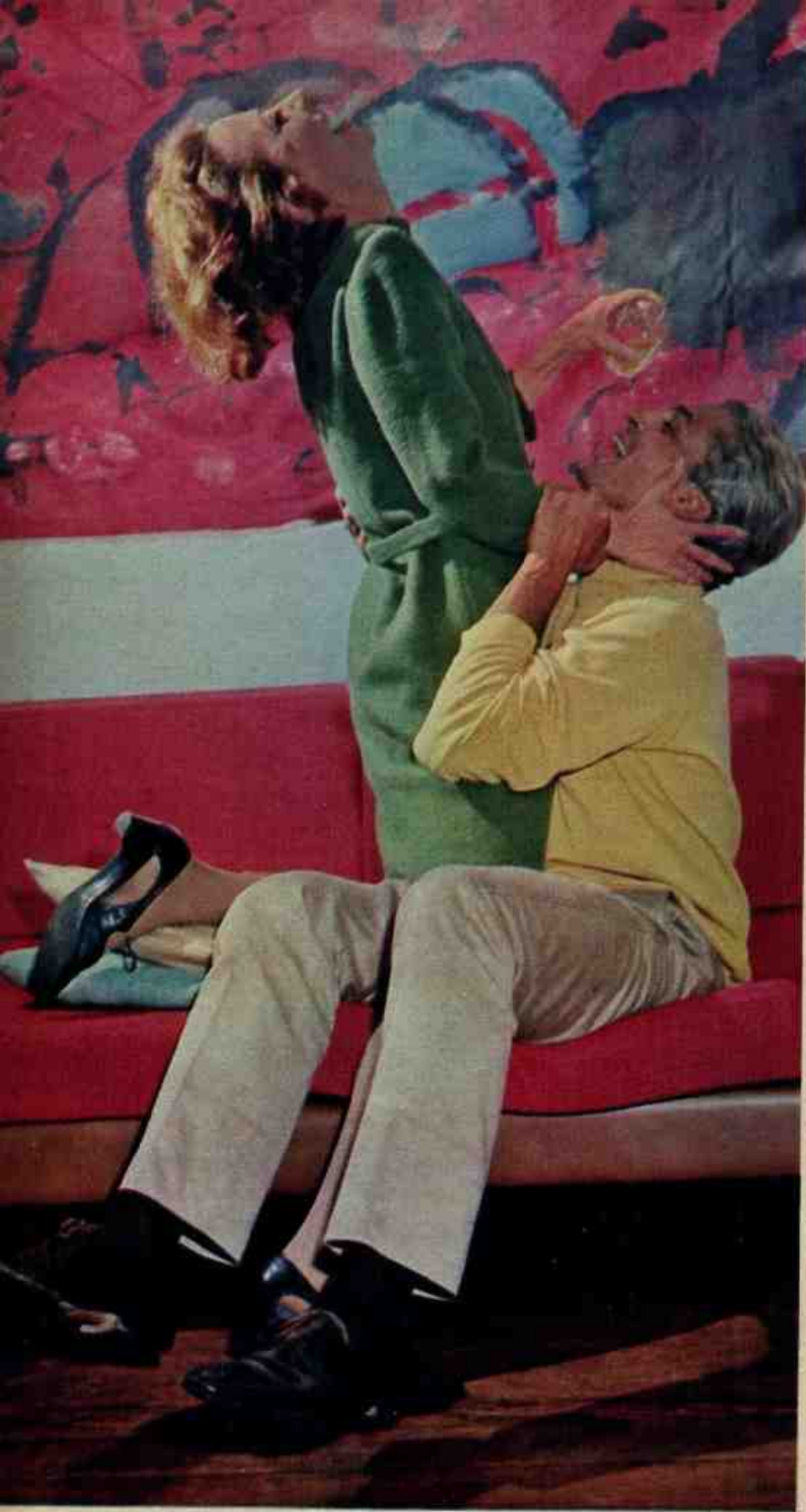
do que muitos em lugar errado.

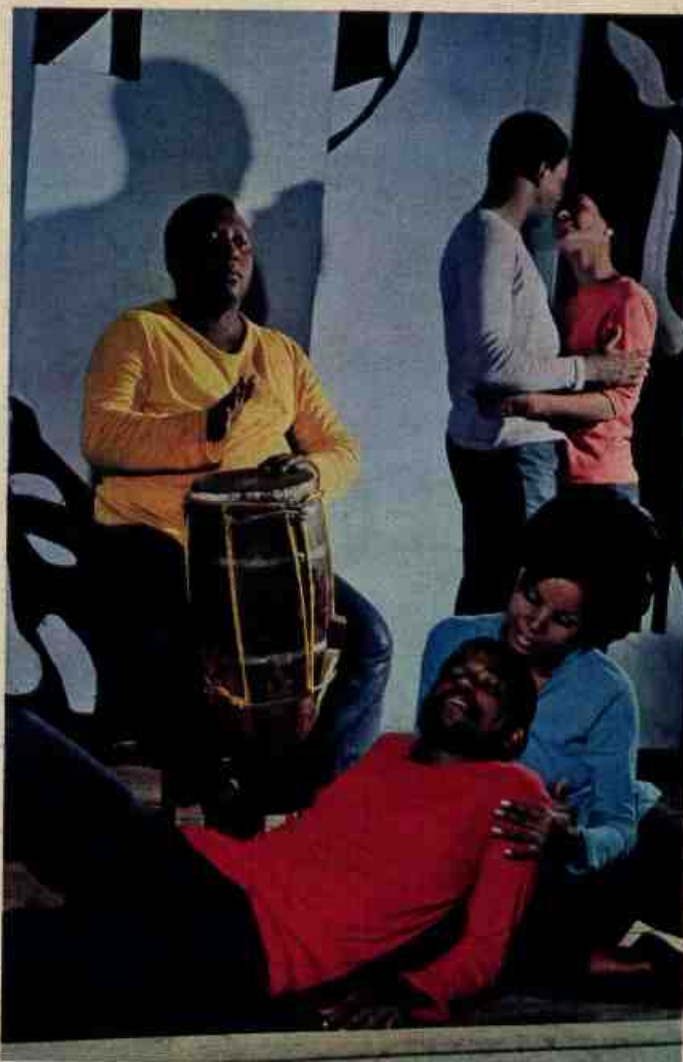
TEATRO 67

DO RISO AO PROTESTO

Reportagem de RICARDO GONTIJO • Fotos de ANTÔNIO TRINDADE

Com o fim do verão, reanimam-se as atividades teatrais cariocas. O panorama de 1967 não difere muito dos anos anteriores. Existem, entretanto, duas tendências que se estão tornando preponderantes. Uma é a ascensão de novos diretores e, também, de novos intérpretes. Alguns dos espetáculos mais bem dirigidos do momento resultaram precisamente do esfôrço de elementos jovens, mas já amadurecidos por inúmeras experiências. A outra tendência é a que se volta para os espetáculos musicados e que teve o seu início com a admirável encenação de *My Fair Lady*. Desde então vimos uma série de espetáculos dêsse gênero, uns mais, outros menos felizes (*Como Vencer na Vida sem Fazer Fôrça*, *Alô, Dolly!*, *A Ópera de Três Vinténs* e, finalmente, *Oh Que Delícia de Guerra!*, cujo merecido êxito ainda se prolonga no Teatro Ginástico). Agora, o público carioca assistirá, no Teatro Santa Rosa, *A Úlcera de Ouro*, comédia musical de Hélio Bloch, sátira moderna aos efeitos da propaganda comercial desenfreada. A música é de três autores: Roberto Menescal, Oscar Castro Neves e Edino Krieger. Ao mesmo tempo, anuncia-se para breve, no Copacabana, a remontagem de *Onde Canta o Sabiá*, de Gastão Tojeiro, também como comédia musicada.

Com a comédia de Joe Orton, O Versátil Mr. Sloane, **Maria Fernanda e Adriano Reis (à esquerda) reabriram o Teatro da Praça. A direita: Marília Pêra, Rosana Ghessa, Augusto César, Cláudio Cavalcanti, Migliaccio, Sabag e demais intérpretes de** A Úlcera de Ouro, **dirigidos por Léo Jusi, no Santa Rosa.**

Fernanda Montenegro ensaia com Sérgio Brito uma cena de The Homecoming (A Volta ao Lar), do já famoso dramaturgo inglês de vanguarda, Harold Pinter.

Peças antigas e modernas, temas polêmicos e experiências que rompem com a rotina atestam a vitalidade do teatro brasileiro

Em Arena Conta Zumbi um grupo de artistas negros, liderado por Milton Gonçalves, está fazendo significativo sucesso.

Quatro Num Quarto Etty Fraser, Renato

Luís Linhares, Rubens Correia, Oduvaldo Viana Filho, Guilherme Diecken, Echio Reis, Ivã Cândido, Carlos Vereza e Célia Helena, em Onde Fica a Saída?

Rasto Atrás, de Jorge Andrade, com Leonardo Villar, no Teatro Nacional de Comédia.

está no cartaz do Teatro da Maison de France, tendo como intérpretes Fernando Peixoto, Ítala Nandi, Dirce Migliaccio, Renato Borghi, Francisco Martins, Dobal e Ana Maria. A tradução de Eugênio Kusnet manteve os diálogos de Katáiev. E os cenários de Marcos Flaksman reproduziram o ambiente moscovita.

Outro espetáculo musical, que também volta à cena, em nova montagem, é *Arena Conta Zumbi*, com partitura de Edoardo Guarnieri, Augusto Boal e Edu Lôbo. Encenado por um bom ator, Milton Gonçalves, estreando na direção, tem agora um elenco negro narrando com alma a heróica luta de Palmares. Outro nôvo, João das Neves, dirigiu o espetáculo polêmico *A Saída? Onde Fica a Saída?*, escrito em tom panfletário por Antônio Carlos Fontoura, Ferreira Gullar e Armando Costa. O jovem José Celso Martinez Correia é o diretor de *Quatro num Quarto*, peça russa de forte comicidade, sôbre o drama de dois casais em lua-de-mel, em 1928, durante a grande crise de habitações em Moscou. Tentativa curiosa é a do espetáculo *Eu Chego Lá*, no sentido de casar teatro e música populares com literatura de vanguarda. Não menos curiosa é, no Mini-Teatro de Copacabana, a imprevista aliança do *Festival da Besteira*, de Stanislaw Ponte Preta, com *A Exceção e a Regra*, de Brecht, dirigida pelo nôvo Antônio Pedro. Mas dois veteranos também brilham: Dulcina, no seu teatro, com a nova encenação de *O Noviço*, de Martins Penna, e Gianni Ratto, no Teatro Nacional de Comédia, com a de *Rasto Atrás*, de Jorge Andrade. São dois bons espetáculos.

Uma cena de A Exceção e a Regra, de Bertolt Brecht, com Jaime Barcelos, Milton Carneiro, Aldo de Maio e Camila Amado. A tradução é de Mário da Silva.

A LINHA FLUTUANTE DE GUILHERME

Fotos de PAULO SCHEUENSTUHL

Modêlo totalmente drapejado em musselina francesa branca, sem alças. Como complementos, os brincos pingentes e o anel turquesa de Isidro dão toque de sofisticação e requinte.

A MODA TEM SEUS MISTÉRIOS. GUILHERME GUIMARÃES, QUE É UM ALQUIMISTA DESSA MAGIA, ACHA QUE PARA CADA IDADE EXISTE UM GÊNERO de roupa. As mini-jupes e a moda *prêt à porter* de Mary Quant, por exemplo, em sua opinião se endereçam exclusivamente às *teen-agers*, cuja graça e leveza de movimentos farão com que sejam usadas por muitos anos. Ele, porém, prefere criar com mais liberdade, mergulhando no mundo dos requintes da verdadeira alta costura. Suas criações exigem mulheres de fascinante beleza. Daí a razão por que escolheu a Sra. Fritz Alencastro Guimarães para mostrar, nestas páginas, três modelos de sua coleção, desfilada no Waldorf Astoria, em Nova Iorque. São modelos leves, em organza e musselinas — a doçura dos lindos tecidos a serviço da sedução feminina.

Para receber os amigos à noite o caftan, moda oriental, ainda é o mais indicado. Este, em tecido [illegible] azul-claro, se harmoniza com o [illegible] e lindo desenho do penteado de Lambert.

Longo em duas peças: saia em musselina com etiqueta Francine Ferrer, na cor laranja; blusa com mangas e decote alto em cloqué de Cirne. A originalidade são os botões de cima a baixo.

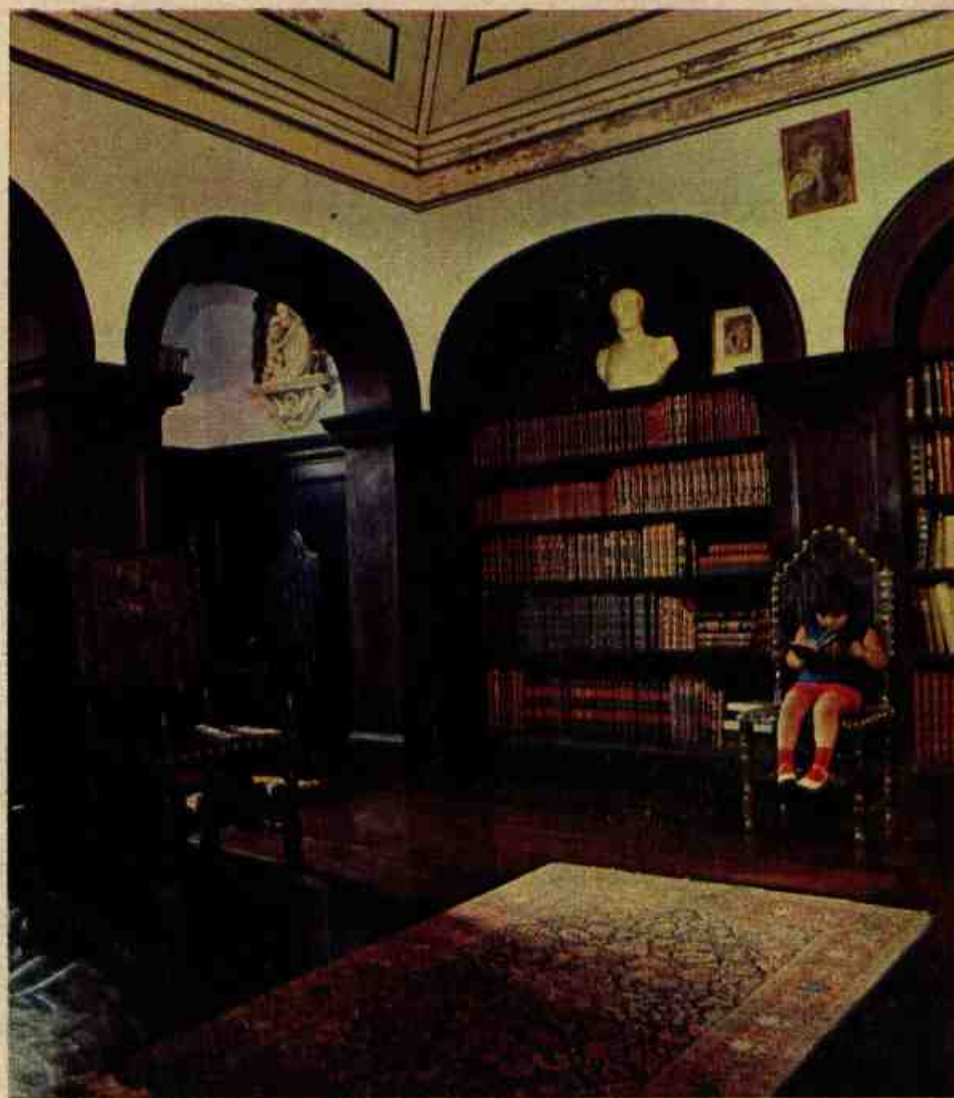
FORD GALAXIE

Um solar histórico

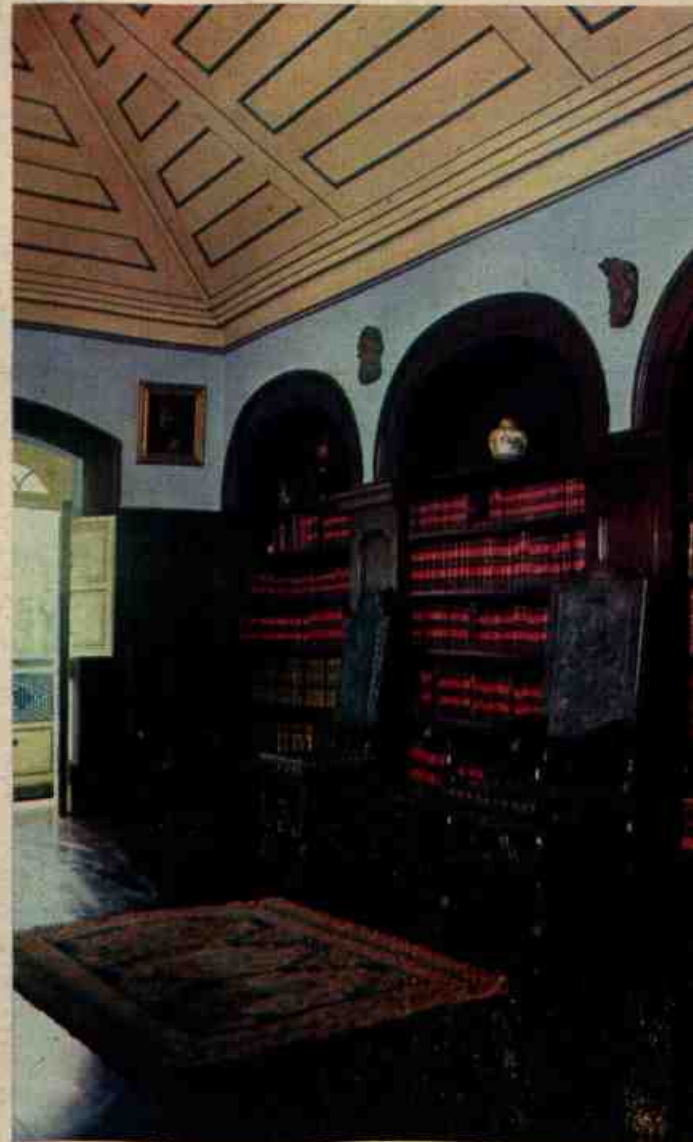
Reportagem de IBRAHIM SUED • Fotos de JUVENIL DE SOUZA

Uma das mais tradicionais mansões cariocas é o Solar Monjope, no Jardim Botânico, residência de várias gerações de uma das, também, mais tradicionais famílias brasileiras. No Solar Monjope reside, hoje, o casal José Mariano Neto, êle filho do famoso José Mariano, campeão do Abolicionismo, que idealizou a construção do solar e lhe deu o nome. Erguido em meio a exuberante e amplo terreno, esta heráldica residência é um pequeno museu, no qual se destacam os velhos e belos azulejos portuguêses, do século XVIII, bem como a prataria e os móveis, em estilo D. João V.

Detalhe do pátio interno do Solar Monjope, cópia fiel de um claustro antigo, destacando-se o soberbo painel em azulejos portuguêses.

À esquerda, o amplo vestíbulo do Solar dos Mariano, no Jardim Botânico. Em cima, o salão de jantar, em estilo manuelino, onde se encontra um raro armário de sacristia, obra-prima do mobiliário D. João V. À direita, detalhe da farta biblioteca do Solar Monjope, cujas estantes guardam obras raras, além de uma numerosíssima "brasiliana", centenas de livros referentes às mais diferentes fases da História do Brasil.

A sacristia do Solar Monjope é um dos mais belos recantos da mansão. O arcaz é originário da Bahia.

As paredes da sacristia só foram levantadas depois de no local

Todo o solar guarda raras peças coloniais, das quais José Mariano, o grande abolicionista, era colecionador.

Outro detalhe da biblioteca, uma das mais numerosas livra jope, além de seu valor histórico, tem hospedado ilustres per

ser acomodado o maravilhoso arcaz baiano.

O vestíbulo visto de outro ângulo, destacando-se a grande mesa em jacarandá, considerada o exemplar mais valioso do mobiliário.

A tradição de uma grande família mantém-se intacta nesta bela residência do Jardim Botânico

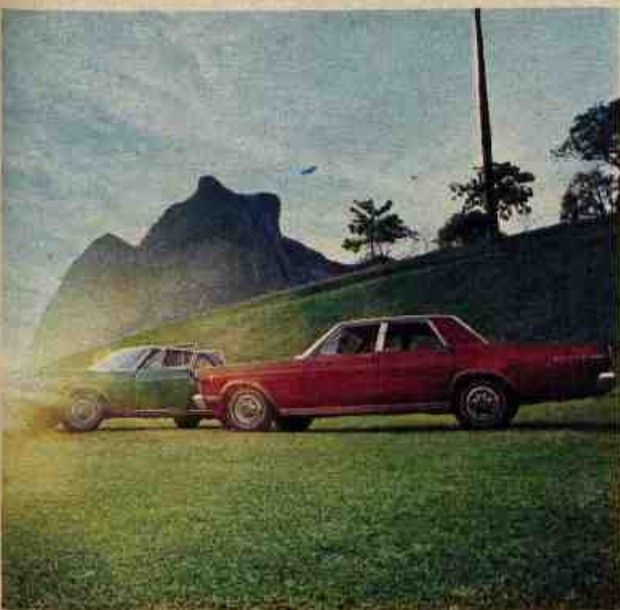
No Solar Monjope, que herdou, por sugestão de José Mariano Filho, o nome do Engenho Monjope, em Pernambuco (de propriedade do Barão de Vera-Cruz, patriarca da família Mariano Carneiro da Cunha), o mobiliário antigo e nobre é a nota mais destacada. E entre suas peças mais ricas, sobressai-se o arcaz existente na sacristia da capelinha da mansão, originário da Bahia. Os painéis, em azulejo, foram, por sua vez, trazidos do Convento de Paraguaçu, no Recôncavo Baiano, hoje em ruínas. A mesa que se encontra no vestíbulo do solar é considerada o exemplar mais valioso de todo o mobiliário, ainda existente, do Brasil antigo, não sendo conhecida nenhuma peça similar. Da mesma maneira, os lampadários seiscentistas, iguais aos do Mosteiro de São Bento, do Rio, são peças de grande beleza e de incalculável valor. Também se destaca, pela sua imponente e grave beleza, a grande mesa de jacarandá esculpido. Ao mesmo tempo solar e museu, a tradicional mansão do Jardim Botânico guarda muito da história dos Mariano e um pouco da História do Brasil.

rias particulares do Rio. O Solar Monsonalidades internacionais e brasileiras.

A magnífica fonte com lavabo de sacristia, ao lado do refeitório.

O pátio externo, com o velho poço, lembra os pátios espanhóis.

FORD GALAXIE

o automóvel

Abram alas, por favor. Com o devido apreço pelos demais veículos, o Ford Gálaxie pede passagem, anunciando sua chegada. Chegou O automóvel! E as estradas e as ruas, como por encanto, ficam de repente mais bonitas. Espalhe a boa nova tão ansiosamente esperada. Conte a todos que o Ford Gálaxie brasileiro já pode ser visto nos novos, mais bonitos salões dos Revendedores Ford. Finalmente, Você já pode adquiri-lo. Provàvelmente, V. já tem uma idéia de como êle é, pois o Ford Gálaxie tem sido notícia em todos os jornais e revistas do país. Mas, agora, pode com calma vê-lo, tocá-lo, examiná-lo, saboreando seus menores detalhes. Suas linhas, por exemplo, têm tôda a pureza simples da arquitetura contemporânea. Sem mistérios, nem rodeios. O generoso confôrto do seu interior é um convite. Que amplidão, que visibilidade! Mesmo com as janelas fechadas, o Ford Gálaxie tem sempre ar fresco no seu interior, graças a um sistema de ventilação interna. Para quem tem interêsse técnico: seu motor tem 164 cavalos de fôrça; a suspensão é com molas espirais, independente nas quatro rodas, dotada de amortecedores de dupla ação; freios superdimensionados; tem direção hidráulica; a lubrificação de suspensão é feita sòmente a cada 50 mil quilômetros. Mas, não queremos fazer desta página um catálogo técnico. Nosso desejo, por ora, é apenas apresentar o Ford Gálaxie a Você e convidá-lo a visitar o seu Revendedor Ford. E não se surpreenda se encontrar lá alguns dos seus melhores amigos...

Manchete

AMOR E MÚSICA NEM SEMPRE SE DÃO BEM. POR EXCESSO DE MELODIA O COMPOSITOR DO **TEMA DE LARA,** MAURICE JARRE, PERDEU SUA MULHER

DANY SAVAL em sol menor

Texto de JEAN-PAUL LAGARRIDE

DE CORPO LONGO, ESGUIO, DANY SAVAL AFIRMAVA HÁ POUCO TEMPO: "POR QUE ESCONDER MINHA FELICIDADE? SIM, SOU FELIZ. TENHO, ATUALMENTE, UM COMPANHEIRO COM QUEM POSSO CONTAR. UM HOMEM, ENFIM! CHAMA-SE MAURICE JARRE, E GRAÇAS A ÊLE REVELEI-ME A MIM MESMA. SINTO-ME DESCANSADA, POSSO RESPIRAR E REVIVER."

AGORA, A HISTÓRIA MUDOU BASTANTE. DANY, QUE SE TORNOU CONHECIDA NO CINEMA FRANCÊS INTERPRETANDO A PARISIENSE TÍPICA, INGÊNUA E PERVERSA AO MESMO TEMPO, SEPAROU-SE DE JARRE, O COMPOSITOR DE FAMOSAS MÚSICAS PARA FILMES COMO AS DE **LAWRENCE DA ARÁBIA** E **DOUTOR JIVAGO**. APÓS O **TEMA DE LARA,** NESSE ÚLTIMO FILME, ÊLE ASSINOU CONTRATO POR SEIS ANOS COM OS PRODUTORES DE HOLLYWOOD, MAS DANY NÃO SUPORTOU A IDÉIA DE VIVER UMA LONGA TEMPORADA DISTANTE DA FRANÇA. COM MUITA MÚSICA, UM ROMANCE DE AMOR CHEGA AO FIM.

⊞ Aos sete anos de idade, Dany Saval entrava para o Teatro Chatelet, em Paris, como ratinho de peças infantis. Em seguida, vieram o Teatro Mogador (especializado em operetas), a Ópera e até mesmo a **Comédie Française,** onde foi convidada a fazer o papel de pajem. Com 15 anos, tomava parte nos **Ballets de Florence et de Frédéric,** passando da dança clássica ao estilo moderno. Em 1958, o diretor de cinema André Cayatte ficou convencido de que Dany Saval era a intérprete ideal para um personagem secundário em **O Espelho de Duas Faces (Le Miroir a Deux Faces)**, filme com Bourvil e Michèle Morgan, sôbre a influência da cirurgia plástica na vida de um modesto casal francês. Logo depois, convidada por Marcel Carné, viveu uma das jovens de **Os Trapaceiros (Les Tricheurs)**. Todos começaram, então, a notar que ela resumia muito bem um tipo de mulher parisiense livre e moderna, despreocupada e amante do **jerk**. Seu êxito foi rápido: alternaram-se as propostas para o teatro e cinema. Em 1959, Dany Saval participava dos espetáculos do Teatro Nacional Popular, representando, no Récamier, a peça de Boris Vian **Les Batisseurs d'Empire**. Apareceu em 18 filmes produzidos na França, nos anos seguintes, entre êles **As Parisienses, O Diabo e os Dez Mandamentos** e o episódio **A Inveja** em **Os Sete Pecados Capitais.**

Enquanto aprimorava cada vez mais o seu trabalho, Dany Saval aprendia lições de judô e, nas horas vagas, cuidava da pequena filha, Stephanie. Sua vida com Maurice Jarre também seguia normalmente, até que o compositor — de 39 anos de idade — foi obrigado a morar em Los Angeles, pelo vantajoso contrato com os estúdios norte-americanos. A família se instalou numa luxuosa vila, com piscina e todos os luxos concedidos pelo cinema californiano. Mas Dany, essencialmente francesa, não se adaptou. E pediu a separação.

Pouco tempo antes, ela declarava: "Maurice é um homem maravilhoso. Trouxe para mim três coisas extraordinárias: 1 — Fêz-me compreender que eu tinha uma vontade louca de ser mãe; 2 — Curou-me de meus complexos, pois eu me achava magra demais, e êle me ensinou a viver em comunhão mais perfeita com a natureza, sem maquilagens; 3 — Trouxe-me a segurança, porque se eu tiver vontade posso deixar de filmar (Maurice trabalha suficientemente para dois). Vamos viajar juntos para os Estados Unidos."

Era a época em que Maurice Jarre, após compor a música de **Week-end à Zuidcote,** preparava-se para iniciar a partitura de **The Collector (O Colecionador)**, para William Wyller. As músicas de **Lawrence da Arábia** e **Doutor Jivago** já haviam rendido bastante dinheiro a Jarre — e também dois **Oscars** da Academia de Hollywood. Embora seja, como Dany, um tipo essencialmente francês, êle prefere os Estados Unidos a Paris, pelo menos até o fim do atual contrato. "Nas colinas de Beverly Hills sinto que trabalho melhor" — diz Jarre. "Talvez seja o clima, a luz, a primavera permanente. Isso constitui uma atmosfera favorável à criação. Além disso, nos Estados Unidos tudo é muito profissional, feito com seriedade e método. Para mim, compositor profissional de cinema, é o que mais importa." Sôbre o êxito da partitura de **Lawrence da Arábia,** êle declara: "Obtive uma hora e meia de música original, depois de uma atividade criadora particularmente intensa. Trabalhei com cem músicos, em 14 sessões para a gravação. Durante seis semanas seguidas, tinha 17 horas de trabalho por dia. Além disso, passei longo tempo pesquisando no Líbano, reunindo os elementos de que precisava para compor o tema de Lawrence. Quando tenho de escrever uma música geogràficamente situada, eu me concentro sôbre o país e sôbre a época adequada. Assim, sirvo-me de uma atmosfera folclórica, na sua forma original e autêntica. Mas se essa solução se revela ineficaz, então sou obrigado a inventar a música dentro de um contexto e colorido obtidos pela pura imaginação pessoal."

Um músico, uma atriz. Depois de algum tempo as notas dissonantes tomaram conta de um casal feliz, e Dany Saval voltou à França. Não tem ainda projetos para o futuro: a primeira coisa que fêz em Paris foi visitar a exposição de Tutancamon ("adoro a arte egípcia"). E disse apenas: "Acho que vou esquecer o cinema por um tempo, para voltar ao teatro."

Dany Saval trocou a vida em Hollywood com seu marido, o músico de filmes Maurice Jarre, pela elegância e o ar livre de Paris.

Para entregar a Edição Especial sôbre o Rio Grande do Sul

MANCHETE RECEBE OS GAÚCHOS

O Ministro Mário Andreazza, titular dos Transportes, compareceu ao almôço e falou sôbre o govêrno do Marechal Costa e Silva. Ao seu lado está o Sr. Nestor Jost, pres. do Banco do Brasil.

PARA ENTREGAR NO RIO A EDIÇÃO ESPECIAL EM HOMENAGEM AO RIO GRANDE DO SUL, **MANCHETE** OFERECEU UM ALMÔÇO EM SEU PARQUE GRÁFICO DE PARADA DE LUcas aos líderes políticos, administrativos e empresariais daquele estado. Coube ao Sr. Oscar Bloch, vice-presidente das Emprêsas Bloch, fazer a saudação a todos os presentes: "Neste momento em que o Brasil tem nôvo govêrno, nossa mensagem é de otimismo e de esperança nos líderes que agora assumem o comando da nação. Sejam todos bem-vindos a esta casa, onde estamos, com esfôrço e confiança, ajudando a construir o grande Brasil, do presente e do futuro." Em resposta, o engenheiro Anavate, falando em nome do Governador Peracchi Barcelos, agradeceu a MANCHETE a edição em que estava retratado o grande esfôrço dos gaúchos em busca do desenvolvimento. O orador seguinte foi o Ministro Tarso Dutra, que apresentou o plano educacional do nôvo govêrno. Falando por último, o Ministro Mário Andreazza lembrou a presença de um homem do Rio Grande do Sul à frente dos destinos da nação e afirmou que todos os brasileiros podiam confiar no seu discernimento e na sua vontade de servir aos ideais do país. Estavam presentes secretários de Estado, presidentes de bancos, empresários, jornalistas, industriais gaúchos e mais de cem convidados.

O restaurante de MAN
Embaixo, o Sr. Oscar

O Ministro Tarso Dutra, titular da Educação, assinou o painel das celebridades, existente no restaurante da MANCHETE, em Lucas. Em cima, o Sr. Carlos Alberto Vieira, presidente do BEG, com o Sr. Jaime Magrassi, presidente do BNDE.

Fotos de GIL PINHEIRO

A direção hidráulica faz parte integral do sistema de direção e não é um sistema separado.

Limpador de pára-brisa de grande área de varredura. Motor elétrico de duas velocidades, com alta capacidade.

Painel de instrumentos almofadado e flexível, moldado em poliuretano, oferecendo grande proteção.

Dois tipos de direção: manual ou hidráulica (opcional), ambas de alta eficiência, sendo que a hidráulica pode ser acionada com um dedo.

Excepcional área de visão. Pára-brisa com vidro curvo em duplo sentido. Alta resistência e ausência de reflexos luminosos.

Portas que ficam abertas em duas posições.

Lâmpadas no porta-luvas.

Quebra-luzes acolchoados.

Relógio elétrico de alta precisão.

Quebra-vento acionado por manivela.

Cinzeiros no painel e nas portas traseiras.

Faróis dianteiros duplos com lâmpadas "sealed-beam" para maior visibilidade e segurança.

Motor V-8 de 4500 cc e 164 HP a 4400 rpm. Cabeçote, tubagens de admissão e escape especialmente desenhados e fundidos dentro do mais moderno processo existente. Tubagem de escape em Y, proporcionando livre descarga de gases. Troca de óleo a cada 10 mil quilômetros.

Supressor de ruídos na própria vela de ignição para garantir boa sonoridade do rádio.

Coluna de direção com sistema isolante, por meio de um acoplamento flexível, neutralizando qualquer vibração.

Suspensão dianteira com sistema de lubrificação prévia para um período de 50 mil quilômetros (é o famoso sistema "greased for life"). Os demais pontos móveis possuem buchas de borracha com características dinâmicas para absorção perfeita de ruídos e vibrações. Peças forjadas e estampadas de alta resistência, montadas de forma tal que a distribuição de fôrça é absorvida por tôda a estrutura do veículo.

Nôvo tipo de radiador de alto poder de arrefecimento e grande durabilidade. Válvula reguladora de pressão elimina o superaquecimento.

O sistema de aceleração que liga o pedal ao carburador é composto de um cabo de aço inoxidável, de alta flexibilidade e resistência, e de um tubo com o interior de nylon especial, que reduz fricção, e o exterior de poliestireno para proteger o cabo contra poeira e infiltração de água. O sistema é lubrificado com graxa de silicone para aumentar sua eficiência e possui guarda-pós em ambas as extremidades. Todo êsse complexo elimina completamente a transmissão de vibrações do motor à carroçaria e reduz, também, o esfôrço no pedal.

Barra de alavanca de transmissão eliminada. Substituída por um tubo concêntrico à coluna de direção. Mais leve, e mais fácil de operar.

Pneus sem câmara, com rodas de esmerado acabamento e robustez.

Rádio transistorizado de alta fidelidade, com três faixas de ondas (e filtro para absorção de estática), convenientemente localizado no painel de instrumentos.

O volante da direção é fabricado com um material que, em caso de colisão, se deforma absorvendo o impacto. Outro fator de segurança é seu formato em cálice.

Sistema especial de circulação de ar com três velocidades. Comando interno para o pára-brisa evita o embaçamento de vidros.

Chave de ignição com 1864 combinações, reduzindo substancialmente a possibilidade de roubo do veículo. A partida pode ser dada com a chave em duas posições.

O "freio de mão" é operado com o pé, proporcionando menor esfôrço, especialmente em aclives. O freio é destravado com um leve toque dos dedos, apagando automàticamente a luz vigia no painel de instrumentos.

Garantia de 12 meses ou 20.000 quilômetros.

Rapaz apaixonado pela moça

Moça apaixonada pelo Gálaxie

Molduras externas de aço inoxidável.

Bancos dotados de molas especialmente desenhadas para a absorção de vibrações, proporcionando o máximo confôrto anatômico. Revestidos de tecido especial ventilado, com refôrço de material vinílico, inodoro e repelente à manchas.

Vidros laterais curvos de alta resistência e beleza.

Fechaduras que resistem à tração de uma tonelada.

Camada isolante de fibra de vidro anti-térmica e anti-acústica na forração do teto.

Vidro traseiro de grande área, para maior visibilidade.

Freios superdimensionados com servo duplo, funcionando com uma eficiência de 85 a 99%, dependendo do coeficiente de fricção do pneu com o solo. Operando com a mesma segurança quando submetidos a altas temperaturas.

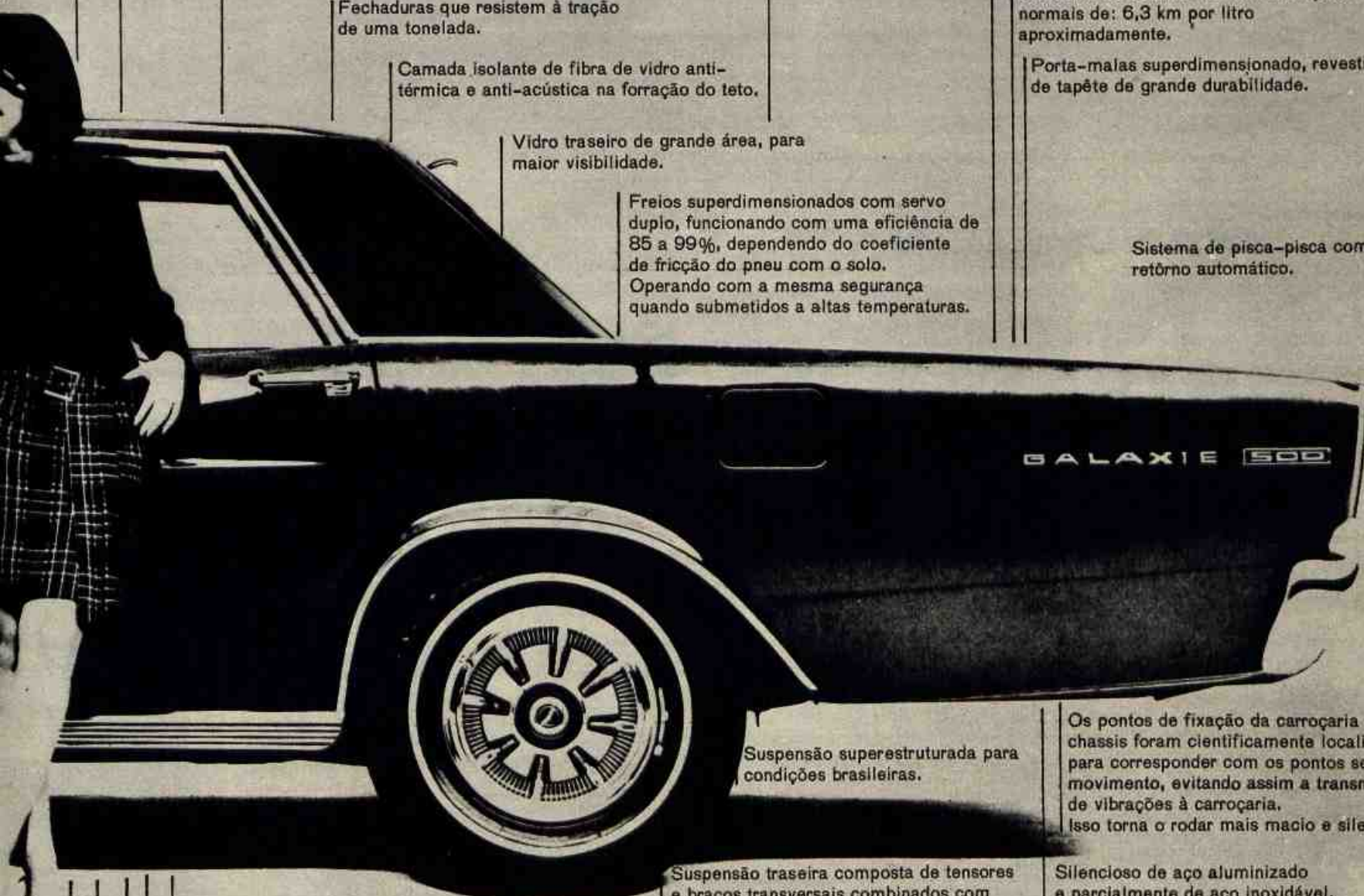
Opera com qualquer tipo de gasolina.

Consumo de combustível em condições normais de: 6,3 km por litro aproximadamente.

Porta-malas superdimensionado, revestido de tapête de grande durabilidade.

Sistema de pisca-pisca com retôrno automático.

GALAXIE 500

Os pontos de fixação da carroçaria no chassis foram cientificamente localizados para corresponder com os pontos sem movimento, evitando assim a transmissão de vibrações à carroçaria. Isso torna o rodar mais macio e silencioso.

Suspensão superestruturada para condições brasileiras.

Suspensão traseira composta de tensores e braços transversais combinados com molas espirais. Êsses componentes evitam o deslocamento longitudinal e transversal do eixo traseiro dando ao veículo um rodar suave. Pontos móveis dotados de buchas de borracha de grande resistência proporcionando maior confôrto e durabilidade.

Silencioso de aço aluminizado e parcialmente de aço inoxidável, evitando a corrosão ocasionada pelos gases de descarga e a umidade. É ligado ao chassis por suportes flexíveis, eliminando qualquer transmissão de ruídos e vibração.

Camisas especiais dentro do cardan para amortecer as ondas sonoras.

Válvulas de borracha em tôdas as áreas críticas permitem a saída de água, vedando entretanto, a entrada de poeira e detritos.

Aço galvanizado nas áreas críticas onde a corrosão é maior. Em outras áreas o metal foi especialmente tratado com uma cobertura à base de zinco.

Chassis especialmente desenhado para acompanhar a parte inferior da carroçaria, com duas vantagens básicas: maior proteção em caso de acidente e desobstrução da área total do assoalho, permitindo seu rebaixamento e conseqüente aumento de espaço vertical. Outra vantagem é o abaixamento do centro de gravidade, dando maior estabilidade.

Tapête de bouclê de nylon, em uma só peça pré-moldada a vácuo, acompanhando o contôrno do assoalho. Camada anti-acústica entre o tapête e o chão.

FORD GALAXIE

Ford

o automóvel

IONÁ MAGALHÃES é capturada pelos beduínos numa cena de O Sheik de Agadir, novela que alcançou um dos maiores índices de audiência da televisão brasileira. Não foram poupados recursos na criação de ambientes.

CARLOS ALBERT... Eu Compro Es...

MANCHETE NA TEVÊ

VÁLTER CLARK

o homem que descobriu a fórmula do sucesso

AS EMISSORAS DE TELEVISÃO DO RIO HAVIAM CHEGADO A UM IMPASSE, EM 1963: A ESCALADA DA GUERRA PELA CONTRATAÇÃO DOS ARTISTAS DE MAIOR POPULARIDADE INFLACIONARA OS CUSTOS E SALÁRIOS, AMEAÇANDO A PRÓPRIA ESTABILIDADE ECONÔMICA DA TEVÊ. A EMISSORA QUE ENTÃO LIDERAVA A AUDIÊNCIA SE VIU, DE UM MOMENTO PARA OUTRO, SEM O CONCURSO DE QUARENTA DOS SEUS CONTRATADOS, ENTRE HUMORISTAS, ATÔRES E DIRETORES, QUE FORAM LEVADOS POR UM CONCORRENTE. PARA ENFRENTAR A SITUAÇÃO, A DIREÇÃO DAQUELA EMISSORA CONVOCOU UM **CONSELHO DE GUERRA**, INTEGRADO POR VÁLTER CLARK, JOSÉ OTÁVIO CASTRO NEVES, NÉLSON RODRIGUES, FERNANDO TÔRRES E JOÃO BATISTA FILHO.

Válter Clark mostrou a importância de se encontrar uma idéia brilhante que abrisse um nôvo caminho, acabando com a guerra que exauria as fôrças das emissoras de televisão. Surgiu a idéia: a novela, cujo sucesso é conhecido de todos. Eis como Válter Clark relembra aquêles acontecimentos:

— A primeira novela da televisão brasileira surgiu naquela reunião. O Fernando Tôrres sugeriu que lançássemos um original de Nélson Rodrigues, à maneira das novelas de rádio. Até então, tivéramos apenas alguns teleteatros, mas a coisa estava longe de eletrizar todo o público. Lançamos, com enorme sucesso, a novela **A Morta Sem Espelho**, do Nélson Rodrigues. O caminho nôvo havia sido encontrado e a tevê carioca pôde sair daquele impasse em que se encontrava.

Válter Clark diz que o entusiasmo renasceu na emissora que êle dirigia. Auxiliado pelo diretor-artístico, José Bonifácio de Oliveira, êle partiu para a conquista de novas camadas de público. Foram feitas algumas contratações importantes, como as de João Roberto Kelly, Derci Gonçalves e Orquestra Tabajara. Alguém lembrou a Válter Clark o enorme sucesso obtido, muitos anos antes, pela novela **O Direito de Nascer**, apresentada no rádio. Sem perda de tempo, foram adquiridos os direitos dessa novela, assim como de **O Preço de uma Vida**. Conta Válter Clark:

— Surgiu então um problema: a emissora que era associada à nossa, em São Paulo, recusou-se a filmar e a apresentar **O Direito de Nascer** naquele estado. Fizemos um acôrdo com uma emissora de outra cadeia e lançamos a novela — êsse foi o maior sucesso da televisão brasileira. A novela conquistara, definitivamente, o público. Algum tempo depois, transferi-me para a TV Globo e decidi prosseguir na apresentação de boas novelas, cada vez mais bem concebidas e bem realizadas. Contratei, então, uma senhora muito temida pelos produtores de televisão: a representante do patrocinador da novela. O diretor de novelas da Globo não morria de amôres por ela. Queria, inclusive, proibir o ingresso daquela senhora nos estúdios. A solução foi demitir o diretor e contratar a senhora, que se chama Magda Magadan e que, na minha opinião, é a maior autoridade mundial em novelas. A Sra. Magadan trabalhava, há mais de vinte anos, para um tradicional anunciante que patrocinava novelas no rádio e, mais tarde, na televisão.

Válter Clark relembra os sucessos que foram **Eu Compro Essa Mulher** e **O Sheik de Agadir**, apresentadas pela TV Globo. E conclui:

— Agora, a Globo está apresentando mais duas grandes novelas, **A Sombra de Rebeca** e **A Rainha Louca**, dirigidas por Henrique Martins e Ziembinsky e interpretadas pelos maiores nomes de nossos palcos, como Natália Timberg, Ioná Magalhães, Carlos Alberto, Hamílton Fernandes, Mário Lago, Paulo Gracindo, Norma Bengell e mais uma centena de atôres e atrizes. Assim, a **Central Globo de Novelas** continua na liderança absoluta, apresentando o que há de melhor no gênero. Não poupamos recursos para que o público veja as novelas mais fascinantes, com os ambientes de maior beleza, luxo e autenticidade.

casa-se com Ioná Magalhães num dos capítulos mais emocionantes de Mulher. Êles formam o casal romântico de maior popularidade da tevê.

O DIREITO DE NASCER foi outra das novelas produzidas na televisão por iniciativa de Válter Clark, atual diretor da TV Globo, da Guanabara.

MÁRIO LAGO e Ioná Magalhães transportam o público ao Oriente, tôdas as semanas, em A Sombra de Rebeca, comovente novela da TV Globo.

Pioneiro da produção de grandes novelas na tevê, Válter Clark continua conquistando liderança de audiência para o Canal 4.

Um disco narrando a vida de Picasso foi gravado por Alex Maguy, marchand **de suas obras em Paris. Curioso é que a gravadora pertence a políticos de direita e já editou discursos do Gen. Salan contra a independência da Argélia. Picasso nada objetou.**

★ A RÚSSIA QUER COMPRAR UM SUBMARINO AMERICANO, especial para pesquisas oceanográficas. O aparelho foi exibido ao público numa exposição em Francforte (Alemanha) e técnicos russos puderam examiná-lo à vontade. Contudo, os EUA recusam-se a vendê-lo, alegando ser "material estratégico secreto"...

★ MULHERES NÃO QUEREM O DIVÓRCIO DO GOVERNADOR de Pôrto Rico Roberto Sánchez. Ligas femininas protestam junto à Câmara dos Deputados da ilha pelo "mau exemplo" do governante, que pretende se separar da espôsa, e ameaça forçá-lo à renúncia se êle insistir nesse "odioso propósito".

★ O **NEW YORK TIMES** EM BRAILE começa a ser editado, para os cegos americanos, pela National Braile Press, de Boston. Já está sendo publicado o caderno **Notícias da Semana em Revista,** mas é plano imprimir-se nos caracteres em relêvo tôda a edição diária do maior jornal dos Estados Unidos.

★ ABERTO O TESTAMENTO DE JACK RUBY. O matador de Lee Oswald legou aos herdeiros (duas irmãs e um sobrinho) um relógio incrustrado de brilhantes e um anel de diamante, um chapéu, um colête, uma calça e a arma do seu crime. Mas deixou também 60 milhões de cruzeiros antigos em dívidas ao fisco.

★ "BOMBA DE RETARDAMENTO" DO FESTIVAL DE CANNES do ano passado, que poderá se refletir no dêste ano: o crítico Michel Aubriant revela agora que êle e os demais jurados dormiram a sono sôlto, durante a exibição do filme húngaro **Os Sem Esperança,** no certame de 66. E que mais tarde, assistindo à película em Paris, êle constatou que a obra merecia a Palma de Ouro.

★ O PRIMEIRO AVIÃO A JATO ALEMÃO para passageiros está sendo construído em Finkenwerder, no lado ocidental. Trata-se do MFB-320, pequeno aparelho de turismo, que transportará de sete a onze pessoas, a 800 quilômetros por hora.

Um filme colorido de longa metragem sôbre a Copa do Mundo de 66, rodado por cineastas franceses, estreou sòmente agora, em Estrasburgo. Mesmo assim, é sucesso de bilheteria. Mostra os lances principais de todos os jogos disputados na Inglaterra.

★ INSTITUÍDO NA AUSTRÁLIA O REGIME DE EMAGRECER PARA OS MILITARES que ultrapassem determinado pêso em relação à altura. Esta, a ordem do Estado-Maior do Exército daquele país, preocupado com a obesidade de grande parte de seus homens. Os gordos serão submetidos a regime obrigatório nos próprios quartéis.

★ A INGLATERRA NO MERCADO COMUM EUROPEU preocupa os americanos. Enquanto Wilson procura realizar êsse seu projeto, cinco governadores, 29 deputados, 10 senadores e 34 reitores de universidades dos Estados Unidos enviaram-lhe memorial "para lembrar que laços históricos unem nossas nações"...

★ ESTRANHO FURTO na Universidade Congaza, de Spokane, próximo a Washington. Sumiram os tampos das 70 mesas do refeitório da escola. E um inquérito rigoroso provou que não se tratou de "brincadeira dos estudantes".

★ GEORGE RAFT VOLTA AO CINEMA, que se dispusera a deixar para sempre. O veterano ator, hoje com 71 anos, confessa que seu retôrno deve-se à necessidade de ganhar a vida: uma casa de jôgo que êle abrira em Londres foi fechada pela polícia, depois de complicações com a Justiça.

★ UM **PEQUENO TRATADO DA ESCROQUERIA** foi editado em Paris. É de autoria de Paul Vicente, que recolheu, em 25 mil números de jornais, mais de trezentos casos curiosos de "conto do vigário". Ilustrado pelo famoso caricaturista Siné.

★ BB CEDEU SEU NOME À MARCA DE UM **SOUTIEN,** que será fabricado no Líbano. O acêrto quanto ao vultoso **royalty** que a estrêla receberá por essa concessão foi o principal motivo de sua atual visita àquele país. É a primeira vez que Brigitte Bardot empresta seu nome a um artigo comercial.

Elvis Presley declarou a um grupo de fãs: "Possuo 15 pares de abotoaduras especiais, nas quais levo sempre guardadas duas pílulas anticoncepcionais." O golpe publicitário deu certo: ligas moralistas americanas protestaram contra a sua "indiscrição".

★ O ABATE DE ANIMAIS AINDA "CONSCIENTES" movimenta a opinião pública americana. Uma comissão presidida pelos Duques de Windsor faz uma campanha com anúncios de página inteira dos jornais, exigindo uma lei que obrigue os matadouros a aplicar eletrochoques nos animais e tonteá-los, antes de abatê-los.

★ PRIMEIRO CARRO RUSSO A SER MONTADO NO EXTERIOR: o Elite. A Alemanha Ocidental pretende fabricar êste automóvel, que já conta com relativo prestígio nesse país: 500 Elites serão importados da Rússia, êste ano, e cêrca de dois mil em 1968.

★ MICHEL SIMON RETORNA AO ESTRELATO, com o sucesso simultâneo, em Paris, da peça **Du Vent dans les Branches du Sassafras** e do filme **Le Vieil Homme et l'Enfant,** nos quais atua. Êle lembra: "Há dois anos, achavam que minha volta teria tão pouco êxito quanto reviver uma velha marca de brilhantina..."

★ UM NAVIO E UM CARRO DISPUTARÃO UMA CORRIDA, de Capetown, na África, até Southampton, Inglaterra. O navio, **Windsor Castle,** é capaz dessa travessia em onze dias. O automóvel, um Ford Corsair, tentará batê-lo percorrendo Rodésia, Zâmbia, Tanzânia, Quênia, Uganda, Congo, Camarões, Nigéria, Argélia e França.

★ A MINI-SAIA CAUSOU TUMULTO NA ARÁBIA SAUDITA, ao ser lançada, sòmente agora, por jovens corajosas, nas velhas ruas de Riad, capital do país. Uma multidão as cercou, vaiando-as e tentando linchá-las. Não houve vítimas.

★ PARA IMPEDIR QUE ASSEDIASSEM JACKIE KENNEDY durante seu repouso numa ilha perto de Acapulco, o capitão-dos-portos daquela cidade mexicana baixou uma portaria: quem alugasse barcos a repórteres teria cassada sua licença de navegação. Mesmo assim, alguns barqueiros se arriscaram.

A filha do comandante-chefe das tropas do Vietnã do Norte, Gen. Nguien Wan Kieu, vai interpretar na França um filme contra a China Comunista. Ela se chama Mei Chen e há dez anos vive em Paris. O filme se intitula Judoca Vence os Chineses.

★ SESSÕES DA CÂMARA DOS LORDES SERÃO TELEVISADAS pela BBC, de Londres. Sòmente uma experiência de três dias em circuito fechado custará àquela casa 38 milhões de cruzeiros antigos. No entanto, a Câmara dos Comuns, cujos debates interessam de fato aos britânicos, não se mostra muito interessada em transmitir suas reuniões.

★ OS PEQUENOS FURTOS EM SUPERMERCADOS, na França, atingem, em média, um por cento dos lucros de cada mês. Uma cadeia de 300 mercados calculou seu prejuízo em oito bilhões de cruzeiros antigos por ano, o que equivale aos salários dos 482 deputados da Assembléia Nacional francesa.

★ NA RÚSSIA NÃO PODERÁ OCORRER UMA TRAGÉDIA COM COSMONAUTAS como a que matou White, Chaffey e Grissom, nos Estados Unidos. Quem o afirma é a cosmonauta Valentina Terechkova a uma revista russa. Revela que as cápsulas soviéticas são dotadas de assentos ejetáveis e que suas paredes se abrem automàticamente em caso de perigo.

★ HEROÍNA DA RESISTÊNCIA, Yvette Morin recebeu a Legião de Honra da França, mais de vinte anos após haver salvo 80 pára-quedistas aliados das mãos da Gestapo, abrigando-os em sua casa. Isto lhe valeu uma terrível prisão no campo nazista de Buchenwald e a morte de seu pai, num forno crematório.

Nancy Sinatra processa uma gravadora que colocou sua foto e seu nome na capa de um disco com a trilha sonora do filme Anjos Selvagens. **Certamente ganhará a indenização de Cr$ 250 milhões exigida: no disco não há uma só faixa cantada por ela.**

Os bons momentos são muito melhores com
a refrescante e deliciosa Coca-Cola bem gelada!
Coca-Cola é mais prazer, mais vida,
é sempre uma festa borbulhante de alegria!
Em qualquer ocasião, tudo vai melhor com Coca-Cola!

Mais economia! Prefira COCA-COLA FAMÍLIA, para acompanhar suas refeições em casa.

Tudo vai melhor com Coca-Cola!

Coca-Cola

SÃO PAULO TEM

TÔDAS AS MULHERES DO MUNDO

Tôdas as mulheres do mundo nasceram em São Paulo, ou adotaram a cidadania paulista. São européias, asiáticas, americanas do Sul e do Norte, cujos pais escolheram a Paulicéia como segunda pátria. Na confusão colorida da grande cidade, elas estão em todos os lugares, fazendo São Paulo parar para vê-las passar. São jovens, belas, independentes, cultas e auto-suficientes, pois trabalham nas mais diversas profissões. Aqui estão algumas dessas paulistas (e brasileiras), graças às quais São Paulo se mostra cosmopolita, também, em matéria de beleza.

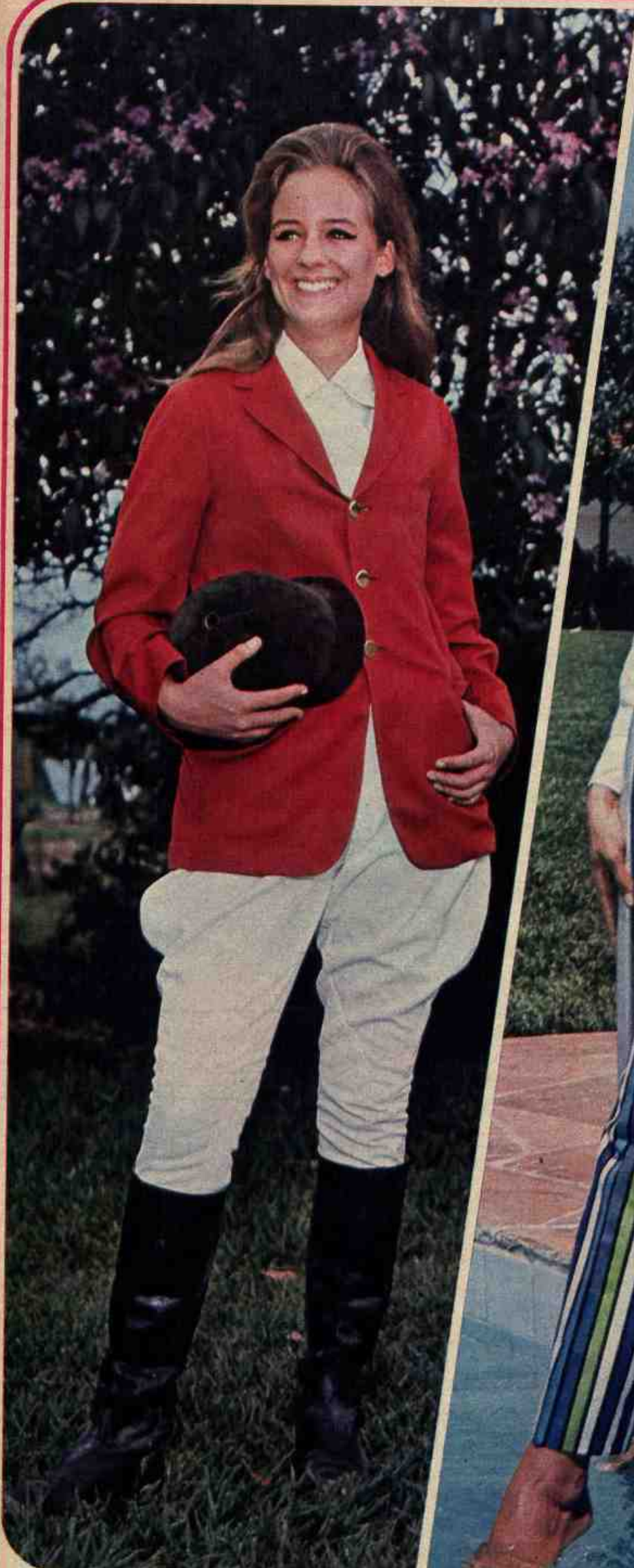
Reportagem de LENITA FIGUEIREDO
Fotos de ZIGMUNT HAAR

A ROMENA ● A graciosa Rosy Nulman, formada em Física aos 21 anos de idade, trabalha na Cidade Universitária. Fala inglês, espanhol, francês, italiano, russo, alemão e hebraico. Adora música barrôca e jazz. Conhece bem a Europa e já passou longa temporada em Israel, visitando kibbutzin e universidades. Também conhece o Brasil de ponta a ponta. Brevemente fará um curso de aperfeiçoamento nos Estados Unidos. Parafraseia Drummond para explicar que não se considera romena: "Sou brasileiríssima. A Romênia é apenas um retrato na parede."

A CHINESA ● Todo o fas[...] de idade, estudante de Filo[...] manequim profissional. Jan[...] conhecer a China, mas só [...] algum dia. Entre a Guarda [...] última, pois é fã de Roberto [...]

inio do Oriente está contido em Jan Tan de Bibiana, 19 anos
ofia na Universidade de São Paulo. Seu sonho é ser
an considera Mao um verdadeiro homem mau. Gostaria de
epois que os comunistas saírem de lá — se é que o farão
ermelha e a Jovem Guarda, prefere esta
arlos.

A NORTE-AMERICANA ● Não faz muito tempo, uma sobrinha de Tio Sam nasceu em Minnesota. Priscilla Ann Goslin era ainda um bebê quando chegou ao Rio de Janeiro. Aos sete anos foi para a Inglaterra. Agora, vive em São Paulo. Toca piano, violão, clarineta, e uquelele. Em setembro, vai estudar na American Graded School. E como São Paulo não pode parar, ela diz sorridente: "Estas botas foram feitas para andar."

Olívia Pires de Camargo é o nome bem brasileiro desta jovem de traços tìpicamente libaneses

A INGLÊSA ● Maria Helena Dowing é prima de um marechal-do-ar da Grã-Bretanha. Estudou na Inglaterra, interna, e depois na Finishing School, da Suiça. Pratica equitação, tênis, esqui-aquático e esportes de inverno. Bela e simples, acha que Londres exagerou ao criar a mini-saia.

A LIBANESA ● Olívia Pires de Camargo, apesar do nome brasileiríssimo, é filha de libaneses e tem o tipo físico da mulher do Líbano. É professôra formada e manequim profissional. Gosta de cinema e de dançar. Lê muito, sempre ouvindo Chopin. Ela trabalha também, na Secretaria de Agricultura, e sua forte personalidade faz com que realize todos os projetos que tem em mente.

A AUSTRÍACA ● Bárbara Baumgarten como ágil esgrimista, além de ser tambér iatismo. É o tipo padrão da mulhe pele bronzeada e olhos verdes. Sua mã pai na Willys. Êles estão no Brasil há 1 em 1950. Ela já foi convidada para se

...o esporte, se destaca ...rilhante em natação e ...ustríaca: loura de ...rabalha na Lufthansa, seu ...nos, e aqui nasceu Bárbara, ...manequim, mas não aceitou.

A PORTUGUÊSA ● Com 15 anos de idade e um nome quilométrico — Maria Beatriz Encarnação Ferreira Leite — esta linda portuguesinha de São Paulo imita muito bem Elis Regina, de quem é fã incondicional. Seu pai é presidente do Conselho da Comunidade Portuguêsa. Em maio, ela estará em Lisboa, para gozar a primavera.

A BÚLGARA ● Naomi Duenias nasceu em Sófia há 26 anos. Fala búlgaro, francês, inglês, italiano, hebráico e naturalmente português. Trabalha naquilo que gosta: galeria de arte. Na Itália, estudou um ano na Escola de Belas-Artes. Ela se interessa pela autenticidade, restauração e conservação de quadros antigos. Naomi aprecia também a natação e a equitação, e adora viver no Brasil.

A FRANCESA ● Mademoiselle Maria José Prud'Hors tem 23 anos e é pintora. Seus pais nasceram em Paris. Ela se veste de acôrdo com os últimos figurinos franceses, o que é prova de bom-gôsto em São Paulo ou em qualquer outro lugar. Coleciona quadros de pintores primitivos. Maria José diz que se sente tão bem às margens do Tietê quanto se vivesse à beira do Sena. Da cultura e dos hábitos franceses, herdou o amor às artes e o cultivo dos bons pratos, vinhos e queijos. Sabe dizer, depois de prová-lo, qual o nome e qual o ano em que determinado vinho foi engarrafado.

A IUGOSLAVA ● Zora Adelinovic nasceu em Belgrado e chegou a São Paulo aos nove anos de idade. Filha de engenheiro, engenheira será, e para isso já está se preparando para o vestibular. Fala iugoslavo, alemão e italiano. Aprecia artes plásticas e gosta de ouvir música, em geral clássica. Afirma ser "brasileira de coração e paulista da clara, já que não posso ser da gema..." Seu hobby predileto: a natação.

Laura Ranieri nasceu em Roma, mas é nas quadras de tênis de São Paulo que mostra sua beleza

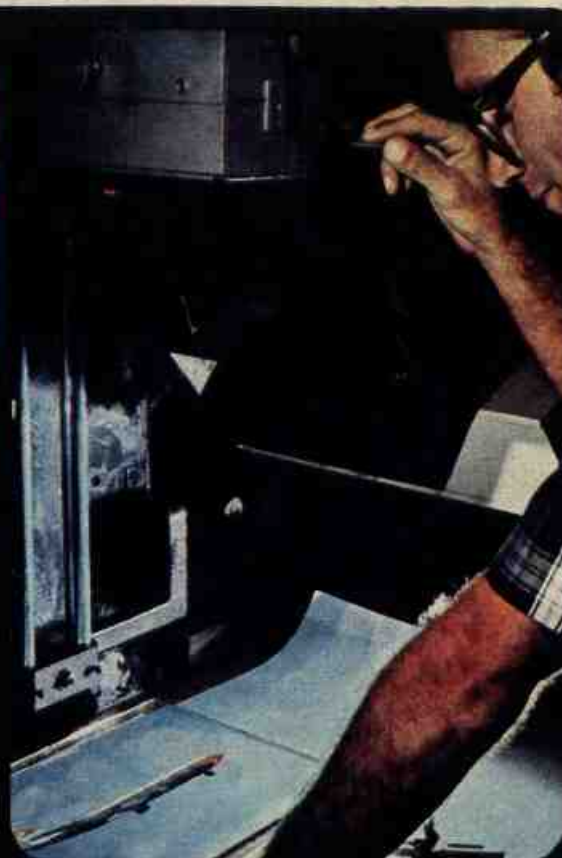
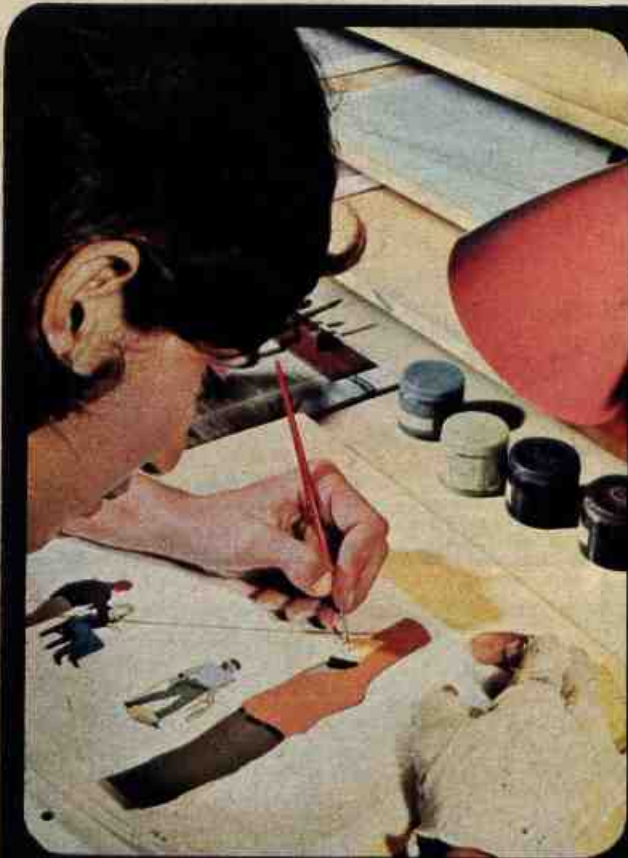
A JAPONÊSA ● Os pais de Amália Ohata nasceram em Shizuoka, no Japão. Ela, entretanto, preferiu nascer um pouquinho mais perto: na capital de São Paulo. Amália é recepcionista da Varig em Congonhas. Tem um noivo italiano para o qual faz deliciosos pratos da culinária japonêsa. Um dia, irá conhecer a terra de seus pais, pela qual suspira. Amália foi tricampeã de natação. Fala inglês, japonês e espanhol e é diplomada no curso de secretariado.

A POLONESA ● Futura filósofa, Klara Micielski está no 2.º ano clássico. A equitação é o seu esporte predileto. Tem apenas 17 anos, mas já conhece os Estados Unidos, o Canadá e diversos países da Europa. Adora ler: os livros de Graham Greene e Zuzuquinho, que sua mãe, apesar de polonesa, escreveu em excelente português, e que conta história de um ursinho de pano que Klara possui desde que era bebê. Quando andou estudando nos Estados Unidos, quase morreu de saudades de São Paulo.

A ITALIANA ● Exímia jogadora de tênis, Laura Ranieri pode se considerar também uma das mais belas cidadãs de São Paulo. Nasceu em Roma, de onde trouxe uma porção de recordações, ainda hoje vivas. Fala seis idiomas. Está no Brasil há 12 anos. Emotiva e sensível, chora fàcilmente quando ouve Beethoven. Pretende ser arquiteta. Está com 18 anos em flor, mas já leu D'Annunzio e Petrarca. Sua beleza clássica, de verdadeira romana, se mostra em todo esplendor numa quadra de tênis.

KITAN, PERSONAGEM NASCIDO, CRIADO, DESENHADO E FILMADO NO BRASIL, LUTA CONTRA ESPIÕES NA SELVA AMAZÔNICA

UM DESENHO MUITO ANIMADO

Texto de ROBERTO MUGGIATI • Fotos de ARMANDO ROSÁRIO

KITAN, filho de um cientista estrangeiro com uma bela índia da tribo das Amazonas, estuda numa universidade européia quando recebe a notícia de que seu pai foi morto nas selvas por um bando de espiões que procuravam os planos da Nave AG (antigravitacional). O herói abandona a civilização e volta à Amazônia para dar caça aos bandidos e vingar a morte do pai. Instala um quartel-general bem equipado no pico da Neblina — nôvo ponto culminante do Brasil — e dedica-se então à luta contra a cobiça e em defesa dos fracos e oprimidos. Êste o enrêdo básico de **Kitan da Amazônia,** segundo desenho animado brasileiro em côres e longa metragem, que estará nas telas dentro de alguns meses. Aí estão todos os ingredientes básicos da moderna fita de suspense e aventuras: o herói, uma espécie de Batman da Amazônia, com símbolos marajoaras nas vestes espaciais; o fundo familiar, lembrando os romances do gênero Tarzã; a trama de espionagem e de segredos nucleares-espaciais típica da série James Bond — tudo isso temperado com um clima nativo à José de Alencar. O diretor — e criador — do filme é Anélio Latini Filho, pràticamente o único homem com a coragem de fazer desenhos animados no Brasil. Pioneiro do gênero, foi êle quem desenhou e filmou sòzinho nosso primeiro longa-metragem animado, em côres — **Sinfonia Amazônica,** lançado em 1953.

— Fiz êsse filme com a cara e a coragem — diz êle, referindo-se à **Sinfonia.** — Muitos na época me chamavam de louco. Levei seis anos, lutando com dificuldades técnicas e financeiras, para fazer um filme que, mesmo sòzinho, eu poderia ter feito em três. E com equipe, em poucos meses. A **Sinfonia** teve sucesso artístico e comercial, mostrando-me que havia um mercado para êsse tipo de filmes no Brasil. Passei muitos anos trabalhando em cinema publicitário e só agora — desta vez com uma equipe de 12 pessoas — pude voltar àquilo que desejo realmente fazer: desenho animado.

Tècnicamente, um desenho animado pode oferecer maior complexidade do que uma filmagem ao vivo. Duas importantes fases, à esquerda, ao alto: a arte final, que dá côr às imagens traçadas sôbre um celulóide, e a fotografia, quadro por quadro, das diferentes cenas. Embaixo, o resultado: o fotograma, de que será composta a película. À direita, o diretor esboça uma personagem com modêlo vivo.

viu como é fácil combinar a beleza do quarto com a do banheiro?

(GARCIA CRIOU LINDOS JOGOS COMBINADOS DE CAMA E BANHO)

Repare que o roupão também faz parte do jôgo. GARCIA deu atenção a êsse detalhe pensando no seu confôrto.

TOALHAS E LENÇÓIS

BLUMENAU - SC

A PROVA QUE QUALIDADE NÃO CUSTA MAIS

mpm propaganda

Filme de aventuras, *Kitan da Amazônia* é o primeiro desenho animado brasileiro em côres e segundo em longa metragem

Personagens de Kitan da Amazônia: os bandidos, a Nave AG, Ajuricaba (dá a côr local) e, em ação, o herói.

A produção de **Sinfonia Amazônica,** hoje em dia, não sairia por menos de uns 50 milhões de cruzeiros antigos. Enfeixava sete lendas amazônicas (da Noite, do Rio, do Fogo, do Jabuti, da Iara, do Arco-Íris e do Caapora) reunidas pelo Prof. Joaquim Ribeiro. Era todo um clima de ingenuidade a que, na opinião do próprio Latini, não se pode voltar mais. Hoje, o público exige um tipo mais agressivo de cinema, daí a preponderância dos filmes de ação sôbre os "idílicos".

Como se faz um desenho animado? Quais são as múltiplas operações que tornam a sua realização mais complexa do que a de um filme ao vivo? Com a morte de Walt Disney, muito se falou no assunto, mas poucos se lembraram de responder a essas perguntas. Para o espectador em geral, o filme animado, fonte de divertimento, continua sendo um mistério. Mistério ainda mais denso no Brasil, onde problemas e dificuldades de tôda ordem continuam conspirando contra o desenho animado. Quais são, por exemplo, as condições exigidas para um bom nível de criação, nesse campo?

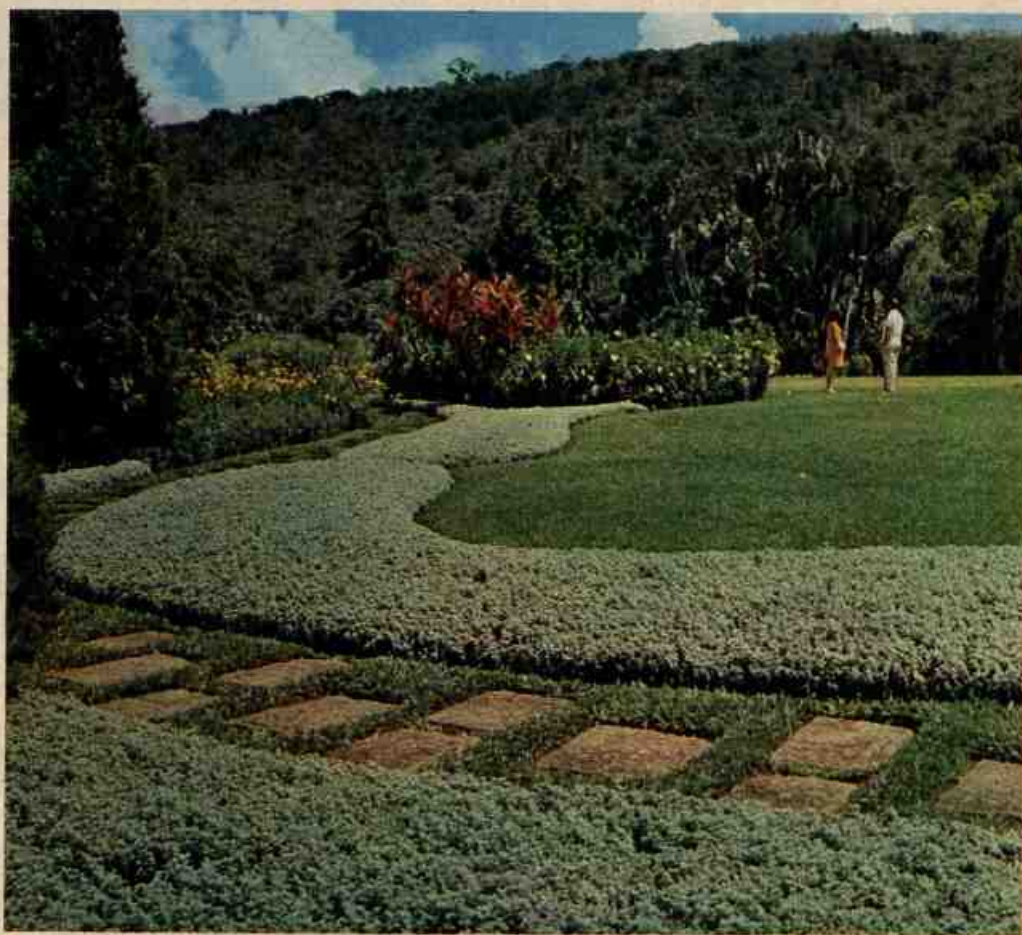
— É preciso que o desenhista seja, no fundo, um ator, e muito versátil — diz Latini, explicando o processo de produção. Uma vez nascida a idéia, surge conjuntamente o problema enrêdo-personagens. O diretor e os desenhistas assistentes fazem uma infinidade de estudos dos personagens em tôdas as atitudes e posturas. Êste será o material básico de arquivo, pronto para ser usado a qualquer instante da produção. Periòdicamente, a equipe se reúne, esclarecendo e definindo todos os pontos da história e possíveis modificações. Entra-se então na etapa da animação, em que surgem as primeiras atitudes definidas do comportamento dos personagens. O que corresponderia ao ensaio, na filmagem ao vivo, são os esboços que o diretor traça, muitas vêzes recorrendo a modêlo vivo. O esbôço da animação, a técnica a empregar, o número de quadros que cada cena utilizará — tudo isso é determinado pelo diretor. Vamos supor uma cena. Atacado pelos bandidos, Kitan se defende, atingindo com um sôco um dos agressores. Nesta cena, do sôco, como em tôda outra, existem três movimentos básicos: a **antecipação** (Kitan armando o sôco), a **ação** (Kitan desfechando o sôco) e o **resultado**, ou seja, o sôco atingindo o bandido no rosto. Como se trata de uma cena rápida, ela exigirá, por exemplo, dois desenhos intermediários entre o primeiro e o segundo movimento, e outros dois entre o segundo e o terceiro. O que dá um total de sete desenhos para um sôco que é visto na tela durante uma fração de segundo. Feitos os três esboços básicos, o diretor entrega a cena aos desenhistas auxiliares, que a completam. Até aí, tudo é esboçado em fôlhas comuns de desenho. Na arte final, uma môça se encarrega de copiar êsses desenhos a nanquim sôbre um celulóide. Geralmente, os personagens e objetos que se movimentam são desenhados sôbre celulóide transparente, que será fotografado sôbre um cenário estático. Êsses cenários — **Kitan** utiliza mais de 200, alguns panorâmicos — fazem o papel do cenário comum de um filme ou de uma peça de teatro. São pintados sôbre papel grosso, numa técnica mista de guache e aquarela. Um ou mais celulóides superpostos, com personagens e objetos devidamente coloridos, sôbre um cenário, darão um quadro, que será fotografado por uma câmara-truca, máquina especial para desenhos animados. Daí resultará um fotograma — um dêsses quadrinhos que compõem a película. Cada segundo de filmagem comporta 24 fotogramas. São 24 cenas que devem ser montadas uma a uma e depois fotografadas. No trabalho normal de um estúdio, o dia de oito horas rende uns 3.120 fotogramas, ou seja, 2 minutos e 10 segundos de filme projetado. Apesar dos progressos da técnica, o desenho animado continua dependendo de capacidade artesanal e exige paciência de chinês. A trilha sonora é outro problema bastante complicado. Ao contrário do cinema ao vivo, deve estar pronta antes da filmagem. No desenho animado, são os movimentos que se adaptam aos sons. De posse dos diálogos sonoros, gravados em fita magnética, o desenhista adaptará, numa infinidade de posições, a bôca de seus personagens, para que o movimento dela se adapte aos sons falados.

Tadeu Orla Gluszczynski (Ted Orla), diretor comercial de **Kitan da Amazônia,** acha que o filme terá ótimas possibilidades de exibição, mas lamenta a inexistência da televisão em côres no Brasil. Em certos países, ela sustenta uma próspera indústria do desenho animado.

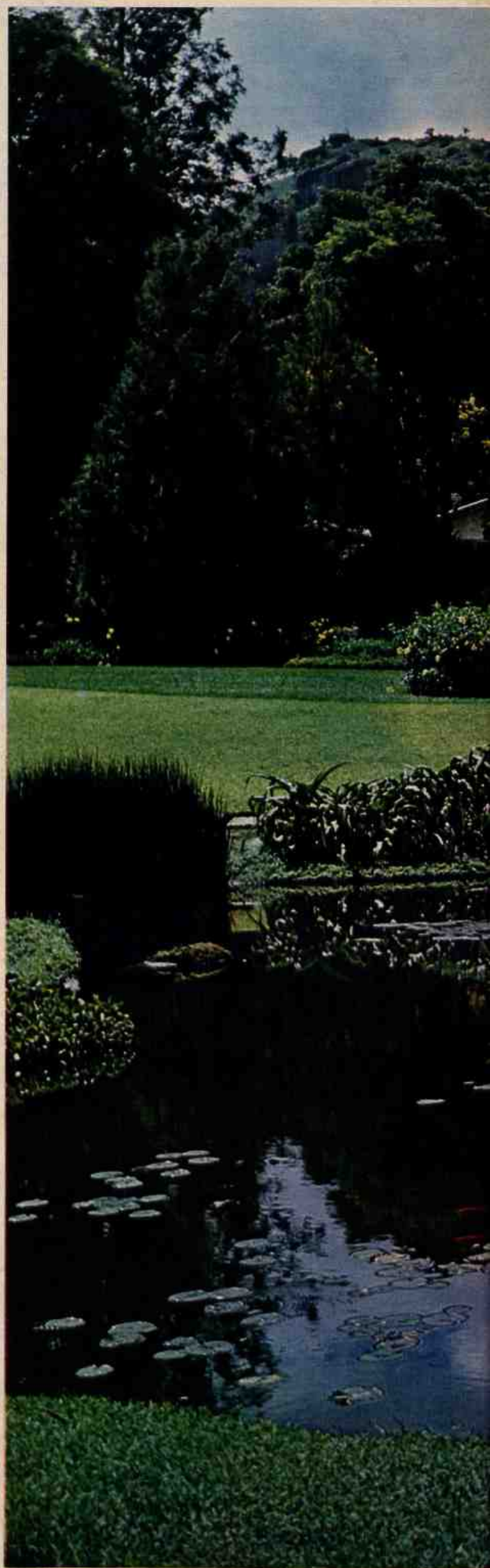
— A côr no desenho animado é hoje em dia essencial — diz êle. — Em **Kitan da Amazônia** procuramos fazer um misto de aventura e ficção científica. A técnica de cortes é moderna, tôda ela calcada na história em quadrinhos, que está sendo redescoberta. É claro, há o toque brasileiro. **Kitan** vem de muiraquitã, pedra-fetiche da Amazônia. Além de exibição nos principais circuitos brasileiros, contamos com boas possibilidades de distribuição também no estrangeiro. Isso poderá ser o início de uma arrancada do nosso desenho animado, pois contamos, mais do que qualquer outro país, com uma grande vantagem: mão-de-obra extremamente habilidosa e barata.

Numa casa da Tijuca transformada em estúdio, a equipe que produz Kitan da Amazônia. Sentados, o diretor comercial Ted Orla (direita) e o diretor Anélio Latini Filho, pioneiro no gênero, que fêz sòzinho a Sinfonia Amazônica.

NO VALE DA BOA ESPERANÇA

Reportagem e Fotos de MARIO CLARK BACELLAR

O toque delicado na disposição das folhagens caracteriza o jardim do Sr. Carlos Somlo.

⊞ Entre Petrópolis e Teresópolis, no centro do vale da Boa Esperança — o mais belo do Brasil — Burle Marx criou, na residência do Sr. Carlos Somlo, um jardim que é verdadeira obra-prima de harmonia, equilíbrio e simplicidade. Cercada por casas magníficas, tendo por limites pedras monumentais, tôda uma área (onde predomina o verde) desenha figuras sob o sol. E milhares de borboletas passeiam suas côres num recanto de sonho.

As borboletas são pontos em côres vivas que se movimentam, sem parar, entre as flôres. À direita, o pequeno lago oferece calma à paisagem.

É muito difícil contentar as pessoas de bom gôsto.

São muito exigentes.

Preocupam-se com detalhes. Conhecem de longe o que é bom.

Querem saber tudo a respeito do que compram.

Sabem escolher.

Gostaram muito do Itamaraty, o primeiro carro brasileiro classe "A", justamente porque o Itamaraty tem luxo e confôrto, classe e apuro técnico em cada um dos seus detalhes.

O Itamaraty 67 tem mais um detalhe exclusivo: ar condicionado, clima a seu gôsto*.

Ainda mais: nôvo motor de 3.000 cm³, nova grade, novas maçanetas, novas calotas, novas lanternas traseiras, painel totalmente reestilizado, nôvo estofamento.

Mais luxo e confôrto: tapetes de veludo, aplicações de Jacarandá legítimo no painel e nas portas, luz de leitura com foco dirigível, acolchoamento de lã de rocha sob o capô para absorver os ruídos do motor.

O Itamaraty é o único carro brasileiro com garantia de 20.000 km.

Só assim é possível contentar as pessoas de bom gôsto.

*opcional

ITAMARATY 67

Produto da Willys-Overland
Fabricante de veículos de
alta qualidade.

Não há maior alegria do que abrir a janela e ver, pela manhã, o alegre mundo de Burle Marx

Todos os caminhos, no jardim, levam ao sonho. Crianças brincam nesse mundo.

A travessia do lago se faz em pedras sôltas, ao estilo japonês.

⊞ O jardim é um convite ao descanso, e sua ampla perspectiva foi marcada pelo sentido de organização do proprietário da residência. Sempre muito bem cuidado, nos seus menores detalhes, êle constitui uma peça de grande sensibilidade, chegando ao requinte de apresentar as famosas árvores em miniatura japonêsas. Um lago reflete nas suas águas a imagem da perfeição.

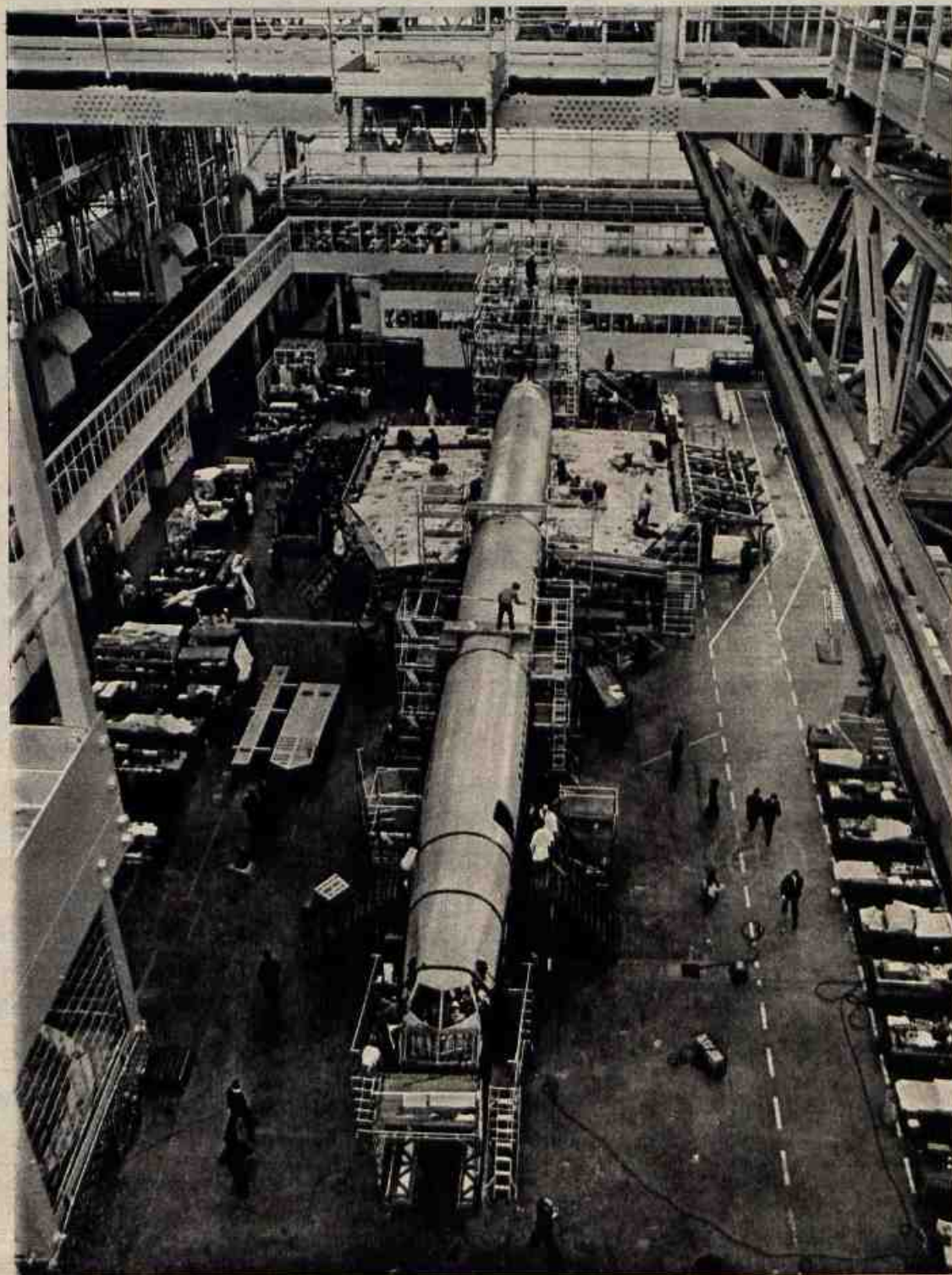
Em Toulouse, o protótipo número um já dá uma idéia do que será êste superavião

CONCORDE
nasce um gigante

Quando o fabuloso avião franco-britânico trafegar nas grandes linhas internacionais, não haverá mais distâncias, transformando em vizinhas tôdas as nações

Quando o avião supersônico **Concorde** começar a voar, um carioca poderá tomar o café da manhã no Rio, almoçar em Paris, resolver aí um negócio importante e voltar a tempo de dormir em sua residência de Copacabana. Porque êsse superavião reduzirá à metade o tempo das atuais viagens aéreas em jatos. A duração do vôo entre Nova Iorque e a capital francesa será de 3h15m, em vez de 7h50m. A de Buenos Aires a Paris será de apenas 7 horas, em vez de 14h30m. Bastam êsses dados para mostrar que os atuais **Caravelles** e **Boeings** parecerão verdadeiras tartarugas quando surgir o nôvo gigante do ar. E êsse dia está próximo: o vôo inaugural do **Concorde** já está marcado para 28 de fevereiro de 1968.

Em duas imensas usinas, técnicos e operários altamente especializados fazem exatamente os mesmos movimentos, executam as mesmas tarefas, com o máximo rigor e atenção, tendo diante de si as mesmas plantas, elaboradas com tôdas as minúcias pelos famosos engenheiros aeronáuticos que conceberam o **Concorde**. O nôvo avião supersônico nasce gêmeo. Estão sendo construídos ao mesmo tempo dois protótipos: um em Toulouse, na França, e outro em Filton, na Inglaterra. Caso raro e nunca visto! Porque isso acontece? Porque para a realização dessa maravilha, que é o **Concorde**, foi necessária a aliança de duas grandes nações, altamente industrializadas e de forte poder econômico. A França e a Inglaterra, pondo de parte rivalidades comerciais e políticas, juntaram numa mesma emprêsa seus recursos financeiros e os fabulosos conhecimentos de seus cientistas e engenheiros, aplicados à indústria aeronáutica. Essa aliança se processou através da Sud-Aviation, de um lado, e da British Aircraft Corporation, do outro. Quando as conversações sôbre o **Concorde** se iniciaram, os conservadores inglêses estavam no poder. Temeu-se que, com a queda dêstes e a ascensão dos socialistas, o projeto fôsse por água abaixo, tão grandes eram as responsabilidades financeiras decorrentes. Mas isso não aconteceu. E o calendário da construção prosseguiu sem tropeços, tanto em Toulouse como em Filton.

Um empreendimento dessa natureza não poderia deixar de suscitar emulações. Imediatamente, surgiu nos Estados Unidos o projeto de construção dos Super-Boeings, ou SST **(Super-Sonic Transport)**, para conduzir de 300 a 500 passageiros. E a URSS resolveu preparar um tipo de avião da mesma classe. Entretanto, o avião gigante dos Estados Unidos só deverá estar no ar em 1975. Ao passo

O protótipo n.º 2, em construção na British Aircraft Corporation, em Filton, é exatamente igual ao francês.

(Do Bureau de MANCHETE em Paris)

O *Concorde* voará experimentalmente dentro de um ano, mas só trafegará nas grandes linhas comerciais transoceânicas a partir de 1971

que o projeto **Concorde** leva sôbre o SST um considerável avanço. Depois de testados os protótipos 1 e 2, passará a ser produzido em série, pois já há muitas encomendas, e nos primeiros meses de 1971 estará em tráfego normal nas mais extensas linhas internacionais.

O **Concorde** terá um perfil muito diferente dos aviões a jato que ora trafegam nessas linhas. O seu aspecto exterior é o de uma **asa-delta** (desenho já aplicado a alguns aviões experimentais), de focinho extremamente afilado. Um dos problemas do **Concorde** e de todo e qualquer avião supersônico — é o da resistência ao tremendo impacto que sofrerá tôdas as vêzes que romper a **barreira do som**, depois de ter decolado. Os engenheiros, para evitar justas queixas nas grandes cidades, tomaram as necessárias providências para que o **Concorde** possa voar de maneira econômica numa velocidade inferior à supersônica. Dêsse modo, a **barreira do som** só será rompida quando o nôvo gigante dos ares se tiver afastado bastante das grandes cidades. Além do mais, isso só se dará quando o **Concorde** tiver atingido uma altura mínima de 9 mil metros. A altura considerada ideal para o rompimento da **barreira do som** está entre os 21 mil e 13 mil metros. Mesmo que, nesse momento, o superavião ainda não esteja voando sôbre o oceano, a detonação será muito atenuada para quem se encontrar no solo.

Alguns críticos do **Concorde** indagaram se, voando a tais altitudes, o superavião franco-inglês não ficaria por demais exposto às radiações. Entretanto, não haverá perigo, nem para os seus passageiros, nem para as suas tripulações, estas bem mais expostas do que aquêles, dada a maior constância de suas viagens. Os construtores do **Concorde** afirmam que as tripulações, durante todo um ano de atividade, ficarão expostas a menos da quinta parte da taxa de radiação autorizada pelos organismos internacionais aos que trabalham em lugares sujeitos a radiações industriais. Existe, ainda, o perigo das violentas descargas resultantes de tempestades solares. Mas estas são muito raras. Há apenas uma em cada três anos e, além de não se prolongarem por mais de 24 horas, podem ser preditas com certa antecedência. E, em tais casos, seria possível escapar aos seus efeitos mais intensos, voando a 15 mil metros, em vez dos 18 mil metros, a que o **Concorde** deve subir, em seus cruzeiros.

Interiormente, o **Concorde** apresentará o máximo confôrto, diferindo em pouca coisa dos atuais aviões a jato, a não ser na disposição das poltronas, na classe turística, onde estarão dispostas em duas ordens, de quatro assentos, separadas por um corredor central. Sòmente ao atravessar êsse corredor é que, por sua extensão, se perceberá que aí podem ser perfeitamente acomodados 140 passageiros, com tudo indispensável ao seu confôrto: instalações de cozinha e bar, aparelhos sanitários, etc. Bem à frente, a cabine dos pilotos dá para um afilado nariz, que é móvel, graças a um dispositivo basculante que, comandado hidràulicamente, o desloca dez graus para baixo, permitindo ao comando melhor visibilidade nas decolagens e nas aterrissagens. Êsse sistema insólito foi ideado para dar ao superavião um perfil mais aerodinâmico, conveniente para as altas velocidades, e também porque, no estado atual da técnica, era impossível assegurar ao pôsto de comando o largo pára-brisas necessário à boa execução daquelas manobras. Ainda não existe um vidro que ofereça as garantias de solidez e de resistência às formidáveis pressões e ao forte aquecimento provocados pelas velocidades supersônicas. Assim, durante o vôo, o pilôto se contentará em observar os caminhos aéreos através de uma pequena vigia de vidro, semelhante às que haverá, lateralmente, à disposição dos passageiros. Só o deslocamento do nariz do **Concorde** lhe dará um campo mais amplo de observação, ao descer, ou ao subir.

Singularmente, a equipagem de um **Concorde** poderá ser igual e até menor que a de um dos atuais aviões a jato. O único problema será o de fazer com que os sindicatos de aeroviários concordem com tal diminuição. É que a automação, no **Concorde**, será muito maior do que nos jatos. Os aparelhos eletrônicos de navegação poderão ser ligados diretamente ao pilôto-automático, ao qual fornecerão, em fluxo contínuo, as informações relativas à posição do avião, à sua deriva, à estimativa da hora da chegada. Êsse conjunto inclui até mesmo um sistema de cartas de navegação aérea, traçadas automàticamente, indicando a todo instante a posição do avião em relação ao solo. A passagem das zonas transoceânicas não provocará nenhum fenômeno suscetível de despertar a atenção dos passageiros. E, sobretudo, nada comparável ao que se via nos primeiros filmes que, logo depois da Segunda Grande Guerra, documentavam o rompimento da **barreira do som**, por aviões que vibravam e estalavam por tôdas as junturas. A menos que a tripulação transmita um aviso, ninguém a bordo acreditará que o avião esteja voando a uma velocidade de 1.200 quilômetros por hora (que é mais ou menos a velocidade do som) ou a 2.300 quilômetros por hora, que é a velocidade de cruzeiro do **Concorde**.

A sensação de velocidade será muito pouco perceptível, precisamente porque o **Concorde** foi planejado com o maior cuidado por técnicos cuja competência está mais que comprovada. Sua velocidade de cruzeiro será um grande salto para a frente, em relação à dos atuais aviões transoceânicos. Se ela não foi mais longe, é porque os gastos seriam imensos se os engenheiros do **Concorde** tivessem adotado novas técnicas, para romper também o **muro do calor**. Êsse muro está localizado na velocidade Mach 2.4, que corresponde, aproximadamente, a 2.500 quilômetros por hora. O **Concorde** apenas se avizinhará dos limites do **muro do calor** e, para fazê-lo sem nenhum risco, os engenheiros franco-britânicos tiveram que lançar mão de ligas de alumínio de possibilidades sòlidamente comprovadas por longos anos de experiências. Há nada menos de um decênio essas ligas são experimentadas em aviões militares que se aproximam do **muro do calor**. No **Concorde**, a utilização do aço de duríssima têmpera se limita a certas partes do aparelho que não estão expostas a temperaturas muito elevadas, como as naceles dos motores, o trem de aterrissagem, o comando do aparelho, etc. Nas velocidades em que voará o **Concorde**, a fricção do ar aquecerá o nariz do avião até 153 graus centígrados, o exterior da cabine de pilotagem até 125 graus e o bordo dianteiro das asas até 120 graus. Será mais do que o suficiente para fritar ovos! Mas, mesmo essas temperaturas podem ser suportadas, sem alteração de sua estrutura e resistência, por algumas ligas e metais clássicos. Entretanto, para um avião que voe à velocidade de Mach 3, como um que os norte-americanos se preparam para construir, essas temperaturas se elevarão a 300 graus centígrados e até mais. Significa isso que só metais especiais, como o titânio e o aço inoxidável, poderão ser utilizados. No **Concorde**, uma perfeita climatização e pressurização do seu interior farão com que os passageiros nem se dêem conta de que a fuselagem, lá fora, é uma brasa...

Há três anos estão se desenrolando os trabalhos dos protótipos 1 e 2, em Toulouse e em Filton, perto de Bristol, famoso centro industrial britânico. Êsses dois **Concordes** vão fazer vôos experimentais durante 4.000 horas. E só depois de terem vencido tal prova serão dados como OK e, então, passarão a ser produzidos em série. Ao fim das provas, cada um dos protótipos terá coberto uma dezena de vêzes a distância existente entre a Terra

Esta maquete do Concorde traz o nome da Air France, antecipando o dia que essa emprêsa colocará em suas linhas os oito aviões que encomendou ao consórcio Sud Aviation-British Aircraft Corporation.

Os gigantescos reatores Bristol Siddeley-Snecma-Olympus 593, fabricados na Inglaterra, assegurarão ao Concorde uma velocidade de cruzeiro de cêrca de 2.300 quilômetros horários, a 18 mil m de altitude.

Preparação da fuselagem do protótipo número 1 do Concorde, na usina da Sud-Aviation, em Toulouse. A todo instante, as plantas são consultadas pelos técnicos, pois cada pormenor tem vital importância.

e a Lua. Os testes são necessários para observar o comportamento dos novos gigantes no ar e para corrigir falhas eventuais, embora estas não sejam esperadas. Jamais quaisquer aviões comerciais terão passado por tão longas e duras provas. Mas não pode deixar de ser assim, uma vez que cada viagem de um **Concorde** envolve a segurança de uma centena e meia de vidas, além de muitos bilhões em dinheiro.

É tal a confiança despertada pela Sud-Aviation e pela British Aircraft Corporation que as maiores companhias que mantêm linhas transoceânicas já entraram na fila para adquirir **Concordes:** a Air Canada pediu 4, a Air France encomendou 8, a Boac, 8, a Air India, 2, a American Air Lines, 6, a Braniff, 3, a Continental, 3, a Eastern Air Lines, 4, a Japan Air Lines, 2, a Middle East, 2 a Pan-American, 8, a Quantas, 4, a Sabena, 2, a TWA, 6 e a United Air Lines, 6. Os **Concordes** terão reatores Bristol Siddeley-Snecma-Olympus 593, de formidável potência, fabricados na Inglaterra.

Embora sendo gigantesco, o **Concorde,** segundo afirma o engenheiro francês André Turcat, diretor da Sud-Aviation, será mais fácil de manobrar do que qualquer dos atuais aviões a jato. Isso, entretanto, não quer dizer

Visão do interior do Concorde em construção. Esta é a extensão da sua classe de turismo.

que qualquer aviador possa pilotá-lo, sem um período de preparação. Para habilitar as futuras equipagens, já foi estabelecido um pôsto de pilotagem do **Concorde,** no qual todos começam por aprender a dirigir o avião no solo, como fazem os que tomam as primeiras lições para dirigir um automóvel. Aparelhos complicadíssimos servem para testar os pilotos de maneira simulada nas manobras de aterrissagem e de decolagem, e técnicos de grande competência lhes formulam, por meio de quadros eletrônicos, os mais difíceis problemas, que êles têm que resolver no mesmo instante. Nesse jôgo de simulações, por exemplo, é apresentada, repentinamente, esta dificuldade: avaria num ou em dois dos motores. Que será necessário fazer em tal emergência? Como compensar a deficiência? Assim os pilotos vêm sendo preparados, em terra, para em 1971 começaram a conduzir seus passageiros com o máximo de segurança. O principal encarregado dêsse treinamento, o engenheiro André Turcat, é também um aviador com um ativo de mais de 4.000 horas de vôo em mais de 80 tipos de aviões. Êle quer estar certo de que o **Concorde** no ano vindouro conquistará o Certificado de Navegabilidade, sem o qual não poderá ser produzido em série. Quando o primeiro **Concorde** subir ao ar no dia 28 de fevereiro de 1968, êle estará a bordo, sorridente, gozando as alegrias de um triunfo que não será apenas seu, porque pertence a mais de uma centena de colaboradores, tanto da Franpça como da Inglaterra, nações que sofreram juntas várias vêzes e que, depois de muitos reveses, juntas conheceram grandes triunfos. O **Concorde** não será o último.

Quem dirige a Kombi 1.500 gostou muito de uma das novidades.

Dirigir a Kombi já tinha uma vantagem: v. não precisava dividir o espaço com o motor.

Na Kombi o motor está lá atrás, sem atrapalhar ninguém.

Na Kombi Volkswagen 1.500 v. tem mais um motivo para gostar de dirigi-la: o banco é só seu.

E o assento é regulável em várias posições, para v. dirigir com tôdo confôrto.

Há mais motivos para v. gostar da Kombi 1.500.

Por exemplo:

O comutador de luzes alta e baixa, que era acionado com o pé, agora está colocado junto à alavanca do pisca-pisca, bem à mão.

O comutador tem também uma tecla para sinalização de luz alta, nas ultrapassagens ou cruzamentos.

Os motivos continuam.

O reservatório de água do pára-brisa tem bomba manual, e está à esquerda doporta-luvas, para v. manejá-la fàcilmente.

Por falar em pára-brisa, o limpador tem duas velocidades e pára automàticamente do lado direito.

V. ainda quer mais motivos para gostar de dirigir a Kombi 1.500?

Então sente-se no seu banco individual, dê a partida e experimente a nova Kombi.

V. vai achar que o motor tem mais potência.

E tem mesmo: exatamente 16 HP a mais.

Uma antologia reúne grandes autores de diferentes mundos

Raras vêzes o responsável por alguma antologia literária terá enfrentado tantas dificuldades para empreender e ordenar sua tarefa, como, certamente, as que acabam de superar Anatol Rosenfeld, Jacob Guinsburg, Ruth Simis e Geraldo Gerson de Sousa, idealizadores do volume **Entre Dois Mundos**, lançamento da Editôra Perspectiva, em seqüência à Coleção Judaica. Trata-se de uma coletânea de contos e novelas de autores judeus de muitas nacionalidades, que vivem ou viveram em muitos países, e escrevem ou escreveram em diferentes línguas. Na introdução do trabalho lê-se: "Êste livro documenta de um modo impressionante aspectos centrais da existência de um grupo disperso entre as nações. Entre êsses aspectos ressaltam tanto os problemas daqueles que procuram manter plenamente a sua identidade judaica, num ambiente mais ou menos adverso, como os daqueles que, em sociedades mais acolhedoras, vivem em várias fases e graus de adaptação. A coletânea documenta uma gama nuançada de ajustamentos ou não ajustamentos às sociedades do velho continente, pondo em relêvo a cultura total da convivência, com o funesto cortejo da discriminação, da perseguição, dos **pogroms** e do aniquilamento total levado a cabo pelo nazismo. De outro lado, apresenta uma imagem da integração maior ou menor no Nôvo Mundo, passando pelos problemas e vicissitudes da emigração."

A coletânea Entre Dois Mundos **oferece um impressionante painel documental dos caminhos, vicissitudes e alegrias da dispersão de um povo.**

Entre Dois Mundos não foi organizado segundo a cronologia ou nacionalidade dos autores, pois seus problemas se assemelham através dos países e tempos, por mais que variem as circunstâncias. A antologia está dividida de acôrdo com quatro critérios. A primeira parte recebeu o título genérico de **Pogrom** e nela aparecem a violência e a tortura como últimas conseqüências do preconceito. Contém obras de André Scwarz-Bart (cujo romance **O Último dos Justos** ainda é **best-seller** no mundo inteiro), Marek Edelman (sobrevivente do Gueto de Varsóvia), Heinrich Heine, Arnold Zweig, Sydor Rey (nome pelo qual é conhecido o escritor polonês Izak Reis), e Giorgio Bassani.

Segue-se o capítulo **Preconceito**, abordado nas suas formas mais ou menos acentuadas. Há trabalhos de Karl Emil Franzos (autor austríaco do século passado), Berthold Auerbach (estudioso de Spinoza), M. G. Saphir, Edmond Fleg, André Maurois (pseudônimo literário de Emile Salomon Wilhelm Herzog), Arthur Schnitzler e Ferenc Molnar (grande dramaturgo húngaro). A parte intitulada **Distância e Ajustamento** tem o seu critério consubstanciado no personagem de um conto de Isaac Babel. Trata-se de um soldado moribundo da revolução russa, filho do rabino de Jitomir, em cuja bagagem se ajuntam os retratos de Lênin e de Maimônides, linhas tortas de versos hebraicos e panfletos comunistas. Os demais autores incluídos neste capítulo são Franz Kafka, Howard Fast, Dezso Szomory, Ilia Ehrenburg, Roger Ikor, Israel Zangwill, Alfred Doblin, Lajos Hatvany, M. A. Goldschmidt, Jean-Richard Bloch, Stefan Zweig, Jacob Wassermann e Ossip Mandelstam (poeta russo, vítima dos expurgos stalinistas).

A coletânea se encerra com **O Nôvo Mundo**, reunindo obras, na sua maioria, da geração judaica já nascida nas Américas. E neste capítulo ressalta a maneira pela qual a sua bagagem artística ancestral se projeta e se funde nas raízes de diferentes culturas nacionais ainda em formação. Há contos de dois brasileiros: Samuel Rawet e Alberto Dines, autênticos pioneiros de um veio literário que pode e deve frutificar. Os Estados Unidos, cujas letras sofrem, atualmente, uma avassaladora influência de temática judaica, estão representados por Edna Ferber, Michael Gold, Saul Below, Sol Biderman, Meyer Levin, Norman Mailer, Ludwig Lewisohn (naturalizado), Bernard Malamud e Irwin Shaw. Finalmente, constam trabalhos de Romain Gary (francês nascido em Moscou), dos argentinos Enrique Espinoza e Alberto Gerchunoff, e de D. Jacobson, da África do Sul. **Entre Dois Mundos** é uma antologia preciosa não sòmente pelos autores que reuniu, mas também pelos critérios que a orientaram.

Z.G.

"O número sôbre o Rio Grande é um poema em côres."

País dos gaúchos

"Quero cumprimentar a direção de MANCHETE pelo número 780, que tão bem divulga, em côres, o fabuloso País dos Gaúchos. Está para se olhar de chapéu na mão. Parabéns!" — **Engº. J. F. de Assumpção Santos, GB.**

• • •

"Um grande e belo poema, traçado a côres, o número sôbre o Rio Grande do Sul." — **José Ferreira Valois, São Paulo, SP.**

Sabará

"Leitor assíduo dessa grande revista, que sempre nos mostra riquezas históricas do Brasil, lamento a omissão, no número dedicado a Minas Gerais, da belíssima e tradicional cidade de Sabará." — **Marcelo Dias, Prefeito de Sabará.**

★ **A omissão foi circunstancial. Sabará tem sido focalizada em nossas páginas. E certamente voltará a sê-lo.**

Minas

"Não sou mineiro, mas nem o precisaria ser, para achar espetacular a reportagem publicada sôbre Minas Gerais, na última edição de MANCHETE. Essa maravilhosa revista conseguiu reunir tudo aquilo que "Minas fêz em silêncio" e mostrar aos olhos admirados do Brasil, num prisma ao mesmo tempo natural e espetacular." — **Orlando V. Filho, São Paulo, SP.**

• • •

"Só vendo a reportagem de MANCHETE é que me dei conta de que Belo Horizonte já é uma verdadeira metrópole." — **Belisário Afonseca, Salvador, BA.**

Em tudo

"MANCHETE é boa em tudo porque fala de tudo." — **Elias B. Santos, Nilópolis, RJ.**

O Magnífico

"Velha admiradora de MANCHETE, creio ter direito a uma reclamação. Porque Miguel, o Magnífico, não tem aparecido com suas excelentes receitas? Sou uma senhora de idade e uma das minhas poucas distrações é a cozinha." — **Viscondessa de São Veríssimo, Petrópolis, RJ.**

★ **O Magnífico, atualmente em férias, logo voltará com os seus engenhos culinários.**

Paixão

"Confesso que, lendo as reportagens de MANCHETE sôbre o amor, apaixonei-me por um funcionário da Previdência Social, de nome Glonairo." — **Nilce A. Vargas, Rio, GB.**

★ **Parabéns a Glonairo.**

Manchester

"Considerando MANCHETE a obra-prima da imprensa brasileira, vimos felicitá-la pela publicação em capítulos do livro de William Manchester — "A morte de um Presidente." — **Edgard Santos Filho, Mahimar Sousa Santos, Denor Bonfim Ramos, Francisco Silva, Tancredo Sousa Lima, Maria Luísa S. Santos. — Salvador, BA.**

Juiz de Fora

"Porque (com perdão do trocadilho) Juiz de Fora ficou de fora na edição dedicada a Minas Gerais?" — **Roberto Xavier, Juiz de Fora, MG.**

★ **Juiz de Fora tem sido assunto constante em MANCHETE.**

Ieda

"Quero congratular-me com MANCHETE, a revista de mais classe e categoria do Brasil, quiçá do mundo, pela feliz idéia de lançar a belíssima Ieda Vargas na capa da edição especial focalizando o deslumbrante Rio Grande do Sul." — **Paulo Eduardo de Tarso, São Paulo, SP.**

★ **Obrigado pelo quiçá.**

Misses

"MANCHETE começou em grande estilo a temporada das misses. Aquela primeira candidata da Guanabara é um portento. Dá vontade de a gente gritar: Já ganhou!" — **Marcelo Rodrigues, Rio, GB.**

Foto de TARCÍSIO RAMOS

Sempre jovem, Gilberto Amado conserva, aos 80 anos de idade, a lucidez e o bom-humor do tempo de A Chave de Salomão, seu primeiro grande livro. Sua autocrítica é uma obra

AUTOCRÍTICA DE

Procurando abastecer-me de dados para esta exibição de mim mesmo a que MANCHETE simpàticamente me convidou, procurei documentar-me o mais possível sôbre os meus começos, pois penso que devemos começar pelo princípio. Não tenho arquivos, não sou de fichários, mas, graças à diligência de meu irmão, Giuseppe, o major, é só abrir uma gaveta e encontrar envelopões com artigos, fotografias, recortes de jornais. Desejoso de referir-me, antes de qualquer outro ponto, à Chave de Salomão com que abri as portas da vida literária, encontrei um artigo de 8 de setembro de 1963, sob o título **No Rio, Há 50 Anos**, assinado por Sousa Rocha (deve ser um pseudônimo), tendo por subtítulo **A Chave de Salomão, uma Conferência-Revelação.** Ilustra êsse artigo uma fotografia de 1913, ano em que proferi a conferência. Aí estou, não tão feio como me achava, conforme digo no segundo livro de memórias, **Minha Formação no Recife**, ao ver-me nos grandes espelhos do Hotel France e os da casa da Viscondessa do Livramento, avó de Rosa e Silva Jr., mas por isso é que me refiro a essa fotografia — aí estou ainda sem óculos, pois como se lê no **Presença na Política**, quarto volume das memórias, eu era míope e não o sabia, tal como o Miguelzinho do famoso conto de Guimarães Rosa. Como o personagenzinho do meu amigo Rosa (Rosa das Rosas, **Rosa Rosarum**, como eu o chamo) eu via o mundo esmaecido. Inúmeras inimizades começaram a me cercar. Cumprimentavam-me e eu não respondia aos cumprimentos. Ofendiam-se; tomavam o defeito natural por arrogância ou empáfia. Nesse artigo a que me refiro vêm opiniões, as mais exaltadas, sôbre essa conferência com a qual inaugurei a série projetada pela Sociedade dos Homens de Letras e que se singularizou, entre as que se seguiram e as que o Brasil estava acostumado, por tratar de assuntos diferentes. Os temas habituais eram **O Leque, A Luva, O Grampo** e outros objetos importantes para a mentalidade reinante no tempo do **Ouvir Estrêlas**... No terceiro volume das minhas memórias, **Mocidade no Rio — Primeira Viagem à Europa**, dedico um capítulo a esta obra inicial, **A Chave de Salomão**, e explico por que a fiz, onde a compus e em que circunstâncias. Transcrevo passagens dêsse trabalho de que me desvanecia, dizendo: "Não fiz uma conferência: disse como pensava que se devia viver. Eu sentia aquilo tudo." O efeito da conferência ao ser pronunciada e publicada em seguida, como é do conhecimento de todos, foi não só intenso, como duradouro. Dominou no conceito geral a minha mocidade. Sôbre ela escreveram então quase todos os novos e muitos dos velhos: Carlos de Laet, Alcindo Guanabara e, em São Paulo, Júlio de Mesquita. João do Rio exagerou-se em vários artigos, em diversas oportunidades e, a propósito do aparecimento da **Suave Ascensão**, meu livro de versos, a ela voltou num ensaio, o mais generoso até então escrito sôbre mim, que se encontra no volume **Ramo de Louros**. A propósito dela falaram de "bases de uma estética". Sôbre ela, disseram outros, "é possível edificar uma literatura e uma filosofia". Essas referências se originam do meu desejo de, a propósito, evocar o artigo de duas colunas, sob o título **Sum Sum Corda**, que Carlos de Laet dedicou à conferência: "Valioso documento humano de um espírito de superior descortino, mas o jovem pensador me força a protestar contra as sombrias conclusões do seu pessimismo, ao considerar o homem o mais infeliz dos animais." Não é interessante tal interpretação? Nem de longe, mesmo hoje, posso ver ou posso descobrir naquela profusão verbal e apologia da vida contemplativa sinal sequer longínquo de pessimismo. Eu dizia: "Há homens que despendem uma existência afanosa e chegam ao fim dela sem ter realizado um ceitil da sua alma. Na sua pressa delirante, estiveram parados. O que agiu nêles foram os braços, as pernas, tudo o que lhes não é próprio, porque pertence à espécie. Acontece com êles o mesmo que com as árvores, cujas frondes o vento agita rumorejando. A raiz, imóvel, nem sofre o abalo, nem ouve o rumorejo. A alma é a raiz do ser. Cada um de nós veio ao mundo realizar a sua alma, o seu ser essencial, a sua personalidade, o que lhe é próprio. Viver é exprimir-se. A raiz atinge à flor. Cada ação nossa é o desenlace do trabalho lento da nossa alma, como a flor é o da raiz. Há homens que não acham nunca a sua expressão."

A Chave de Salomão, relembro nesse volume de memórias, "mostra-me hoje, quando a considero, a alta idéia que eu fazia do público do Brasil, tão alta quanto a que fazia Machado de Assis, que não antecipava a incompreensão; admitia, ao contrário, a acuidade e a finura do julgamento popular. Não hesitei em contar com a penetração intelectual do leitor, da qual já não me sinto hoje tão seguro, de tal modo baralharam-se os estudos e a preparação das gerações que se seguiram à minha". Mas há sempre satisfações para o autor, originárias dos mais inesperados setores da população. Relato o seguinte: anos atrás, logo depois da publicação da **História da Minha Infância**, era eu tratado por um médico aqui no Rio que não aceitava honorários, o que me embaraçava sobremodo. Disse-lhe com franqueza uma vez ao telefone: "Doutor, venha ver-me, preciso dos seus cuidados, mas só com uma condição: quero que o senhor me mande a conta do que lhe devo. Amizade é uma coisa, serviço profissional é outra." Êle respondeu: "Está direito. Cumprirei o seu desejo." Veio, examinou-me, mandou o homem do laboratório para tirar o sangue, receitou. Dias depois, recebi dentro de um envelope uma fôlha de papel com os seus timbres dizendo: "Eis aqui a minha conta." Em letras bem legíveis, bem traçadas — não em caligrafia de médico — transcrevia êle a frase inicial do meu livro então publicado, **História da Minha Infância**: "Nasci na Rua do Rosário, numa casa pintada de verde, defronte da loja de Chico Martins, da qual meu pai era caixeiro. Mas foi na Rua da Baixa, onde moravam meus bisavós maternos, que me amanheceu a consciência e comecei a olhar a vida." "Êste AMANHECEU" — ajuntou êle, em letras maiúsculas — "são os meus honorários. Pagam-me demais." **A Chave de Salomão** passou a constituir, no correr dos anos, motivo de mortificação para mim, por certas "facilidades" que me escaparam. Foi escrita em dois dias, sem uma pausa, num borbotar de torrente espumejante, em circunstâncias e lugar que assinalei no terceiro volume das memórias. É com horror que vejo nas páginas que abrem o volumão em que José Olímpio reuniu — aliás, belíssima edição — os meus ensaios e estudos, não só no volume em que se acha a conferência, como **O Grão de Areia** e **A Dança Sôbre o Abismo**, uma coisa como esta: "Subo, tiro o chapéu, deixo que o vento me devaste a cabeleira." Ora vejam, que bobagem; excrucia-me o ridículo em que escorreguei. Logo na página seguinte começa uma frase de que me orgulho, tão cheia de sentido e de ressonância, com êste cacófato: "A minha alma via"... De Nova Iorque, no hospital, no mês de outubro passado, incerto sôbre o resultado do tratamento intensivo a que fui submetido, escrevi uma espécie de carta-testamento ao Genolino: "Risque isso e a cabeleira na edição póstuma." Meu escrúpulo e sensibilidade a respeito de cacófatos é certamente exagerado, pois como já frisei uma vez, é impossível escrever a nossa língua sem cacofatar.

Nesta autocrítica, para honrá-la e corresponder aos intuitos de MANCHETE, devo penitenciar-me de muitos defeitos. Restrinjo-me, por enquanto, àqueles ligados à minha qualidade de escritor. Refiro-me à preguiça, ao marasmo em que me amorrinhei tanto tempo sem escrever quanto desejara. Um amigo escritor, a quem me queixava, exprobrando-me a indolência, dizia-me que a solução consiste em não esperar a gana de escrever, nem contar com a chamada "inspiração", impulso interior em que êle crê e em que os outros não crêem, e fazer como êle e tantos outros fazem: sentar-se à mesa todos os dias à hora certa, haja ou não haja disposição. Os exemplos dos que adotam êsse sistema são numerosos, como se sabe. Lembro um, sempre citado: o de Paul Valéry, que acordava às quatro horas e trinta da manhã e tocava a enegrecer caderno. Tinha muito amor à glória, estômago capaz de jejuar até a hora do café, capacidade de preparar dito café em máquina, de suportar cheiro de álcool queimado, cheiro realmente estragador de qualquer atmosfera matutina. Outros passam meses vadiando, pensando em outras coisas. Um dia sentam-se à mesa e só se levantam quando o livro está pronto. Outros ainda só se sentam à mesa depois que tôda a obra lhes está completa na cabeça e o escrever não passa de simples operação física.

Quanto a mim, sempre escrevi "forçado"... Nos artigos de adolescência no **Diário de Pernambuco**, como na mocidade nos do país — para ganhar o pão e empurrar a porta da vida pública. As conferências e discursos que estão nos três livros **Chave de Salomão, Grão de Areia** e **Dança sôbre o Abismo**, representam interrupções do silêncio provocadas por amigos, estudantes, colegas, exigências e coações do momento. Quer dizer que foram obras de circunstâncias? Não, nenhuma. **Existiam** dentro de mim. Faziam parte do meu acervo intelectual, do meu patrimônio formado de leituras, reflexões, inspirações e mesmo meditações. Uma passagem como a intitulada **Fenômeno Arte**, que está no **Dança sôbre o Abismo**, nada tem de improvisada. É todo um livro, que pensei escrever, resumidíssimo. Em outro plano, oposto ao da arte, no domínio do que se poderia chamar sociologia, o ensaio **As Instituições Políticas e o Meio Social no Brasil**, proferido em discurso na Câmara dos Deputados, em 1916, constituiu a essência da obra que não escrevi sôbre a civilização no Brasil; reflete estudos que desde Pernambuco, isto é, desde 1909, empreendi a respeito de nossa formação política. Na mesma ordem de idéias seria outra produção, **As Fontes do Poder no Brasil**, concebida nos anos 20, e de que o **Eleição**

prima.

GILBERTO AMADO

"OS GERONTÓLOGOS AMERICANOS COSTUMAM DIZER QUE UM DOS SINAIS DA VELHICE É A DIMINUIÇÃO OU A PERDA DO OLFATO. POR ÊSTE LADO, PELO MENOS — E O CONSTATO REGALADO — NÃO TENHO MOTIVO DE TRISTEZA"

e **Representação**, publicado em 1931, é a explosão determinada pelos acontecimentos de 1930.

Menciono a propósito dêsses estudos de Pernambuco uma atitude que iria marcar o meu pensamento e ação, atitude recordada sempre com a sua contínua generosidade a meu respeito por Gilberto Freire que, em mais de um artigo, consignou que, em 1908, Rui Barbosa, fazendo uma conferência no Teatro Politeama, em Salvador, exclamava: "Bahia, Atenas brasileira!" No artigo cotidiano que eu, então no quarto ano de Direito, publicava no **Diário de Pernambuco**, comentei a conferência do grande brasileiro dizendo: "Qual Atenas, qual nada: foco de febres, a amarela inclusive." Voltando ao que ia dizendo: de pensar nunca tive preguiça; sim, de escrever, sentar-me à mesa. Sem a revolução de 1930 não teria talvez sido publicado o **Eleição e Representação**. Todavia, tudo o que o livro enuncia não passa de simples alinhamento de temas, não de desenvolvimento. Nunca me aconteceu isto — "desenvolver". Nas conversas e em cartas, que são conversas rápidas com amigos que me excitam, é que me exprimo mais à vontade, pois nelas, conversas e cartas, não tenho que "compor" ou fazer obra para publicação.

— E os romances? perguntarão. Estavam no seu espírito? Não, responderia. Estavam sim, personagens e ambientes. Naturalmente, os personagens estavam em mim como os descrevi, como me apareceram. Mas sem a guerra, os anos de desocupação na Itália e na Suíça não teriam passado do meu espírito para o papel. A atividade profissional de jurista, diplomata e o viver cotidiano me absorveram depois dêste romance e do que se lhe seguia, **Os Interêsses da Companhia**, isto é, de 1941 até o primeiro livro de memórias, **História da Minha Infância**, dez anos depois. Êste livro resultou — e penso já o ter referido de público — da primeira doença séria que tive e durante a qual a idéia de morrer se apoderou de mim. Foi em todo o caso a circunstância de não poder "viver", o que chamamos acaso grosseiramente "viver", isto é, sair, ir a teatro, comer bem, beber ainda melhor, tendo ao contrário de ficar em casa em jejum, sob regime rigoroso, que me decidiu a escrevê-lo. Comprei um ditafone e durante os 28 dias que durou o tratamento e a dieta ditei todo o livro. Improvisei-o? Não! Estava dentro de mim, esperando oportunidade de sair, oportunidade que talvez não tivesse ocorrido sem a doença e o regime.

Antes da publicação dêsse livro, as gerações novas desconheciam-me. Durante êsses dez anos, nas minhas estadas no Rio, ao voltar do estrangeiro, notei que os repórteres jovens que me vinham entrevistar por ordem da redação nunca me haviam lido, repórteres de **O Globo**, da **Última Hora**, do **Correio da Manhã**, do **Jornal do Brasil**, dos outros órgãos importantes do Rio. Os rapazes, ao falarem comigo, dirigiam-se a sujeito de quem haviam ouvido falar, não a escritor que houvessem lido. Não lhes interessava o que eu tivesse acaso escrito, ou que houvesse pôsto nos livros. Vinham de outros pontos. O caminho dêles era outro: alguns já podiam escolher caminhos; estavam "engajados". Foram fascistas: eram comunistas, ou quase.

Ditar a **História da Minha Infância** foi bom. Acostumei-me. Ditei os livros seguintes: mas não a um aparelho como o livro citado, ali no duro, eu e o disco captor. Ditar estimula, quando a pessoa a quem se dita nos é agradável. Amelinha (Amélia de Oliveira Lins), minha secretária de tantos anos, com sua petulância afetuosa, me foi muito útil, pois sugeria, alvitrava, dava palpites, nem sempre aceitos mas, estimulantes. Outra **dactylo** de luxo, capacíssima, a quem muito hei ditado, é minha filha Lou que, dona do **papito**, como me chama (trouxe do Uruguai, onde passara sete anos com o marido diplomata, êsse **papito**), sem se incomodar que eu me zangasse ou não, parava no meio do ditado e, diante do meu espanto, exclamava: "Isto não é você, não parece você!" Submeto-me. Corrijo-me. Divertido foi ditar às duas juntas (Amelinha e ela) no apartamento da Rua General Glicério. Horas e horas... incansáveis, vivas, gárrulas, aderindo à tarefa, felizes no trabalho que transformavam em brincadeira. Também me serviu em Nova Iorque uma jovem brasileira que por lá vive há anos, excelente profissional. Do Itamarati, duas ou três das suas môças, durante a Assembléia das Nações Unidas, em Nova Iorque e em Genebra, verdadeiros ases, expeditas, de uma técnica aprovada em concurso, dedos isócronos com o ritmo da frase, também me foram úteis. Só me sai bem o que tenho a dizer para datilógrafo ou datilógrafa que se ajuste ao meu modo de ser. Ar soturno de sujeito deprimido, que trabalha porque "precisa", ou espevitamento de "entendido" me inibe, tranca-me a loqüela. Também o jovem gominado ou rescendendo a brilhantina, dedos longos, não raro amarelos de fumo, não me alegra o serviço. Minha sensibilidade olfativa, que continua exagerada, desmentindo a regra geral da anosmia dos velhos, me cria incompatibilidades. Os gerontólogos americanos costumam dizer que um dos sinais da velhice é a diminuição ou a perda do olfato. Por êste lado, pelo menos — e o constato regalado — não tenho motivo de tristeza. Como é sabido pelos leitores das minhas memórias, farejo perfume de longe; a alguns sou alérgico. Os empregados do elevador do meu hotel em Nova Iorque já sabem: se há grupo de mulheres para subir e estou à porta esperando, leva-as primeiro. Só subo depois de alguns minutos, durante os quais espero (em vão) que se alivie o ar empestado pelo horrendo Joy de Patou, os enjoativos Guerlain, os abomináveis Lanvin e Chanel. "Em vão", disse. Os elevadores nos Estados Unidos se incrustaram, através dos anos, de morrinha e fartum de graveolência inarredável, que resiste a desinfecções e defumações de tôda a ordem.

Se o olfato persiste integral como na mocidade, capacidade de ouvir como dantes, já não tenho; a penicilina aplicada sob a forma de pomada por um otorrinolaringologista apressado, se não me tapou por completo uma das ouças, embotou-a bastante. Responde contudo ao aparelhozinho de aço, espécie de berimbau, que os médicos nos aplicam ao ouvido para verificar se lhe percebemos as vibrações. Percebo-as; clinicamente, para os médicos, o ouvido penicilinado, o esquerdo, está bom. Mas o relógio de pulso, de algibeira ou mesmo de mesinha de cabeceira já não me tiquetacam audìvelmente.

Da vista, porém, não tenho motivo de queixa; continua como, em geral, nos míopes, perfeita, alcançando longe e permitindo leitura sem óculos de perto, por mais miúda que seja a letra ou o tipo, sem nuvem, môsca ou confusão qualquer. Bato na madeira. A propósito constituiu-se, anos atrás, êsse sentido, graças à observação de oculista inteligente, motivo de confôrto, num teste, regozijante. Examinando-me, disse o profissional relançando a vista sôbre a minha corpulência ao entregar-me a receita: "Se não se tornar diabético não terá mais necessidade de mudar de vidros, até o fim da vida." Proferiu êsse conceito clarividente há mais de três lustros. Quando, anos depois, me andou aparecendo açúcar no sangue, serviu-me êle de guia para julgar da gravidade do sintoma. Não precisei de novos vidros, até agora. Bato ainda na madeira.

Desde que passamos dos escritos ao indivíduo humano, ao homem, saliento a maior falta que cometi na vida: deixei-me engordar. Há quarenta e cinco anos, Silva Melo, ao examinar-me, estatuiu: "Saúde perfeita, seu risco é engordar. Não engorde." Palavras que se sumiram de minha consciência. Enchi-me de quilos e quilos supérfluos. Tornei-me, **horresco referens**, obeso. Como tôda facilidade, esta me foi fatal. Quase que me vou no mês de outubro, por causa dela. Foi o diabo. O médico especialista que me tratava, depois que subi da Unity, em que se atende violentamente a crise cardíaca, ocupava-se sobretudo, dizia êle, não do que sofri, do coração, não do meu presente, mas do meu futuro: forçava-me a perder pêso. Deixei o hospital tendo-me libertado de 19 libras, não sei a rigor quantos quilos, e ainda me estou regrando num regime rigorosíssimo para não ganhar sequer uma grama. Minha sobrevivência está ligada à minha magreza. Entretanto, já há alguns anos, vinha eu submetendo-me a dieta e regime alimentar que se me afiguravam rigorosos. Bôlos, mingaus, mães-bentas, bons-bocados, compotas e sorvetes, empadas, queijadas, açúcar sob qualquer forma, eliminei da minha vida. Tive de dar adeus ao pão, alimento pré-bíblico da espécie humana, presente desde o comêço da História a tôda refeição do homem. A manteiga, que comunica sabor e compõe com êle, pão, um todo até hoje insubstituível, que a criança espera quando se separa do peito materno, da mamadeira, também lá se fôra dos meus hábitos. Até de frutas me privei, não sòmente a ameixa ou o pêssego, tâmaras, castanhas, os adocicados, como também os agrumos, **grape-fruit**, laranja, tangerina. De batata nunca fui guloso; mas o arroz, companheiro do nosso feijão prêto, que transforma em pasta gostosa os môlhos das nossas muquecas e dos nossos guisados, tive igualmente de sacrificar. Tudo fiz, obediência total à recomendação de clínicos e nutricionistas. No período de maior rigor, após semanas inteiras de abstenções, não cheguei a perder um quilo. Em Cannes, há três anos, intensifiquei o rigor. Comprei balança, pesava tudo, carne, bife, não mais de cem gramas. Após dois meses, perdi libra e meia... Bolas! Em Paris, depois de Cannes, em três dias reinvesti-me no pêso normal, o meu, de tôda a vida, isto é, de há mais de trinta anos. Perdi a esperança de emagrecer. E concluía: — Morrerei gordo. Os **maitres-d'hôtel** dos restaurantes, amigos velhos, pouco interessados na minha sobrevivência, rejubilaram-se de reencontrar em mim o bom cliente, o agradável guloso.

A propósito de **maitre-d'hôtel,** passo a outro assunto: sentir-me-ia mal em escrever "chefe dos criados". Em Portugal continuam a chamar criado o servidor doméstico. No Brasil já nos constrange. Dizemos "empregado" ou "empregada". A mania de traduzir palavras de uso corrente: "garção" em vez de "garçon", "Amsterdão" em vez de "Amsterdam", são palavras que não escrevo. Saem nos meus livros por obra dos tipógrafos obedientes à lei, isso é, a Portugal, legislador da nossa ortografia. Eu escrevo "garçon", "Amsterdam", como aprendi na infância. Na ânsia de afirmação "nacionalística", países que exerceram grande ação no passado, sem encontrar papel a representar no mundo moderno, chegam até a traduzir nomes próprios. Nome próprio não deve ser traduzido. Tomo como exemplo Bordeaux. A palavra retrata a cidade girondina à beira das águas, **au bord des eaux.** "Burdéus", dizem os portuguêses. Lá se foi a idéia que o nome exprime. Meu amor a Portugal, que é o de todos os brasileiros, amor grande, não vai ao ponto de me constranger ao pôr em relêvo, como já tenho feito, e em mais de um ensejo, nossas diferenças. Nossos gostos contrastam em muita coisa, sobretudo em linguagem. O que lhes parece natural choca-nos com freqüência. Por exemplo, há dias, percorrendo um dicionário francês-português (de Manuel Frutuoso de Carvalho, revisto por João de Brito), eis o que encontro como tradução para **grissine** ou **grécine**, o cilindrozinho, quebradiço, fininho, compridinho, espécie de rôsca desenroscada que nos servem nos restaurantes da Europa: "Pão em forma de cacête, fabricado no Piemonte e na Sabóia." Estão vendo? Para êles, em Portugal, é natural, não associam como nós a figura do "cacête", a cachamorra, porrete, cacheira. Não só de nomes próprios, certas traduções de nomes comuns de plantas e outros são impossíveis. A respeito dos de flôres, certas traduções nos fazem rir, outras nos entristecem. Entre estas **marigold,** flor bonitinha, sílabas douradas, em português é "cravo de defunto"... **Balisier,** flor que Colette gostava de mencionar nas suas descrições de jardins, em português é "bengaleira". Para **muflier,** também muito colettiano, só temos o científico "antirino". Certo, a deformação do gôsto é nossa, a genuinidade é dêles. Mas como, ainda por exemplo, poderia alguém, após haver lido em Proust as glosas, os exercícios adoráveis de linguagem que lhe merecem **les aubépines,** que êle compara a "mocinhas vestidas de branco", usar o vernáculo "pilriteiro"? **Dogwood:** sabem como se diz em nossa língua? Noveleiro... Para **muguet,** uma beijoca de som, a flor primaveril do primeiro de maio, só temos como tradução "lírio-do-vale"... Não se deve traduzir **muguet.** Deve-se dizer o nome francês. Nada mais ridículo do que êste tolo nacionalismo de língua.

A propósito de bater na madeira e de superstições, teria eu muito a dizer, pois especializei-me no assunto. Mas tomaria espaço nesta autocrítica, que desejo reduzir ao essencial. Toco apenas num dos aspectos que desenvolverei em outra oportunidade, se continuar a viver. Nosso povo tem mêdo de urucubaca. Guardo na memória da minha última estada na Côte d'Azur uma ilustração de como tem fundamento êsse mêdo da nossa gente. Noticiando uma sessão de júri em que foi julgado um indivíduo acusado de ter atirado numa mulher que lhe tomara o dinheiro e o expusera de público ao ridículo com zombarias e escárnios, um jornal de Nice comentara: "Apesar de moderado requisitório do promotor, o réu foi condenado." É que o advogado terminara sua brilhante defesa com estas palavras: "Neste processo, fica-se desconcertado ao considerar a pouca sorte dêste homem. Tôda vez que, em sua vida, ia conhecer a felicidade, no derradeiro momento o destino implacável intervinha contra êle." Resultado: o réu, que devia ser absolvido e o seria com certeza, foi condenado a sete anos de prisão. O advogado cometeu uma cincada. Êrro profissional grave. "Já lhe aconteceram tantas, aconteça-lhe mais uma", teria sido o raciocínio dos jurados. Ninguém é a favor de sujeito azarento. Se a desgraça persegue alguém, êsse alguém é inconscientemente afastado da simpatia humana. Todos os dias observo isto. A fama de "sorte" ajuda muito. É chuva no plantio; faz germinar a semente; é estrada aberta, horizonte promissor. A de falta de sorte escurece o ar que envolve o indivíduo, gruda-se a êle como lepra de que todos fogem. A sabedoria, por isso, nos indica o dever de ocultar males que nos atingem, golpes que sofremos, de não os mencionar sequer. Cangapé em que tropeçamos, esparrela em que caímos. Silêncio com êles. Lembro-me a propósito do pensamento, duro na aparência, mas certo a mais não poder ser, de Mark Twain: "O mundo não gosta de perdoar a quem é vítima de injustiça." Escondamos o mal que nos atinge. Não apregoemos as nossas desventuras.

Agora, os complexos: o conjunto de impulsos refreados, sentimentos e ressentimentos inexpressos, de recalques, constrangimentos, frustrações que reunimos hoje sob a denominação de complexos, tudo a que aspirou o indivíduo e não obteve, ludíbrios, escárnios que agüentou, as decepções, os malogros, as aspirações acalmadas pelo dever ou pelo mêdo, as cóleras engolidas, os gritos estrangulados, os protestos e reivindicações abafados em revoltas mudas nas longas noites do desengano, tudo isso em graus diferentes de modalidades múltiplas constitui o fundo de cada um de nós e em tantos respeitos está na base dos nossos atos, dita-nos a conduta, fixa-nos o modo de ser. As rosas da nossa alegria provêm de raízes mergulhadas nesse fundo. Dessa vasa turva e insondável brotam as perpétuas sem cheiro da nossa tristeza. A psicanálise, a de Freud e a dos seus seguidores, ortodoxos ou deviacionistas, acostumaram-nos a volver os olhos para êsse mundo misterioso deixado dentro de nós. Nem todos logram atravessar a cortina de ferro descida sôbre a nossa ânsia de nos conhecermos a nós próprios. A censura é grande. A vigilância nas fronteiras, enorme; os guardas não se deixam seduzir. Tateamos, pisamos um solo fugidio, erramos num terreno indemarcável. Do horizonte não nos vem a luz que desejamos. O sonho, soberano dêsses reinos mágicos, nos transporta às vêzes, por entre clarões lunares e nas auroras assombradoras, a países estranhos. O que temos dentro de nós e que o sonho nos revela faz-nos milionários durante a noite, mas acordamos pobres de nôvo.

Desenleemo-nos, porém, dos fios em que esta matéria nos enrola. Meu empenho é outro; é falando de mim, montaignizar um pouco a respeito de complexos. Quase não os possuo. Minha fealdade, ampla e francamente proclamada, não teve tempo de alapardar-se no meu subconsciente para daí saltar-me em cima quando menos a esperasse. "Sou feio", declarei. Pronto, tudo ficou liquidado. Olhei o assunto na **Minha Formação no Recife,** aventando hipóteses e exemplos, como êste: "Se eu fôsse Machado de Assis, iria logo achando meio de dizer que era mulato, gago, tinha ataques." Se eu fôsse careca, era a primeira coisa de que falaria. Creio que, como é hoje conclusão dos psicólogos e psicanalistas, minha falta de complexos deriva da atmosfera em que fui criado, na minha infância bem brincada, infância falada, gritada. Todo complexo no homem maduro, como se sabe hoje, tem sua origem na sêde da infância que não teve. Quem foi infeliz na infância dificilmente será feliz na vida. Quem foi roubado de sua infância nunca mais encontrará o tesouro perdido. A miséria que priva de infância tantos indivíduos não pode ser escusada. Não me espanto diante da delinqüência de menores. Menino que não foi mimado, nutrido e protegido pelo amor sem limites, pela solidariedade irrestrita dos pais, tem mêdo da vida; daí a violência, recurso dos fracos, dos que precisam afirmar-se.

Meu escopo nestas linhas, que afinal desvendo, é abrir-me com os leitores sôbre o meu "caso", isto é, sôbre o fato de ter sido amado e de o ser ainda, por mim mesmo, com minha fealdade e tudo, sem contrapartida nenhuma. Quando o amor se efetiva em casamento, uma dúvida sempre pode restar. Isso é tão evidente que até me constrange de referir. Casamento não dissipa dúvida nenhuma de indivíduo que tenha receio de não ser amado por si, mas pela situação, pelo nome, como noivo ou marido. Sei que amar é o essencial, ser amado é outra coisa. Êsse era o ponto de vista da morena de Aracaju, Firmina, analfabeta e bonita, da **História da Minha Infância,** e de La Rochefoucauld, François, o das **Máximas. Très bien!** Mas aquêle que "amou" sempre e que nunca foi "amado", ter-se-á contentado com essa unilateralidade? É verdade que o Dr. Johnson dizia: "Salvo pela imaginação, todo homem se sente tão feliz nos braços de uma criada de quarto quanto nos de uma duquesa." Mas, quando falo de amor, não me refiro à fruição apenas de uma carne ou de um corpo ou de intimidade sexual. Quero falar de amor mesmo. Amor só de corpo é lá amor!

Enfim... Sem o advento do Ser Egrégio na minha vida, teria eu ficado com o complexo de não poder ser amado por mim mesmo? A deslumbrante môça branca, de cabelos prêtos e olhos de uma luz que vem da alma, que há trinta e três anos veio para os meus braços, encher a minha vida, é hoje uma senhora de idade, até avó. Ao lado dela sinto-me, porém, como nos primeiros dias do nosso encontro. (Oh, êsse fenômeno, o Amor com A grande!) Sinto-me apaziguado

Ao tomar posse na Academia Brasileira de Letras, Gilberto Amado pronunciou um dos mais notáveis discursos já ouvidos na Casa de Machado de Assis.

É NOS

DETALHES

QUE SE

CONHECE

A DONA

DE CASA

LENÇÓIS E FRONHAS são um detalhe (de importância) no lar. Por isso, a mamãe que cuida bem de sua família, prefere LENÇÓIS E FRONHAS SANTISTA, maravilhosamente brancos. Preferência consciente, que revela:

- conhecimento do melhor: qualidade garantida em 13 anos de existência
- senso prático: mamãe não perde seu precioso tempo fazendo lençóis em casa: compra-os já prontinhos e nas medidas exatas
- senso de economia: ela sabe que lençóis mais resistentes demoram mais a precisar de renovação.

Lençóis e Fronhas
Santista

OURO - PRATA - PALÁDIO

Brilhando em qualquer dos tipos a mesma qualidade Santista.

"QUANTO À RAZÃO DO MEU RABISCAR, DO MEU EMENDAR OS TEXTOS QUE COMPONHO, TRATA-SE SIMPLESMENTE DE ATINGIR, NO ATO DE ESCREVER, AO MÁXIMO DE VOLÚPIA QUE ÊLE PODE PROPICIAR"

Gilberto Amado, na juventude. Êle se considerava feio, mas não tinha complexo.

numa doçura imensa, igual à que me trazia sua presença jovem; retransporto-me a paragens vertiginosas que sem ela não teria percorrido. Por mim, mudou sua vida, causou sofrimento, que ela e eu lamentamos, mas que não tínhamos o poder de evitar. Os meus amigos ouvem-me sempre a propósito dela o "não mereço" com que minha humildade ainda espantada exprime a desproporção entre ela, rica, nobre, belíssima, e o filho de Itaporanga, pobre e feio, que ela escolheu. Repito: teria eu sem êsse amor guardado algum complexo? Eis a questão.

Talvez... mais do que talvez; sem dúvida nenhuma.

Meu Coração Cresceu é o título dos poemas escritos em 1934, inspirados pela presença do Ser Egrégio na minha vida, que se encontram no volume **Poesias**, publicadas por José Olímpio em 1954. Título que poderia até parecer alusão ao diagnóstico do médico ante cuja perspicácia clínica aparecera "crescido" aquêle órgão.

Muito leitor, ao encontrar-se com estas linhas, vai acaso surpreender-se. "Poeta... também? Eu não sabia." Como outros se espantam ao ver em artigo ou notícia de jornal, é verdade que de passagem, o meu nome ligado ao título de "romancista". "Ué! Romancista? Pensei que fôsse memorialista."

Quando apareceu **Inocentes e Culpados**, em 1941, ficou assentado pela palavra de críticos autorizados que não se tratava de romance. O mais ilustre dêles, tratando-me bem, como sempre, declarou num artigo que dedicou ao assunto: "Romancista, não! Grande ensaísta, volte ao ensaio." **Os Interêsses da Companhia**, publicado um ano depois, não logrou crítica nenhuma, artigo algum; notícia, nada. **Inocentes** ainda teve duas edições, uma atrás da outra, no mesmo ano. **Interêsses**... ficou papel sujo, no depósito das livrarias. Pensei que ninguém tivesse sequer visto um exemplar. Enganei-me, porém. De vez em quando, recebo carta de "leitores", sobretudo do interior do país, dizendo-me amabilidades a respeito. Na época, a palavra oficial, recusando-me a qualidade de romancista, foi seguida de tal maneira que, ao receber-me após uma ausência de dez anos, um dos meus maiores amigos, Cândido de Campos, diretor de jornal, sem cultura pròpriamente literária, mas inteligente, foi logo gritando, do cais para a amurada do navio: "Romancista, não." Prevenia-me que a sua amizade não iria além de certos limites. Não queria confusões. Atendera ao **mot d'ordre**. Cumpria um dever.

Voltando ao escritor, ainda um depoimento. Há os que botam a mão no papel e só a levantam depois de terem enchido páginas e páginas sem um traço fora da linha, sem um risco, sem uma emenda, tudo liso, bonito. Como podem? Eu... A palavra que vai ao papel já leva outra consigo, em cima ou ao lado dela, para a substituir. Certo, numa mesa de redação, como numa sala de comissão, numa sessão de conferência, posso escrever de um jato artigo, discurso, parecer, apreciações, opiniões, quase sem emendar. Ditando, então, sou correntio. Por isso é que me faz mêdo ditar. Nenhum escrito "correntio" é escrito. Pode valer. Há casos felizes. Ainda há pouco, num livro sôbre história da música, li que Mozart, aos solavancos, numa diligência, escrevia as partituras mais sublimes, sem hesitação, sem uma nota mudada. Para Beethoven, ao contrário, a luta que travava era luta de morte para que lhe viesse às mãos o tesouro que procurava. Mozart compunha sorrindo. Beethoven, de cara fechada, dentes cerrados, agarrava-se com o seu demônio interior para lhe arrancar a verdade "única" por que ansiava. Seus manuscritos, em vez de limpos, sem um rabisco como os de Mozart, refletem num emaranhamento terrível as batalhas que travava. Para Balzac, escrever era emendar, ajuntar, cortar, entupir entrelinhas e margens de página; era recompor textos e textos entressachados uns nos outros, entrelaçados por mil fios, cada qual mais inesperado a sair da dobadoura inesgotável. E Balzac era considerado "espontâneo", fácil, em comparação com Flaubert, entre outros.

Alguns escrevem como praticam o amor, com pressa, sem a preocupação de tirar do contato de uma carne com outra a fruição completa que estava no pensamento da natureza ao preparar os órgãos, nervos e glândulas para aquela fruição. Pertencem a essa categoria os que engolem polpa de fruta madura ou chupam copos de bom vinho sem as pausas devidas, com indiferença pelo maior ou menor grau de delícia que possam haurir. Outros arfam à procura da palavra introcável que, ela só, pode convir à expressão e honrá-la. Literatura é linguagem carregada de sentido, dizia Ezra Pound, **il neglio fabbro**, no tempo em que ensinava Yeats, Eliot, Hemingway e outros a bem escrever. Linguagem literária é criação, e só sendo criação é que é linguagem. **Literature is news, but new that stays news. (ABC of Reading.)**

Quanto à razão do meu rabiscar, do meu emendar os textos que componho, trata-se simplesmente de atingir, no ato de escrever, ao máximo de volúpia que êle pode propiciar. O que procuro na expressão é a alegria de a conseguir. Se ela vem logo, no primeiro impulso da pena, tanto melhor.

Restaria falar pelo menos um pouco das minhas atividades diplomáticas e jurídicas, sobretudo destas últimas. Mas não abusemos do espaço oferecido por MANCHETE. Deixemos para outra vez outras considerações sôbre uma vida tão vivida e sofrida.

**Quem manda sou eu,
mas êle não falha nunca.
Não recusa carga,
não rejeita estrada.
E come pouco o danado.
Às vêzes dá pena dêle,
porque o lucro
é todo meu.
Fenemê
é bom companheiro.**

HENRIQUE PONGETTI

ÔVO E BANANA

Sempre tive pelo ôvo uma admiração tôda especial. Refiro-me ao ôvo de galinha, naturalmente. Todos os outros, mesmo maiores, pareceram-me insossos e marginais. No Amazonas, comi ovos de tartaruga animado pelo entusiasmo (ou pelo bairrismo) de alguns gastrônomos folclóricos. Achei sua gema granulosa, como se fôsse uma espécie de caviar fino, e com um remoto sabor de peixe. Rendo às exmas. sras. galinhas minhas respeitosas homenagens. Seu esfôrço nada fácil corresponde plenamente ao valor da sua produção. Não basta espremer-se: é indispensável que da espremeção se junte um ideal de aprimoramento e uma fórmula irrepreensível.

Deus, ao fazer o mundo, criou dois alimentos completos e essenciais: o ôvo e a banana. Se eu ficasse desde menino sòzinho numa ilha deserta, onde não faltassem galinhas e bananeiras, Brillat-Savarin que fôsse pregar sua filosofia da gula nas profundas do inferno. Uma banana-maçã sem pedra, bem madurinha, tem refinamentos de perfume e de sabor impossíveis de serem atingidos pela alquimia do mais famoso **cordon bleu.** E o ôvo, tanto bebido fresco na casca, como endurecido na água quente, ou frito na manteiga, ou mexidinho, ou em omelete, é delicioso como certas mulheres sempre preparadas para o amor, que a qualquer hora, e de qualquer modo, nos levam ao sétimo céu, se não houver oitavo e nono...

Bananas e ovos são sínteses de um criador depois de inúmeras experiências no laboratório da construção do Universo. A antibanana e o antiôvo você encontra na fruta-de-conde e noutras frutas de cuspir, como, por exemplo, a jabuticaba, ou em certos peixes cheios de finas e traiçoeiras espinhas — que fazem da sua bôca uma barragem contra intrusões perigosíssimas.

Também no invólucro Deus foi genial com a banana e o ôvo: aquela se despe com zip, êste com uma batidinha na casca. Apreciemos essa genialidade indumentar pensando na bárbara roupa de um côco-da-bahia sêco, ou de um abacaxi querendo defender-se de ser comido com aquela ostentação de espinhos e serrilhas... cangaceiro da pomicultura.

Durante muito tempo os médicos andaram querendo comprometer o ôvo com a humanidade, atribuindo-lhe a formação de colesterol nas nossas coronárias. Muita gente louca por fritada foi na conversa, e continuou a fabricar colesterol com outras matérias-primas desconhecidas. A Medicina é como o delegado que prende o primeiro inocente, para dar uma satisfação à imprensa e à sociedade, depois encontra o verdadeiro criminoso e inocenta o inocente.

Se ôvo fizesse mal às coronárias, filho de inglês nascia no instituto de cardiologia e não na maternidade. No meu pequeno almôço, no hotel de Kensington, era tanto ôvo ao **bacon** à vista que pensei em organizar de uma só vez o Festival da Galinha e do Porco. Não há natureza morta bonita como aquêle grande ôlho amarelo do ôvo frito sôbre o vermelho tostado do **bacon.** Nem os girassóis de Van Gogh.

Agora vejam vocês como o mundo é estúpido: no Quênia e na Tanzânia aquelas negras ignorantonas não comem ovos, atribuindo-lhes o maléfico poder de esterilizá-las. As galinhas se espremem em vão, como na Índia as vacas consideradas sacras passeiam inùtilmente suas fartas carnes entre gente que, por falta de arroz, morre de fome nas ruas, exibindo ossos e pelancas. Eu, não! Eu tenho o culto do ôvo e da banana; meu Padre-Nosso, além do pão de cada dia, pede a fritada, a prata, a maçã, a nanica, a ouro. No sétimo dia Deus fêz o ôvo, a banana, e decretou o dia santo.

(Do nosso Bureau em Nova Iorque)

JK CIDADÃO DO TEXAS

O ESTADO DO TEXAS TEM UM NÔVO CIDADÃO HONORÁRIO: JUSCELINO KUBITSCHEK. O DIPLOMA ASSINADO PELO GOVERNADOR JOHN CONNALLY, CONFERINDO-LHE "TODOS OS DIREITOS E PRIVILÉGIOS DO TÍTULO", FOI entregue ao ex-presidente do Brasil durante um grande banquete na cidade de Houston, ao qual compareceram as mais destacadas personalidades daquele estado norte-americano. Até poucos dias antes, a série de conferências pronunciadas por JK nos Estados Unidos continuavam atraindo platéias cada vez mais numerosas e entusiásticas. Êle afirma:

"Longe do Brasil, adotei uma atividade que me permitisse ainda prestar-lhe um modesto serviço. Escolhi a mais difícil de tôdas. Tornei-me um conferencista. Estudei, li, escrevi, sem cessar. Não fiz do meu exílio um ócio de amargura. Os convites se multiplicaram. Universidades e Institutos de Cultura queriam ouvir a voz e a experiência de quem governara, com serenidade e honradez, o destino de oitenta milhões de brasileiros. Europa, América do Norte e do Sul me chamaram. Falei na França, na Suécia, no Canadá, na Noruega e na Dinamarca."

JK é saudado por membros do Gabinete Governamental do Texas ao ser agraciado com a cidadania honorária daquele estado norte-americano. Ao lado, já de posse do diploma, o ex-presidente com o Sr. Henrique de Moura.

OF TEXAS

"Guardarei, para os meus descendentes, o documento assinado pelo Governador John Connally. E possuir a chave da cidade de Houston, por determinação do prefeito e da Câmara locais, é uma distinção que me equipara aos filhos daquela comunidade"

No grande banquete em que recebeu o título de cidadão honorário do Texas, Juscelino Kubitschek discursou, emocionado, agradecendo a grande homenagem.

"PERCORRI 43 dos cinqüenta estados da Federação Americana, falando a centenas de milhares de estudantes, professôres e sábios. Pela televisão e pelo rádio, dirigi-me a milhões de pessoas nos dois continentes, chamando a atenção para o Brasil e suas imensas possibilidades. Creio que atingi o objetivo que desejava. O esfôrço foi penoso. Obrigado a falar em idiomas que não eram do meu país, tive que me aperfeiçoar nestes instrumentos indispensáveis à nova profissão. Verifiquei que as palavras de Vieira guardam atualidade até hoje: "Para falar ao vento, as palavras bastam; mas, só com obras é que poderão chegar ao coração do homem." A humanidade fixou alguns aspectos da minha passagem pelo govêrno. Brasília, como símbolo de desenvolvimento, e a paz política, como expressão da democracia, ficaram marcando o que de melhor caracterizou minha personalidade de presidente da República Brasileira."

Em sua nova profissão de conferencista, como êle mesmo gosta de acentuar, JK falou nas seguintes universidades e instituições culturais norte-americanas: New York Overseas Press Club, New York University, Harford Forum (Maryland), Charlotte Executives Club (Carolina do Norte), Harvard University, University of Massachusetts, Economic Club of Detroit, University of Wisconsin, State University of Iowa, University of California, Arizona State University, Council on World Affairs (São Francisco), University of Nevada, Agnes Scott College (Geórgia), Council on World Affairs (Dallas), University of Indiana, Ohio Wesleyan University, New Jersey State Bankers Association, Sinai Temple Lecture Forum (Indiana), Executives Club (Carolina do Norte), Purdue University (Indiana), Duke University (Carolina do Norte), Stanford University (Califórnia), Seatle Council on World Affairs, University of Oregon, Massachusetts Institute of Technology, Columbia University (Nova Iorque), Princeton University (Nova Jérsei), University of New Hampshire, Wilmington, College (Ohio), Kent University (Ohio), College of the Holy Cross (Massachusetts), Yale University (Connecticut), Cornell University (Nova Iorque), Smith College (Massachusetts), University of Utah, University of Minnesota, Colorado State University, University of California, University of Oregon, University of New Mexico, University of Arizona, University of Texas, University of Louisiana, Beaver College (Pensilvânia), Ursinus College (Pensilvânia), University of Bridgeport (Connecticut), College of St. Teresa (Minnesota), Western Reserve University (Ohio), University of Florida e Tennessee Wesleyan College. E isto, sem poder atender a todos os convites que lhe foram feitos. JK prossegue:

"No exercício de minha atividade, fui surpreendido pela notícia de que minha filha Márcia precisava de urgente e grave intervenção cirúrgica, na coluna vertebral. Em Houston, a maior e mais rica cidade do Texas, existiam um cirurgião e um hospital adequados à intervenção. Depois de três anos de separação, em que vi minha filha tão poucas vêzes, ia tê-la comigo mais demoradamente. Infelizmente, entretanto, por motivos que não me alegravam. As vigílias intermináveis, ao lado do leito da minha filha, foram interrompidas por uma atitude generosa dêste extraordinário e acolhedor povo do Texas. Vieram até o hospital em que se encontrava Márcia e me levaram para uma grande homenagem, que muito me sensibilizou. Acompanhado de meu sobrinho e infatigável amigo João Luís Soares, e de meu genro Baldomero Barbará Neto, para essa recepção rumamos, entre surprêsos e bastante emocionados. João Luís me acompanha sempre, onde quer que eu vá, prestando-me sua assistência e dedicação extremas. Meu genro Barbará reafirma a tôda hora seu desvêlo de filho, que é para mim. Deram-me, por ato do governador do estado, a honra de ser cidadão do Texas, o estado natal do Presidente Johnson. E, por determinação do prefeito e da Câmara de Houston, o privilégio de possuir a chave da cidade, distinção que me equipara aos filhos daquela grande comunidade. Guardarei, para os meus descendentes, o documento assinado pelo Governador John Connally. Na França, várias cidades me tributaram o título de cidadão francês. O mesmo sucede, agora, nos Estados Unidos. O destino procura compensar-me, concedendo-me, no meio de povos e terras estranhos, as honras de cidadania que perdi no meu país."

JK concedeu entrevista ao Canal 11 de Houston, na qual abordou temas atuais.

Arnaldo Jabor filmou tudo o que acontece por trás das paredes da grande cidade

OS MIL OLHOS DA OPINIÃO PÚBLICA

Entrevista a **MAURICIO GOMES LEITE** • Foto de **SEBASTIÃO BARBOSA**

Os longos corredores dos edifícios de Copacabana, a vida oculta em cada apartamento, jovens e velhos, a boate e a televisão, os domingos e as praias, sorrisos anônimos e a solidão coletiva aparecem em **A Opinião Pública,** longa-metragem de Arnaldo Jabor que é um monumental corte na vida diária do brasileiro médio. Em uma hora e meia, o espectador verá o espetáculo de iê-iê alternado com os gritos do misticismo, a verdade amarga das repartições públicas e o sonho delirante das garôtas em flor, a poesia e a tragédia de uma cidade descoberta, nos seus mais fechados cantos, pela câmara e pelo gravador.

— Como surgiu a idéia de ouvir a opinião pública?

— Sem dúvida, o que mais me choca na sociedade em que vivo é a freqüência e a violência com que os mitos, os símbolos e as mentiras são transformados em realidade. Acho que o cinema tem como fim principal ajudar no desmoronamento dessas fantasias. A função do artista, embora marginalizado, é como disse Carlos Drummond de Andrade, a de procurar, com tôdas as suas fôrças, contribuir para a destruição da moderna injustiça "como uma montanha, uma floresta, são roídas por um verme". Acho que a verdade deve ser procurada a qualquer preço, mesmo que ela não traga a felicidade. A tragédia da condição humana é preferível a qualquer farsa ou ópera bufa.

— Como você chegou à verdade?

— Não cheguei a verdade nenhuma. Meu filme, inclusive, propõe a p e n a s uma grande perplexidade dorida diante de tanta loucura, dessa loucura que está à nossa volta e que não mais percebemos, de tanto que a ela estamos acostumados. Sou totalmente contra os filmes em que o autor se salva, enquanto as personagens se afundam. Não sou juiz, nem profeta. Faço questão de ser uma personagem dos filmes que faço: homem de classe média, batendo com a cabeça nas paredes, se desgastando, ficando velho, sendo enganado, com repentes de euforia, enchendo o peito de vez em quando, mas logo entrando numa fossa correspondente, caminhando para a morte, para o esquecimento, para a desimportância histórica, para a desnecessidade política, "sòzinho no quarto, sòzinho na América", mais uma vez citando o poeta neste filme drummondiano.

— Que tipo de reação espera do público, colocado à frente da sua própria imagem?

— O filme ainda não foi lançado, mas eu já o vi diante de um público **comum** na Bahia, com a sala lotada de pessoas simples, sem intelectuais e sem **claque.** É incrível a reação! É uma verdadeira revolução dentro do cinema! As risadas são nervosas, os momentos dramáticos têm um pêso maior, mais tenso, porque o público sabe que o que está ali é a verdade absoluta, e não uma interpretação de atôres. A partir de certo ponto, a platéia chega a discutir com as personagens. Na Bahia, um espectador se levantou no balcão e abriu polêmica com um funcionário público que, na tela, proclamava que a repartição onde êle trabalhava era sua mãe "bonissima". É uma reação diferente de tudo o que já vi no cinema. Tenho a impressão de que o filme realmente mexe com a consciência das pessoas, e acho que êle

Para correr todos os pontos do Rio de Janeiro em busca de uma verdade atual, Arnaldo Jabor teve a excepcional ajuda de Dib Lutfi, um dos cinco maiores câmaras de todo o mundo. As ruas, praças, ônibus, praias, quartos, corredores, inferninhos, auditórios, palanques e camarins são, no filme, os lugares onde se forma e cresce a opinião pública.

vai dar dinheiro porque elas saem abaladas, mas divertidas, discutindo sem parar o que acabaram de ver.

— O que mais me impressionou em A Opinião Pública foi sua habilidade em atingir, sem nenhum artifício, um tipo de pensamento que se manifesta na tela com extraordinária autenticidade. Como você chegou tão perto da naturalidade total?

— Às vêzes, era necessário ficar dias seguidos diante de um objetivo. Passei quatro dias dentro da casa de uma família de Copacabana com as câmaras armadas, luzes instaladas, gravador ligado. A técnica é não perder a paciência e não irritar a personagem, porque de repente ela começa a falar sem que você espere, e a revelar coisas absolutamente incríveis. Outra técnica é jogar personagens contraditórias uma contra outra. Por exemplo: velhos e moços; donzelas e desquitadas; opor côres políticas, sexo, interêsses econômicos, religiões.

— Como você conseguiu filmar cenas tão íntimas e, ao mesmo tempo, tão violentas?

— Foi fácil, porque vivemos em plena violência; uma violência branca, muda, mas que está a cada passo, atrás das portas dos apartamentos, nos bares, na noite, nos subterrâneos das cidades, uma violência contida mas terrível, e que principalmente habita a cabeça de cada um de nós.

— O que você faz, além do cinema?

— Tenho 26 anos, sou formado em Direito. Jamais exercerei a profissão. Já fiz teatro, poesia, jornalismo. Já fiz um filme curto, **O Circo**. Vou agora para a Europa e estou com vontade de realizar um filme de ficção, chamado **Rasgou à Faca o Coração do Amante, que Ajoelhado Pedia Clemência**, uma manchete de **O Dia**. O cinema dá para viver mal, se você quiser fazer uma coisa séria. Mas acho que o público cada vez mais aceita um cinema que o respeita e visa a sua evolução artística e cultural. A fazer um cinema aviltado, eu preferia abrir uma lanchonete, que dá muito mais dinheiro.

— Influências?

— Minhas influências vêm mais da literatura e do teatro, depois enriquecidas com o cinema. Mas sinto que os autores que mais me marcaram foram Samuel Beckett, Sartre, Thomas Mann, Faulkner, Godard, Francesco Rosi, Dylan Thomas, Rimbaud, Sófocles e o cinema nôvo em geral, que como diz a piada, "é o mais importante movimento cultural depois da Renascença, tanto que no juízo final Deus vai entregar a taça de ouro para Leonardo da Vinci e a taça de prata a Gláuber Rocha".

Acompanhado de outras autoridades, o Gov. Negrão de Lima inaugurou os melhoramentos realizados pela COHAB em Cidade de Deus.

CIDADE DE DEUS

e as soluções do problema habitacional da Guanabara

A Companhia de Habitação do Estado da Guanabara (COHAB) acaba de entregar 1.528 casas, duas escolas primárias, uma subestação de energia elétrica, quatro pontilhões sôbre o rio da Estiva, um mercado (construído pela COCEA) e tôda a infra-estrutura da 1.ª Gleba da Cidade de Deus, compreendendo rêde de água, esgôto, canalização de águas pluviais e pavimentação, tudo construído com recursos do Banco Nacional de Habitação. Além disso, colocou em funcionamento, no mesmo local, uma elevatória de esgotos e uma linha de 400 milímetros, numa extensão de 2.500 metros, para abastecimento de água, financiadas pela Agência Internacional do Desenvolvimento (AID) da Aliança para o Progresso.

São os frutos concretos de dez meses de gestão do Professor Mauro Ribeiro Viegas, arquiteto e catedrático da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, escolhido pelo Governador Negrão de Lima, em maio do ano passado, para dirigir e rever as metas da COHAB. Manejando recursos do BNH e da AID, o Professor Mauro Viegas conseguiu fazer com que o órgão que dirige se alçasse à condição de sede das esperanças de milhares de cariocas que moram mal, ou simplesmente não moram.

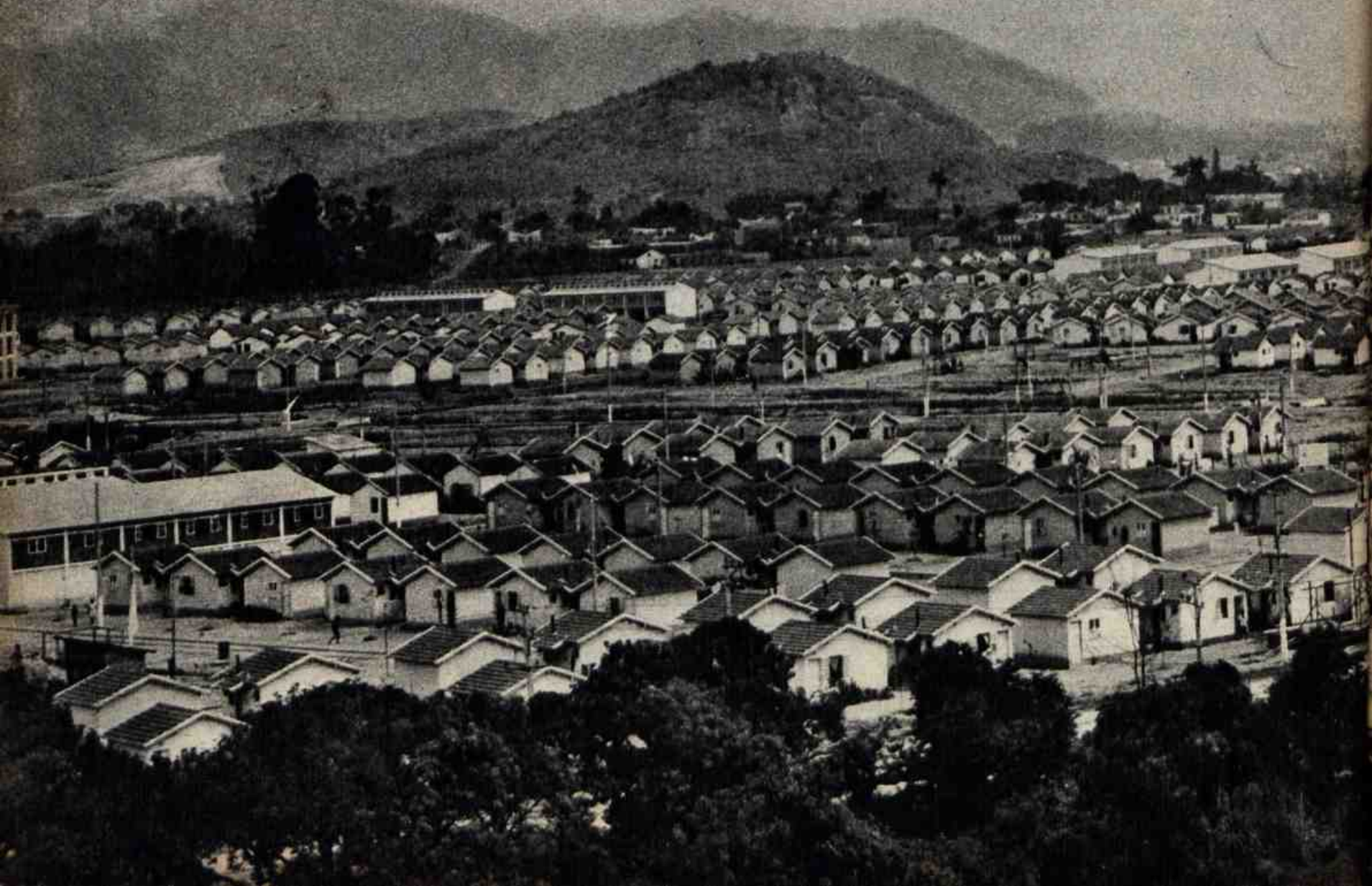
Para ficar no estágio em que se encontra, a Cidade de Deus já absorveu recursos da ordem de cinco bilhões de cruzeiros velhos. Até o fim dêste ano, lá serão aplicados mais sete bilhões, dando-se a obra por concluída.

Cidade de Deus já abriga 7.026 pessoas. Dessas, 316 são crianças de colo, que nasceram lá, pois o núcleo começou a ser ocupado em janeiro do ano passado, logo após os temporais. Uma situação de emergência, que fêz milhares de flagelados, só deixou ao govêrno Negrão de Lima uma solução: abrigá-los nas casas ainda em construção da Cidade de Deus, o que acarretou a alteração do programa da COHAB.

— Não era intenção da COHAB permitir que flagelados ocupassem diretamente as suas novas moradias, disse o Professor Mauro Viegas. Pretendia, e daqui por diante o fará, usar o nosso corpo de assistentes sociais e educadoras, para ensinar o favelado a utilizar a sua nova residência. Para isso, estão em construção 388 unidades de triagem, protótipos das casas tipo F da Cidade de Deus, onde o favelado aprenderá a usar as instalações elétricas e sanitárias e todo o equipamento de sua nova residência. Além disso, com uma sadia e objetiva orientação, por parte de técnicos, saberá como conviver com seu nôvo grupamento social.

A atual administração da COHAB do Estado da Guanabara é contra a remoção pura e simples das favelas. Favela removida é favela de alvenaria, não resolve os problemas fundamentais do favelado e cria outros, da maior gravidade, indo até à desintegração da família, segundo sustenta o Professor Mauro Viegas.

— Ao instalar novos núcleos residenciais, pretendemos criar novas comunidades sociais e integrá-las na comunidade social geral. Nossa preocupação vai ao ponto de possibilitar a existência de várias gradações sociais e econômicas dentro do próprio núcleo residencial, para criar a vida social integrada entre todos. Por isso, reformulamos o projeto de Cidade de Deus, sem abandonar o plano, como alguns pretendiam. Cidade de Deus contará também com uma área industrial, para aproveitar e localizar sua formidável mão-de-obra. A localização do trabalho na proximidade da moradia representará, pràticamente, um acréscimo de renda, pois eliminará as despesas e tempo de transporte. Cidade de Deus também terá seus setores escolares, de diversões públicas, de saúde e de assistência social. Será, enfim, uma comunidade.

O govêrno Negrão de Lima está a braços com sérias dificuldades na região de Vila Kennedy, exatamente por falta de um planejamento de integração econômica e social. Lá existe um grande volume de mão-de-obra

ociosa, cujos baixos salários não compensam as relativamente elevadas despesas de transporte até seus tradicionais mercados de emprêgo. Para resolver êsse problema, o govêrno pretende incrementar a industrialização da área, através de recursos da COPEG e incentivos à iniciativa privada, além do plano ATOPI, que já está funcionando, através de uma fábrica de roupas.

O Professor Mauro Viegas não acredita em recuperação urbanística da maioria das favelas do Rio de Janeiro. Para êle, só de cinco a dez por cento dêsses grupamentos humanos, portanto entre 10 e 20 favelas, permitem a reabilitação integrada, econômica e socialmente.

Em virtude dos perigos iminentes, existentes em várias encostas em que estão localizadas muitas favelas, vai fazer conjugar os trabalhos da COHAB com os do Instituto de Geotécnica, para determinar quais as favelas que, obrigatòriamente, terão que ser removidas, por motivos de segurança. Para seus habitantes, serão construídos pequenos núcleos residenciais, espalhados pela cidade, em terrenos que eram dos antigos institutos de previdência e agora estão sob a jurisdição do BNH.

— Existem dois fatôres fundamentais, que devem ser resolvidos concomitantemente, para a integração de um grupamento humano: condições físicas de terreno e condições sociais e comunitárias. O terreno em que se pretende fixar o grupamento deve oferecer as condições mínimas de segurança e habitabilidade. Comprovadamente, algumas encostas, onde se situam favelas, não devem ser urbanizadas, por não oferecerem essas condições mínimas. Por outro lado, do ponto de vista social e comunitário, é essencial que o grupamento já tenha formação gregária e comum, perseguindo objetivos bàsicamente comuns. Sem isso, não haverá grupamento humano habitacional integrado.

O Professor Mauro Viegas cita o caso da Favela do Barro Vermelho, em Engenho Nôvo, como um exemplo, dos melhores, da possibilidade de recuperação urbanística: "Lá existem condições físicas favoráveis e uma invejável solidariedade comunitária entre os habitantes. Com recursos do BNH, da ordem de 400 milhões de cruzeiros, começaremos a recuperação de Barro Vermelho. Morro da União, Mata Machado e Guararapes serão alvo de um programa de recuperação, semelhante, e financiado com cinco milhões da AID. Os técnicos da AID se entusiasmaram com os planos de recuperação dessas favelas e, se êles derem os resultados que esperamos, o que certamente ocorrerá, iniciaremos a aplicação de programas idênticos em outras favelas, de maior densidade populacional.

Na própria Cidade de Deus, os investimentos com recursos da AID são consideráveis: constrói-se uma creche, um jardim de infância com 200 lugares, um pôsto médico, um órgão local para administração, um cinema com 612 lugares, um clube esportivo com quatro quadras e 27 praças e jardins de recreação.

Dentro de mais 30 dias, serão abertas concorrências públicas para construção de mais 560 apartamentos e 350 casas, em Cidade de Deus, que deverá estar concluída até o fim dêste ano.

Mas, integrando todos os seus órgãos, o govêrno da Guanabara pensa no futuro e planeja para o futuro. Preparar a cidade para daqui a 30 anos, quando ela terá mais de oito milhões de habitantes, é tarefa enfrentada pela CEPE-3 (Comissão Executiva de Projetos Especiais — Para Política Habitacional), da qual é secretário-executivo o Professor Mauro Viegas. Da mesma forma, o govêrno Negrão de Lima criou a Comissão da Área Metropolitana, destinada a estudar os meios de integrar em si mesmo o chamado **Grande Rio**, composto pela Guanabara e cidades vizinhas, que são uma espécie de extensão do Rio, e em sua função vivem.

O Rio se prepara para que, daqui a 30 anos, a acusação de "cidade inabitável" não tenha mais razão de ser.

As obras na Cidade de Deus prosseguem aceleradamente, sob a orientação direta do Professor Mauro Viegas, que está dando um nôvo impulso

Houve um especial interêsse da COHAB em atender as necessidades escolares da região. Estas crianças brincam numa das escolas agora inauguradas. E outras virão em breve.

Texto de Raul Caldas • Fotos de Juvenil de Souza

UM dia, em Pôrto Alegre, um jovem locutor de rádio, de vinte anos de idade, anunciou aos parentes e amigos que ia pedir demissão do emprêgo e embarcar para o Rio. A reação de todos foi unânime: "Você está doido? Aqui você tem nome, ganha bem, já é o locutor mais famoso do estado. No Rio, ninguém ouviu falar de você." O diretor da rádio soube da história, chamou-o, e, após ouvir sua confirmação, ordenou-lhe: "Então, senta aí e escreve nesse papel: eu vou fazer a maior burrada de minha vida." Heron Domingues abandonava sua brilhante carreira no Sul para vir ser um **desconhecido** no Rio. Dez anos mais tarde, êle era já o diretor-geral da Rádio Nacional — e recebeu, nessa época, a visita do seu ex-chefe, que lhe vinha pedir um emprêgo.

Hoje, Heron Domingues é sinônimo de notícias. Em qualquer cidadezinha do mais longínquo interior do Brasil, dos seus pampas à Amazônia, todo mundo se lembra de sua memorável atuação como o Repórter Esso, noticiando os dramáticos acontecimentos da Segunda Guerra, a assinatura do armistício, a queda, o retôrno e o suicídio de Vargas, as tragédias e comédias da política nacional, as crises e as notas de esperança. Mais do que ninguém, êle sabe criar o **suspense** para o acontecimento e sabe dizer a notícia. O mais importante, entretanto, é a sua capacidade de obter a informação em primeira mão e levar ao público os fatos que se passam nos bastidores da política brasileira. Heron Domingues surpreende a todos não só com notícias, mas também com as súbitas mudanças que imprime à sua vida. Assim foi em Pôrto Alegre, depois, quando deixou o rádio pela televisão e, recentemente, ao sair de uma emissora de grande público, trocando-a pela de menor audiência, no Rio. Como se explica êsse temperamento inquieto?

— Acho que sofro a influência dos ciclos das estações do ano, pois nasci perto do paralelo 31, latitude sul, onde a primavera, o verão, o outono e o inverno chegam de repente, sem se anunciarem. Pela vida afora, tenho enfrentado a inevitabilidade das transições, e não só com espírito fatalista, mas com a compreensão da natureza saudável e necessária das mudanças. Foi assim em Pôrto Alegre, quando eu tinha vinte anos. De súbito, compreendi que algo acabara e algo estava para começar; veio-me uma febre que só terminou quando me mudei.

— Quando vim para o Rio — continua êle —, eu era um gaúcho a mais que conseguia um lugar ao sol da capital, depois que muitos vieram, em tropel, fascinados pelo sucesso de Getúlio Vargas, Osvaldo Aranha, Maurício Cardoso, Batista Luzardo, Sousa Costa, Flôres da Cunha. No princípio, eu usava um terno grosso de listras largas, azul-marinho, e sapatos brancos. Êste era todo o meu guarda-roupa, naquele verão quente de 1944. Além disso eu usava costeletas, à boa moda gaúcha.

A entrevista é interrompida por um telefonema: é um ministro que quer saber se Heron Domingues tem maiores detalhes de uma notícia divulgada pouco antes. Êle tinha, naturalmente. A conversa prossegue: — Em 1945, mais uma vez, parei para pensar. A guerra tinha terminado, e alguém veio me sussurrar, nos corredores da Rádio Nacional: "Vão acabar com o Repórter Esso, sabia?" Perguntei: Porquê?

"Porque acabou a guerra e êles acham que não vai haver mais notícias." Nesse dia, novamente com febre, fiz um plano audacioso de radiojornalismo: redação própria, emissões de hora em hora, comentaristas, secretários, repórteres. Vítor Costa, então o maior homem do rádio brasileiro, olhou meu plano e disse, paternalmente: "Deixa isso pra lá. Noticiário demais. Isso é coisa para americano. Brasileiro não gosta." Brasileiro gosta, tanto que conseguimos tornar vitoriosa a idéia de que rádio é, principalmente, **notícia**. Vítor Costa repetira o diretor da rádio gaúcha, num julgamento pessoal que se revelou errôneo. Outros julgamentos iam falhar em 1962, quando decidi deixar o Repórter Esso e o rádio, definitivamente, trocando-os pela televisão — e enfrentando uma oposição ferrenha de amigos, conhecidos e até de inimigos. Era a velha febre, mais uma vez.

— Ninguém pode imaginar — continua êle — como foi difícil abandonar a minha própria **imagem**. Uma vez, no interior do Ceará (acho que foi em 1957), minha mulher ficou surpreendidíssima ao ouvir os aplausos da multidão que assistia a um **show** de artistas do Rio, quando anunciaram a presença do Repórter Esso. Eu era tão popular quanto Emilinha Borba, pelo menos no Ceará. No Cairo, algum tempo antes, eu havia atravessado uma multidão de milhares de judeus que, diante da Embaixada do Brasil, procuravam escapar à perseguição egípcia, durante a guerra de Suez. O embaixador, ao ouvir meu nome, arregalou os olhos e saiu gritando pela mulher e cantarolando o prefixo musical de meu programa: "Mulher! Veja quem está aqui — o Repórter Esso! Alô! Alô! Meu filho, quais são as últimas notícias do Brasil? Diz logo, diz logo!" Eu era o **homem-notícia**. Durante dezoito anos, tinha sido o **homem-notícia** do Brasil. Mas veio a febre, veio a hora de mudar novamente.

Heron Domingues diz que em nenhum momento se arrependeu de trocar o rádio pela televisão. "O reparo mais importante que posso fazer à minha atuação, a partir de 1962, é o de não ter sido bastante veemente na condenação dos fatos que culminaram com o movimento de 31 de março de 1964.

A minha notória tolerância democrática, entretanto, foi a maior responsável pela fraqueza de não ter dito tudo o que pensava e tudo o que sabia. Aqui, entram fatôres importantíssimos para a compreensão dos fatos relacionados com a realidade de hoje: a televisão brasileira está prêsa a uma série de compromissos — ou comprometimentos, talvez — de ordem legal, uma vez que a maioria das emprêsas não está em dia com os dispositivos da lei. E também nenhuma estação de rádio ou de tevê, por maior que seja, tem um centésimo da liberdade usufruída por qualquer jornal de bairro, pela própria natureza do veículo. Mas, no caso da televisão, a área de penetração ainda é mais reduzida, por não se ter pensado sèriamente no veículo como indústria de comunicação de massa, e sim como balcões regionais isolados. A televisão, sem dúvida, é o mais sensacional veículo de comunicação de nossa era. Mas, no Brasil, ainda não existem cadeias nacionais que possam levar a todos os estados o que existe de melhor em diversão, informação e cultura. Em matéria de tevê, o Brasil, que é um continente, está reduzido à condição de arquipélago, com luzinhas isoladas brilhando num deserto escuro. O homem de Pernambuco não sabe o que pensa o homem do Paraná, o baiano não recebe notícias dos gaúchos, o mineiro desconhece o que se passa no Maranhão, e assim por diante. A falta de

Reportagem de NARCEU DE ALMEIDA • *Foto de* NELSON SANTOS

HERON DOMINGUES

O SUCESSO DO NÔVO NOVE

uma televisão nacional contribui para que o Rio seja uma fábrica de boatos. Os rumôres começam a surgir às 12h30m de cada dia, nos restaurantes freqüentados por políticos, homens de negócios, jornalistas e altos funcionários. Espalham-se pelas repartições, escritórios e redações e, às vêzes, chegam a criar princípios de pânico nos bancos e bôlsas de valôres. Como os jornais só vão circular no dia seguinte, não há meio eficaz de desmentir os boatos. Isso não ocorreria se houvesse uma rêde nacional de televisão, ou pelo menos no polígono Rio—São Paulo—Belo Horizonte—Brasília, com programas simultâneos que, às oito horas da noite, desmontassem a máquina da desinformação."

HERON Domingues acredita que interessa à própria segurança nacional a criação de uma nova mentalidade na televisão, capaz de transformá-la em indústria de comunicação de massa, em escala nacional, e não, como agora, estadual. "Essa é a minha resposta", diz êle, "aos que me criticam por ter deixado um programa de grande audiência, numa emissora do Rio, em troca de uma sociedade e do cargo de diretor da TV Continental, a estação de mais baixos índices de audiência. Trata-se de uma nova batalha que não poderia ser travada noutra emissora, pois foi a Continental que me ofereceu campo livre, confiança e perspectiva. Vamos fazer da Continental — e já estamos trabalhando para isso: notem a melhoria do som e da imagem, a unidade e a coerência da programação —, vamos fazer dela uma emissora de televisão que ofereça a alternativa, a opção que os telespectadores do Rio esperam. Cêrca de quarenta por cento dos televisores do Rio estão desligados nos melhores horários da noite. Não queremos disputar a audiência que aceita o baixo nível cultural e o comercialismo. Queremos conquistar a faixa qualitativa, cujos aparelhos estão desligados. Vamos dar a êsse público de qualidade a oportunidade para que ligue seus receptores. A Continental, hoje, é diferente até na fachada do prédio. Há um frêmito de vida, de renovação, de mudança, de otimismo, em todos os setores da casa. Ela já é uma pequena estação-modêlo, limpa e funcional, e será, brevemente, a cabeça pensante e representativa da nova televisão brasileira. Um de nossos concorrentes já declarou: "A TV Continental não ameaça, mas... preocupa." É que nosso trabalho é lento, porém obedece a um plano de realizações, sistemático e rígido. Na técnica, por exemplo, já temos alguns dos homens mais competentes e profissionalizados do meio. Nossa imagem e nosso som serão invejáveis. O setor cultural está sendo ampliado e as mesas-redondas, a partir de abril, já estão renovadas. O esporte e o jornalismo do Canal 9 passaram por transformações radicais. Imprimimos uma nova filosofia ao telejornal: tempo em função do assunto, ao contrário da norma usual, assunto em função do tempo. Cada assunto é apresentado em tôda a sua extensão, esgotado em tôdas as suas minúcias. Diàriamente, às 21h55m, apresentamos também um telejornal só da cidade, com os problemas locais do carioca."

A entrevista chega ao fim. Peço a Heron um **fecho de ouro.** E êle diz: "Aos que pensam que estou numa aventura pessoal, sem interêsse para o público, julgo chegado o momento de dizer que, junto com meus companheiros, no terreno da tevê brasileira, êsse experimento que realizamos no Canal 9 é mais do que televisão — é história."

EU FUI PRISIO DOS VIETC

MICHÈLE RAY, MANEQUIM PROFISSIONAL E JORNALISTA AMADORA FRANCESA, CAIU NAS MÃOS DOS GUERRILHEIROS DE HO CHI-MINH. DEPOIS DE VINTE DIAS DE PRISÃO, ELA CONSEGUIU VOLTAR, SÃ E SALVA, ÀS LINHAS NORTE-AMERICANAS. AGORA, EM PARIS, A BONITA LOURA CONTA A SUA SENSACIONAL AVENTURA

Manchete

NEIRA NGUES

NO DIA 6 DE FEVEREIRO, AS NOVE HORAS DA MANHÃ, NUMA PRAÇA DE UMA ALDEIA DO VIETNÃ DO SUL, UM TRICICLO-MOTOR VIETNAMITA DESEMBARCA UMA MULHER JOVEM, QUE VESTE UM PIJAMA PRETO. É MICHÈLE RAY, JORNALISTA FRANCESA, CAPTURADA VINTE DIAS antes pelos vietcongues. Guiando seu Dauphine, ela havia chegado, no dia 17 de janeiro, ao meio-dia, ao campo de aviação de Bang-Son, de terra batida. Impossível ir mais longe. Cem quilômetros de estrada, adiante, estavam destruídos. As 14 horas, um avião de carga deveria vir buscá-la, juntamente com o seu carro. Aproveitando as duas horas de espera, Michèle quis filmar alguns aspectos da destruição da estrada, quatro quilômetros além. Aí foi ela aprisionada. O alarme partiu de Bang-Son, um quarto de hora depois. Cinco jornalistas, quatro franceses e um norte-americano, pediram a intervenção das fôrças dos Estados Unidos. Resposta obtida: "Tôdas as nossas fôrças já estão engajadas em outras ações." Uma companhia sul-vietnamita, enquanto isso, investigou o terreno, encontrando fraca resistência. De seu lado, nem um único ferido. Do lado dos vietcongues, três mortos. O carro da jornalista foi recuperado mas nenhuma outra operação de socorro foi tentada. No momento de sua prisão, Michèle Ray teve sòmente um pensamento: "Se êles resolverem matar-me, farão isso nos primeiros trinta minutos. Depois dêsse prazo poderei ter esperanças . . ." Ela assim começa a narrativa de sua sensacional aventura que MANCHETE publica com exclusividade no Brasil.

Um ruído sêco e eu sinto a ponta de uma baioneta entre duas costelas, o que me aterroriza muito mais que os outros quatorze fuzis! A emoção era bárbara . . . E o tipo que me apontava a baioneta tinha um ar extremamente excitado. Tentei demonstrar calma, sorrir. Mas, em tais circunstâncias, isso não é fácil. Não consigo fixar o olhar em nenhum dos guerrilheiros que me rodeiam. Sinto-me como se estivesse numa corda bamba. Há um mês,

(Exclusividade de MANCHETE no Brasil)

Michèle Ray e a sua objetiva, que filmou os dois lados da luta asiática.

A BELA JORNALISTA FRANCESA ESCAPOU QUASE MIRACULOSAMENTE A UMA INFINIDADE DE PERIGOS

Michèle mata a sêde entre soldados antivietcongues.

quando decidi atravessar o Vietnã do Sul de automóvel, desde o extremo-sul, em Camau, à fronteira norte, no paralelo 17, os entendidos me haviam dito: "Essa tentativa não é apenas irrealizável: é também louca."

E me desfiavam um rosário de obstáculos: minas comandadas a distância, estradas bombardeadas, regiões extremamente perigosas: no total, 1.500 quilômetros de ziguezagues cheios de armadilhas mortais. Mas respondi a êsses conselhos de prudência começando a percorrer essa estrada. Tinha pesado muito bem todos os riscos, menos um: o estouro de um pneumático, que é o mais banal dos acidentes. E foi precisamente um pneumático furado que me imobilizou em plena zona dos vietcongues, depois de 600 quilômetros de uma viagem sem paralelo. Eram 11 horas e 45 minutos. Eu acabara de trocar o meu pneu estourado e de embarcar no Dauphine com dois estudantes que me haviam ajudado quando, trezentos metros adiante, três guerrilheiros em pijamas pretos, calças arregaçadas, cinturões com granadas americanas e sandálias como as de Ho Chi-Minh, os dedos apertando o gatilho dos fuzis, me fizeram sinal para que parasse.

Dez minutos mais tarde, eu estava com as mãos amarradas por trás das costas, prisioneira, com quinze guerrilheiros ao meu redor, todos excitados, falando alto, parecendo não saberem o que fazer. Eu era um problema para êles. Tinham recebido ordens para matar quem quer que vestisse uniforme. Mas que fazer com uma mulher que lhes dizia ser **Bao Chi** e **Chap** — as únicas expressões da língua dêles que eu conhecia e que significam "sou jornalista" e "francesa".

— Michèle — dizia eu a mim mesma —, ainda que aparentes a maior calma, a verdade é que estás morrendo de mêdo. Precisas evitar qualquer movimento brusco. O menor êrro te pode ser fatal...

Se êles não olhavam para os meus olhos, não tiravam a vista de meus pés, calçados com botas norte-americanas. Eu me sentia mal e tinha uma vontade irresistível de me isolar. Contudo, a pouco e pouco, senti que a minha fisionomia se distendia. Meu sorriso estava menos crispado quando me fizeram voltar ao meu carro. Agora só o meu braço esquerdo estava amarrado e um vietcongue segurava a ponta da corda.

Michèle Ray, cuja reputação de independência era notória, se deixava conduzir como se fôsse um animal doméstico. "Devagar, devagar", diziam-me os dois estudantes. Mas o meu pé tremia sôbre o acelerador e as sacudidelas eram inevitáveis. Durante dez segundos, tive uma idéia insensata: "Êles estão me levando de volta para Bang-Son!" Mas havia um atalho à esquerda... Eu estava definitivamente prisioneira... Não havia mais esperança... Ou era pouquíssima a que ainda me restava.

Ao redor de nós, apareciam, cada vez mais numerosos, mulheres, crianças, guerrilheiros... E havia fossos e mais fossos... Era preciso arranjar pranchas e fazer manobras difíceis para transpô-los. Cada um dava ordens diferentes e o meu braço amarrado não facilitava muito as coisas. Uma adorável garotinha de uns dez anos chupava uma cana-de-açúcar. A princípio, ela não compreendeu bem o que se passava e cortou um pedaço para mim. Fiz-me de idiota: **como poderei comer êsse pedaço de pau?** Todo mundo riu. Era a primeira trégua. Parecia-me que eu acabara de marcar um tento. Dessa vez, o carro entrara num atoleiro e as rodas giravam, espadanando lama, sem sair do lugar. Tentei explicar-lhes que as rodas teriam que ser calçadas com galhos de árvores. Por fim, desamarraram-me e eu pude descer, para ajudar a colocá-las. Pela primeira vez, o vietcongue do fuzil me fixa, esboça um sorriso e, depois, ràpidamente, desvia a cabeça.

Mesmo dirigindo o carro, procuro a minha carteira de jornalista, expedida pelos norte-americanos. Tenho receio de passar por espiã dos Estados Unidos e a escondo sob o tapête. Gostaria de deixar uma palavra, também, mas é impossível. É difícil ir mais longe. É preciso abandonar o carro e continuar a pé. Empilho as máquinas fotográficas e meus diversos outros objetos em meu grande saco de viagem e numa sacola da Air Vietnã. E voluntàriamente esqueço-me de abrir o compartimento em que se encontra todo o meu equipamento militar... As crianças gritam: **"My, my, my, O.K., O.K., O.K."**

Um homem de seus 35 anos, com a roupa amarela, característica do Vietnã do Norte, revólver Colt norte-americano à cintura, com o ar de quem comanda a operação, obriga as crianças a se calarem. Meu espírito trabalha velozmente. Tenho um caderno com os nomes de oficiais norte-americanos e seus comentários. E também com o nome de um agricultor francês que declarou a um jornalista norte-americano: "Não se esqueça de que temos a mesma côr de pele!" Preciso fazer com que isso desapareça. Mas como? Com o saco nos braços, contra o peito, arranco as páginas, uma a uma, e as mastigo, conscienciosamente. É agora 1 hora e 30 minutos da tarde.

— Cerveja ou Coca-Cola?

Paramos numa casa vietnamita. Arroz, massas, peixe e chá quente são colocados na mesa para os três prisioneiros. Ao redor, os guerrilheiros estão agrupados. O interior está quase escuro, tantas são as pessoas que se comprimem junto da porta... Não sei bem que espécie de atitude devo adotar. Examino as armas. Muito orgulhoso, um soldado me exibe a sua baioneta. É o camarada de ainda há pouco. Mas os seus olhos já não chispam. Êle está descontraído e me sorri.

Dois quilômetros... talvez um pouco mais. São quase 3 horas quando chegamos a uma casa onde passarei tôda a tarde. A sala é uma peça retangular, tendo de cada canto um altar em honra dos ancestrais. Há um leito de madeira em cada lado. Sento-me à borda de um dêles, com minhas coisas ao meu alcance. O outro leito submerge ao pêso das mulheres e das crianças. Entre um e outro, há uma multidão em vaivém quase constante. Sou uma atração, o cinema, o imprevisto.

— Michèle — digo a mim mesma —, vê se ficas calma, se sorris e, sobretudo, procura esconder os pés debaixo da cama, porque há muitos dedos apontando para tuas botas...

Por mais de vinte vêzes, escrevi num papel: "Sou Michèle Ray, jornalista francesa. Venho de Quin Nhon, pela estrada." O chefe vai ficar durante tôda a tarde, de pernas cruzadas, no leito em minha frente, a me observar, com o queixo nas mãos.

São quatro horas, talvez, quando um avião de observação passa, roncando, acima de nós. "Tarde demais, Joe!" Os dois estudantes vietnamitas são liberados. Sùbitamente sinto-me muito cansada, mas com um desejo furioso de dar em mim mesma um par de bofetadas. Pijama negro, cinturão cheio de granadas, os braços cruzados e um ar enfurecidamente decidido, uma guerrilheira se planta diante de mim.

— Ela está à sua procura há mais de um mês. Nós queremos saber o que ainda não sabemos — me diz, em péssimo francês, um dos vietcongues.

Sinto um calor estranho e um tal tremor que me vejo obrigada a me sentar sôbre as mãos, para dissimulá-lo.

— Porque me procuravam? Que fiz eu? Têm alguma coisa contra mim? Houve algum julgamento... condenação?

E, durante vinte minutos, continuou êsse diálogo de surdos.

— Essa mulher me segue há um mês?

— Sim. Para saber o que ainda não sabemos.

— Mas querem saber o quê?

— O que não sabemos...

Com as mãos, eu faço sinais... E tudo recomeça, desde o início. Todos os demais cessam de falar e nos observam. O assunto parece ser extremamente importante. Estou de nôvo na corda bamba. E é essa boa mulher quem mais me impressiona, com seu ar de atrevido desafio. Nem um sorriso... Nada! Súbito, uma criança faz gestos... E mostra os bolsos.

— Ela quer me revistar.

O que eu nunca compreenderia é que essa mulher estivesse me seguindo há um mês... Mas, agora, nem tentarei mais compreender. Estou viva. E isso é o que interessa. Não se trata de me obrigar a um **strip-tease**, mas simples-

DE VOLTA, EM SAIGON, ELA ESCREVEU SEU RELATO

Muitas vêzes ela dormiu ao relento, com sentinela armada à vista.

mente de inspecionar os meus bolsos, meu dinheiro, minha carteira de jornalista expedida pelo Vietnã do Sul... Naturalmente, terão que fazer uma lista de tudo.

Às 20 horas, um homem me diz:

— Sou um professor comunista. Precisamos partir e conversar noutro lugar...

Partimos em grupos de cinco: o professor comunista, um agente da frente de luta (de cabeça quadrada e magníficos dentes, a quem batizo com o nome de Caninos Brancos) e dois jovens atiradores, de fuzil a tiracolo e que se encarregam de transportar meu grande saco de viagem. Êsses carregadores serão mudados, de espaço a espaço, mas obedecerão sempre ao mesmo modêlo: jovens, cabeludos, de sorriso fácil... Êles serão, para mim, os **beatles** asiáticos. Abro a marcha e tento manter a calma.

— Vejam! O carro desapareceu!

— Foi camuflado, explicam-me.

Poucas chances existem agora de que venham a descobrir o meu paradeiro! Devo contar apenas comigo mesmo e com a boa-vontade dos próprios vietcongues...

— Vamos, canta! — digo a mim mesma. — Isso não é uma sugestão: é uma ordem! Estou aflita... Não sei nada... Não tenho voz. Mas mesmo assim, Michèle! Canta qualquer coisa: **Frère Jacques, L'Alouette, À la claire fontaine, Au clair de lune**... E, para coroar tudo, **A Marselhesa.**

Cantei. E, para não ficarem atrás, os meus guardas entoaram cantos que me soaram como árias nacionalistas, senão mesmo revolucionárias. Cada um dêles cantava tão alto quanto podia, para superar o ruído dos canhões que detonavam a distância. Súbito, comecei a rir convulsivamente, um riso nervoso e incontrolável.

— Você risonha. Você alegre... e faz até a gente cantar!

Em cada quilômetro, ao longo da estrada, havia uma escavação, ocupada por homens armados. Começava a chover, e os obuses caíam cada vez mais perto.

— Depressa, todos para os buracos!

E me fizeram sinais para que protegesse a cabeça. Em Saigon, a essa hora, já deviam saber da minha prisão. E podia imaginar os comentários:

— Se ela ainda não foi morta, meterá os vietcongues no bôlso!

— Pobre Michèle! Está sob os bombardeios norte-americanos, na pior região possível... Mas o que vale é que sou o único que tem fotografias dela para vender às agências!

Marcha, canções, buracos... Tudo se sucedia com impressionante rapidez.

— Vocês vêm do Norte... de Hanói... a pé, pela rota de Ho Chi-Minh? — ousei perguntar.

— Não houve resposta. Limitaram-se a rir e voltaram a cantar. O que falava mau francês disse:

— Você alegre... Você corajosa.

Que hora seria, então? Talvez duas horas da madrugada. Chegamos a outra casa. Sentei-me sôbre outro leito. Em grupos de três ou quatro, os "combatentes" chegavam.

— Comunistas... de Hanói — esclareceu, para mim, o professor.

Todos, um de cada vez, desfilaram diante de mim. Faziam grandes discursos e apertavam minha mão, sacudindo-a com fôrça, enquanto sorriam. Que contariam êles? Que estaria acontecendo? Uma mulher sentou-se ao meu lado e tomou-me em seus braços, embalando-me... É a primeira consolação que recebo desde o início da tarde. Sinto-me enternecida.

Há um homem alto, de pijama prêto, armado, belo e jovem, de perfil de medalha, de quem não consigo desprender meus olhos. Êle brinca como um louco com duas crianças, finge zangas e ameaças, para depois beijá-las. Representa o ideal da juventude, da fôrça, da virilidade, da confiança em si mesmo, com uns restos de comovente infantilidade. Mal posso compreender que êsses famosos vietcongues, que apareciam ao meu espírito como uma massa negra, movediça, silenciosa e, acima de tudo, impessoal, sejam êsses homens e essas mulheres e essas crianças que riem e que gracejam antes de partir para a guerra em que morrem...

Faço a minha segunda refeição: arroz e peixe na salmoura, difícil de engolir, mesmo que seja grande a fome provocada por tão longa marcha. São mais de três horas da manhã quando deixamos a mesa.

— Precisamos descobrir um esconderijo para amanhã...

Em fila, de lampiões a querosene nas mãos, partimos para um lugar a cem metros de distância. Lá me explicam, por gestos, como devo fazer para deslizar por um buraco. Com os braços levantados acima da cabeça, é preciso enfiar em primeiro lugar as pernas por uma espécie de chaminé e, depois, deslizar por um túnel inclinado até chegar, por fim, ao abrigo. Com o meu corpo robusto, isso não era fácil. Todo mundo ria e zombava gentilmente das minhas dificuldades. Uma vez dentro da "catacumba", deram-me explicações: havia dois bambus ocos, para a ventilação do seu interior. A fim de respirar, era preciso ficar bem perto dêsses orifícios de aeração e evitar falar.

Essa primeira noite foi muito curta, no meu leito de tábuas tendo, como travesseiro, um pedaço de pau. Às sete horas da manhã, ouvimos violentas detonações. Dessa vez, não era um simples ensaio: era um bombardeio de verdade. Todo mundo se precipitou para o abrigo, de nôvo: um, dois, três, quatro... nove... apertados uns contra os outros, um metro abaixo da terra. Escuridão completa. Durante duas horas a artilharia, a aviação, os helicópteros se fizerm ouvir. Eu mal podia respirar. Tinha mêdo. E perguntava: que diabo é que eu vim fazer aqui?

Meu filho, Patrick, meus pais e todos os que eu prezava neste mundo já deviam saber o que me acontecera... Sobreveio um período de calma. Cinco vietcongues deixaram a "catacumba". Ficamos quatro: dois **beatles**, o professor comunista e eu.

— Dormir, dormir para esquecer o tempo — aconselhava-me o professor comunista.

Essa foi a sua litania durante todo o dia. Como dormir? Os aviões voltavam a atacar. O solo estremecia. Eu tinha cada vez mais mêdo. A posição alongada é a pior. Parece-me que, sentada, com a cabeça entre os joelhos, estou mais bem protegida. Súbito, sinto a mão de uma criança sôbre a minha. É a do professor. Tenho mêdo, mas êle também tem. O contato humano nos tranqüiliza.

E êsse barulho infernal, acima de nós, que não cessa! O pior não são os jatos, nem as detonações das bombas, mas os helicópteros, o frufru das suas hélices, o matraquear de suas metralhadoras. Tenho a impressão de que vejo os pilotos apoiados sôbre os seus botões. Já os filmei, dois meses antes... Tiro o meu suéter. Estou coberta de terra. Arquejo. A minha respiração se torna cada vez mais difícil. Eu me aproximo do bambu, estendo-me ao comprido, sento, volto a me estender, tento tapar as minhas orelhas... De repente, a explosão de bombas, bem pertinho. E os ruídos das metralhadoras dos helicópteros! Sinto um mêdo imenso de que uma granada seja atirada pela chaminé da nossa "catacumba." Não posso mais! É preciso que eu saia, que eu respire. Não quero morrer aqui dentro. Sigo para a rampa de saída. Mas sou violentamente puxada para trás. Choro de raiva, de

AGORA, MICHÈLE RAY JÁ ESTÁ DE NÔVO EM PARIS

mêdo, de lassidão, de fadiga.

Quatro horas... Cinco horas... Quantas horas terei permanecido nesse buraco? A mim, parece uma eternidade! Desabotoo a minha camisa, desafivelo o cinto da minha calça. É preciso que eu respire! Sinto como se a minha cabeça estivesse trancada num estôjo. O odor da "catacumba" se torna insuportável. Começo a vomitar. Estendida de costas, perco progressivamente a consciência. O professor envolve as minhas pernas em seus braços, apóia a sua cabeça sôbre os meus joelhos.

Acordo. A luz do dia e ar fresco, sobretudo, fizeram-me voltar à consciência. Estou sòzinha com o professor. Que horas são? 18 horas e 30 minutos. Durante mais de dez horas permaneci naquele buraco de dois metros por 85 centímetros.

Apesar da minha dor de cabeça, compreendo que hoje escapei à artilharia, aos morteiros, às bombas, às metralhadoras, às granadas.

Não mais um pijama verde, mas uma camisa branca e um par de calças azuis. Compreendo, agora, porque o professor parecia tão atemorizado, ainda há pouco quando o bombardeio era mais intenso. Êle mudava de roupa com mêdo de ser feito prisioneiro. De joelhos, perto de mim, êle tinha nas mãos um pedaço de papel e uma caneta-tinteiro:

— Quero uma carta sua, em memória do apêrto de mão que trocamos sob as bombas — disse êle.

— Agora, não. Amanhã. Não tenho nem fôrça para pegar na caneta...

— Mas eu quero é agora.

Obedeço. Sinto-me como se fôsse uma mocinha inexperiente. E escrevo a carta-**souvenir**. Não me lembro mais. Mas creio que era quase uma carta de amor, pelo que a mão daquele desconhecido havia representado de calor humano e de vida entre a devastação das bombas.

Caminhamos. Duas casas ainda estavam em chamas. Havia crateras ao redor. Eu não sonhara. Todos aquêles que eu acreditava mortos avançavam agora para mim, rindo, perguntando-me como eu havia passado êsse primeiro dia debaixo da terra. O professor dá explicações. Devia ter dito que segurara minha mão e que eu tivera mêdo. De nôvo, arroz e peixe em salmoura. Eu comi, mas não podia olhar para o que comia. Todos, em tôrno de mim, têm um ar ansioso, e me fazem respirar cânfora. Essa solicitude é tocante. Sinto-me invadida por uma ternura que se estende a todos.

Depois, a artilharia recomeça. Durante meia hora, temos que nos abrigar no **bunker** familiar. Nêle estão mulheres, crianças, soldados. Canto a **Marselhesa.** Êles respondem com suas canções nacionalistas e revolucionárias.

Os obuses tombam cada vez mais longe. Nós partimos, sempre com o mesmo grupo. E, como na véspera outra vez cantamos. Desta vez não é um canto forçado, mas espontâneo. Canto o mais alto que posso. E respiro, enfim. Jamais respirei tanto oxigênio, nem jamais o terei quanto baste para os meus pulmões. Mesmo prisioneira, eu estou viva. E isso é maravilhoso.

NA PRÓXIMA SEMANA: parte final do dramático relato de MICHÈLE RAY, que revela num de seus momentos mais emocionantes: "Com os olhos abertos, não posso ver nada. E durante dois dias permaneço cega."

O MUNDO EM MANCHETE

OS ÂNGULOS DA MODA ● No início da primavera, há uma nova corrida nos estúdios parisienses, para fotografar as últimas da moda. Por acaso, um dos ângulos fixados foi êste, onde as sugestões partem não só dos jovens modelos de Paco Rabanne, mas também da ágil repórter de um matutino. Ela une o estilo **old-fashioned** das mangas compridas bem justas com uma ousadíssima mini-saia.

OS PRATOS DA CONDÊSSA ● Todos, na França, conhecem a Condêssa Mapie de Toulouse-Lautrec: ela se tornou famosa também no mundo inteiro através das receitas culinárias que publica nas revistas **Elle** e **Réalités**. Êste mês, a Condêssa Mapie virá ao Brasil, a convite de Caio de Alcântara Machado e da VARIG, para ensinar como se faz pratos simples e elegantes.

MEIA TONELADA DE BALÉ ● Não há engano: são mesmo bailarinas, capazes de dançar os quatro atos do **Lago dos Cisnes**. A televisão norte-talentos do mais puro valor, acentuando que o pêso total do conjunto — a notável arte que os norte-americanos acabam de aplaudir. Para encon percorreram os Estados Unidos do Atlântico ao Pacífico, por dois meses. do espetáculo — lançado durante um **show** de Bárbara Streisand, na E pensam — logo em seguida — partir para outro, que deverá ser

A FREIRA EM QUESTÃO ● Surpreendida pela teleobjetiva de um fotó toma o caminho do Colégio Pontifício Norte-Americano, em Gianicolo, Estados Unidos a se tornarem padres. Madre Pasqualina, de origem do Papa Pio XII, Eugênio Pacelli, e antes de sua morte — em 1958 — cisões tomadas pelo Vaticano. Era considerada uma espécie de "eminên nalidade e firmeza de atitudes. Hoje, seu trajeto se faz entre o Colégio Pon

têm leveza, graça e musicalidade, são
americana garante que se trata de seis
mais de meia tonelada — não prejudica
trar um grupo tão homogêneo, empresários
Ficaram muito contentes com o resultado
televisão de Santa Mônica, na Califórnia.
tão surpreendente como o da estréia.

grafo italiano, madre Pasqualina Lenhert
onde ajuda os jovens seminaristas dos
alemã, foi uma das principais auxiliares
orientou pessoalmente as principais de-
cia parda" em Roma, com grande perso-
tifício e as congregações da Praça Pio XII.

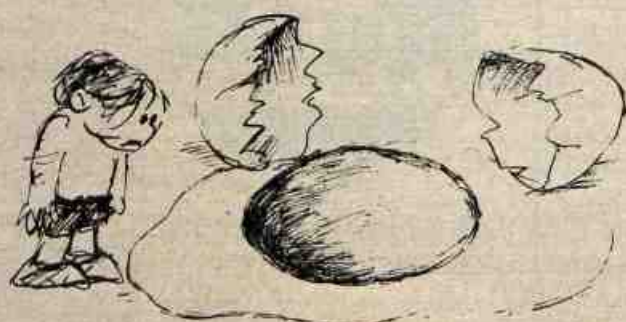
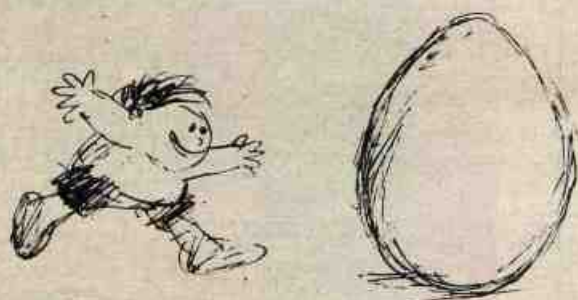
OURO À VISTA ● Imagine uma viagem tranqüila, pelo Atlântico, seguindo o roteiro de um mapa onde se acha a pista de um tesouro submerso. Imagine que, nessa viagem, existe a presença agradável, inteligente e otimista de duas louras espetaculares, Pat Priest e Elaine Beckett. Imagine que, nas noites de repouso, haverá as canções lânguidas de Elvis Presley, e nas manhãs de sol um **rock** bem servido e bem agitado. É o que mostrará o filme da Paramount, **Easy Come, Easy Go,** a tôdas as platéias do mundo. Presley faz o papel de um marujo cantor que, em companhia de suas ajudantes, se lança à mais colorida aventura.

O MAR REAL ● Calmos e felizes, a Princesa Margaret e seu marido, Lorde Snowdon, conseguiram deixar as atribulações de Londres, e viver, finalmente, algumas semanas de férias junto ao mar. A imprensa norte-americana, a pedido de Lorde Snowdon, não incomodou muito o casal — e após uma entrevista para a televisão, em Nova Iorque, ambos tomaram o caminho de Nassau, nas Baamas.

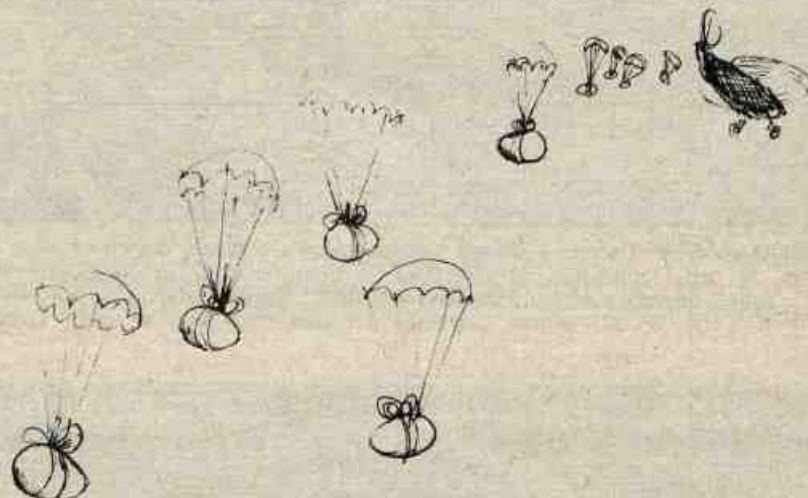
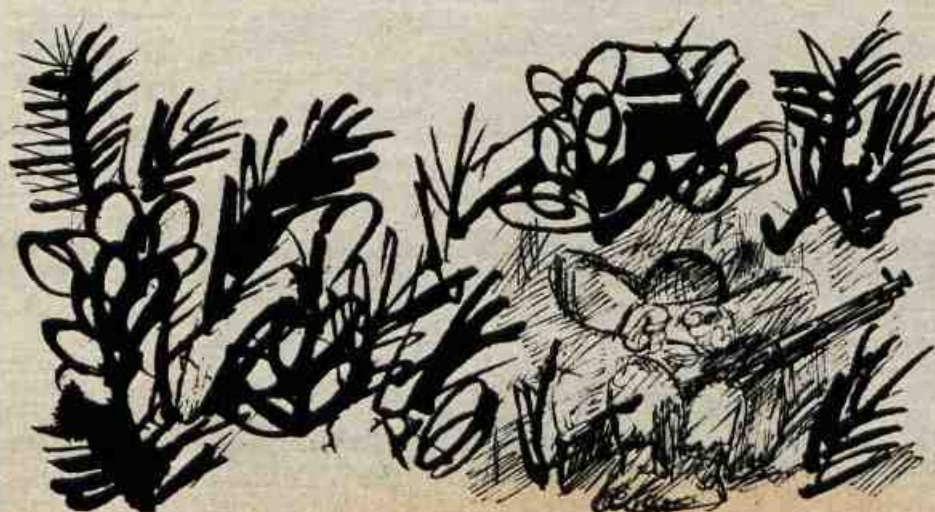
O PODER DE CONCHITA ● O outro lado do amor, ou da política: Conchita Sanchez Vilella, espôsa do Governador de Pôrto Rico, disse que não concederá, de nenhuma forma, o divórcio ao marido. "Sou católica romana, e não posso destruir meu casamento, mesmo se quisesse." Listas de grupos femininos apóiam Conchita, e exigem Vilella fora do govêrno.

O PODER DE JEANETTE ● Em Pôrto Rico, esta linda jovem, Jeanette Ramos, pode mudar o govêrno. Após 30 anos de casamento, o Governador Sanches Vilella, apaixonado por Jeanette, pediu o divórcio, mas sofre atualmente uma grande campanha de opinião pública para que renuncie. E Jeanette espera.

GRANDES ESPERANÇAS ● Usando o último tipo de chapéu europeu, óculos escuros, e refeita, emocionalmente, da perda prematura do seu primeiro filho, Sofia Loren chegou a Paris, onde vai descansar. Antes de aparecer em **The Day you Didn't Come,** ao lado de Paul Newman, ela garantiu: "Eu e Carlo (Ponti) ainda queremos ter uma criança. É meu único sonho.

AS MARCAS DA QUEDA ● O caminho de destruição do jato DC-8 que caiu em Nova Orleãs mostra duas casas inteiramente destruídas e um motel incendiado, onde morreram dez pessoas. No interior do aparelho estava o aviador e advogado George Piazza, envolvido no inquérito que o promotor de Nova Orleãs, Jim Garrison, abriu sôbre a morte do Presidente John Kennedy. Piazza defendeu um dos implicados no complô que teria sido articulado para o crime de Dalas.

— Foi capturado na Zona C com êste cestinho cheio de ovos. Após hábil interrogatório, confessou ser um vietcongue disfarçado de coelhinho de Páscoa.

Claudius

PÁSCOA

— O último apêlo do Papa deve ter sido ouvido!

Os cabos e fios elétricos Pirelli trabalham 24 h por dia para v. descansar, ir ao cinema, viajar, ver tv, controlar o frio e o calor. E qualquer dia passar um fim de semana na lua...

publitec 20.163